

EDGAR SALVADOR GUTIERREZ MENDOZA

**SOCIOLOGIA DA ANTROPOLOGIA URBANA NO
BRASIL**

A DÉCADA DE 70

Tese de Doutorado apresentada ao
Departamento de Antropologia do Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas sob a
orientação da Profa. Dra. Maria Suely Kofes

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Este exemplar corresponde à
redação final da tese defendida
e aprovada pela Comissão
Julgadora em 04/10/00

BANCA

Profa. Dra. *Maria Suely Kofes*
Maria Suely Kofes

Prof. Dr. *Celso Azzan Júnior*
Celso Azzan Júnior

Profa. Dra. *Denise Pirani*
Denise Pirani

Prof. Dr. *Gilberto Cardoso Alves Velho*
Gilberto Cardoso Alves Velho

Profa. Dra. *Heloísa André Pontes*
Heloísa André Pontes

UNICAMP
9985-5
Ex.
001 43585
6-392/01
D 1
R\$ 11,00
6102/02



1-00149353-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Gutiérrez Mendoza, Edgar Salvador

9985-5
M-523-s

Mendoza, Edgar Salvador Gutiérrez
Sociologia da antropologia urbana no Brasil: a década de 70
/ Edgar Salvador Gutiérrez Mendoza. - - Campinas, SP : [s. n.],
2000.

Orientador: Suely Kofes.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Sociologia urbana. 2. Antropologia urbana.
3. Urbanização. I. Kofes, Suely . II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

RESUMO

De uma perspectiva da Sociologia, através de uma Sociologia do conhecimento, e um referencial teórico com categorias como, cidade, campo científico, geração e escola de pensamento, se tentou conhecer como foi o início da construção do campo da Antropologia Urbana no Brasil: na década de 70. A cidade foi o lugar de pesquisa de uma geração de antropólogos dedicados aos grupos urbanos. O campo da Antropologia Urbana foi dividido em dois níveis: o teórico e de pesquisa. O nível teórico, esteve influenciado por três escolas de pensamento, Escola Sociológica de Chicago, Escola Antropológica de Manchester e a Escola Marxista Francesa de Sociologia Urbana. E O nível de pesquisa é constituído por um corpo de trabalhos de etnografia urbana na procura do sujeito urbano habitante da cidade e seu modo de vida, organização social e representações coletivas. O procedimento metodológico para análise do campo, apoiou-se em dois tipos de material empírico: um documental e outro oral. O documental formado por bibliografias, documentos e entrevistas publicadas, e o oral, representado por entrevistas com o objetivo de resgatar uma memória geracional. A população do universo estudado consistiu de oito antropólogos dedicados ao estudo dos grupos urbanos, pertencentes a três universidades, como o Museu Nacional – UFRJ-, Universidade de São Paulo e a UNICAMP, que desde aquela época tem-se constituído como os principais centros de desenvolvimento da Antropologia Urbana no Brasil.

ABSTRACT

From a sociological perspective and, in particular, from point of view of the Sociology of Knowledge this work analyses the early years of the construction of the field of urban anthropology in Brazil in the 70's, working with categories such us "city", "scientific field", "generation" and "school of thought". The city was the place of research for a generation of anthropologist devoted to urban groups. For analytical porpoises, the field of urban anthropology was divided in two levels: a theoretical and research one. The theoretical level was influenced by tree schools of thought: Chicago School in Sociology, Manchester School in Anthropology and the French Marxist School of Urban Sociology. The research level is compose by a corpus of works on urban ethnology seeking for a urban subject living in the city and his way of life, social organization and collective representations. The methodological procedure to analyze the field was build on two different empirical materials: one documental and the other oral. The documental formed for bibliography, documents and published interviews, and the oral compose for oral interviews, with objective obtained generational memory. Eight anthropologist, dedicated to urban groups, conform the population of the study universe. They currently belong to tree universities, Museu Nacional –UFRJ-, Universidade de São Paulo and UNICAMP; the tree principal main centers of urban anthropological studies in Brazil nowadays.

A minha família

Por seu amor, apoio e amizade.

Ao amigo e Professor Octavio Ianni por sua amizade e conselhos.

A Marina Becker pelo seu carinho, amizade, solidariedade e ajuda.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer às diversas pessoas que ajudaram na realização desta pesquisa. Inicialmente gostaria de expressar minha gratidão à Profa. Suely Kofes pela orientação, dedicação, conselhos e sugestões ao trabalho, tanto quanto pela sua amizade e acompanhamento na minha formação. Aos Profs. que conformaram a Banca de Tese pela leitura atenta do texto sendo generosa e implacável quando necessária.

De igual forma aos professores do Doutorado em Ciências Sociais da UNICAMP, pelos seus ensinamentos especialmente, aos Profs. Octavio Ianni, Profa. Ana Niemeyer, Profa. Heloísa Pontes e o Prof. Guillermo Rubem. Aos oito professores por me concederem o seu tempo para as entrevistas principalmente ao Prof. Gilberto Velho e a Profa. Lícia do Prado Valladares do IUPERJ. No Recife ao Prof. Sebastião Vila Nova pelo envio do seus livros como presente. Ao Grupo do seminário sobre Weber ditado pelo Prof. Octavio Ianni em 1997.

Á CAPES por me permitir fazer o Doutorado em Ciências Sociais através do Convênio PEC-PG entre Brasil e Guatemala, e pela bolsa de manutenção no Brasil. Do mesmo modo ao PROAP pelo auxílio de pesquisa de campo. Ao pessoal da Biblioteca do IFCH, especialmente a Luciano, José Carlos, Solange e Ary, e do Arquivo Edgard Lehuenroth, do mesmo modo ao pessoal da Biblioteca do Museu Nacional da UFRJ, das Bibliotecas da USP, e da FAU-USP, URBANDATA do IUPERJ. Da mesma maneira a todo o pessoal da Secretaria da Pós-Graduação do IFCH a Lurdinha e a Gil pela ajuda.

No aspecto pessoal, a minha família por seu apoio moral por correspondência, pela força e solidariedade que me brindaram nos momentos difíceis, a eles meu sincero agradecimento e gratidão. A Marina pela sua incondicional amizade, carinho, preocupação e apoio, nos bons e nos maus momentos.

Aos amigos, especialmente a Osvaldo e Cecília pela sua amizade e solidariedade, assim como gostaria de agradecer aos colegas das cinco turmas de 1996-2000 nos quais me integrei, pelos momentos compartilhados, especialmente a Edson, Marquinhos, Donato, Javier, Marcelo e Gabriela, Martha, Gabriela Hita, Rosely, Eliane, Mariana, Simone e Rogério, Érika, Aldo, Sergio Mena, Gláucia, Elisa, Clara, Hector, Norberto e Verónica, Amélia, Andrés, Ana Claudia, Brenda, Katia, Rita, Guadalupe e a turma do Poveda pela ajuda. Aos amigos mexicanos, Patrícia, Mariano, Carlos, Lety e Graziela, Monica e Carlos do Uruguai. Também aos amigos Lilian y família, Marcia e Moisés, Neuzinha, Rita, karen, Viviane, Wisley, de igual forma a Marise e família.

A Cidinha pela sua ajuda e condições que me brindou nos dois anos que dividimos apartamento, nesse mesmo período a amizade de Rosy pelos seus conselhos sobre cozinha, e a Dê pela sua solidariedade. A Ana Suzuki pela revisão dos dois últimos capítulos da tese. A Carmem Cristina pela sua ajuda e Viviana pela sua amizade e força.

Na Guatemala agradeço ao pessoal da Embaixada do Brasil, especialmente à senhora Dorinha de Soto. Por último a Direção da Escuela de Historia da Universidad de San Carlos de Guatemala, pelas licenças, especialmente a Edgar Carpio pela amizade. Finalmente, a todos os amigos de dentro e fora do Brasil que seria interminável mencioná-los neste curto agradecimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: PORQUE PESQUISAR A ANTROPOLOGIA URBANA NO BRASIL?	9
I. O PERCURSO DA PESQUISA	20
1- A construção do objeto	20
2- As trajetórias da Antropologia Urbana	27
3- Aspectos metodológicos	36
II. ENTRE FRONTEIRAS: UMA SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO	43
1- Sociologia do campo científico	46
2- Sociologia das gerações	51
3- Sociologia das escolas de pensamento	70
4- Conclusão	78
III. A CIDADE E SEU ESPAÇO NA TEORIA SOCIAL	80
1- Teoria social e a cidade	81
2- A cidade industrial	85
3. Morfologia social e a cidade	93
4. Metrópole e indivíduo	97
5. Os tipos de cidade	100
6- A cidade como laboratório social	105
7- Conclusão	111

IV. SOCIOLOGIA E PESQUISAS URBANAS	113
1- A Escola Sociológica de Chicago	114
2- Chicago em São Paulo: estudos precursores na cidade	128
3- Instituições e o interesse pelo urbano e desenvolvimento	161
4- Conclusão	176
V. A ANTROPOLOGIA URBANA NO BRASIL: O NÍVEL TEÓRICO	179
1. A procura do sujeito urbano	182
2. O início da construção do campo na década de 70	200
3- Antropologia Urbana na cidade e da cidade	217
4- Antropologia das sociedades complexas	224
5- A Escola Antropológica de Manchester	229
6- A Escola Marxista Francesa de Sociologia Urbana	238
7- Conclusão	244
VI. CIDADE, ETNOGRAFIA E VIDA URBANA: O NÍVEL DE PESQUISA	247
1- Aproximação metodológica ao estudo dos grupos urbanos	248
2- O modo de vida urbano: pesquisas antropológicas	261
2.1- Favelas: a Sociologia do Brasil urbano	270
2.2- Copacabana a Utopia urbana	276
2.3- Migrações: a caminho da cidade	280
2.4- Carnavais, malandros e heróis	283
2.5- Festa na periferia	286
3- Duas formas de pesquisa?	291
4- Conclusão	302
CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM PONTO DE VISTA	304
BIBLIOGRAFIA	317

INTRODUÇÃO: POR QUE PESQUISAR A ANTROPOLOGIA URBANA NO BRASIL?

A tese tem como proposta, compreender como foi o início da construção do campo da Antropologia Urbana no Brasil: na década de 70, momento de gestação de um campo científico em um contexto histórico social concreto. A Antropologia com seu instrumental teórico e metodológico procurou o sujeito urbano e seu modo de vida nas grandes cidades e sua transformação em um novo ator político. Esta situação me levou a propor a hipótese de que a Antropologia se define e se legitima como uma perspectiva inovadora no estudo dos grupos urbanos, ganhando prestígio através de suas etnografias urbanas, que valorizavam a pesquisa de campo e observação participante.

Estou interessado em estudar um campo científico desde uma perspectiva sociológica, combinando as categorias de: a) cidade, b) campo científico, c) geração e d) escolas de pensamento como núcleo teórico. Devo sublinhar que existem outras vias e combinações teóricas, todavia foi este o referencial que escolhi. Pretendo estudar uma década crucial e inicial dos estudos urbanos, o estudo sendo retrospectivo, pelo fato de ser uma tentativa de rastrear o campo em um período de tempo definido.

Contudo, o campo científico é definido como um sistema heterogêneo de categorias, conceitos, noções e referenciais teóricos, que se agregam e articulam, e que se mantêm em constante mobilidade e simultaneidade. O campo está dividido em dois níveis, um teórico e outro de pesquisa. Formado por uma comunidade de cientistas de várias gerações,

UNICAMP

BIBLIOTECA CENTRAL

considerados produtores de conhecimento e construtores do campo intelectual. O campo se localiza em um contexto histórico-social, passível de mudanças no tempo, isto é, o campo da Antropologia dos grupos urbanos da década de 70 é diferente do campo de hoje. O fato de estudar os anos 70 não deixa de fora as pesquisas que foram feitas anteriormente, incorporando a dimensão histórica.

Estudar este problema como foi delineado do campo da Antropologia Urbana nos anos 70 não significa que as décadas de 80 e 90 sejam menos importantes. Nelas encontraremos refinamentos teórico-metodológicos, surgindo novos objetos de estudo, assim como um desenvolvimento maior da Pós-Graduação que permitiu financiamento para pesquisa e formação de uma geração de antropólogos dedicados ao urbano. No entanto, a meu ver, todo este desenvolvimento esteve apoiado no que foi construído na década de 70, daí a importância de conhecer como foram os primeiros anos na construção do campo disciplinar.

A escolha da década de 70 prende-se ao fato de que o Brasil, nesse período, passou por uma série de transformações e rupturas históricas, econômicas e político-sociais, as quais provocaram o surgimento de novos problemas urbanos, como migrações campo-cidade, gestação de movimentos sociais, crescimento demográfico, concentração urbana, pobreza urbana, proliferação de bairros, favelas, vilas e crescimento da marginalidade, bem como a construção de novas identidades sociais e atores políticos em um contexto urbano e fragmentado. Tais situações ficaram mais visíveis nas grandes cidades e se transformaram em objetos de estudo para a Antropologia, provocando modificações teóricas que levaram a novas explicações.

Nessa época, no Brasil, a Sociologia e a Ciência Política preocupavam-se com questões macro-sociais. Privilegiavam-se grandes temas como o Estado, classes sociais, dependência, subdesenvolvimento, luta de classes, burguesia, urbanização, ditadura, capitalismo, proletariado e ideologia. Além disso, uma Sociologia Urbana já dedicava-se à questão das favelas, marginalidade, processo de urbanização, industrialização e políticas urbanas. Nesse contexto, como ficava a Antropologia, que se interessava pelos problemas micro-sociais?

Dentro de uma ruptura histórica e teórica, uma geração de antropólogos aceitou o desafio e se interessou em mergulhar na análise do microcosmos urbano, utilizando seu instrumental teórico-metodológico de etnografia e observação participante, assumindo um contato maior com a realidade da época.

A questão é saber como a Antropologia Urbana teve seu desenvolvimento a nível teórico? Como foi definido o novo campo? Que tipo de Antropologia Urbana era produzida? Como a geração de antropólogos urbanos com suas pesquisas conseguiu construir o novo campo? Que mecanismos teórico-metodológico e históricos ajudaram na definição campo? Quais os desafios dessa geração? Que experiências similares aconteceram? Quais foram as obras chaves? Quais foram os interesses temáticos dos fenômenos urbanos? Como se organizava intelectualmente o campo? Como foi o desafio de uma nova problemática nacional para esta geração? Como se organizaram institucionalmente os antropólogos urbanos? Alguma respostas poderiam ser encontradas na análise do campo científico.

Uma vez que os antropólogos concentram-se nas cidades, tomadas como cenário, as perguntas a nível de pesquisa seriam: Quem é o sujeito urbano? Como vivem os grupos subalternos na cidade? Como se organizam os grupos marginais? Quem era esse indivíduo pobre das classes sociais marginais? Como se divertiam esses grupos? Quais suas crenças, costumes, rituais, religião? Que sistemas culturais urbanos estavam surgindo? Como se adaptam ao meio urbano? Quais as suas manifestações culturais? Como era o comportamento dos grupos populares no meio urbano? Quais as adaptações à cidade? A pesquisa antropológica urbana direccionou-se mais enfaticamente para os grupos desprivilegiados economicamente, pretendendo conhecer seus sistemas culturais, sua adaptação ao meio urbano, organização social, modos de vida, lazer e redes sociais. Com estas e outras perguntas os antropólogos se faziam e definiam seus instrumentos teórico-metodológicos aplicados aos grupos urbanos, localizados nas cidades brasileiras, principalmente no Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas, no qual existiam Programas de Pós-Graduação em Antropologia com diferentes perspectivas e objetos de estudo indicando uma heterogeneidade do campo, com temáticas variadas, como religião, escolas de samba, classes médias urbanas, organização social, parentesco, desvio, divergência, classes populares, festas populares e outras. As preocupações dos antropólogos foram surgindo de uma considerável quantidade de etnografias urbanas, das quais algumas são marcantes até hoje, expressando eles, dentro do campo intelectual, diversidade tanto nas suas escolhas de pesquisa quanto de esquemas explicativos.

A cidade foi o lugar de pesquisa dos antropólogos dedicados aos grupos urbanos, como sabemos a cidade já não pode ser pensada como autônoma e isolada de um contexto

maior, pois todas as cidades pertencem a uma unidade mais abrangente e são parte da história.

“A grande cidade tem sido e continua a ser, cada vez mais, uma síntese excepcional da sociedade. Muito do que é a sociedade, seja esta nacional ou mundial, desenvolve-se e decanta-se na grande cidade. Aí desenvolvem-se as relações, os processos e estruturas que constituem as formas de sociabilidade. Muito do que se faz e se imagina nos mais diferentes círculos sociais, em âmbito micro e macro, aí ressoam ... Em todas (as cidades), a realidade sociocultural compreende muito do que é a sociedade em âmbito nacional, regional e mundial ... praticamente tudo o que diz respeito à sociedade, seja esta nacional ou mundial, aí se experimenta, realiza ou frustra. Aí se imaginam, se concretizam ou evaporam idéias de todos os tipos, sobre os mais diferentes aspectos da vida social. São correntes de pensamento políticas, artísticas, científicas, filosóficas e religiosas, que entre outras emergem e se propagam, ou se experimentam e se frustram, no jogo das forças sociais”¹

A cidade é o cenário de grandes mudanças sociais, históricas, políticas e ideológicas, transformando-se em um laboratório social. Entrementes, ela se converte em um lugar de pesquisa, o que é um dos temas das Ciências Sociais, formada pela Sociologia, Geografia, Economia, Psicologia, História e Antropologia. Cada uma delas nos oferece estudos sobre alguns processos, como urbanização, migração, urbanismo, espaço, modo de vida dos habitantes, planejamento urbano, e atualmente de cidades globais. São estudos multifacetados que possuem diferentes níveis sociais, culturais, políticos e históricos, os quais podem ser complementares e interdisciplinares. Ainda que não me proponha a elaborar um balanço de todos os campos científicos, porquanto me interessa somente o campo da Antropologia, devo admitir que não é possível isolá-lo ou desvinculá-lo dos demais.

A abordagem da Sociologia do conhecimento, que estuda estruturas de pensamento em um contexto histórico e analisa as relações sociais dos grupos na história das estruturas

teóricas, ajudou-me na compreensão do campo. O procedimento metodológico apoiou-se em dois tipos de material empírico: um documental e o outro oral.

O primeiro tipo refere-se a material de documentação bibliográfica obtida em bibliotecas e centros de documentação. Na busca de documentos referentes aos temas e tópicos tratados na tese, fiz um levantamento bibliográfico, selecionando os textos que seriam mais representativos e que serviriam de guia ao estudo. O segundo tratou de entrevistas publicadas ou registradas em vídeos e de depoimentos obtidos através da técnica de entrevista feitas pelo pesquisador, daí obtendo elementos que ofereceram uma memória geracional, bem como de informações sobre os primeiros anos da construção do campo. A população do universo estudado consistiu de oito antropólogos dedicados ao estudo dos grupos urbanos, pertencentes a três universidades, os quais entrevistei, categorizando-os como representantes de geração dos anos 70. São considerados na tese como produtores de conhecimento e construtores do campo disciplinar, pois construíram uma Antropologia dos grupos urbanos no período em questão. Reconheço que os depoimentos são fragmentos de uma realidade social específica. Todavia, e por isto mesmo, constituem matéria-prima ou fonte privilegiada para a realização da tese, por fornecerem os dados valiosos que permitem a compreensão de um momento histórico em uma determinada situação social.

Os dois tipos de material permitiram o meu posicionamento como pesquisador dentro de uma comunidade científica, nas disciplinas de Sociologia e Antropologia. Uma pesquisa exclusivamente bibliográfica certamente não me possibilitaria conhecer o campo

¹ Ianni, Octavio. 1999. "Cidade e modernidade". In: *Metrópole e globalização: conhecendo a cidade de São Paulo*. Maria A.A. de Sousa (et.alii) (orgs). SP:Editora CEDES. pp. 15-25. pp. 15, 16.

científico internamente, como aconteceu no decorrer das entrevistas que realizei com os representantes da geração em estudo.

O objetivo principal da tese foi descobrir ou detectar como foram os primeiros anos do campo científico em uma década. Não foi meu objetivo fazer uma história da Antropologia Urbana. Interessou-me um campo específico, na medida em que nele se refletem as transformações metodológicas que a Antropologia teve no estudo das populações urbanas. Do mesmo modo, apesar da minha tendência abrangente de analisar o tema, muitos elementos foram postergados. Houve autores, obras e tópicos, talvez importantes, que, embora não ignorados, não puderam entrar em consideração, porque toda pesquisa precisa de recortes e limites, e, sendo assim, este trabalho constitui-se apenas em uma micro-história de uma década, um pequeno fragmento da ampla trajetória da Antropologia no Brasil. No decorrer deste trabalho, estarei construindo o argumento da minha versão sobre como foi o início da construção do campo científico da Antropologia Urbana nos anos 70, esperando com isto fornecer mais um ângulo de visão para as diversas perspectivas e combinações compatíveis com o estudo de um campo disciplinar.

A estrutura da tese, com a lógica de exposição, compreende seis capítulos e uma conclusão:² Procuo explicitar, no decurso da própria construção da tese o pressuposto que o campo da Antropologia Urbana oferece um ponto de vista inovador perante as Ciências Sociais. Os seis capítulos amarram-se em várias direções e procuram se complementar mutuamente. No capítulo I, o “percurso da pesquisa”, relato como se desenvolveu a

² Os capítulos foram escritos de modo que cada um fosse autônomo e pudessem ser lidos independentemente, mas todos eles mantêm entre si um eixo ou fio condutor.

construção do objeto, o meu interesse no pensamento social brasileiro, os autores que me estimularam intelectualmente. Dentre tais autores, os clássicos da teoria social que tratam da cidade, que me permitiram ter um conhecimento maior sobre esse fenômeno social. Proponho também a utilização do referencial teórico que uso na tese, formado por quatro categorias de análises: a) cidade, b) campo científico, c) geração e d) escolas de pensamento. Explicito, outrossim, o porquê da escolha da década de 70, bem como os limites da pesquisa e, a seguir, a localização do tema da tese na bibliografia consultada, indicando alguns comentários sobre o estado da arte da história da Antropologia no Brasil e sobre a importância de um estudo do campo da Antropologia Urbana, assim como de sua literatura, bem como indico o meu posicionamento como pesquisador e o meu ângulo de análise frente a outros autores. No que tange aos aspectos metodológicos, aclaro a minha perspectiva de análise desde a Sociologia, que me permitiu ver a totalidade do tema e também os critérios de seleção da amostra de entrevistados, bibliografia e organização de depoimentos. Do mesmo modo, descrevo os dois tipos de material consultado, o documental e o oral, tentando aproveitá-los o melhor possível.

O capítulo II, “Entre fronteiras: uma Sociologia do conhecimento”, é tomada como perspectiva de análise geral. De igual forma, faço uma discussão mais aprofundada do referencial teórico formado por uma Sociologia do campo científico, tomado como um sistema de idéias, localizado em um período de tempo. A Sociologia das gerações que consiste em um estudo da trajetória do conceito de geração mostrando a sua temporalidade, os aspectos sociais e espaciais, sendo formada por um grupo que participa de uma determinada situação social específica e compartilha um interesse coletivo. A seguir, uma Sociologia das escolas de pensamento, noção que oferece uma perspectiva na análise de um

grupo de cientistas de várias gerações que compartilham uma corrente de pensamento, a existência de um líder fundador, interesses tanto teóricos quanto metodológicos, localizados em uma instituição e que elaboram um corpo de pesquisas que reproduzem a escola; e finalmente, a abordagem que me ajudou a entender as três escolas de pensamento que influenciaram o campo da Antropologia Urbana na sua trajetória.

O capítulo III - “A cidade e seu espaço na teoria social” - mostra o ponto de vista e as preocupações dos clássicos em relação a questão da cidade. O capítulo é construído através de um conjunto de passagens sobre a cidade, encontrados nos textos dos clássicos como K. Marx, F. Engels, É. Durkheim, G. Simmel, M. Weber e R. Park, como precursores. O objetivo é mostrar que cada um, embora partindo de uma perspectiva teórica diferente, preocupou-se com o tema. A cidade nesta tese, é considerada como um sujeito histórico e como uma categoria sociológica. O conjunto de passagens, na minha opinião, oferece pensamentos valiosíssimos, tomados como pontos de referência inesgotáveis, para pensar a realidade social da situação atual das cidades contemporâneas. A escolha deve-se ao fato de que a cidade é o espaço de pesquisa dos trabalhos antropológicos no Brasil, construindo, na década de 70, um campo científico dedicado às populações urbanas.

O capítulo IV, “Sociologia e pesquisas urbanas”, consiste em conhecer os seus referenciais teóricos que deixaram sua influência nos trabalhos da época no Brasil. Um desses referenciais correspondeu à Escola Sociológica de Chicago, que teve impacto nas pesquisas urbanas nesse primeiro momento. Em termos gerais, o capítulo trata de uma fase de gestação anterior (1940-1960) à construção do campo da Antropologia Urbana no Brasil

nos anos 70. De modo breve, faço uma síntese da primeira escola - a Escola Sociológica de Chicago, que teve sua maior influência na pesquisa urbana no Brasil. Na seqüência, trato dos estudos precursores da cidade na década de 40-50, tomados como um antecedente dos campos da Sociologia e Antropologia Urbana no Brasil. Segue-se uma descrição das diversas instituições interessadas em estudos urbanos entre 1950-1960, assim como de eventos, críticas ao culturalismo, aumento de pesquisas urbanas em várias áreas, sendo este um período importante, que teve maior avanço na década seguinte.

O capítulo V, “A Antropologia Urbana no Brasil: o nível teórico” procura apresentar a década de 70, quando ocorreu a construção do campo científico, e mostrar como a Antropologia volta seus interesses para os grupos urbanos no estudo de suas relações sociais e culturais. A pesquisa de campo e observação participante foram uma metodologia privilegiada. Neste momento houve uma transição a um novo objeto de estudo. A Antropologia se legitima como uma abordagem inovadora na pesquisa das populações urbanas e se define como um campo intelectual heterogêneo, à procura do sujeito urbano, pertencente a uma classe social, e de suas condições de vida na cidade. Se indica a importância de repensar o Brasil como um referencial nacional, e a presença dos problemas teóricos da época, como a Antropologia na e da cidade, e a Antropologia das sociedades complexas. A seguir a influência de duas Escolas de pensamento no desenvolvimento da Antropologia Urbana no Brasil: a Escola de Manchester e a Escola Marxista Francesa de Sociologia Urbana.

O capítulo VI - “Cidade, etnografia e vida urbana: o nível de pesquisa” examina uma parte de um corpo de trabalhos pioneiros que iniciaram a construção do campo

científico. Outro aspecto consistiu na utilização da etnografia, como meio de conhecer o Brasil daquela época. A seguir apresento breves comentários sobre a produção de teses em Antropologia Urbana na década de 70, destacando cinco pesquisas que tiveram um reconhecimento nesse período. Para finalizar o capítulo, propus um diálogo com alguns antropólogos sobre as diferenças e semelhanças no fazer pesquisa de campo nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas, bem como sobre seu pensamento atual sobre Antropologia Urbana.

Para concluir a tese, as “Considerações finais: um ponto de vista”, onde apresento a minha versão dos primeiros anos do campo através do meu argumento, que foi construído no decorrer da tese, e que será meu ângulo de compreensão da construção de um campo científico localizado no tempo e no espaço.

I

O PERCURSO DA PESQUISA:

1. A construção do objeto:

A trajetória da tese começou com meu interesse pelo pensamento social brasileiro, especificamente pelo meu desejo de conhecer a história da Sociologia e da Antropologia na problemática urbana, que, na atualidade, é uma área importante de se estudar, principalmente nas cidades que continuam sendo um laboratório de pesquisa privilegiado. Como começar? No projeto inicial, tinha um plano teórico de interpretação, mas os imprevistos e os novos dados me fizeram refletir e recomeçar esse plano de novo, assim acontecendo várias vezes. Porém é desta maneira que se faz a produção intelectual.

A pesquisa atual é um pouco diferente do projeto inicial que escrevi, pois, com o correr do tempo, com o andamento da pesquisa, conversações com interlocutores como professores, amigos do doutorado, esse desenvolvimento foi se beneficiando e incorporando novas dimensões. Também as leituras e depoimentos das entrevistas sugeriam constantemente novos caminhos, pistas e reflexões, que não havia percebido antes, permitiram-me enriquecer o produto final da tese. Atento à relação do objeto de estudo com outros elementos que apareceram simultaneamente, e assim foram amadurecendo algumas idéias e conclusões no decorrer da pesquisa.

Na leitura de trabalhos que tratam sobre uma história da Antropologia no Brasil em termos gerais (como veremos no próximo tópico), encontrei poucos estudos sobre o campo da Antropologia Urbana. Esta constatação levou-me a fazer uma pesquisa que indicasse a importância da Antropologia dos grupos urbanos em um período específico. Mas, como pesquisar um campo intelectual? Que categorias teóricas utilizar? Optei por uma Sociologia do conhecimento conforme definida por Mannheim em *Ideologia e utopia* [1936]³, uma perspectiva que tem como tarefa estudar como surgem correntes de pensamento em determinado momento histórico-social e analisar as unidades sociais que participam desse desenvolvimento. Do mesmo modo, estudar os diversos pontos de vista que aparecem na história do pensamento (:231, 268). Tomando a Sociologia do conhecimento como ponto de partida, iniciei várias leituras que foram estímulos intelectuais, uma delas sobre a teoria social e a cidade (Capítulo III) com os clássicos - Karl Marx e Friedrich Engels sobre a cidade industrial, Émile Durkheim com a morfologia social, Max Weber com os tipos de cidade, Georg Simmel com a metrópole e o indivíduo, e Robert Park com a cidade como laboratório social. O objetivo foi conhecer o ponto de vista dos clássicos e entender a cidade como categoria sociológica. A leitura dos clássicos me confirmou uma vez mais a atualidade de suas interpretações em relação à cidade, principalmente agora, quando se fala de globalização e cidades globais. A cidade seria, então, o cenário, o lugar de pesquisa no qual se desenvolvem os estudos antropológicos urbanos.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

³ Mannheim, Karl. [1936]. 1993. *Ideologia y utopia: introducción a la sociología del conocimiento*. Trad. S. Echavarría. México: Fondo de Cultura Económica. Primera reimpresión

Outras leituras inspiradoras consistiram nos trabalhos de Karl Mannheim, - *O problema sociológico das gerações* [1928],⁴ indicando que uma geração pode ser um grupo com suas próprias relações sociais, culturais e políticas. A geração está dentro de um processo histórico-social com conflitos, sucessão e transmissão de conhecimentos e pertence a uma classe social. O texto de Bourdieu *O campo científico* [1976]⁵ expõe que o campo científico esta definido por uma série de condições sociais de produção, hierarquia, autoridade científica e poder em uma comunidade científica. A seguir, Tiryakian com as *Escolas de pensamento*,⁶ propondo uma série de características que definiriam uma escola, pressupondo a existência de um líder e seus seguidores, com uma perspectiva teórica definida e localização em instituições (no capítulo II retomarei os três textos).

Estes autores e textos foram inspiradores e me revelaram um caminho sugestivo que me permitiu pensar a utilização da noções de: a) cidade, b) campo científico, c) geração e d) escola de pensamento como conceitos tomados com flexibilidade e elasticidade, conformam o eixo teórico ou fio condutor na análise do campo intelectual. O objetivo em combinar várias noções teóricas e considerá-las como núcleo de análise, foi maximizar o conhecimento do campo e ampliar os horizontes teóricos. Ao ensaiar esse caminho percebi uma nova maneira de trabalhar um dos campos científicos do pensamento social brasileiro. Este desafio foi um “experimento”, como eu lhe chamaria, de interpretar e articular a participação de um grupo de antropólogos na consolidação da Antropologia Urbana no país.

⁴ Mannheim, Karl. 1982. "O problema sociológico das gerações". In: Mannheim. Marialice Mencarini Foracchi (org.) São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais). pp. 67-95.

⁵ Bourdieu, Pierre. 1994. "O campo científico". In: Pierre Bourdieu. Renato Ortiz (org). SP: Editora Ática. pp. 122-155.

A perspectiva sociológica foi indispensável porque me permitiu observar a totalidade, operando simultaneamente com os aspectos externos e internos do campo científico. Tentei desenvolver um dos conselhos sugeridos por Wright Mills no seu livro *A imaginação sociológica*⁷ de rever, rescrever, reajustar e refinar constantemente minhas categorias teóricas e suas relações principalmente com a dimensão histórica. Parto, por conseguinte, do fato de que o passado se estuda a partir do presente. No decorrer das análises e das discussões que se seguirão, estarei viajando ao passado e voltando ao presente e também indo do geral ao particular e vice-versa, procurando a estrutura interna do campo e voltando-me para a estrutura externa do contexto.

Houve momentos em que pensava que me distanciava do tema, mas esta situação me permitiu várias vezes ver o objeto de estudo de longe e externamente, admitindo, como sugere Darnton, que “*Desviar-se do caminho batido talvez não seja uma grande metodologia, mas cria a possibilidade de se apreciar alguns pontos de vista incomuns, que podem ser os mais reveladores.*”⁸ Tais pontos de vista incomuns permitiram-me fazer combinações teóricas e entrecruzamentos de dados, organizando de várias formas a estrutura e a lógica da tese.

O campo científico da Antropologia Urbana foi construído em um período histórico-social na década de 70, articulando-se com outros campos intelectuais, constituído por representantes de uma geração de antropólogos e suas trajetórias acadêmicas,

⁶ Tiryakian, Edward A. 1979. “The significance of Schools in the Development of Sociology”. In: *Contemporary Issues in Theory and Research: a Metasociological Perspective*. W. Szizek et.alii. (eds). London:Greenwood Press. pp. 211-233.

⁷ Mills, Wright. 1972. *A imaginação sociológica*. Trad. D.W. Dutra. RJ:Zahar Editores. 3era. edição.

⁸ Darnton, Robert. 1986. *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Trad. Scía Coutinho. RJ:Graal. p. xvii.

demonstrando que o campo científico é heterogêneo em todos os sentidos. Dentro do campo existem dois níveis, um teórico e o outro de pesquisa. O nível teórico estaria representado por problemas teóricos, escolas de pensamento e categorias teóricas, os quais convivem simultaneamente e se articulam. O nível de pesquisa seria formado por um corpo de estudos de etnografia urbana, objetos de estudo e metodologias de trabalho de campo.

Voltando ao nível teórico, no que tange aos problemas teóricos incluo duas discussões. Em primeiro lugar, a Antropologia na e da cidade, discussão propriamente americana, onde a cidade é tomada como contexto geral e ao mesmo tempo como um contexto particular. Em segundo lugar, a Antropologia das sociedades complexas, proposta inglesa, que trata da dicotomia das sociedades simples e complexas (temas que retomarei no Capítulo V.3 e V.4), ambas estavam sendo discutidas nas décadas de 60 e 70 a nível mundial, produzindo amplas discussões sobre o papel da Antropologia, principalmente quanto a sua definição e institucionalização como área disciplinar dedicada aos estudos urbanos. Discussões que estão longe de serem esgotadas e que ampliaram a minha visão sobre a consolidação da Antropologia Urbana como área de especialização acadêmica.

Outro aspecto teórico que surgiu da leitura de documentos e dos depoimentos, o que me levou a aprofundar no estudo de três Escolas de pensamento, as quais, na minha opinião, foram marcantes no campo científico nos anos 70, embora existiam outras perspectivas, como o estruturalismo, foram estas as três escolas que tiveram maior influência no campo intelectual dentro do Brasil. Foi neste aspecto que a proposta de Escola de pensamento de Tiryakian cobrou importância como categoria analítica.

Brevemente, a primeira escola, a Escola Sociológica de Chicago, nasceu nos Estados Unidos e teve seu auge nas décadas de 20 e 30, com estudos na cidade de Chicago, produzindo um corpo de pesquisas urbanas importantes. Teve influência no Brasil nos anos 40-50, no que chamei de estudos precursores da cidade, entendidos como um antecedente dos estudos urbanos, principalmente nas questões de estudos de vizinhança, ecologia cultural e distribuição espacial. Esta escola volta ao Brasil nos anos 70, com um interacionismo simbólico. A Segunda escola, a Escola de Manchester, desenvolvida na principalmente na África, teve seu desenvolvimento nos anos 50-60, com estudos de análise situacional, redes sociais e quase-grupos. Seu impacto no Brasil nos anos 70, pode ser percebido nas pesquisas feitas na época. Finalmente, a Escola Marxista Francesa de Sociologia Urbana, que desenvolveu um proposta de estudos urbanos trabalhando o Estado, o planejamento urbano e políticas, analisando a cidade como um espaço de consumo. No Brasil. Esta escola influenciou os estudos dos movimentos sociais, entendidos como atores políticos (voltarei às três escolas no Capítulo V.4, V.5 e V.6).

Como o tema da tese refere-se aos anos 70, gostaria de advertir que estou utilizando o termo Antropologia Urbana como era empregado nesses anos, época na qual se iniciou o campo intelectual dentro de um processo de urbanização nas cidades brasileiras. Contudo, considero necessário esclarecer que na atualidade o termo Antropologia Urbana perdeu substância, sendo pouco utilizado e caindo em desuso. O motivo, talvez, deve-se ao fato que, em termos gerais, a Antropologia sempre foi interdisciplinar em diferentes épocas e situações sociais, deixando para trás termos ou rótulos rígidos que classificavam as áreas de trabalho. Pois naquela época os rótulos classificadores legitimavam os seus campos frente a outras disciplinas. No entanto, esta perda de conteúdo do conceito não deslegitima, do ponto

de vista histórico, um corpo de pesquisas urbanas escritas até hoje, (voltarei a este assunto no Capítulo VI.3). É por isso que Hannerz chama a atenção para o fato de que a Antropologia Urbana precisa de sua própria história das idéias, da consciência coletiva do crescimento, relacionada à cidade e vida na cidade⁹.

No desenvolver da pesquisa, enfrentei o desafio de dar corpo a um campo disciplinar e fui descobrindo como um alto índice de pesquisas estão relacionadas com a questão urbana, cidades, metrópoles, bairros, identidades, marginalidade, religião, violência, espaço, políticas urbanas, movimentos sociais etc., dentro de cenários como as grandes e pequenas cidades do mundo. Já em 1915 Robert Park, da Escola Sociológica de Chicago (Capítulo III.6), indicava a importância dos estudos sociológicos na cidade. Hoje, cada vez mais, as pesquisas de Ciências Sociais se desenvolvem no espaço urbano.

Contudo, na construção do objeto existem limites, devo advertir que a pesquisa trata de uma década e de um campo intelectual. Mesmo assim, a tese não tem a pretensão de fazer um estudo dos “ethos e identidades” de cada grupo de antropólogos ou departamentos de Antropologia. De igual forma, não foi a minha intenção analisar a produção individual de cada antropólogo entrevistado, nem estudar as condições sociais de cada um, nem pretendi fazer uma biografia coletiva, aspectos que poderiam ser aprofundados e analisados em futuras pesquisas. O que se pretendeu, na tese, foi compreender o processo de construção de um campo disciplinar em determinado período histórico.

⁹ Hannerz, Ulf. 1986. *Exploración de la ciudad: hacia una antropología urbana*. Trad. L. Vermont y P. villegas. México:Fondo de Cultura Económica. p. 14

2. *As trajetórias da Antropologia Urbana no Brasil:*

A Antropologia possui uma tradição de estudos sobre sua história. No entanto, cada Antropologia nacional ou estilo de Antropologia tem sua própria autonomia e forma de interpretar e aplicar as diversas teorias antropológicas a seus objetos de estudo e contextos específicos. As trajetórias nacionais são diferentes umas das outras. Na história da Antropologia existem diversos estudos de história intelectual e de história das idéias, e seria interminável citar os diversos trabalhos que se fizeram até hoje. Mas posso indicar que existem muitas abordagens - como estudos de contexto histórico, biografias, instituições, história oral, depoimentos, correntes teóricas, debates, historiografia, trajetórias intelectuais de autores e obras.

Cada país faz suas próprias histórias da Antropologia, dependendo de seu contexto, interesses temáticos, geográficos e históricos. Para o caso brasileiro existe um *corpus* de trabalhos heterogêneos sobre a trajetória da disciplina. São livros, coletâneas, artigos, teses de mestrado e doutorado. Seria também interminável mencionar todos esses trabalhos. Por isso me centrarei em um trabalho anterior, no qual fiz um levantamento bibliográfico da história da Antropologia no Brasil.¹⁰ Nele concluo que até agora não existe uma proposta de caminhos da linha de pesquisa da história da Antropologia no Brasil. Devido a esta situação, propus quatro grandes linhas temáticas: a) interpretações gerais, b) ensino superior, c) trajetórias e itinerários intelectuais (entrevistas e depoimentos publicados) e d) temas da Antropologia no Brasil, entre eles história da etnologia, estudos afro-brasileiros,

¹⁰ Mendoza, Edgar. *Estado da arte da história da Antropologia no Brasil (1943-2000)*. (inédito), devido a extensa bibliografia, por motivos de espaço somente cito as conclusões do trabalho.

estudos de comunidade, estudos de instituições e Antropologia Urbana. Nesse balanço bibliográfico, aponte os temas mais estudados, tais como interpretações gerais, ensino superior, trajetórias e itinerários intelectuais, história da etnologia e estudos de comunidade. Entre os menos trabalhados, Antropologia Urbana, campesinato e estudos afro-brasileiros.

De igual forma, no levantamento bibliográfico, observei uma tendência a definir a Antropologia no Brasil tomando a trajetória da etnologia como denominador comum. Mesmo considerando a importância da etnologia na constituição da Antropologia no Brasil, a tendência “etnologizante” deixa de fora as pesquisas urbanas que desde a década de 40 vem sendo feitas paralelamente, assim como a partir dos anos 70 vem se gestando a Antropologia Urbana, momento em que se fermenta como um campo disciplinar.

A Antropologia modifica-se neste período, abrindo espaço para uma nova forma de fazer pesquisa com grupos urbanos. Estes elementos, em síntese, me levaram à conclusão final, de que a Antropologia no Brasil não pode ser compreendida só desde o ponto de vista da etnologia, sendo isto para mim um equívoco teórico. No meu modo de ver, a história da Antropologia no Brasil só pode ser entendida com relação à Sociologia e outras disciplinas, e com a análise em conjunto de cinco campos disciplinares: etnologia, Antropologia Urbana, Antropologia do campesinato, estudos de comunidade e estudos afro-brasileiros. A escolha dos campos deve-se ao fato de que todos apresentam o uso de referências teóricas e um *corpus* de pesquisas etnográficas consolidadas.

Extraio desse *corpus* o campo da Antropologia Urbana, que tem sido pouco estudado, como veremos na literatura a seguir, feita por vários antropólogos interessados

em explicar a trajetória do campo disciplinar no país. O campo de estudos urbanos no Brasil é amplo, tanto na Sociologia quanto na Antropologia, já que os trabalhos estão relacionados com temas como modos de vida, organização social, movimentos sociais, planejamento urbano, Estado, etc. São campos disciplinares que em alguma medida, se aproximam, sendo seus limites difíceis de serem estabelecidos, inclusive porque o mundo urbano é híbrido, não sendo possível abordar a trajetória de um campo sem levar em conta o desenvolvimento dos campos vizinhos.

A Antropologia Urbana não poderia ser entendida isolada de outros campos científicos, principalmente do campo da Sociologia urbana, embora esta última não seja aqui o foco de investigação, o seu desenvolvimento é paralelo. Mas, não é este o lugar para discuti-lo, nem para fazer um estudo comparativo, embora enfatizo que ele estará presente na tese como um campo de referência.¹¹

A bibliografia sobre o campo da Antropologia Urbana no Brasil -na sua maioria, consiste de artigos curtos- publicados em revistas que analisam o desenvolvimento da Antropologia Urbana em termos teóricos e em termos aplicativos à antropologia brasileira, me servindo de guias e pontos de partida para conhecer o campo intelectual. Todos eles se referem-se a um período de urbanização e de grandes transformações sociais no Brasil nas

¹¹ No Brasil, existem também poucos estudos sobre o desenvolvimento do campo da Sociologia urbana, posso indicar os seguintes: Blay, Eva Alterman. 1971. "O estudo do meio urbano: a Sociologia urbana entre outras ciências e disciplinas". *Cadernos CERU*. (4):189-203; e 1974. "Tendências atuais na Sociologia urbana no Brasil". *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. (15):61-77. A socióloga que mais tem pesquisado o desenvolvimento da Sociologia urbana no Brasil, é Valladares, Lícia. 1987. "La recherche urbaine au Bresil: bref apercu de son evolution" *Cahiers du Bresil Contemporaine*. (1). 51 pp; 1988. "Urban Sociology in Brazil: A research Report". *International Journal of Urban and Regional Research*. Vol. 12 (2):285-302; 1989. *La Recherche Urbaine Au Bresil: Um État de la Question*. Bordeaux, Orstom, Pratiques Urbaines. (77); e Magda Prates Coelho. 1995a. "Urban Research in Brazil and Venezuela: Towards na Agenda for the 1990s". *Urban Research in the Latin America Developing World*. Richard Stren (ed). Centre for Urban & Community Studies; e Magda Prates Coelho. 1995b. *Urban Research in Latin America: Towards a Research Agenda*. Management of Social Transformation -MOST- (4). University of Toronto. Vol. 3:45-142.

décadas de 70 e 80.¹² Época na qual surgem novos atores políticos no interior dos movimentos sociais urbanos, assim como identidades e novas formas de organização social na cidade (Magnani 1992 e 1996). Por outro lado, Trujillo Ferrari (*op.cit.*:176), os antropólogos brasileiros se interessaram pelos novos problemas na cidade:

“Como se disse, os antropólogos brasileiros deixaram a selva para estudarem o ‘lixo da cidade’ pois tem havido preocupação destes em pesquisar os grupos ‘marginalizados’ (como no caso das prostitutas, homossexuais, favelados etc.) Deve-se advertir que não foram apenas estes aspectos ‘patológicos’ os que centralizaram a atenção dos antropólogos, pois lançaram-se na análise dos fenômenos de sincretismo, religiosidade, lazer etc. Não obstante estes terrenos serem disputados pelo estudo de outros cientistas sociais, as preocupações e abordagens dos antropólogos são diversas”.

Os trabalhos dos autores consultados foram tentativas de mostrar como o campo tem-se desenvolvido nas duas últimas décadas enfocando cada um diversos ângulos da trajetória do campo. Ante isto, o que podemos aprender deles? O que existe em comum a todos eles? Podem indicar-nos alguma singularidade do campo? Na minha opinião, nos poucos trabalhos consultados existem duas problemáticas recorrentes: a) uma preocupação de legitimar teórica e tematicamente o campo da Antropologia Urbana frente às Ciências Sociais no Brasil, e b) a delimitação das diversas temáticas e linhas de pesquisa como uma forma de construir um campo disciplinar. Optei por analisar os textos tematicamente e não

¹² Entre eles: Durham, Eunice. 1971. “Antropologia Urbana”. In: *Introdução ao estudo da Antropologia no Brasil*. Encontro internacional de estudos brasileiros, I Seminário de estudos brasileiros (São Paulo, 13 a 25 de setembro), Egon Schaden (Coord). 2 Vols. pp. 68-80, e com Ruth Cardoso. 1973. “A investigação antropológica em áreas urbanas”. *Revista de cultura vozes*. Vol. LXVII(2):49-54, 1982. “Os problemas atuais da pesquisa antropológica no Brasil (Antropologia Social e cultural)”. *Revista de Antropologia*. Vol. 25:159-170, 1986. “A pesquisa antropológica em populações urbanas: problemas e perspectivas”. In: *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Ruth Cardoso (org.). RJ:Edit. Paz e Terra. pp. 17-34; Magnani, Jose Guilherme Cantor. 1992. “O campo da Antropologia”. *Cadernos de História de São Paulo*. (1):45-56, 1996. “Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na metrópole”. In: *Na metrópole: textos de Antropologia Urbana*. SP:FAPESP/EDUSP. pp. 15-53; Oliven, Ruben George. 1980a. “Por uma Antropologia em cidades brasileiras”. In: *O desafio da cidade: novas perspectivas da Antropologia brasileira*. RJ:Campus LT. pp. 23-36, 1985. *Antropologia dos grupos urbanos*. Petrópolis:Edit. Vozes; Trujillo Ferrari, Alfonso. 1980. “A Antropologia Urbana no Brasil”. In: *La Antropologia americana en la actualidad: homenaje a Rafael Girard*. México:Editores Unidos Mexicanos. Tomo II:175-196; Velho, Gilberto. 1986. “Antropologia Urbana”. In: *Dicionário de Ciências Sociais*. Fundação Getúlio Vargas. RJ:Editora da FGV. pp. 68, 69.

cronologicamente, levando em conta os seguintes aspectos: a) influências teóricas e b) temas de pesquisa.

O primeiro ponto consiste nas influências teóricas, em que há uma preocupação em analisar as correntes de pensamento que os antropólogos brasileiros têm utilizado para interpretar seus objetos de estudo. Em todos eles aparece a constante indicação de que as teorias e métodos da Antropologia dedicada aos estudos de sociedades simples pode ser aplicada às sociedades complexas, assim como fica claro que o interesse em estudar os grupos sociais menos favorecidos economicamente foi uma tendência nesse período, no qual se buscou conhecer o sujeito urbano e seu modo de vida.

Acho importante definir o texto de Durham (1971), como a primeira tentativa de explicar o que era Antropologia Urbana no início dos anos 70. Indica a importância da cooperação interdisciplinar e intercâmbio de conhecimentos através de congressos e seminários tanto nacionais quanto estrangeiros. Expondo ela que, até esse momento, devido às diversas perspectivas de análise, ainda não se poderia constituir uma Antropologia Urbana propriamente dita. Segundo Durham (*ibid.*) os esforços no Brasil eram mais individuais que institucionais. A produção intelectual, em questões de estudos urbanos e grupos sociais marginais, estava na dependência de revistas internacionais, universidades estrangeiras e centros de estudo sobre a América Latina, aspectos que foram mostrando o crescimento e interesse sobre os estudos tanto no Brasil quanto no exterior.

Foi só nos anos 70 que esta situação mudou, com a criação da Pós-Graduação, que impulsionou os estudos urbanos, modificando completamente o panorama institucional das

Ciências Sociais. Durham (*ibid.*:54) conclui nesse texto pioneiro, que existe um impasse em elaborar um modelo geral que permita preservar as particularidades das situações concretas que analisa. Para ela, sem essa reflexão é difícil ultrapassar o caráter fragmentário dos estudos de caso de análises parciais, embora ricos e sugestivos, pois não há uma teoria que relacione os resultados obtidos nas pesquisas.

Em outro texto Durham (1973:50, 51) define o instrumental metodológico da Antropologia nas sociedades estratificadas, considerando aplicável a grupos fechados dentro da cidade, através de entrevistas abertas, a observação participante, sendo tais entrevistas capazes de reconstituir o universo de participação social e o sistema de representações dos informantes. Segundo Durham, junto com a cooperação interdisciplinar vieram as influências teóricas, principalmente o culturalismo, o funcionalismo e o estruturalismo. O culturalismo americano é representado pela Escola de Chicago, que tem sido a escola de maior influência dos estudos urbanos tanto na Sociologia quanto na Antropologia, com estudos principalmente na cidade e da cidade (ver Tópico IV.1). Posso dizer que a influência da Escola de Chicago é um aspecto compartilhado pela literatura urbana, fator indicado em todos os trabalhos consultados.

No entanto, como indiquei antes, cada antropólogo tem uma perspectiva de análise. Alguns dos autores incluem dentro do culturalismo a Antropologia da pobreza de Oscar Lewis, com a categoria da cultura da pobreza, determinada por traços culturais e pesquisas micro-sociais, mas desconexas de um contexto maior de processo de industrialização, sendo a categoria de “cultura da pobreza” pouco utilizada no Brasil (Oliven 1985:17-19).

Para Durham (1986:21, 22) o funcionalismo trazia a totalidade e integração e equilíbrio das sociedades simples, através da estrutura social. O funcionalismo não buscava os fundamentos estruturantes, nem sequer nas manifestações propriamente culturais, mas sim nos sistemas de relações sociais. Segundo Oliven (1980a:23) o funcionalismo não consegue demonstrar as mudanças sociais das sociedades pelo fato de ver as sociedades como equilibradas socialmente, e em estar mais preocupado em comparar que realizar generalizações. Por outro lado, o estrutural funcionalismo inglês e seus estudos na África tribal, no qual os grupos sociais passaram por um processo de urbanização e descolonização, foi outra fonte de influência nos estudos urbanos, representados pela chamada Escola de Manchester (ver Tópico V.5).

Uma outra corrente intelectual trata do estruturalismo, que teve grande influência em todos os campos na Antropologia no Brasil. No caso da Antropologia Urbana Durham (1986:25) explica a presença nos estudos de prática social e elaboração simbólica e ideológica, de grupos sociais fechados na particularidade, tendo o estruturalismo dificuldades com explicações mais gerais devido a seu rigor formal, revelando-se inadequado principalmente nas questões de conflito e contradições sociais.

O segundo ponto corresponde aos temas e linhas de pesquisa, que se ampliaram na Antropologia Urbana com a criação dos programas de Pós-Graduação nos anos 70. Durham (1971:75-80) faz uma pequena porém, informativa bibliografia sobre pesquisa urbana, indicando temas como populações marginais, migrantes rurais, favelas, operários, população escolar, integração ao ambiente urbano, modos de vida, vizinhança e lazer urbano. A maioria dos trabalhos pertence a várias áreas disciplinares, e não

necessariamente são consideradas como Antropologia Urbana, isto indica que nesse momento de início do campo, começava o prestígio frente a outras áreas, sendo importante que a Antropologia oferecesse uma visão diferente dos grupos urbanos.

Diferente de Durham, o texto de Trujillo Ferrari (*op.cit.*:179-190), pode ser considerado como o primeiro a tentar mapear alguns dos caminhos de pesquisa que a Antropologia Urbana tomou nesse momento: Em primeiro lugar, perspectivas de análise e, em segundo lugar, as linhas de pesquisas em Antropologia Urbana. Entre as primeiras, estariam: a) os estudos de comunidade, b) programas de pesquisa em cidades laboratórios c) estudos de problemas urbanos, como migrações, acomodação e assimilação, aculturação, d) estudos de localidade, como comunidades e vizinhança.

Entre as segundas, as linhas de pesquisa entre as quais temos: a) pesquisas sobre a família e relações de parentesco em áreas urbanas, b) pesquisas sobre religiões (afro-brasileiras e minorias), c) pesquisas sobre grupos estigmatizados, d) pesquisas sobre papéis sociais (ritualização, identidade), d) pesquisas sobre assuntos diversos (relações interétnicas, cultura de massa, comunicação, festas populares, lazer e alimentação). Entre a bibliografia que Trujillo Ferrari empregou para propor as linhas de pesquisa, aparecem algumas das teses defendidas nos programas de Pós-graduação em Antropologia tanto do Rio de Janeiro (Museu Nacional) quanto de São Paulo (USP e UNICAMP). Outros trabalhos são coletâneas que tratam de diversas áreas disciplinares. O interessante da bibliografia de Trujillo Ferrari é que corresponde exatamente à década de 70, o que nos permite uma idéia dos trabalhos que foram feitos nessa época.

Por outro lado, Velho (*op.cit.*:68, 69) de forma diferente, apresenta os diversos trabalhos de grupos urbanos de baixa renda, com uma variedade de objetos de estudo como: a) religião, b) escolas de samba e carnaval, c) favelas, d) trabalhadores urbanos, e) migração, d) desvio de comportamento, f) família, parentesco e g) questões teóricas. Velho propõe estes objetos de estudo apoiado em uma bibliografia, mas identificada com a Antropologia Urbana, propiciando uma delimitação melhor dos trabalhos nesse período. A importância de todos os temas e linhas de pesquisa indicados pelos autores fornece uma idéia da grande quantidade e da heterogeneidade dos estudos em Antropologia Urbana na década de 70.

Para encerrar o tópico, algumas respostas podem ser dadas às perguntas feitas no início, os diversos trabalhos consultados, são tentativas de mapear o campo da antropologia urbana, enfatizando as questões teóricas e metodológicas que mostram a singularidade da antropologia no estudo dos grupos urbanos. Segundo os autores A Antropologia Urbana no Brasil tem como referenciais principais a Escola de Chicago, o estrutural funcionalismo inglês e o estruturalismo francês. Embora nenhum dos autores analise a Escola Marxista Francesa de Sociologia Urbana que teve grande influência durante os anos 70s na Sociologia e na Antropologia. (como veremos no Tópico V.6).

Para finalizar, posso dizer que existe pouca literatura sobre a trajetória do campo da Antropologia Urbana, apesar de pequena, é valiosa para os fins da tese, porque permite observar as perspectivas de análise de cada um dos autores. Tomando esse grupo de trabalhos como ponto de partida, a minha pesquisa incorpora-se a eles, analisando a Antropologia Urbana como um campo científico, formado por uma geração, problemas teóricos e escolas de pensamento. Como pode-se observar, não pretendo fazer uma história

da Antropologia Urbana, meu objetivo é mais modesto, pretendo estudar uma década dessa trajetória. Este trabalho junto com os outros é parte de uma pesquisa maior e completa que deve ser feita sobre o campo científico.

3. Aspectos metodológicos:

A escolha de uma perspectiva sociológica não deixa de lado outras abordagens como a antropológica e histórica, posso indicar que as minhas análises são produto de várias combinações, o que me permitiu detectar diversos ângulos do tema, me concedendo um distanciamento e liberdade de trabalhar entre fronteiras disciplinares, ou, como diria Clifford, “o trabalho nas margens disciplinares.”¹³ Este saudável distanciamento e estranhamento ajudou-me a detectar elementos que não seriam vistos, se me tivesse inclinado por uma perspectiva única.

No que tange à escolha do recorte temporal de uma década (anos 70), a pesquisa converteu-se em um estudo de “micro-história” de “curta duração”, ou seja, um fragmento da história da Antropologia e das Ciências Sociais no Brasil. Para Mills (*op.cit.*:165), “cada época quando devidamente definida, é um campo de estudo inteligível que revela a mecânica do processo histórico a ela peculiar”. Normalmente algumas pesquisas se iniciam com uma construção do contexto histórico político e social, no qual se insere o objeto de estudo, uma espécie de “pano de fundo histórico.” A meu ver, muitas vezes este contexto é incompleto e cometem-se erros históricos. Eu não pretendi fazer isso, embora na tese se utilizou como

¹³ Clifford, James. 1996. “As fronteiras da Antropologia”. *Boletim da A.B.A.* (25):6-11. Entrevista concedida a José R. Gonçalves.

estratégia metodológica fazer o caminho inverso, ou seja, conhecer a realidade da sociedade brasileira nos anos 70 através da construção do campo da Antropologia Urbana, com depoimentos dos atores, pesquisas etnográficas e problemas teóricos. O conjunto desses elementos levou-me a conhecer parte da realidade urbana da época.

Como já disse, a pesquisa apoiou-se em dois “tipos” de material empírico: o documental e oral. O primeiro tipo, o material documental, consistiu em um levantamento do material bibliográfico existente em relação ao tema história da Antropologia Urbana no Brasil. O levantamento bibliográfico foi feito em centros de informação de São Paulo e Rio de Janeiro. Em São Paulo, nas Bibliotecas da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP), Biblioteca da Faculdade de Educação (FE-USP), Biblioteca Florestan Fernandes da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UNICAMP e no Arquivo Edgard Leuenroth UNICAMP. No Rio de Janeiro, nas bibliotecas do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e no URBANDATA do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ).

Para organizar o amplo material bibliográfico coletado, propus uma amostra formada por uma série de temas, problemáticas e tópicos, de modo a delimitar a estrutura da tese. Com base nesse ponto de referência, passei para um processo de seleção, já que não haveria limite para analisar todo o material com o qual tinha que lidar. Foram critérios da amostra, textos teóricos que tratassem do referencial de interpretação, como a categoria

de cidade, campo científico, geração, escolas de pensamento, problemas teóricos e metodológicos.

De igual forma, bibliografia que indicasse estudos urbanos nos anos 40-60, considerados como antecedentes ou estudos precursores dos campos, tanto de Sociologia quanto de Antropologia. A seguir, a seleção de uma amostra da literatura que tratasse de obras publicadas sobre etnografia urbana na década de 70, produzida nos primeiros anos da construção do campo da Antropologia Urbana. Obras que fossem originais, criativas, inovadoras e representativas de um *corpus* bibliográfico. Este critério não omite a bibliografia formada por dissertações e teses feitas nesse período, as quais, lamentavelmente, em sua maioria não está publicada até hoje. Com este conjunto de material, fiz uma série de combinações de modo a obter uma totalidade do tema desde vários ângulos e perspectivas. Além disso, organizei uma bibliografia complementar que ajudasse a delimitar o campo intelectual, como foi o material baseado no campo da Sociologia urbana.

O segundo tipo foi o material empírico oral, que considerou três fontes. A primeira constando da leitura de entrevistas publicadas. A segunda da consulta de depoimentos não publicados e depositados em “arquivos”, como foi o caso de entrevistas em videocassete. E a terceira constituída pelos depoimentos obtidos através de entrevistas feitas pelo pesquisador.

Devido aos objetivos e limites da pesquisa, os informantes selecionados para as entrevistas reduziram-se, em larga medida, à escolha de uma amostra dos antropólogos dedicados aos grupos urbanos considerados como representantes da geração 70. As entrevistas foram feitas na visita a dois grupos de antropólogos do país, no Rio de Janeiro e São Paulo, em três instituições heterogêneas como o Museu Nacional da UFRJ,

Universidade de São Paulo e UNICAMP. A escolha dos grupos e suas instituições deveu-se ao fato de que pertencem às duas tradições de se fazer Antropologia Urbana nos anos 70. Époça em que parte da produção intelectual do campo foi feita nos três Programas de Pós-Graduação, com diferentes ênfases teóricas e objetos de pesquisa.

O grupo de sete antropólogos e uma socióloga que entrevistei, formados academicamente entre 1970-1982, e distribuídos no Rio de Janeiro, com Gilberto Velho, Roberto da Matta, Lícia Valladares.¹⁴ Em São Paulo, tanto na USP quanto na UNICAMP, José G. Magnani, Paula Montero, Antonio Arantes Neto, Ana Niemeyer e Bela Bianco

Lista dos antropólogos entrevistados:

- Arantes Neto, Antônio. Entrevista concedida a Edgar S. G. Mendoza. *Escritório Campinas*. 26/11/1998. 2 Fitas Cassete, son,(1 hora e 30 minutos).
- Bianco, Bela. Entrevista concedida a Edgar S. G. Mendoza. *Residência São Paulo*. 26/03/1999. 1 Fita Cassete, son,(60 minutos).
- Da Matta, Roberto. Entrevista concedida a Edgar S. G. Mendoza através de *E-mail*. 04/08/1999 (Uma página e média).
- Magnani, José C. Entrevista concedida a Edgar S. G. Mendoza. *Departamento de Antropologia USP*. 30/03/1999. 1 Fita Cassete, son,(55 minutos).
- Montero, Paula. Entrevista concedida a Edgar S. G. Mendoza. *Museu de Arqueologia e Etnologia MAE-USP*. 13/05/1999. 1 Fita Cassete, son,(50 minutos).
- Niemeyer, Ana M. Entrevista concedida a Edgar S. G. Mendoza. *Residência São Paulo*. 30/03/1999. 1 Fita Cassete, son,(60 minutos).
- Valladares, Lícia do Prado. Entrevista concedida a Edgar S. G. Mendoza. *Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro IUPERJ*. 01/10/1999. 2 Fitas Cassete, son, (1 hora 45 minutos),
- Velho, Gilberto. Entrevista concedida a Edgar S. G. Mendoza. PPGAS. *Museu Nacional UFRJ*. 16/03/1999. 1 Fita Cassete, son,(50 minutos).

¹⁴ Profa. Socióloga do IUPERJ.

Apesar da amostra ser pequena pode ser considerada como “representantes de uma geração”. Esta situação poderia ser considerada como um recorte metodológico sendo os critérios de seleção: formação profissional, experiências sociais comuns, filiação institucional, produção intelectual e posições teóricas antropológicas. Foram entrevistas individuais, utilizando um roteiro como guia, variando de acordo com as especificidades dos entrevistados.

Roteiro de entrevista:

1. Poderia fazer uma autobiografia de seu interesse pela Antropologia Urbana, o contato acadêmico e amizade com outros professores, as correntes teóricas, autores e obras que influenciaram sua formação?
2. Você acha que a influencia da Escola de Chicago na pesquisa urbana, entre 1940-1960, pode ser considerada como um antecedente da Antropologia Urbana no Brasil?
3. Para você, quais eram os sonhos, desafios, projetos, ideais, e o espírito dessa geração de antropólogos frente a uma problemática urbana nos anos 70?
4. Você acredita que existiu uma definição ou ruptura tanto teórica quanto metodológica no campo da Antropologia Urbana no Brasil na década de 70?
5. Como era desenvolvida a formação, recrutamento dos antropólogos urbanos nos anos 70?
6. Que obras antropológicas urbanas, tanto brasileiras quanto estrangeiras, feitas na década de 70, foram marcantes?
7. Você acha que nos anos 70 existiu uma diferença entre a Antropologia Urbana feita no Rio de Janeiro e São Paulo?
8. Atualmente, o que você pensa da Antropologia Urbana contemporânea no Brasil, comparada com a feita na década de 70?

As entrevistas tinham a finalidade de procurar uma “memória de geração”, com o intuito de conhecer a trajetória acadêmica, influência de orientações teóricas, redes e conexões acadêmicas, atividade científica na área de especialização. Não pretendi fazer uma história de vida nem biografia dos antropólogos como sujeitos individuais, mas vê-los como uma geração, um coletivo. Concordo com Kuhn¹⁵ quando escreveu que:

“Para compreender a especificidade da ciência, não precisamos deslindar os detalhes biográficos e de personalidade que levam cada indivíduo a uma

¹⁵ Kuhn, Thomas. 1975. *A estrutura das revoluções científicas*. SP:Editora Perspectiva. p. 256.

escolha particular, embora esse tópico seja fascinante. Entretanto precisamos entender a maneira pela qual um conjunto determinado de valores compartilhados entra em interação com as experiências particulares comuns a uma comunidade de especialistas, de tal modo que a maior parte do grupo acabe por considerar que um conjunto de argumentos é mais decisivo que outro ... para entendê-lo, precisamos conhecer as características essenciais dos grupos que o criam e utilizam."

Os antropólogos entrevistados são vistos nesta pesquisa como sujeitos individuais, imersos em instituições como as universidades, tomados como uma fração de geração. Não os penso como um grupo homogêneo formal, mas heterogêneo e variado. Do mesmo ponto de vista os cientistas devem ser estudados, como uma comunidade de sujeitos com histórias pessoais de vida e trajetórias acadêmicas individuais vinculados a um contexto social.

Colocando em diálogo depoimentos e documentos, surgiram direções, sugestões, pistas, discurso vivo, testemunho de uma época da formação do campo intelectual. Os depoimentos no trabalho de interpretação não necessariamente foram tomados como fontes de informação ou de confirmação de determinados eventos, mas tentei entendê-los como uma experiência de vida, memória coletiva e geracional. Segundo Kofes¹⁶, podem-se utilizar três dimensões de análise, a) na situação da entrevista, b) como narrativas (sobre o que fala o entrevistado, e como construiu sua narrativa) e c) as possibilidades analíticas para o pesquisador. Assim continua, os relatos de histórias de vida não seriam vistos como desconexos e incoerentes e, portanto, fadados a só adquirir sentido quando reordenados pelo pesquisador. Com isto em mente, fiz nos depoimentos intercruzamentos entre as diversas narrativas, procurando elementos recorrentes que me permitissem entender como se construiu o campo disciplinar.

A amostra ofereceu um perfil do sujeito histórico, cidadão, cientista e ator social, mostrando a consciência e posicionamento político frente à sociedade e o Estado. Os depoimentos indicaram como os antropólogos se autodefinem e seus interesses na pesquisa urbana. Nos depoimentos, encontrei recorrências de temas e ênfases sobre aspectos como a procura do sujeito urbano nos anos 70, a tentativa de repensar o Brasil, as influências teóricas, os desafios, a responsabilidade política do antropólogo, o pensamento coletivo como geração, as relações acadêmicas, bem como a sugestão de definir o campo intelectual em dois níveis, um teórico e outro de pesquisa, permitindo uma maior compreensão.

Apesar da diversidade de aspectos implícitos, tive que selecionar os temas que utilizei na tese, fazendo um conjunto articulado de tópicos (ver sumário) mas, ao mesmo tempo, dividi cada tópico em tópicos menores, que surgiram no caminho e foram discutidos com o objetivo de aproveitar a maior parte da informação dos depoimentos. Portanto, o leitor encontrará amplos depoimentos, distribuídos no decorrer da tese, para que conheça em que estão apoiadas as minhas interpretações e conclusões.

O resgate da memória coletiva de uma fração de geração permite conhecer pensamentos, temáticas, linhas de pesquisa, correntes teóricas, desafios que a geração enfrentou. Além de ser um testemunho vivo de amizade, interesses e obras, sendo tudo isso parte da trajetória do campo científico da Antropologia Urbana no Brasil, e como ele pode ser estudado através de um grupo de antropólogos e da ajuda de referências teóricas, como veremos no próximo capítulo.

¹⁶ Kofes, Suely. 1994. "Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites" *Cadernos Pagu*. (3):117-141. p. 119.

II **ENTRE FRONTEIRAS: UMA SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO**

Nas primeiras décadas do século XX, a Sociologia do conhecimento teve um desenvolvimento teórico e metodológico importante. Surgida na Europa principalmente na Alemanha, em determinadas condições históricas e conflitos sociais, estava formada por vários pensadores que refletiram sobre ela, como Karl Mannheim¹⁷ um pensador marcante no que tange a Sociologia do conhecimento. Influenciado por I. Kant, T. Hegel, W. Dilthey, K. Marx, M. Weber, E. Durkheim, H. Husserl, K. Jaspers e G. Lukács, Mannheim desenvolve uma Sociologia capaz de analisar as ideologias em determinado contexto e condições sociais subordinadas a fatores abrangentes. As combinações teóricas de Mannheim ao mesmo tempo, distanciou-o e aproximou-o dos autores anteriores, ele próprio conseguindo uma proposta original.¹⁸

Mannheim publica, *O problema de uma Sociologia do conhecimento [1925]*,¹⁹ texto inicial de sua proposta que sugere o uso do termo constelação, definido como combinação simultânea de certos fatores em um momento dado ou época (:13). A constelação estaria em uma seqüência histórica no qual os sistemas filosóficos mudam se o sistema vital em que

¹⁷ Reconheço que outros pensadores principalmente na Alemanha com I. Kant, T. Hegel, K. Marx, F. Engels, M. Scheler, M. Weber, e na França É. Durkheim, M. Mauss e M. Halbwachs, nos Estados Unidos, W. James, T. Veblen, G. H. Mead, J. Dewey, P. Sorokin, T. Parsons e R. Merton ocupam um lugar privilegiado dentro da Sociologia do conhecimento que se interessaram pelos mesmos problemas. No entanto, foi com Karl Mannheim que a Sociologia do conhecimento converte-se numa proposta metodológica e analítica, será neste autor que me centrarei daqui em diante.

¹⁸ Para uma discussão mais aprofundada de Mannheim Cf. Merton, Robert. 1970. "Karl Mannheim e a Sociologia do conhecimento". In: *Sociologia teoria e estrutura*. Trad. M. Mailet. SP:Editora Mestre Jou. pp. 587-607

¹⁹ Mannheim, Karl. 1967. "O problema de uma Sociologia do conhecimento". In: *Sociologia do conhecimento*. Antônio R. Bertelli, Moacir G. S. Palmeira, Otávio G. Velho (organização e introdução). RJ:Zahar Editores. pp. 13-80.

vive sofre uma alteração (:18), isto é, estão determinados existencialmente por um sistema inteiro, uma totalidade sistêmica funcionando de acordo com suas posições no mundo (:24, 26). As posições intelectuais e os conhecimentos teóricos e idéias, apareceriam em determinadas épocas e condições sociais concretas, como seria o caso da importância da cidade na revolução industrial e o surgimento do modo de produção capitalista.

Em outro lugar deste texto, Mannheim expressa, "*teorias e métodos e atitudes históricos ou sociológicos sempre estão em estreita correlação com a posição social e com os interesses intelectuais de uma classe ou grupo social, em cada momento existindo pontos de vista sistemáticos e filosóficos*" (*op.cit.*:29, 30). Segundo Mannheim uma Sociologia do conhecimento examina o problema de como as várias posições intelectuais e estilos de pensamento estão enraizados em uma realidade histórico-social subjacente, existindo uma correlação com certas tendências incorporadas pelos estratos sociais, ou seja uma posição intelectual relacionada com classe social (*ibid.*:70-73).

Em outro texto de Mannheim, *A Sociologia do conhecimento [1936]*,²⁰ a proposta é mais refinada que no texto anterior, sendo definida como uma teoria que se esforça em analisar as relações que existem entre o conhecimento e a existência, enquanto pesquisa histórico-sociológica procurando traçar as formas e o desenvolvimento intelectual do gênero humano e mudança social (*ibid.*:231). Contudo, para Mannheim, a Sociologia do conhecimento encontra-se dentro de uma seqüência histórico social com conflitos e tensões

²⁰ Mannheim, Karl. [1936]. 1993. *Ideología y utopia: introducción a la sociología del conocimiento*. Trad. S. Echavarría. México: Fondo de Cultura Económica. Primera reimpressão.

dos grupos que têm o poder conservando formas políticas e sociais; cada grupo no poder tem seus sistemas de pensamento num médio social definido.

A Sociologia do conhecimento tem se imposto a tarefa de resolver o problema das condições sociais em que surge o pensamento. Assim, as estruturas mentais se formam inevitavelmente de um modo diferente, segundo as diferenças de ambiente social e histórico. A Sociologia do conhecimento toma como problema a estrutura mental na sua totalidade em diferentes correntes de pensamento e grupos histórico-sociais. A Sociologia do conhecimento é, em parte, teoria e método histórico-sociológico de pesquisa, sendo uma pesquisa, empírica e epistemológica (:231-233). Para Mannheim, toda teoria do conhecimento está por sua vez influenciada e condicionada pela forma que assume a ciência em determinada época sendo um produto histórico(:252).

Podemos ver em Mannheim a influência de duas abordagens, a fenomenologia e o marxismo. Brevemente posso dizer que Marx indica as relações de produção, classes sociais, base material e econômica produzindo um tipo de consciência que se convertirá em uma ideologia. Todo pensamento está assim condicionado pela base material em determinada época ou período histórico, tal seria o caso da burguesia e o proletariado, cada uma com seu sistema de conhecimentos e interesses de classe, localizados numa posição na estrutura social produzindo um conflito. Entre as ideologias e utopias, Mannheim sugeria que as primeiras, teriam um conjunto de idéias com o objetivo da manutenção da ordem existente, enquanto as utopias seria as tentativas de mudança desta ordem dominante.

Me apoiando na Sociologia do conhecimento de Mannheim, pretendo conhecer um campo intelectual como seria o caso da Antropologia Urbana com a intenção de compreender como surge em um determinado momento histórico social. De igual forma conhecer a existência as diversas correntes de pensamento, e saber com se adaptam, coexistem e se ajustam entre si, diferente de uma sucessão de paradigmas como propria Kuhn.²¹

Partindo de uma perspectiva geral, como seria a Sociologia do conhecimento, utilizo também quatro categorias como referencial teórico na tese, que corresponde às noções de: a) campo científico, b) geração e c) escola de pensamento, assim como a noção de cidade (Capítulo III), com o objetivo de indicar a possibilidade de combiná-las e toma-las como instrumentos auxiliares de interpretação do campo da Antropologia Urbana.

1. Sociologia do campo científico:

A Sociologia do campo científico se inicia nos anos 70, como uma perspectiva inovadora. Na atualidade, qualquer cientista social que utilize a noção de campo, dificilmente pode deixar de fora a proposta de Pierre Bourdieu sobre *O campo científico* [1976].²² Bourdieu toma como pontos de partida a crítica de uma Sociologia do conhecimento de Mannheim, e da Sociologia da ciência de Merton, Bourdieu distanciando-se deles, construindo seu próprio esquema explicativo Neste temos as noções de habitus,

²¹ Kuhn, Thomas. 1975. *A estrutura das revoluções científicas*. SP:Editora Perspectiva.

²² Bourdieu, Pierre. 1994. "O campo científico". In: *Pierre Bourdieu*. Renato Ortiz (org). SP:Editora Ática. pp. 122-155; neste texto Bourdieu desenvolve mais claramente o campo científico, tema que já havia analisado antes no trabalho de [1971] (1993). "Campo de poder, campo intelectual e habitus de classe". In: *A economia das trocas simbólicas*. Sergio Miceli (org). SP. Editora Perspectiva. 3era. edição. pp. 183-202.

legitimação, reprodução cultural, espaço social, bens culturais, assim como de campo.²³ O campo científico é definido por Bourdieu como: “o sistema de relações objetivas em posições adquiridas em um lugar ou espaço de jogo de uma luta concorrencial, onde esta em jogo a luta pelo monopólio da autoridade científica” (:122) que estaria dentro de um sistema de condições sociais concretas. O conflito e a luta pelo poder seria uma constante dentro do campo científico, embora os agentes ocupariam diferentes posições em uma hierarquia institucional, definindo assim os grupos que lutam pelo poder.

Algumas características do campo podem ser indicadas como a autoridade científica que estaria formada pelo poder social e o monopólio da competência acadêmica, uma espécie de controle social do conhecimento. Uma outra seria, o funcionamento do campo científico produz e supõe uma forma específica de interesse científicos e de autoridade ou de competência científica (:123), além disso, a localização do pesquisador na posição que ocupa na hierarquias instituídas como as grandes escolas e universidades.

A dominação científica designa a cada pesquisador a função da posição que ele ocupa, mostrando um sistema de posições que ao mesmo tempo são estratégias políticas (:126). A questão política no campo também é importante de ser analisada nos conflitos dentro e fora dele, tomado como um lugar de luta política pela dominação científica. De igual forma, as pesquisas de novos objetos de estudo prestigiados e menos prestigiados (:123, 125), provocam uma hierarquia, isto é, temas reconhecidos e legitimados pela comunidade científica.

²³ Sobre o pensamento de Bourdieu e seu esquema teórico, Cf. Castón Boyer. Pedro. 1996. “La sociología de Pierre

Para Bourdieu, a luta pela autoridade científica é uma espécie de capital social que assegura um poder de seus próprios concorrentes (:127). O capital social, estaria formado por reputação, prestígio, autoridade, títulos acadêmicos, competência, posição dentro da hierarquia científica, publicação, divulgação de pesquisas e valores da comunidade científica, podendo ser acumulado, transmitido ou reconvertido (:130). A meu ver, o capital social de conhecimento estaria dentro de um mercado de bens acadêmicos no qual existiria uma relação de produtores e consumidores de conhecimento em um processo contínuo de controle social, como seriam, editoriais de revistas, pareceres de pesquisas, circulação de professores, congressos, temáticas, objetos de estudo, autores, obras, traduções, grupos, universidades etc. Do mesmo modo, há uma hierarquia social de campos científicos e de métodos de tratamento (:128). Existe uma constante luta nos campos científicos que estão dentro das classes sociais havendo um campo de poder maior que legitima a ciência. Situação que mostra que nenhum campo científico está isolado de outros, assim como das classes sociais.

A estrutura do campo científico se define a cada momento pelo estado das relações de força entre os protagonistas em luta agentes ou instituições (:133). A estrutura da distribuição do capital científico está na base das transformações do campo. Para Bourdieu existe uma ordem científica estabelecida na estrutura do campo inseparavelmente científica e política, legitimada pela distribuição do capital específico de reconhecimento científico entre os participantes na luta (:136). Existe portanto, uma distribuição injusta que é desigual

levando a um monopólio, no qual os dominantes possuem o capital científico e os dominados não (:137). Aqui posso fazer uma ponte com a noção de geração, no campo existiriam várias delas lutando pelo poder, originando o conflito das gerações como diria Mannheim mas, este seria um dos fatores da concorrência.

Os dominantes consagram-se à perpetuação da ordem científica e mantêm uma ciência oficial acumulada, herdada e transmitida através do ensino (:138), formando reprodutores do conhecimento, mais do que produtores. Os dominantes seriam os cientistas ortodoxos que conservam a ordem estabelecida ideologicamente, eles tem o controle do capital científico ou o capital acumulado. Enquanto os dominados são os heterodoxos que querem mudar a ordem. É neste ponto que Bourdieu toma a noção de revolução científica de Kuhn e indica que existem rupturas tanto institucionais quanto de interesses (:139, 141, 145). De igual forma, uma forte concorrência entre a competição e a produtividade dentro de um mercado acadêmico (:152), embora para Bourdieu as revoluções científicas, além de serem polêmicas científicas, são também lutas de interesses de poder, de rupturas e conflitos entre instituições entre grupos dominantes e dominados.

A definição do campo científico com, as características propostas por Bourdieu é útil para os fins da minha tese. No entanto, a noção de campo foi re-adaptada de acordo com meus dados, mas remete entretanto a definição de Bourdieu, embora a opere em outra perspectiva. O campo científico que emprego é definido desta forma: inicialmente posso dizer que a constituição do campo acontece em determinado período histórico e não está isolado de um contexto social nem de outros campos científicos. O campo está constituído

por grupos de cientistas (comunidade científica como diria Kuhn) dentro de uma classe social e que pode ser formado pela convivência simultânea de gerações com trajetórias individuais que tem uma produção intelectual própria. Deve-se considerar que os cientistas constroem o campo por caminhos diferentes sendo todos válidos, sendo considerados como produtores de conhecimento e construtores do campo intelectual. No campo também existem interesses institucionais, acadêmicos, temáticos (objetos de estudo) e de pesquisa. Do mesmo modo considero o campo científico, campo intelectual, campo de conhecimento e campo disciplinar como sinônimos. Dentro do campo existem dois níveis, um teórico e o outro de pesquisa.

O nível teórico estaria representado por um sistema de conhecimentos, categorias, conceitos, noções, pensamentos, referenciais conceituais, problemas teóricos, esquemas explicativos, enfoques, perspectivas, abordagens e estilos de análises. Com uma mobilidade, flexibilidade, arranjos, simultaneidade, no qual se agregam e articulam diferentes formas de explicação que podem ser compartilhadas ou rejeitadas, mostrando a mobilidade e dinâmica interna do campo que pode mudar em qualquer momento, décadas ou anos.

O nível de pesquisa está constituído pelo *corpus* de pesquisas realizadas pela comunidade de cientistas, ou seja a produção intelectual feita em determinado período de tempo, lugar, objetos de estudo e métodos de trabalho de campo, assim como a forma de abordar determinado tema de pesquisa, interpretação e compreensão.

A minha definição de campo científico descrita antes está mais orientada a um nível teórico que propriamente tomado como uma “arena” ou espaço de luta e conflito, as quais

existem evidentemente e podem constituir objeto de estudo, mas não é essa a minha ênfase neste momento. Me proponho a conhecer como se construiu o campo através do contexto histórico, de problemas teóricos, da influência de escolas de pensamento e de pesquisas antropológicas. Mesmo porque tive que operar com um limite ou amostra de antropólogos que é pequena e não permitiria um delineamento preciso de suas posições dentro do campo, como quer Bourdieu, além disso, o período de tempo: uma década, só permite conhecer um fragmento da história do campo.

2. Sociologia das gerações:

Na trajetória da história da Antropologia no Brasil²⁴ podemos detectar várias gerações que trabalham em instituições como universidades, museus e centros de pesquisa, sendo espaços acadêmicos em que se localizam grupos de antropólogos. As gerações estão relacionadas por três critérios: temporais, sociais e espaciais; distribuídos em interesses de pesquisa, participação das mesmas circunstâncias históricas e sociais, ligações institucionais, relações pessoais e de afinidade e produção em determinado espaço acadêmico. Portanto sucedem-se umas à outras, como também podem coexistir simultaneamente, como também estão em um constante dinamismo e processo intelectual de sucessão e interação. De certo modo, cada uma tem suas condições específicas de produção, de acordo com a seu período e interesses acadêmicos, como por exemplo, os estudos de comunidade na década de 40-50, os estudos de contato interétnico nos anos 60-70 e os estudos dos grupos urbanos na década de 70-80. Em cada geração de cientistas existem diversas trajetórias intelectuais. Assim,

apesar que uma geração vive em um momento histórico-social específico cada história intelectual será diferente. A geração e seus integrantes têm idéas políticas, origens sociais diversos, profissões, tempos, visões e universos diferentes.

O tópico que apresento discute a noção de geração, pretendendo ser uma perspectiva de análise da trajetória de um campo intelectual localizado em um período de tempo. O objetivo central do tópico é conhecer a noção de geração, o seu alcance explicativo, polissemia e flexibilidade. Partindo da leitura do trabalho de Karl Mannheim *O problema sociológico das gerações [1928]*, texto inspirador que me permitiu pensar a utilização da noção na análise de um campo científico. Tomando isto como ponto de referência, fiz um exame da bibliografia sobre geração, localizando as principais áreas que a estudam, como Sociologia, História, Ciência Política e Demografia. Apesar da literatura abundante, escolhi uma amostra das pesquisas mais relevantes.

Cada geração escreve sua própria história geracional, a noção de geração existira desde a antigüidade na Grécia antiga, estando relacionada a uma ligação de sangue, tendo a origem do grego, *genos* e do verbo *genesthai* que significa “dentro da existência” e do latim *genea* = genes e *geneses* e *generatio* = gerar. A geração foi utilizada na genealogia patronímica na Bíblia e na mitologia grega e romana, sendo considerada a genealogia, como uma linha de descendência biológica diferente da geração. Com o decorrer do tempo, a noção converteu-se num problema científico, principalmente no século XIX, sendo seu interesse cada vez maior, isto mostra que a

²⁴ O que apresento aqui, é uma síntese do ensaio teórico para o exame de qualificação, Mendoza, Edgar. *Da Sociologia à Antropologia : o resgate da noção de geração*. IFCH-UNICAMP. (inédito). 27 pp.

geração é um fenômeno histórico, social, econômico, biológico com sucessão e relevo de gerações.

Na atualidade há uma “popularização” da noção e as rotulagens, “geração de 68” “geração *New Wave*” “geração *Net*” “geração coca-cola” “geração XXI”, etc.,²⁵ são rótulos que estão na linguagem do cotidiano das pessoas. Alguns intelectuais, revolucionários, políticos e mais recentemente publicitários do mercado cultural exploram o termo. Enfim, todos falam em geração, mas esta popularização não é necessariamente ruim. Pelo contrário, demonstra como uma categoria social está presente no senso comum das pessoas. Uma geração não é uma massa ou um grande grupo coletivo que nasceu no mesmo ano ou viveu em um mesmo tempo, a geração é algo mais do que isso. As gerações movilizam-se sucedem-se no poder, umas desaparecem e são substituídas por outras, todo um processo dinâmico na história.

Uma geração encontra-se na situação no mundo dos predecessores, contemporâneos e sucessores como diria Schütz,²⁶ em primeiro lugar, o mundo dos predecessores que está na história, sendo o indivíduo um observador e não um ator em mundo já determinado (:237), em segundo lugar, o mundo dos contemporâneos da coexistência simultânea (:172), e em terceiro lugar, o mundo dos sucessores, um mundo indeterminado e indeterminável (:242). A relação com

²⁵ Um destes rótulos corresponde à famosa “*génération du feu*” que morreu na primeira guerra mundial de 1914-1918 foi considerada uma “massacre intelectual” Winock, Michel. 1989. “Les générations intellectuelles”. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*. (Numero Special) Les générations. pp.17-38. p. 24. Nela morreram alguns dos colaboradores de Émile Durkheim de l'equipe de l'Année Sociologique como Robert Hertz, Jean Reynier, Antoine Bianconi, Maxime David, Henry Beuchat, Georges Gelly, incluindo o filho de Durkheim Cf. Besnard, Philippe. 1979. 'La formation de l'équipe de l'Année sociologique". *Revue Française de Sociologie*. Vol. XX(1):7-31.

²⁶ Schütz, Alfred. 1972. *Fenomenologia del mundo social: introducción a la Sociologia comprensiva*. Buenos Aires:Editorial Paidós.

a geração permite fazer esta ponte com a proposta de Schütz, no qual geração estará interagindo nos três mundos sociais.

A leitura da bibliografia me despertou algumas questões como: A geração é um fenômeno social ou biológico? Quais as fronteiras e limites? É uma noção flexível ou elástica? A geração é um medidor ou uma construção arbitrária do tempo? É uma periodização arbitrária? Uma construção do historiador que classifica e rotula? Qual a relação com a classe social? É uma unidade de medida? Uma simples fórmula aritmética ou estatística? Qual é o papel da geração no processo histórico? Qual é o período de tempo de uma geração? É possível identificar diferenças, problemas metodológicos e limites? Finalmente, a pergunta principal: A flexibilidade da noção permitiria ser utilizada no estudo de um campo intelectual? As possíveis respostas poderiam indicar se a geração é uma categoria arbitrária, vaga, ambigua ou polisémica.

Estas questões me levaram a pensar alguns problemas como: se a noção é abrangente, uma espécie de tipo “guarda chuva” que excluiria situações de classe, religião, etnia e idade. Uma geração não é homogênea nem coerente, é heterogênea e dentro dela existem divisões, valores, vivências e pensamentos, de igual forma esta diversidade leva a que existam frações ou unidades de geração em que as vezes uma minoria é a representante.²⁷

Alguns historiadores propõem que para definir uma geração precisa-se de um evento ou acontecimento datador que mude uma realidade e que produza uma identidade de grupo

²⁷ Bem poderia ser uma fração de geração como o nosso grupo de antropólogos.

que identifica-se com o evento, seja passado ou presente; no entanto, a meu ver, nem todo o grupo participa ou é influenciado. Aliás, o evento pode ser construído pelo historiador ou pelos participantes como também os eventos não têm uma periodicidade.²⁸ As gerações as vezes são definidas como curtas e longas, efetivas e potenciais. Acredito que esta proposta é extrema, já que creio que existem termos intermediários como uma geração de transição ou intermediária, além disso existe uma parte em qualquer geração que é silenciosa.

Um outro problema consiste na mobilidade geográfica, se é regional, nacional ou internacional. Outras questões, que poucos autores discutem são a memória geracional, distância e decadência de uma geração, solidariedade, amadurecimento e continuidade de pensamento. Finalmente, pode-se pensar em “representantes de uma geração” na falta de uma geração mais abrangente e complexa?

Fazendo uma breve história do termo geração vemos a sua antigüidade. Em um primeiro momento, tanto na Grécia antiga quanto em alguns livros antigos como a *Iliada* de Homero como em outros autores como Diómedes, Minetaus, Pericles, Solon, Diógenes, Herodoto, Tucídides, Sócrates e Pitágoras, podem-se encontrar genealogias e gerações.²⁹ Um segundo momento, começou no século XIV.³⁰ Mas foi no século XIX, época em que a noção cobra interesse nos cientistas em que se encontram os pioneiros. Mariás classificou os cientistas numa ordem cronológica, no meu caso, decidi classifica-los por duas escolas: a

²⁸ No caso das Ciências Sociais brasileiras dois fenômenos poderiam ser tomados em conta, o Golpe de 64 e a criação dos Programas de Pós-Graduação nos anos 70.

²⁹ Para Nash, Laura. 1978. “Concepts of Existence: Greek origins of Generational Thought”. *Daedalus*. Vol. 107(4):1-21, Herodoto e Hesíodo, foram os primeiros em fazer “mapas genealógicos”.

francesa³¹ e alemã (como veremos a seguir com Dilthey e Pinder), ainda que existem cientistas que não se encaixam em uma escola de pensamento.³²

Um terceiro momento iniciou-se no século XX, no qual se desenvolveram avanços sobre o estudo das gerações, sobressaindo Karl Mannheim (voltarei a ele depois). A noção de geração de Mannheim foi sugerida em um contexto intelectual nos anos 20, no meio de duas escolas, como a positivista na posição do darwinismo social representada pela Escola francesa com F. Mentré, e a Escola histórico-romântico com W. Dilthey³³ e W. Pinder.³⁴ E na Espanha, com uma proposta mais filosófica de Ortega y Gasset, que não chegou a ser uma Escola. Tanto Mentré quanto Ortega y Gasset foram contemporâneos de Karl Mannheim.

³⁰ Não entrarei em detalhe deste período dos séculos XIV-XVIII, já que esta amplamente documentado por Mariás, Julián. [1949] (1967). *El método histórico de las generaciones*. Madrid:Editorial Revista de Occidente, S.A. No entanto, no que tange aos séculos XIX-XX, me apio em este autor como veremos a seguir.

³¹ Na Escola francesa, Auguste Comte (1798-1857) foi o iniciador da teoria das gerações discutindo a duração da vida humana e sua evolução como uma geração. Segundo Comte, a duração de uma geração é de 30 anos. Um outro cientista francês Justin Dromel (1826- ?) deu um passo a frente ao diferenciar teoria e história. Para Mariás, Dromel foi o primeiro a se desligar da genealogia (*ibid.*:43-45). Em seguida temos a Jean-Louis Guiraud (1753-1813) que definiu a geração em 15 anos sendo o período de 75 anos que compreenderia 5 idades de 15 (*ibid.*:47), o economista e matemático Antoine Augustin Cournot (1801-1877) foi o primeiro a explicar que as épocas se sucedem e que os eventos estão articulados com as gerações, do mesmo modo o século estaria dividido em três gerações (*ibid.*:49, 50).

³² Entre cientistas que estão fora das duas escolas, temos o filósofo inglês John Stuart Mill (1806-1873), para o qual a sociedade é entendida como uma série de situações sucessivas que são substituídas historicamente. O historiador italiano Giuseppe Ferrari (1812-1876), introduz as gerações na história política e define que a cada 30 anos muda o cenário de uma geração (Mariás *ibid.*:51).

³³ Na Escola alemã, Gustav Rümelin (1815-1889) foi o primeiro a trabalhar a geração desde o ponto de vista da estatística e da demografia sendo a noção uma medida de tempo (Mariás *op.cit.*:58). O historiador Wilhelm Dilthey (1833-1911) utiliza a geração nos estudos culturais toma como base os 30 anos, para ele a geração é heterogênea, mas o grande aporte de Dilthey é assinalar a contemporaneidade nos sujeitos dentro de uma geração (*ibid.*:63). Finalizando o século XIX temos a Leopold Von Ranke (1795-1886) e Ottokar Lorenz (1832-1907), que incluem duas propostas, a periodização e a psicologia na análise da herança nas gerações Mariás, Julián. 1968. "Generations". In: *International Encyclopedia of the Social Sciences*. David L. Sills (ed). The Macmillan Company & The Free Press. pp. 88-92. p. 89.

³⁴ No caso de Wilhelm Pinder foi o primeiro a distinguir contemporâneo (indivíduos da mesma época) e coetâneo (indivíduos da mesma idade) (Mariás 1967:121). Consulte-se também Fields, A. Belden. 1994. "Aperçu du problème des generations: Mentré, Ortega et Mannheim". *L'Homme et la Société*. No. 111-112 (1-2:7-22. p. 17).

No caso de François Mentré que publicou o livro *Les Génération sociales* [1920], nele mostrou a relação entre filosofia, realidade social, história e a contemporaneidade, como ligada a crenças e desejos em termos psicológicos e morais. Para Mentré “no son los acontecimientos los que encuadran las generaciones, sino las generaciones quienes encuadran los acontecimientos” (Marías 1967:115), Mentré concebe a geração como parte de um Estado-Nacional e da luta de um nacionalismo.³⁵

Depois de Mentré, foi José Ortega y Gasset (1883-1955) que propôs o método histórico das gerações.³⁶ Filósofo, escritor, historiador e político espanhol, Ortega y Gasset desde 1914 até 1943 estudou as gerações. Para Ortega y Gasset, não existe sucessão nem substituição, já que várias gerações podem coexistir juntas. Ortega y Gasset propõe uma tabela aritmética de idades do seu método de seriação. Na história da vida existiriam cinco idades de 15 anos: a) infância, b) juventude, c) iniciação, d) predomínio e velhice. As idades de iniciação e predomínio seriam as mais amadurecidas, já que uma geração vive 15 anos de gestação e 15 anos de gestão (1958:50). Esta seria a zona de dados que constitui em datas de 15 em 15 anos³⁷, ficando claro o conflito entre duas gerações, dois mundos diferentes. Neste ponto Ortega y Gasset faz uma aclaração, ambas gerações coexistem são simultâneas

³⁵ Fields (*op.cit.*:18, 19); Segundo, Attias-Donfut, Claudine. 1988. “La notion de génération, usages sociaux et concept sociologie”. *L’Homme et la Société*. No. 90 (4):36-40. p. 40, Mentré definiu quatro tipos de gerações: a) gerações sociais, b) familiares, c) espirituais e d) históricas. Por outro lado, Julius Petersen, propõe os fatores formativos da geração, sendo, a) herança, b) data de nascimento, c) elementos educativos, d) comunidade pessoal, e) experiências de geração, f) a liderança ou caudilho, g) diminuição da velha geração (Marías *op.cit.*:125).

³⁶ Ortega y Gasset, José. [1923] (1956). “La idea de las generaciones”. In: *El tema de nuestro tiempo: ni vitalismo ni racionalismo, el caso de las revoluciones, el sentido histórico de la teoría de Einstein*. Madrid:Revista de Occidente. pp. 3-11 e 1958. “El método de las generaciones en historia”. In: *Obras Completas*. Tomo V:43-67.

³⁷ A questão numérica da geração levanta suspeitas em alguns cientistas como Sirinelli, Jean-François. 1996. “A geração”. In: *Usos e abusos da história oral*. Marieta Ferreira e Janaína Amado (orgs.). RJ:Fundação Getúlio Vargas. pp. 131-137, que faz a pergunta: a geração é um medidor de tempo ou divisor do tempo ou uma periodização? Sua dúvida está na questão historiográfica pelo fato de-se relacionar com o tempo curto e a presença de um acontecimento. A noção de geração, para ele, deve ser “elástico” tomado como uma “escala móvel do tempo” sendo estudado com seus próprios limites.

e contemporâneas, não existe neste momento sucessão nem substituição, atuando as gerações em um mesmo tempo histórico.

O método de Ortega y Gasset foi amplamente divulgado e defendido por um discípulo dele, Julián Marías (1967:88-92), para ele, Ortega y Gasset conseguiu dar um corpo filosófico ao método, Marías acrescenta a localização das gerações dentro de uma estrutura social cíclica com discontinuidades e articulações, os fatores estruturais não são contínuos nem graduais, eles têm uma variação histórica.³⁸ Finalmente Marías no seu livro esqueceu dois importantes historiadores da *École des Annales*.³⁹

Karl Mannheim, e o problema sociológico das gerações [1928]:

³⁸ Para Marías os elementos empíricos devem ser rigorosos e cautelosos. Segundo, Jaide, Walter. 1968. "As ambigüidades do conceito de 'geração'". In: *Sociologia da juventude II: para uma Sociologia diferencial*. (Sulamita de Brito, organização e introdução). RJ:Zahar Editores. pp. 15-27. p. 17, 26 sugere a importância de levantamentos empíricos merecedores de crédito para fazer um exercício de gerações comparadas, e continua "De qualquer maneira, isso (a geração) deveria ser comprovado empiricamente e não deduzido mentalmente". Poucos autores escrevem sobre uma questão metodológica de levantamento empírico das gerações. Mas voltemos com outro texto de Marías, Julián. 1961. "Dinámica de las generaciones". In: *La estructura social*. Obras Completas. Madrid:Revista de Occidente. Tomo VI:194-205, em que afirma, que em uma geração existe uma pluralidade de níveis no qual coexistem simultaneamente homens de idades distintas sendo contemporâneos. Em uma época as gerações estão em movimento sucedem-se no poder e se movimentam e desaparecem. Para Marías, as gerações podem ser capturadas em representantes geracionais (epônimos) núcleos de geração, caracteres comuns, fronteiras de geração, vidas individuais que em determinado momento são coletivas. Embora Marías apoia o método de Ortega y Gasset existem críticas a ele. Vejamos agora uma crítica de um sociólogo russo, Kulichenko, L. 1979. "'Círculo cuadrado' o 'método de generación' de la visión histórica de José Ortega y Gasset". In: *La sociedad y la sucesión de las generaciones*. L. Moskívitov (comp). Trad. J. Bayona. Moscou:Editorial Progreso. pp. 57-75 de uma perspectiva do marxismo, oferece uma interessante crítica a este método. Começa manifestando que existe uma negação das classes sociais (já Mannheim fazia esta observação em 1928, mas não referia-se a Ortega y Gasset), que o método fica à margem das condições sociais, econômicas e políticas tomadas como contexto e das contradições de classe, desigualdade social, exploração, interesses de classe. Este método limitar-se-ia a estudar determinadas particularidades de idade, biologia, ciclo de vida, psicologia. Nega-se a luta de classes entre os grupos sociais, o conflito de gerações fica reduzido a velhos e jovens. Acredito que uma geração não pode se desligar da sua filiação de classe e do conflito que isto traz entre opressores e oprimidos, fator que vale a pena tê-lo presente.

³⁹ Representada por Lucien Febvre e March Bloch, para o primeiro que em 1929 escreveu que a noção de geração é "confuse, inutile, parasite" incapaz de explicar um tempo longo, já o segundo em 1941 escreveu todo o contrário, a geração permite medir e compreender a história social (citados por Azema, Jean Pierre. 1989. "La clef générationnelle". *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*. (Numero Special) Les générations. pp. 3-10. p. 6. A crítica de Febvre referia-se também às unidades de geração argumentando a necessidade de distinguir o comportamento coletivo e evitar o radicalismo de se centrar em um grupo de idade minoritário, além disso existindo variáveis como política, intelectualidade, religião, economia, que devem ser tomadas em conta (citado por Spitzer, Alan. 1973. "The Historical Problem of Generation". *The American Historical Review*. Vol. 78(5):1353-1385. p. 1358.

Em síntese, todos os autores citados anteriormente, foram importantes no início do século XX, no entanto, na minha opinião, somente um conseguiu levar a noção de geração a um status analítico e teórico: Karl Mannheim (1893-1947). A geração foi gestada dentro da Sociologia do conhecimento na relação das formas intelectuais e culturais e os fenômenos sociais.⁴⁰ A questão da mudança social, o problema sociológico de compreensão social, as diversas situações sociais e políticas, foram o contexto interpretativo de Mannheim quando desenvolveu a noção de geração.⁴¹

Para Mannheim o problema das gerações é importante o suficiente para ser considerado, sendo indispensável para entender a estrutura dos movimentos sociais e intelectuais. Acredito que Mannheim escreveu a proposta mais original até agora e é por isso que aviso ao leitor que descreverei detalhadamente como Mannheim desenvolve sua análise sociológica das gerações e das unidades de geração.⁴²

Para Mannheim, a geração não é um grupo concreto como uma tribo, seita ou de uma comunidade. É um fato coletivo em que os membros têm conhecimento uns dos outros. *“A geração não é um grupo concreto no sentido de uma comunidade, ou seja, um grupo que não pode existir sem seus membros teriam um conhecimento concreto uns dos outros compartilhando, um ‘espírito da época’.”* (Mannheim 1982:69). A geração, não pode estar isolada de uma posição de classe nem de uma estrutura social, *“... é considerada enquanto*

⁴⁰ Perivolaropoulou, Nia. 1994. “Temps socio-históriques et générations chez karl Mannheim”. *L’Homme et la Société*. No. 111-112 (1-2):7-22. p. 25.

⁴¹ Sánchez de la Yncera, I. 1993. “La Sociología ante el problema generacional: anotaciones al trabajo de Karl Mannheim”. *REIS: Revista Española De investigaciones Sociológicas*. No. 62:142-192. pp. 149-151.

⁴² Mannheim, Karl. 1982. “O problema sociológico das gerações”. In: *Mannheim*. Marialice Mencarini Foracchi (org.) São Paulo:Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais). pp. 67-95.

fenômeno social com uma posição de classe e consciência de classe localizadas em uma situação comum, no qual vários indivíduos estão numa estrutura social tanto em classes como gerações” (:70, 71). Segundo Mannheim “situação da geração está baseada na existência de um ritmo biológico na vida humana, os fatores de vida e morte, um período limitado de vida, e o envelhecimento. Os indivíduos que pertencem à mesma geração, que nasceram no mesmo ano, são dotados, nessa medida, de uma situação comum na dimensão histórica do processo social” (:71), isto não em apoio ao biologismo, simplesmente este fator tem que ser visto como social, sendo o campo da demografia social que se tem preocupado com esta questão.⁴³

Para Mannheim, *“Se não fosse pela existência de interação social entre seres humanos, pela existência de uma estrutura social definida e pela história estar baseada em um tipo particular de continuidade, a geração não existiria como um fenômeno de localização social; existiria apenas nascimento, envelhecimento e morte” (:72), se fosse desta forma, esta perspectiva seria uma proposta evolucionista e biológica do positivismo. Neste caso, Mannheim se distancia desta forma de pensar, e localiza a geração como um fator mais socio-histórico.*

Mannheim expressa: *“... que o fato de pertencer à mesma classe e de pertencer à mesma geração ou grupo etário, têm em comum que ambos proporcionam aos indivíduos*

⁴³ Principalmente com a noção de *cohorte*, equivalente a geração, Cachon R. Lorenzo. 1975. “Cohorte”. In: *Diccionario de Ciencias Sociales*. UNESCO. pp. 437-438; Carlsson, Gosta e Katarina Karlsson. 1970. “Age, Cohorte and the Generation of Generations”. *American Sociological Review*. Vol. 35(4):710-718; De Martini, Joseph. 1985. “Change Agents and Generational Relationship: A Revaluation of Mannheim’s Problem of Generations”. *Social Forces*. Vol. 64 (1):1-16; Ryder, Norman .B. 1968. “Cohort Analysis”. In: *International Encyclopedia of the Social Sciences*. David L. Sills

participantes uma situação no processo histórico e social, portanto os restringe a uma gama específica de experiência potencial, predispondo-os a um certo modo característico de ação historicamente relevante ... (:72). Mannheim considera: "... que o fenômeno social da geração não representa nada mais que um tipo particular de identidade de situação abrangendo grupos etários relacionados, incrustados em um processo histórico-social. Enquanto a natureza da posição de classe pode ser explicada em termos de condições econômicas e sociais, a situação etária é determinada pelo modo como certos padrões de experiência e de pensamento tendem a ser trazidos à existência pelos dados naturais da transição de uma para outra geração" (:73).⁴⁴ A ênfase na questão do processo social e histórico em que localiza-se a geração, mostra-nos como estes fatores não podem ser desligados, já que não existem gerações isoladas ou simplesmente numéricas ou biológicas.

Segundo Mannheim:

"a) Novos participantes do processo cultural estão surgindo, enquanto, b) antigos participantes daquele processo estão continuamente desaparecendo, c) os membros de qualquer uma das gerações apenas podem participar de uma seção temporariamente limitada do processo histórico, d) é necessário, portanto, transmitir continuamente a herança cultural acumulada, e) a transição de uma para outra geração é um processo contínuo (:74). Essa herança seria transmitida por uma memória social, memórias apropriadas e memórias adquiridas pessoalmente (:76, 78).⁴⁵ A nossa cultura é desenvolvida por indivíduos que entram de maneira diferente em contato com a herança acumulada" (:74).

(ed). The Macmillan Company & The Free Press. pp. 546-550 e 1970. "The Cohort as a Concept in the Study of Social Change". In: *Social Demography*. Thomas R. Ford and Gordon F. de Jong (eds). Englewood Cliffs, N.J.:Prentice-Hall. pp. 90-97.

⁴⁴ A geração de 70 teve uma experiência comum nessa época, o crescimento urbano e ditadura no Brasil, e todas as conseqüências que trouxe.

⁴⁵ Vale a pena mencionar que o grupo de antropólogos tem uma memória geracional que pode ser resgatada e estudada.

Esta citação nos leva a pensar do valor do contexto histórico, no qual o tempo e contemporaneidade devem ser trabalhados.⁴⁶ Em outro lugar Mannheim indica a importância da contemporaneidade quando relacionada com uma situação histórica concreta onde existe uma participação maior e interação entre grupos:

“Não é difícil perceber porque a mera contemporaneidade cronológica não pode por si própria produzir uma situação de geração comum ... Somente onde os contemporâneos estão definitivamente em posição de partilharem como um grupo integrado, de certas experiências comuns podemos falar corretamente de similaridade de situação. A mera contemporaneidade torna-se significativa sociologicamente apenas quando envolve também a participação nas mesmas circunstâncias históricas e sociais (:80). Assim, a contínua mudança nas condições objetivas tem sua contrapartida em uma contínua mudança nas novas gerações seguintes, que são as primeiras a incorporar as mudanças em seu sistema de comportamento ... A geração mais nova tende a adaptar-se à mais antiga, mesmo a ponto de se fazer parecer mais velha. Com o fortalecimento da dinâmica social a geração mais antiga se torna cada vez mais receptiva às influências da mais nova ... dentro disto se encontram as gerações intermediárias (:84)⁴⁷ que também podem coexistir simultaneamente ou seja serem contemporâneas ...”

Além de uma geração intermediária, existe uma geração decisiva, que estaria caracterizada por uma geração precursora e continuadora de um pensamento que marca uma mudança social em um período de tempo. O historiador teria que pontualizar essa geração para trabalhá-la como ponto de referência, embora, e uma geração existe uma fração silenciosa que não se manifesta.

Uma outra questão que Mannheim indicou, consiste na mobilidade social das gerações: “... para participar de uma situação de geração é preciso nascer dentro da

⁴⁶ Girardet, Raoul. 1983. “Du concept de génération a la notion de contemporanéité”. *Revue d'histoire moderne et contemporaine*. Tome XXX :257-270.

mesma região histórica e cultural, um nexo de participação no destino comum numa similaridade de situação, vendo-se a geração enquanto realidade com um vínculo concreto” (:86). Aqui, pode-se expor a importância da mobilidade geográfica e social através de migrações e imigrações que podem ser estudados pela Antropologia, Sociologia e a Demografia. Se pensarmos em uma migração campo-cidade diversos grupos podem ser formados por várias gerações, todas elas coexistindo no mesmo período de tempo. Cada uma levando seus laços primários, cultura, representações sociais para as grandes cidades.

Unidades de geração:

Para Mannheim (:69), dentro de uma geração real existem unidades menores como as unidades de geração, que não são especificamente um tipo de grupo concreto, embora algumas vezes possa acontecer um sentimento pela unidade de uma geração que pode levar à formação de grupos específicos.

“A unidade de geração representa um vínculo mais concreto que a geração real, pode-se dizer, que os jovens que experienciam os mesmos problemas históricos concretos fazem parte da mesma geração real. Enquanto aqueles grupos dentro da mesma geração real que elaboram o material de suas experiências comuns através de diferentes modos específicos, constituem unidades de geração separadas (:87) ... podem então surgir unidades de geração particulares. Elas se caracterizam pelo fato de que não envolvem apenas a livre participação de vários indivíduos em um padrão de acontecimentos partilhado igualmente por todos (embora interpretado diferentemente por indivíduos diferentes), mas também uma identidade de reações, uma certa afinidade no modo pelo qual todos se relacionam com suas experiências comuns e são formados por elas ... Assim dentro de qualquer geração podem existir várias unidades de geração diferenciadas e antagônicas.

⁴⁷ Se partimos do suposto que temos uma geração formada academicamente entre 1940-1960 e a minha geração entre 1980-2000, teremos uma geração intermediária ou de transição formada entre 1960-1980, seria a geração de 70?

Juntas, elas constituem uma geração real, precisamente por estarem orientadas umas em relação às outras, mesmo se apenas no sentido de se combaterem entre elas (:89)”.⁴⁸

Na minha opinião, a existência de grupos menores que a unidade de geração como uma fração ou representantes de uma geração, poderia ser mais ajustável a um campo científico da Antropologia Urbana, já que existiria uma dificuldade de conhecer na sua totalidade uma geração real ou complexa. Devido a amplitude da noção de geração, para Mannheim:

“... a unidade de geração tende a impor um vínculo muito mais concreto e constringente sobre seus membros por causa do paralelismo de reações que ela envolve. Na realidade, tais atitudes integradoras partidárias, e abertamente criadas, caracterizam as unidades de geração, elas não surgem espontaneamente sem um contato pessoal entre indivíduos, aparecem em uma “situação comum” (:90). A unidade de geração como a descrevemos, não é, enquanto tal, um grupo concreto, embora realmente tenha como núcleo um grupo concreto que desenvolve as novas concepções mais essenciais, as quais subsequente-mente foram desenvolvidas pela unidade (:90)”.

Neste ponto, como estratégia metodológica qualquer estudo que tente analisar uma geração deve considerar esta limitação, podendo-se escolher uma amostra de uma geração, mas sem pretensões de generalizar. O fato de alguns cientistas tomar a geração como uma perspectiva abrangente de integrar nos seus estudos macro-grupos, grupos totais de idade é arbitrário e perigoso, levando a uma discriminação de grupos, etnias e sexo (Kriegel *op.cit.*:29, 30).

⁴⁸ Uma geração real bem poderia ser a geração de cientistas sociais na década de 70, e a unidade de geração seria o grupo de antropólogos urbanos, e junto com eles outras unidades, consideradas como, frações e fragmentos de geração, ou como indiquei antes, representantes de geração.

Brevemente observamos as noções de geração e unidade de geração de Mannheim perspectiva teórica que influenciou estudos posteriores sobre conflitos de gerações, classes sociais e o surgimento das chamadas gerações políticas.

Gerações políticas:

O estudo das gerações políticas, oferecem um corpo de trabalhos que utilizaram a noção de geração para interpretar determinados fenômenos sociais.⁴⁹ Cientistas políticos, sociólogos políticos e historiadores uniram a política e a geração. As décadas de 60 e 70 foram o cenário destes trabalhos tendo em vista os movimentos sociais, as revoluções, políticas, mudança social, conflito intergeracional e intrageracional, tensões e luta de classes foram objetos de estudo.

Discutir sobre a geração política, pode nos ajudar a compreender como uma geração de cientistas sociais no Brasil, atuavam em um momento histórico político como foi a ditadura nos anos 70, e como as Ciências Sociais se desenvolveram, entre elas a antropologia que se aproximava dos grupos urbanos de uma classe média e de classes populares tentando entender os seu modo de vida e sua posição política.

Os conhecidos grupos de consciência com interesses comuns no conflito social, permitem afirmar uma consciência nacional ou de classe, isto se diferencia dos estudos das gerações românticas e clássicas, sendo que as diferenças geracionais e sociais convertem-se

⁴⁹ Auzias, Claire. 1994. "Les générations politiques". *L'Homme et la Société*. No. 111-112 (1-2:77-87). p. 80; Rintala, Marvin. 1968. "Political Generations". In: *International Encyclopedia of the Social Sciences*. David L. Sills (ed). The

em uma ferramenta de análise. No estudo do totalitarismo, a juventude converte-se em um elemento de luta com consciência social.⁵⁰ A riqueza destes estudos mostra o interesse dos cientistas, em interpretar, com a noção de geração o cenário político. Assim, disciplinas como Sociologia Política,⁵¹ Ciência Política,⁵² História Política e das Idéias,⁵³ e geração e memória,⁵⁴ adquirem importância nas Ciências Sociais.

Neste contexto, como indiquei antes, surge o conceito de geração política que focaliza a interseção entre biografia, história e estrutura social em que os indivíduos possuem experiências políticas relevantes, valores, relações e processos e eventos sociais (Zeitlin *op.cit.*: 508). Uma geração política bem poderia ser os movimentos juvenis ou

Macmillan Company & The Free Press. pp. 92-96. p. 93; Zeitlin, Maurice. 1966. "Political Generations in the Cuban Working Class". *The American Journal of Sociology*. Vol. LXXI(5):493-508.

⁵⁰ Fernández, A. Melchor. 1975. "Generación". In: *Diccionario de Ciencias Sociales*. UNESCO. pp. 940-942. p. 941.

⁵¹ Nesta área temos, Arab-Ogly, E. *et.alii*. 1979. "Carácter contradictorio de la sucesión de las generaciones en la sociedad capitalista contemporánea y esencia social de la teoría del 'conflicto de las generaciones'". In: *La sociedad y la sucesión de las generaciones*. L. Moskvichov (comp). Trad. J. Bayona. Moscou:Editorial Progreso. pp. 76-120; Attias-Donfut (*op.cit.*); Devriese, Marc. 1989. "Approche sociologique de la génération". *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*. (Numero Special) Les générations. pp.11-16; Kertzer, David. 1983. "Generations as a Sociological Problem". *Annual Review of Anthropology*. Vol. 9:125-149; Moskvichov, L. 1979. "El problema de la sucesión de las generaciones y la lucha ideológica contemporánea". In: *La sociedad y la sucesión de las generaciones*. L. Moskvichov (comp). Trad. J. Bayona. Moscou:Editorial Progreso. pp. 9-28.

⁵² Aquí teríamos, Bénétou, Philippe. 1971. "La génération de 1912-1914: image, mythe et réalité". *Revue Française de Science Politique*. Vol. XXI(5):981-1008; Keller, Morton. 1978. "Reflections on politics and generations in America". *Daedalus*. Vol. 107(4):123-135; Percheron, Annick. 1982. "Préférences idéologiques et morale quotidienne d'une génération à l'autre". *Revue Française de Science Politique*. Vol. 32(2):185-209.

⁵³ Nesta área temos, Afanáieva, A. 1979. "Proceso histórico y cambio de generaciones". In: *La sociedad y la sucesión de las generaciones*. L. Moskvichov (comp). Trad. J. Bayona. Moscou:Editorial Progreso. pp. 29-39; Annan, Noel. 1978. "Our age: Reflections on three Generations in England". *Daedalus*. Vol. 107(4):81-109; Capdenat, Constance. 1989. "Les enfants terribles de la nouvelle vague". *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*. (Numero Special) Les générations. pp. 45-51; Lazo, Raimundo. 1973. *La teoría de las generaciones y su aplicación al estudio histórico de la literatura cubana*. México:Universidad Autónoma de México. Centro de Estudios Literarios. Resumo do livro. Ana Lúcia Lanna. s.d. (xerox); Scale, Jessica. 1989. "Couple et génération: une histoire de haine et d'amour". *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*. (Numero Special) Les générations. pp.53-62; Schorske, Carl. 1978. "Generational Tension and Cultural Change: Reflection on the case of Vienna". *Daedalus*. Vol. 107(4):111-122; Wierling, Dorothee. 1993. "Three Generations of East German Women: Four Decades of GDR and After". *Oral History Review*. 21(2):19-30.

⁵⁴ Gallissot, René. 1994. "Génération sans mémoire". *L'Homme et la Société*. No. 111-112 (1-2):51-65; Schuman, Howard e Jacqueline Scott. 1989. "Generations and Collective Memories". *American Sociological Review*. Vol. 54(3):359-381.

estudiantis.⁵⁵ De um ponto de vista intrageracional (macrosocial) e intergeracional (microsocial) os conflitos e descontinuidades nas gerações são aspectos comuns.⁵⁶

A presença de uma relação entre geração e política produz um conflito intergeracional, surgindo uma nova geração que modificará as políticas do país (Keller *op.cit.*). Da mesma forma para Sirinelli a geração esta junto com a história política, isto é, está relacionada a um evento histórico político.⁵⁷ Um estudo de geração deve analisar os comportamentos coletivos, como temperamentos, representações, consciência etc, podendo ajudar a conhecer os grupos coletivos procurando uma “cultura geracional política” e uma “memória de classe”.

Sirinelli (1996:131-137) sugere que quando se analisa uma geração política, deve tomar-se em conta a ideologia, integração, homogeneização, participação de um mesmo evento, o que ele chama de “evento marcante” e que será importante no pensamento de geração. Sendo no âmbito histórico: no qual se produz uma mudança radical, a meu ver um fenômeno social um evento ou acontecimento importante como por exemplo o renascimento na Idade Média que poderia ser um evento datador ou inicial (Azema *op.cit.*:4), ou grande evento (Winock *op.cit.*:17), evento marcante (Girardet *op.cit.*:266) que definiria a memória da uma geração, como também poderia ser uma ruptura ou crise como por exemplo um evento político.

⁵⁵ Foracchi, Marialice. 1972. “Da geração à revolução”. In: *A juventude na sociedade moderna*. SP:Pioneira Editora. pp. 19-32; Riley, Matilda W. 1978. “Aging, Social Change, and the Power of idea”. *Daedalus*. Vol. 107(4): 39-52; Spitzer (*op.cit.*).

⁵⁶ Kriegel, Annie. 1978. “Generational difference: The History and Idea”. *Daedalus*. Vol. 107(4):23-38. p. 26.

⁵⁷ Sirinelli, Jean-François. 1989. “Génération et histoire politique”. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*. (Número Special) Les générations. pp. 67-80.

Para encerrar o tópico sobre a sociologia das gerações, gostaria de indicar alguns comentários finais em relação à noção. Posso dizer que possui um alcance explicativo que pode servir como uma hipótese de trabalho, assim como experimento ou pista, a ser explorada na análise de um grupo de antropólogos que participou na consolidação da Antropologia Urbana no Brasil na década de 70. Tentarei agora responder à algumas perguntas feitas no início do tópico, uma delas é indicar a flexibilidade da noção de geração que poderia ser utilizada na análise de um campo intelectual.

No caso de Mannheim, a geração é um grupo concreto, um fenômeno social com uma posição de classe situada numa história específica, sucessão, relevo e coexistência de contemporâneos e coetâneos. A sua proposta das unidades de geração como parte de uma geração real foi um passo importante, contudo gostaria de dizer, que considero a geração como um fato coletivo que participa de um contexto histórico social e político, coexistindo com várias gerações que são heterogêneas. De acordo a polisemia da noção permite um uso flexível e elástico, tanto para os estudos macrosociais quanto microsociais. Creio ser necessário indicar, alguns comentários pontuais sobre a geração que permitem uma síntese e um conhecimento mais detalhado de seus indicadores, metodologia e dificuldades:

Entre os indicadores proponho: Uma geração se localiza em um tipo de situação histórico-político e social, junto com circunstâncias particulares de sua época e de experiências simultâneas cumprindo o seu papel no processo histórico. A importância de uma obra e figura marcante significativa da geração também poderia defini-la.

Uma geração é heterogênea, dificilmente é homogênea e coerente, dentro dela existem divisões, valores, vivências e pensamentos. A geração tem um tipo de comportamento coletivo e experiências compartilhadas no seu ciclo de vida. Uma outra questão é a importância da mobilidade geográfica da geração seja regional, nacional ou internacional, assim como a importância da memória geracional, memória coletiva e individual seriam indicadores de definição de uma geração. Deve-se aclarar que dentro de uma geração real, existem unidades de geração, fração de geração ou mais especificamente “representantes de uma geração” que seria o mais ajustável e fortaleceria a amostra do grupo de antropólogos trabalhados na tese.

De um ponto de vista metodológico a geração apresenta alguns aspectos: efetivamente a geração é um medidor de tempo, uma construção arbitrária, incluindo sua periodização, também é uma construção do historiador que classifica e rotula. A coorte – como é usada pelos demógrafos- pode ser considerada uma fórmula aritmética e estatística, embora geração e coorte possam ser sinônimas sua utilização dependerá dos elementos metodológicos. Um outro factor consiste em definir um período de tempo de uma geração precisando-se de um evento ou acontecimento datador, produzindo uma identidade de grupo que identifica-se com o evento seja passado ou presente. Existem dificuldades para definir uma totalidade da geração, nem sempre todo o grupo participa do evento datador, nem é influenciado por ele. Aliás o evento pode ser construído pelo historiador ou pelos participantes, como também os eventos não têm uma periodicidade.

No que tange às dificuldades, é preciso evitar fazer generalizações arriscadas tendo pouco material empírico, assim como dificilmente podem-se definir as fronteiras e limites de uma geração como também seu período de tempo. A noção é abrangente e deve evitar-se excluir situações de classe, religião, etnia e idade. De igual maneira, existe uma geração de transição ou intermediária, assim como não se pode esquecer o conflito de classes e a ideologia.

Finalmente, deve-se evitar tipologias e taxonomias da geração ou propor uma repetição mecânica delas. Ainda existem dúvidas sobre os 15 e 30 anos, ou as três gerações por século até que ponto isso é arbitrário ou metodológico? a geração não pode ser definida por critérios estatísticos nem aritméticos.

3. A Sociologia das escolas de pensamento:

Por que a escolha do termo escola? O campo científico da Antropologia Urbana, se encontra influenciado por três escolas de pensamento como indiquei na introdução. Neste tópico através de um ângulo da Sociologia do conhecimento, como é a Sociologia das escolas de pensamento tenho como objetivo mostrar como a categoria de Escola de pensamento pode ser útil na análise do campo no nível teórico.

O termo escola de pensamento tem sido utilizado sem nenhuma análise, empregado em diversas situações, discursos, pesquisas etc., sem nenhuma reflexão. É difícil encontrar autores que definam o termo escola desde um ponto de vista sociológico, sendo esta uma

das minhas preocupações. O que seria uma escola de pensamento? Na história da Sociologia existiram grupos de cientistas agrupados em instituições que estudaram a realidade desde diversos ângulos, algumas vezes liderados por homens carismáticos capazes de desenvolver perspectivas teóricas originais, grupos que são considerados como constituindo escolas de pensamento.

Gostaria de indicar que em outras áreas, como na Literatura, História da Arte, Pintura, a noção de escola tem sido empregada, seja como um estilo literário, técnicas, representações ou como um pequeno grupo de um mestre e seus discípulos. Do mesmo modo não se deve confundir como uma seita, igreja, partido político, grande família ou irmandade religiosa, no qual existiria uma devoção, abnegação e obediência por parte dos seguidores em relação ao seu líder. Nas Ciências Sociais, pretende-se dar à noção um olhar mais sociológico com a finalidade de propor uma ferramenta válida de análise.

Na Sociologia, um dos precursores na utilização da noção foi o sociólogo Pitirim Sorokin no seu trabalho *Contemporary Sociological Theories [1928]*.⁵⁸ Pode-se dizer que foi o primeiro autor a escrever sobre as diversas escolas no pensamento sociológico. No seu livro propôs uma série de escolas como uma tipologia, entre elas; a escola de Le Play (:63-98), a escola geográfica (:99-193), escola antropológica-racial (:210-308), escola de interpretação sociológica da luta pela existência e a Sociologia da guerra (:309-356), escola sociológica (:433-487) e a escola psicológica (:600-659). Na introdução do livro, Sorokin (:XX-XXI) explica os seus critérios de análise, através de uma descrição em três planos (cronológico, econômico e biográfico); divide o livro em grandes escolas e suas variantes,

⁵⁸ Sorokin, Pitirim. 1928. *Contemporary Sociological Theories*. New York:Harper & Brothers.

representadas por uma linha de pesquisa específica, escreveu comentários sobre os predecessores e sua conexão com o passado e o presente; os seus princípios, generalizações e propostas.

Lendo as várias escolas que Sorokin, observei uma estrutura de análise como: a) existência de um campo de estudo, seus predecessores no tempo, os autores e obras, uma localização geográfica e temática, os líderes e sua ligação com colaboradores e seguidores, os métodos, os objetivos, as propostas, as categorias analíticas, as hipóteses e, finalmente, uma seção de crítica à escola. A riqueza do livro de Sorokin permite ter uma idéia dos indicadores de como analisar uma escola, apesar que Sorokin não pretendia nos anos 20 propor uma definição de escola, posso considerá-lo o pioneiro desta perspectiva. O minucioso estudo de Sorokin sobre o pensamento sociológico até 1928, foi uma primeira tentativa de mapear as teorias, autores, obras, discípulos de uma comunidade científica internacional, apoiando-se na noção de escola. Diferente de Sorokin e da Sociologia, Kuhn⁵⁹ para as Ciências Físicas defini o termo escola como:

“As escolas são uma característica dos primeiros estágios do desenvolvimento da uma ciência (: 37) ... no período pre-paradigmático quando se tem uma multiplicidade de escolas em competição, torna-se muito difícil encontrar provas de progresso a não ser no interior das escola (:205) ... há escolas nas ciências i.e comunidades que abordam o mesmo objeto científico a partir de pontos de vista incompatíveis estão sempre em competição e na maioria das vezes essas competições terminam rapidamente (:221) ... escolas competem pelo domínio de um campo de estudos determinado (:222)”.

⁵⁹ Kuhn, Thomas. 1975. *A estrutura das revoluções científicas*. SP:Editora Perspectiva.

Podemos notar que para Kuhn, as escolas estão em uma hierarquia menor que um paradigma bem como sua multiplicidade e competição. Vejamos agora a definição de Kuhn para paradigma para contrastar com o termo escola:

“Considero paradigma às realizações científicas universalmente reconhecidas que durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência (:13) ... no seu uso estabelecido, um paradigma é um modelo ou padrão aceitos (:43) ... tradição de prática científica (:117) ... os paradigmas determinam ao mesmo tempo grandes áreas da experiência (:165) ... um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente uma comunidade de homens que partilham um paradigma (:219) ... um paradigma governa em primeiro lugar não um objeto de estudo, mas um grupo de praticantes da ciência (:224).

Nas duas definições pode-se notar a diferença entre escola e paradigma, enquanto a escola está definida pela comunidade de cientistas e sua interação, o paradigma seria o sistemas de idéias que seria produto dos estudos de uma comunidade de cientistas. Mas isto corresponde à Ciências Físicas. Vejamos como os sociólogos definem uma escola de pensamento.

O principal autor de uma Sociologia das escolas de pensamento é Tiryakian⁶⁰ embora, na proposta dele, observamos influência em alguma medida de Robert Merton e sua Sociologia da ciência. Para Tiryakian o termo escola de pensamento é um conceito típico-ideal. Resumindo a definição, posso indicar as características gerais que o autor estabelece: a) a escola é um conceito heurístico, b) um grupo real de intelectuais localizados em tempo e espaço em um período formativo, c) um fundador líder como figura central e seus

seguidores, d) personalidade e carisma do líder como intelectual inovador com novas idéias, pontos de vista e orientações, d) a escola como uma instituição visível, e) membros heterogêneos dentro da escola, f) o paradigma inovador criado pelo líder como uma forma de análise conceptual da realidade, g) os seguidores podem ser da mesma geração do líder, h) novos membros *juniors* treinados pelo líder e seus seguidores *senior* como agentes de institucionalização, formalização e sucessão, i) a necessidade de uma revista para divulgar as ideais do grupo, assim como um editor dela, que também se encarregue de procurar financiamento institucionais importantes, j) a produção do trabalho por duas ou três gerações, k) a localização geográfica da escola, preferivelmente em áreas metropolitanas como as cidades pelo fato de ter acesso a outras disciplinas, canais de comunicação com colegas, publicações periódicas de jornais e l) a publicação de um documento ou manifesto da escola como uma maneira de manter uma identidade, por exemplo, as *Regras do método sociológico de Durkheim*, ou o *Manifesto do partido comunista de Marx* (:215-223).

A definição de escola de pensamento de Tiryakian, deixa de lado o contexto social em que ela foi produzida isto é, para ele o termo não é uma categoria histórica. As características gerais de escola de Tiryakian nos permitem saber como poderia se definir uma escola de pensamento na Sociologia e na Antropologia. Contudo, existem críticos da noção, como Amsterdamska⁶¹ o qual fez comentários sobre o termo escola, sugerindo os conflitos, desafios em determinados campos e períodos históricos, a dependência de uma

⁶⁰ Tiryakian, Edward A. 1979. "The significance of Schools in the Development of Sociology". In: *Contemporary Issues in Theory and Research: a Metasociological Perspective*. W. Snizek et.alii. (eds). London:Greenwood Press. pp. 211-233.

⁶¹ Amsterdamska, Olga. 1985. "Institutions and School of Thought: The Neogrammarians". *American Journal of Sociology*. Vol. 91 (2):332-358.

organização institucional e uma estrutura de autoridade e hierarquia entre a comunidade de cientistas e na ciência (:332-335).

Por outro ângulo, Harvey⁶² afirmou que o termo escola é ambíguo e vago, porque uma escola bem poderia ter variantes e não é identificável como uma unidade administrativa rígida. Para ele, uma escola de pensamento, bem poderia ser classificada como um pequeno grupo informal sem um departamento, subgrupos informais de um departamento, grupo informal de subgrupos de um departamento, subgrupo formal interdepartamental, grupo formal interdisciplinar e interdepartamental, grupos interfaculdades ou colleges ou uma organização autônoma de pesquisadores. Poderia ser uma rede de contemporâneos aceitando ou compartilhando idéias similares sem nenhuma crítica (:245-253) ou como diz (Crane 1972:87 citado por Harvey *op.cit.*:248), uma seita religiosa, igreja, doutrina ou política, relativamente fechada, que resiste às influências externas com uma visão ortodoxa. Para Harvey há um senso de missão, não existe o encorajamento a uma interdisciplinaridade, nem trabalho híbrido nas fronteiras disciplinares ou áreas de pesquisa (:24). A escola deveria de traspasar as fronteiras institucionais e não só pertencer a uma instituição central. Os comentários de Harvey à noção de Escola de pensamento em termos gerais complementam e refinam à definição de Tiryakian; segundo Harvey, a escola deve de ser mais aberta a outras influências teóricas.

A proposta e construção de Tiryakian do termo escola de pensamento como uma ferramenta de estudo na história da Sociologia é recente. Na bibliografia que consultei, a noção tem sido pouco trabalhada. No caso da Sociologia americana, o mesmo Harvey

(*op.cit.*) fez um trabalho sobre a Escola de Chicago aplicando e criticando a noção de escola. Por seu lado Faught⁶³ trabalhou a trajetória de Everett Hughes localizando-o como um reprodutor da Escola de Chicago na transmissão dos postulados metodológicos e pesquisa de campo.

Outros estudos tanto anteriores quanto contemporâneos da proposta de escola de pensamento de Tiryakian, são trabalhos historiográficos e interpretativos. Menos preocupados em pensar, analisar ou definir o termo. Me baseio em alguns autores escolhidos para este tratamento. Para os Estados Unidos, no que tange à Sociologia urbana destacam-se dentro dela várias escolas de pensamento.⁶⁴

No caso francês, temos vários trabalhos sobre duas escolas, a primeira foi a Escola Sociológica Francesa liderada por Émile Durkheim em que se discutem diversos aspectos da escola como colaboradores, revistas, contexto histórico etc.⁶⁵ A Segunda, a Escola dos *Annales* liderada por Marc Bloch e Lucien Febvre que contribuíram ao desenvolvimento de

⁶² Harvey, Lee. 1987. "The Nature of 'Schools' in the sociology of Knowledge: The Case of the 'Chicago School'". *The Sociological Review*. Vol. 35(2):245-278.

⁶³ Faught, Jim. 1980. "Pressuppositions of the Chicago School in the Work of Everett C. Hughes". *The American Sociologist*. Vol. 15(2):72-82.

⁶⁴ Este estudo é interessante porque sugere várias escolas de pensamento dentro da Sociologia urbana, como a escola de urbanização, escola do complexo ecológico, escola econômica, escola de ambiência, escola tecnológica, escola orientada para o valor e a escola do poder social, Sjoberg, Gideon. 1976. "Teoria e pesquisa em Sociologia urbana". In: *Estudos de urbanização*. Trad. E. Ribeiro Costa. Philip Hauser e Leo Schnore (orgs). SP:Livraria Pioneira. pp. 145-174.

⁶⁵ Numero especial da *Revue française de sociologie*, principalmente os artigos de Besnard, Philippe. 1979. "La formation de l'équipe de l'Anne sociologique". *Revue française de sociologie*. Vol. XX(1):7-331; Karady, Victor. 1979. "Stratégies de réussite et modes de faire-valoir de la sociologie chez les durkehiemiens". *Revue française de sociologie*. Vol. XX(1):49-82.

uma nova perspectiva na história. Esta escola foi analisada por dois historiadores intelectuais que mostraram o seu desenvolvimento.⁶⁶

Para o caso alemão, a Escola de Frankfurt com as lideranças de Theodor Adorno e Max Horkheimer foi feito um trabalho que menciona como o grupo se organizou e suas respectivas migrações na época da guerra.⁶⁷ Na Inglaterra, existiram as lideranças de Bronislaw Malinowski na *London School of Economics*, e de Alfred Radcliffe-Brown na Universidade de *Oxford* e *Cambridge* junto com uma geração de antropólogos britânicos entre 1930-1940.⁶⁸ Além, de Max Gluckman na Universidade de *Manchester* na direção do *Rhodes-Livingstone Institute* em *Zambia*.⁶⁹ Para o caso brasileiro, se escreveu sobre a Escola de Medicina da Bahia de Nina Rodrigues,⁷⁰ a Escola Paulista de Sociologia liderada por Florestan Fernandes,⁷¹ e das Escolas Bahiana e Paulista de relações raciais.⁷² Como observamos existe uma constante utilização do termo Escola de pensamento em diferentes trabalhos.

O período formativo das disciplinas é mais propenso ao surgimento das escolas de pensamento tanto menores quanto maiores, já que delimitaram entre elas os respectivos

⁶⁶ Burke, Peter. 1991. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. Trad. N. Odália. SP:Editora da UNESP; e Dosse, François. 1992. *A história em migalhas: dos Annales à nova história*. Trad. D. Da Silva R. Campinas:Editora da UNICAMP.

⁶⁷ Assoun, Paul-Laurent. 1991. A escola de Frankfurt. Trad. H. Cardoso. SP:Editora Ática; e Ortiz, Renato.1986. "A Escola de Frankfurt e a questão da cultura". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 1(1):43-65.

⁶⁸ Kuper, Adam. 1978. *Antropólogos e Antropologia*. Trad. A. cabral. RJ:Livraria Francisco Alves Editora S.A.

⁶⁹ Werbner, Richard P. 1984. "The Manchester School in South-Central Africa". *Annual Review of Anthropology*. Vol. 13:157-185.

⁷⁰ Corrêa, Mariza. 1998. *As ilusões da liberdade a escola de Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. FAPESP/USF.

⁷¹ Arruda, Maria Arminda do Nascimento. 1995. "A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a 'escola paulista'". In: *História das Ciências Sociais no Brasil*. Sérgio Miceli (org). SP:FAPESP/IDESP. Vol 2:106-231.

⁷² Guimarães, Antonio Sérgio Alfredo. 1999. "Baianos e paulistas duas 'escolas' de relações raciais". *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*. Vol. 11(1):75-95.

campos de estudo e suas identidades. A crítica coloca em evidência que o conceito típico-ideal de escola de pensamento precisa de um refinamento teórico, mas é possível utilizá-la como um instrumento de análise. Contudo, na minha opinião, as Escolas de pensamento aparecem em determinado contexto histórico e situação social.

4. Conclusão:

A proposta de Mannheim de uma Sociologia do conhecimento e sua relação com os momentos históricos ou épocas que determinam o pensamento sociológico junto com a ideologia e as utopias, permite uma perspectiva que se adapta ao surgimento de um campo científico, que estaria formado por um grupo de cientistas de várias gerações, junto com escolas de pensamento que interagem simultaneamente.

A Sociologia do campo científico de Bourdieu indica um caminho de como entender as relações sociais e de conflito que interatuam entre a autoridade e o poder, embora a definição de Bourdieu seja interessante, não é minha ênfase trabalhar as relações de poder no campo intelectual, estou mais interessado no nível teórico de como os problemas teóricos, categorias, abordagens e escolas de pensamento se articulam e influem nas pesquisas antropológicas urbanas no nível de pesquisa.

A Sociologia das gerações permitem estudar um grupo de intelectuais em determinado momento histórico e suas experiências tanto individuais quanto coletivas. Sabemos que existe

uma geração real complexa, unidades de geração e as chamadas frações, fragmentos ou “representantes de uma geração” sendo esta última a mais adequada para operar na tese.

A Sociologia das Escolas de pensamento mostra uma possibilidade de entender um grupo específico de cientistas que seguem uma linha teórica. Neste caso, permite reconhecer as três Escolas de pensamento que influenciaram o campo intelectual da Antropologia Urbana no Brasil nos anos 70.

Neste tópico está proposto o referencial teórico com as três categorias analíticas que utilizo para a análise de um campo disciplinar. No entanto, uma quarta categoria deve ser indicada, a categoria de cidade como veremos a seguir no capítulo III.

III

A CIDADE E SEU ESPAÇO NA TEORIA SOCIAL

Desde a antigüidade as cidades têm sido territórios de transformações históricas e sociais, mas foi no século XIX com o desenvolvimento do capitalismo e a revolução industrial que as cidades convertem-se em cenários de importância mundial. Nas vésperas do século XXI, a reorganização do mapa do mundo e o processo de globalização são parte da nova ordem mundial e mais do que nunca as cidades são parte essencial deste processo. As chamadas cidades globais são novos cenários de diversas transformações econômicas, políticas e sociais. As cidades grandes e pequenas continuam com seus problemas de marginalidade, migração, crescimento demográfico, urbanização e pobreza. No processo de globalização novos sujeitos e atores políticos, movimentos sociais, mudanças culturais, identidades, territórios, estão surgindo e são desafios teóricos para as ciências sociais.

“É principalmente na grande cidade que nascem as idéias de descontinuidade, fragmentação e pequeno relato, assim como de alienação, desencantamento do mundo e morte de Deus. Da mesma forma, é na grande cidade que nascem as idéias de historicidade, totalidade e grande relato, assim como de progresso, evolução, desenvolvimento e emancipação. Na grande cidade convivem o contemporâneo com o não contemporâneo, o desenraizamento e a desterritorialização, a multidão e a solidão, o zoom politikom e o lumpem, o gênio e a loucura, o santo e o iconoclasta, o comunista e o anarquista, o fascista e o nazista. É na grande cidade que a fábrica da sociedade produz todas as suas possibilidades, tanto modernidades como pós-modernidades ... Ocorre que a realidade sociocultural da grande cidade é sempre complexa, múltipla, intrincada, contraditória, reiterativa e em transformação. Essa é a realidade que contém as condições e as possibilidades de múltiplos estilos de vida e visões do mundo, simultânea e continuamente ... aí se revolucionam e se inventam as mais insólitas e surpreendentes formas do espaço e do tempo, da duração e da memória, do presente e do pretérito do próximo e do remoto, da desterritorialização e da reterritorialização, da realidade e da virtualidade ...

A cidade rima com modernidade e pós-modernidade; e muito mais quando se trata da grande cidade, metrópole, megalópole ou cidade global ... Acontece que cada um inventa a sua cidade, como refúgio e evasão” (Ianni 1999.:17, 22, 24, 25).

O trecho citado de Octavio Ianni, mostra que a cidade é um cenário heterogêneo em que encontramos múltiplos significados. Sabemos que as cidades tem vida, e foram testemunhos de diversos acontecimentos históricos, políticos e sociais. Como ignorar à cidade? como uma realidade ou categoria sociológica? Se a vida social acontece tão intensamente neste espaço de interação coletiva, como poderia ser estudada?

1. Teoria social e a cidade:

Porque a cidade? se partimos do fato que a cidade é sujeito histórico, categoria sociológica, objeto de pesquisa e protagonista da história, é preciso procurar sua definição em autores e obras clássicas da teoria social.⁷³ Na introdução e no Capítulo I.1, expliquei que a cidade junto com as outras três noções, campo científico, geração e escola de pensamento, são o meu esquema explicativo na tese. A escolha da cidade como categoria, deve-se ao fato que é o espaço de pesquisa do urbano. Acredito que dificilmente pode-se fazer uma pesquisa na ou da cidade, sem saber o que significa. Neste capítulo, apresento uma releitura de autores clássicos que considero precursores no estudo da cidade.

⁷³ O meu interesse sobre a cidade desde uma perspectiva sociológica não é restrito, existem perspectivas importantes como a Literatura, com autores como Angel Rama, Charles Boudelaire, Charles Dickens, Edgar Allan Poe, Emile Zola, Ítalo Calvino, Victor Hugo e Walter Benjamin.

Porque os clássicos? Me interessa saber como pensavam a cidade, o seu ponto de vista; todos eles foram contemporâneos em determinado momento, participando de processos históricos e políticos mundiais, como também todos quase da mesma idade nos seus determinados períodos de produção intelectual. Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) com a cidade industrial, Émile Durkheim (1858-1917) a morfologia social e cidade, Georg Simmel (1858-1918) a metrópole e o indivíduo, Max Weber (1864-1920) os tipos de cidade e Robert Park (1864-1944) com a cidade como laboratório social.⁷⁴ Todos, de diferentes tradições, enfoques, categorias sociais e épocas de produção intelectual, mas com um interesse em analisar esse fenômeno social chamado cidade

Para Marx e Engels, a cidade é o cenário do desenvolvimento do capitalismo, da luta de classes, do conflito, da desigualdade social, propriedade privada e do desenvolvimento histórico do capitalismo e do Estado. Para Engels, as condições precárias das cidades proletárias mostrariam as conseqüências do desenvolvimento do capitalismo principalmente na Inglaterra. Por outro lado, Durkheim nos mostra que a solidariedade orgânica estaria representada pelas sociedades superiores que possuem uma morfologia social no qual existem formas industriais de produção complexas. Nas cidades encontramos densidade, território e uma vida coletiva, em que os indivíduos têm interação entre si, produzindo diversas condutas sociais e personalidades urbanas, fator que será analisado por Simmel, o ser racional produto das cidades através da socialização, da cultura objetiva e a cultura subjetiva. Para Weber, a cidade é um local de mercado onde existe um poder político e

⁷⁴ Em uma pesquisa futura podem ser incluídos autores como, Ferdinand Tönnies (1855-1936) e Oswald Spengler (1880-1936) que ampliariam o conhecimento sobre a cidade. Principalmente o primeiro que influenciou com sua proposta da comunidade e sociedade, principalmente com a dicotomia, relações primárias (campo) e relações

jurídico, a racionalidade das relações sociais e autoridade, a dominação forma parte da burguesia urbana na cidade medieval. Foi Weber quem deu uma definição da cidade e tipos ideais de cidades. Na minha opinião, Robert Park consegue uma convergência dos clássicos, propondo uma teoria sobre a cidade, assim como instrumentos para pesquisá-la, sendo em 1915 um ponto de partida, de lá para cá, a cidade continua cativando e criando um fascínio a quem se dedica a seu estudo.

A importância dos clássicos que estudaram a cidade, deve-se ao fato de seu interesse desde uma perspectiva macro-social como um sistema total relacionado com outras cidades, e junto com ela, uma perspectiva micro-social na relação dos grupos sociais entre si e sua interação. Posso dizer que a cidade para eles foi a arena, cenário ou teatro de grandes transformações e acontecimentos. As bases teóricas que os clássicos deixaram, seriam pontos de partida para outras gerações de cientistas sociais.

“A grande cidade é sempre um vasto laboratório de experimentos e exercícios, realizações e ilusões, se focalizamos as artes, as ciências e a filosofia. Aí se cria o clima de inserção e liberdade, tanto quanto de compromisso e gratuidade, no qual podem florescer as mensagens da modernidade e os desafios da pós-modernidade ... Caminhando ainda mais para trás, é possível lembrar que durante a revolução de 1848, uma revolução simultaneamente parisiense, francesa e europeia, viviam em Paris Auguste Comte, Alexis de Tocqueville, Karl Marx e Charles Baudelaire, além de outros pensadores, escritores, artistas, filósofos. Aí se haviam criado algumas das condições sociais e culturais que talvez tenham constituído um clima propício à emergência do positivismo e do marxismo” (Ianni op.cit.:21)

O escrito por Ianni indica um evento importante que atinge várias gerações de cientistas, que se encontravam próximos em um momento específico em uma cidade como

Paris. Atualmente, as cidades são os palcos de diversas transformações, e a riqueza dos clássicos nos permitirá a análise da cidade global e sua relação com a globalização. O porquê da ênfase na cidade, deve-se ao fato que os trabalhos antropológicos no Brasil, a tomam como o lugar de pesquisa, surgindo uma Antropologia na cidade como um campo científico que se inicia nos anos 70 com pesquisas dos grupos urbanos que habitam na cidades.

A procura detalhada e cuidadosa das propostas dos clássicos contribuem a uma teoria da cidade e da questão urbana. Contudo, ao me centrar na cidade, não a vejo isolada de um sistema urbano maior nem distanciada de um processo de urbanização, sendo parte da engrenagem do capitalismo. Não é minha intenção construir ou propor uma teoria da cidade, ao contrario meu objetivo é mais modesto. Pretendo recuperar brevemente, e de forma sintética, e as vezes microscópica, um conjunto heterogêneo de passagens significativas e fragmentos dispersos onde os clássicos tratam a cidade. Sendo uma tentativa de recomposição, talvez arbitrária e sujeita a crítica, mas que mostra através dos parágrafos o atual alcance teórico das propostas dos autores, sendo para mim e para o leitor, mais uma volta aos clássicos.⁷⁵ O fato da minha leitura se orientar especificamente ao ângulo das propostas referentes à cidade, não deixa de lado as perspectivas teóricas gerais dos autores clássicos, isto é, a noção de cidade encontra-se imersa nelas. Nos autores não se encontra uma teoria sistemática da cidade, mas a cidade relacionada com temas teóricos e contextos sociais abrangentes.

⁷⁵ Na minha opinião um dos trabalhos mais completos sobre os clássicos da cidade é do sociólogo italiano, Bettin, Gianfranco. 1982. *Los sociólogos de la ciudad*. Trad. Marlucci Galfetti. Barcelona:Edit. Gustavo Gili, livro inspirador que seguirei de perto.

2. A cidade industrial:

Nos inícios do século XIX, a revolução industrial e o movimento proletário estava em pleno desenvolvimento. Marx e Engels, observaram esse processo principalmente na Inglaterra, analisaram o desenvolvimento do modo de produção capitalista na história e nos indivíduos reais e suas condições materiais de vida, no qual o fator econômico era determinante no processo social sendo a cidade parte dele.

Não encontraremos a cidade como tema privilegiado em Marx e Engels, embora encontremos uma relação entre campo-cidade e divisão social do trabalho. A cidade seria parte de um todo e não isolada da sociedade, ela foi protagonista importante, junto com o crescimento demográfico, com a propriedade, o lucro, a mais-valia, interesses e as lutas de classes. A cidade é o espaço de um sistema urbano e econômico representado pela indústria, o social pela propriedade, o político pelo Estado, sendo o centro do desenvolvimento das forças produtivas e de um mercado de trabalho urbano. A cidade em conjunto seria parte da história do capital. No *Manifesto do partido comunista de [1848]*,⁷⁶ escrito por Marx e Engels, indica-se o seguinte:

“A burguesia submeteu o campo ao domínio da cidade, criou cidades enormes, aumentou imensamente a população urbana em relação à rural e arrancou assim uma parte considerável da população do idiotismo da vida rural. Assim como subordinou o campo à cidade ... subordinou os países bárbaros a semi-bárbaros aos países civilizados, os povos camponeses aos povos burgueses, o oriente ao ocidente” (:70).

⁷⁶ Marx, Karl e Friedrich Engels. [1848] 1988. *Manifesto do partido comunista*. Trad. M.A. Nogueira e L. Kondera. Petrópolis:Edit. Vozes.

Na atualidade a questão do campo-cidade tem-se modificado, e o processo histórico-social mostra-nos como a realidade contemporânea transformou-se. O novo mapa do mundo e a globalização causam uma modificação do local, regional, nacional e mundial. Não podemos negar que a relação campo-cidade foi um ponto de partida para Marx e Engels no desenvolvimento da sua proposta do modo de produção, na atualidade tem se modificado. A análise de Marx-Engels mostram o conflito e contradições entre dois poderes, o campo e a cidade. Na *Ideologia alemã* [1846] ⁷⁷ escreveram:

“A maior divisão entre o trabalho material e o intelectual é a separação entre a cidade e o campo (:77) ... No lugar das cidades surgidas naturalmente, [a grande indústria] criou as grandes cidades industriais modernas que nasceram da noite para o dia” (:94) ... Com a cidade aparece, simultaneamente, a necessidade de administração, de polícia, de impostos etc., em uma palavra, a necessidade da organização comunal e, portanto da política em geral. Aqui, manifesta-se pela primeira vez a divisão da população em duas grandes classes, divisão que repousa diretamente na divisão do trabalho e nos instrumentos de produção. A cidade já é o fato da concentração da população, dos instrumentos de produção, do capital, dos prazeres e das necessidades, ao passo que o campo evidencia exatamente o fato oposto: o isolamento e a separação. A oposição entre cidade e o campo só pode existir nos quadros da propriedade privada” (:78) ... As cidades entram em relação umas com outras, novas ferramentas são levadas de uma cidade para outra e a separação entre a produção e o comércio não tarda a suscitar uma nova divisão da produção entre as diversas cidades, cada uma das quais logo explorará predominantemente um ramo industrial” (:83)

Segundo Lefebvre, para Marx-Engels, *“Nesta separação, incumbe ao campo o trabalho material que não requer inteligência e à cidade o trabalho enriquecido e desenvolvido pelo intelecto, incluindo as funções de administração e de comando” (:51)* ⁷⁸.

⁷⁷ Marx, Karl e Friedrich Engels. [1846] 1993. *A ideologia alemã, (I-Fehuerbach)*. Trad. J.C. Bruni e M.A. Nogueira. SP:Vértice.

⁷⁸ Para uma leitura maior sobre Engels e Marx e a cidade, Lefebvre, Henry. 1972. *O pensamento marxista e a cidade*. Trad. M.I Furtado. Povoa de Varzin:Edit. Uliássia, oferece um brilhante trabalho sobre o pensamento marxista e a cidade.

Na questão do campo-cidade, na separação entre capital e propriedade surge a cidade como um novo tipo de assentamento urbano que será o lugar da propriedade privada, da grande indústria e do capital. Marx e Engels na *Ideologia alemã*, expressam:

“A divisão do trabalho no interior de uma nação leva, inicialmente, à separação entre o trabalho industrial e comercial, de um lado, e o trabalho agrícola, de outro, e, com isso, a separação da cidade e do campo e a oposição de seus interesses. Seu desenvolvimento ulterior leva à separação entre o trabalho comercial e o trabalho industrial” (:29)... encontramos já a oposição entre cidade e o campo, e mais tarde a oposição entre os Estados que representam o interesse das cidades e dos que representam os interesses do campo; e encontramos no interior das próprias cidades a oposição entre o comércio marítimo e a indústria” (:31) ... A divisão entre o comércio e a indústria existia já nas cidades antigas, mas não se desenvolveu senão tardiamente nas cidades novas, ao se estabelecerem relações mútuas entre as cidades” (:35) ... a separação entre a cidade e o campo pode ser concebida também como a separação entre o capital e a propriedade da terra, como o começo de uma existência e de um desenvolvimento do capital independente da propriedade da terra ... (:79)

A absorção da cidade em relação ao campo, fica demonstrada em um outro livro de Marx, *Os fundamentos da crítica da economia política [1857-58]*⁷⁹, o desenvolvimento histórico das formas de propriedade do capital precisa de um espaço para seu crescimento, a cidade industrial como o centro administrativo de poder e do grande capital.

“A história da antiguidade clássica é a cidade, mas esta cidade tem por base na propriedade territorial à agricultura ... as simples existência da cidade é algo mais que uma aglomeração de casas (:349) ... os campos representam o território da cidade (:344) ... o proprietário territorial privado é ao mesmo tempo cidadão urbano. Desde o ponto de vista econômico, a cidadania se reduz a uma figura simples, o camponês habitante da cidade (:350)

⁷⁹ Marx, Karl. [1857-58] 1970. *Los fundamentos de la crítica a la economía política*. Madrid: SPL

Marx, em alguma medida mostra a mobilidade social do campo-cidade e sua concentração nesta última. Em outro lugar deste livro (:338-343), o Marx faz uma análise de uma fábrica de algodão na Inglaterra, mostra-se o número de máquinas, operários, produção bruta, produção têxtil, horas de trabalho e a localização das fábricas; aspectos que indicam o interesse de Marx pela produção, que se reflete no seu trabalho empírico. No *Capital* [1867]⁸⁰, descreve e analisa a Inglaterra, Irlanda, Escócia e país de Gales nos anos de 1846-1866 mostrando a acumulação capitalista, indústria têxtil, pobreza, proletariado industrial, condições sanitárias, moradia, alojamentos, alugueis, asilos, fábricas, maquinaria e salários. Aliás da descrição de doze cidades inglesas e as condições de seus trabalhadores, o problema da moradia foi central nas suas análises. No livro é interessante observar as várias tabelas referentes a crescimento demográfico, riqueza, lucros, estatísticas, censos, alimentação, salários e alugueis, além da inclusão de depoimentos publicados que reforçam os seus argumentos.

Outro pioneiro sobre os estudos da cidade foi Engels com seu livro *A situação da classe trabalhadora em Inglaterra de [1845]*.⁸¹ Segundo Hobsbawm,⁸² para Engels, as grandes cidades constituem os lugares característicos do capitalismo industrial e mostra as condições de vida e condições materiais do proletariado. Para Lefebvre (*op.cit.*:9, 12), em 1845 surge uma realidade nova, a industrialização, a classe operária e o capitalismo que Engels encontrou na Inglaterra, sendo na cidade no qual congregaram-se todos os

⁸⁰ Marx, Karl, [1867] 1980. *O Capital: crítica da economia política*. Trad. R. Sant'Anna. RJ:Civilização Brasileira. 3 Vols. A descrição anterior e do livro I Vol.II seção (XXII-XXII:752-827).

⁸¹ Engels, Friedrich. [1845] 1975. *A situação da classe trabalhadora em Inglaterra*. Trad. A. Torres. Porto:Edições Afrontamento.

⁸² Hobsbawm, Eric. 1975. "Introdução e Apresentação". In: *A situação da classe trabalhadora em Inglaterra*. Trad. A. Torres. Porto:Edições Afrontamento. p. 10.

elementos da indústria, trabalhadores, vias de comunicação, canais, caminho de ferro, estradas, transporte de matérias-primas, máquinas, técnicas, mercado e bolsa, aspectos que seriam o germe de uma cidade industrial. Ao mesmo tempo Engels revela a dissociação, separação, segregação e fragmentação do modo de vida dos proletários. Os habitantes das grandes cidades modificaram os seus comportamentos e se adaptaram a uma nova realidade, uma nova forma de vida com a venda de sua mão de obra. Vejamos o que Engels escreveu:

“De tal modo que a vila se transforma numa pequena cidade e a pequena cidade numa grande cidade. Quanto maior for a cidade maiores são as vantagens da aglomeração. .. mas apesar de tudo, a tendência centralizadora mantém-se extremamente forte e cada nova indústria criada no campo traz em si o germe duma cidade industrial (:53)”.

A revolução industrial e surgimento de grandes cidades levou a migrações campo-cidade, modificando os modos de vida dos migrantes no seu novo espaço. A perda das relações primárias e o surgimento das relações secundárias em cidades industrializadas, transformaria comportamentos, identidades e formas de pensar dos indivíduos. Um processo acelerado de transformação social na Europa com uma nova força de trabalho e condições econômicas, divisão do trabalho, fábricas, maquinaria, novas técnicas de produção e mão de obra industrial, provocariam diversas mudanças nos habitantes das grandes cidades.

“Dado que a indústria e o comércio se desenvolvem mais perfeitamente nas grandes cidades é, pois, igualmente aí que aparecem mais manifesta e claramente as conseqüências que exercem sobre o proletariado. Foi aí que a centralização dos bens atingiu o seu grau mais elevado, foi aí que os costumes e as condições de vida do bom velho tempo foram mais radicalmente destruídos” (:54).

O interesse de Engels em mostrar ao mundo as condições de vida do proletariado, fica evidente neste parágrafo, *“Mas a imensa maioria destas cidades é constituída por proletários, e agora o objecto do nosso estudo vai ser saber como vivem e qual a influência que a grande cidade exerce sobre eles”* (:33). O ponto que me interessa ressaltar é a capacidade, agudeza etnográfica e observação participante de Engels, na descrição das cidades em todos seus aspectos e detalhes minuciosos, principalmente de pobreza, miséria e injustiça social, em uma realidade urbana. Isto é, como diria Lefevbre (*op.cit.*:39), as bases reais dos indivíduos e suas condições de existência empiricamente verificáveis. Assim para Engels, o estudo mostraria a indiferença, isolamento, conflito, e o custo de morar na cidade, como mão de obra industrial e as condições de moradia entre pobreza e riqueza:

“Todas as grandes cidades possuem um ou vários bairros de má reputação - onde se concentra a classe operária. É certo que é freqüente a pobreza morar em vielas escondidas, muito perto dos palácios dos ricos, mas, em geral designaram-lhe um lugar à parte, onde ao abrigo dos olhares das classes mais felizes, tem de se safar sozinha, melhor ou pior. Estes bairros de má reputação são organizados em toda Inglaterra mais ou menos da mesma maneira, as piores casas na parte mais feia da cidade; a maior parte das vezes são construções de dois andares ou de um só, de tijolos, alinhadas em longas filas, se possível com caves habitadas e quase sempre irregularmente construídas. Estas pequenas casas de três ou quatro divisões e uma cozinha chamam-se cottages e constituem vulgarmente em toda Inglaterra, excepto nalguns bairros de Londres, as habitações da classe operária. Habitualmente, as próprias ruas não são planas nem pavimentadas; são sujas cheias de detritos vegetais e animais, sem esgotos nem canais de escoamento, mas em contrapartida semeadas de charcos estagnados e mal cheirosos. Para além disso, o arejamento torna-se difícil, pela má e confusa construção de todo o bairro, e como aqui vivem muitas pessoas num pequeno espaço, é fácil imaginar o ar que se respira nestes bairros operários. De resto, as ruas servem de secadouro, quando há bom tempo; estendem-se cordas duma casa à casa fronteira, onde se pendura a roupa branca e imida (:59)

O parágrafo citado de Engels é uma amostra da riqueza de pesquisa do livro, em que apresenta o desenvolvimento da revolução industrial e suas conseqüências na segregação dos proletários nos bairros pobres da periferia de várias cidades da Inglaterra, assim como mudanças de comportamento social. Posso indicar que as diversas observações pessoais de Engels foram feitas há 155 anos, sobre espaço, ruas, rios, transportes, casas alugueis, higiene, saúde, criminalidade e alimentação, são aspectos que encontramos hoje nas cidades grandes, situação que me leva a pensar que, tendo em vista a riqueza do livro em detalhes etnográficos e especificidades, me pergunto, porque será que Engels foi esquecido pelos estudos urbanos sociológicos e antropológicos da cidade? As fontes de dados de Engels ao meu ver foram: a) documentos, b) relatórios, c) revistas, d) depoimentos publicados em relatórios (*op.cit.*: 204-205, 231-236), e) observações pessoais, f) estatísticas, g) quadros, h) mapas, como foi o caso da cidade de Manchester e sua descrição feita por Engels (:79-111):

“A própria cidade (Manchester) está construída duma maneira tão peculiar que podemos habitá-la durante anos, sair e entrar nela quotidianamente sem nunca entrevermos um bairro operário nem se quer encontrarmos operários, se nos limitarmos a cuidar dos nossos negócios ou a passearmos. Mas isto deve-se principalmente ao facto de os bairros operários - quer por um acordo inconsciente e tácito, quer por intenção consciente e confessa - estarem separados com o maior rigor das paredes da cidade reservadas à classe média, ou então, quando isso é impossível, dissimulados sob o manto da caridade. Manchester abriga, no seu centro comercial bastante longo, com o comprimento de cerca de milha e meia e igual largura, composto quase exclusivamente de escritórios, armazéns (warehouses). Todo este bairro está quase completamente desabitado, e durante a noite vazio e deserto; só as patrulhas da policia circulam com as suas lanternas furta-fogo nas ruas estreitas e sombrias (:80) ... com efeito as grandes ruas que, partindo da bolsa deixam a cidade em todas as direcções, estão franqueadas de ambos os lados por uma fila quase ininterrupta de lojas e estão, deste modo, nas mãos da pequena e média burguesia que, quanto mais não seja em seu próprio interesse, afectam um certo decoro e limpeza, e possuem médios para fazer. Claro que estas lojas têm uma certa semelhança com os bairros que estão detrás delas e, por conseguinte são mais elegantes no bairro dos negócios e

perto dos bairros burgueses, que ali onde mascaram as sórdidas casas operárias; mas de qualquer modo são o suficiente para dissimularem aos olhos dos ricos senhores e senhoras de estômago robusto e nervos débeis, a miséria e a sujidade, complementos do seu luxo e da sua riqueza (:81) ... À esquerda e à direita, um grande número de passagens cobertas conduzem da rua principal aos numerosos pátios e, assim que ai penetramos, ficamos rodeados por uma sujidade e uma sordidez repugnantes, sem comparação com nada que eu conheça, particularmente nos pátios que descem para o Irk e onde, na realidade, se encontram os mais horríveis alojamentos que me foi dado ver até hoje. Num destes pátios, precisamente à entrada, na extremidade do corredor coberto, há casas de banho sem porta, e tão sujas, que os habitantes para entrarem ou saírem do pátio têm que atravessar um charco de urina pestilenta e de excrementos que rodeia estas casas de banho; é o primeiro pátio à beira do Irk a montante da Ducie Bridge (uma ponte), caso alguém deseje ir vê-lo; em baixo, nas margens do curso de água, há várias fábricas de curtumes que empestam toda a região com o fedor que emana da decomposição das matérias orgânicas” (:83, 84).

O trecho citado de Engels indica as condições de saúde, arquitetura, distribuição espacial, e formas de vida das cidades operárias de Manchester. Segundo Lefebvre (*op.cit.*:17), a atenção de Engels sobre a cidade de Manchester deve-se a diversas razões, de ordem prática e de ordem pessoal. Foi em Manchester que nasceu o centro da indústria do Império Britânico. Para Lefebvre (*ibid.*:89, 114) a cidade é um médio ambiente, um intermediário, uma mediação, um meio, e apoiando-se em Marx indica que a cidade está ligada as forças produtivas, meios de produção, sede do econômico, do poder político, do Estado e ideologia, acompanhado de um pano de fundo histórico da sociedade burguesa. Para Lefebvre, a cidade contém serviços de toda espécie, aparelhos administrativos e políticos, os burocráticos a burguesia e seus séquitos. Lefebvre sugere que “*cidade e sociedade marcham lado a lado*” (*ibid.*:142, 145) sendo o espaço social produzido e vigiado, assim como o território é ordenado e reordenado em diferentes maneiras.

3. *Morfologia social e a cidade:*

Sem perder de vista à cidade industrial de Marx e Engels, na Sociologia francesa foi Émile Durkheim quem esteve preocupado com questões de espaço social, representações e território.⁸³ Posso indicar que os conceitos de Durkheim: a) morfologia social, b) divisão do trabalho social, c) solidariedade mecânica e d) solidariedade orgânica são categorias importantes para entender a cidade e a sociedade industrial.

Os fatos sociais definem grupos coletivos, qual seria a estrutura onde estariam localizados? Durkheim⁸⁴ indica que a morfologia social é “... a parte da Sociologia que tem por tarefa constituir e classificar os tipos sociais” (:70). A Sociologia comparada e as classificações são empregadas por Durkheim na sua análise das sociedades de solidariedade orgânica. Posteriormente em outro texto, Durkheim *Divisões da Sociologia: as ciências sociais particulares [1909]*,⁸⁵ desenvolve um pouco mais a proposta da morfologia social, como uma categoria próxima de uma forma de estudar grupos sociais em cidades e seus elementos, territórios, ecologia, configuração, organização etc. Vejamos a definição:

“Inicialmente, deve-se estudar a sociedade no seu aspecto exterior. Considerada sob este ângulo, aparece como formada por uma massa de população, com uma certa densidade, distribuída de uma certa maneira sobre o terreno, dispersada na zona rural ou concentrada nas cidades etc., ocupa um território mais ou menos extenso, situado de tal ou qual maneira com

⁸³ Nos livros de Bettin (*op.cit.*), e do *O fenômeno urbano*. Otávio Velho (org). RJ:Zahar Editores. 2da edição, não é incluído Durkheim como um dos clássicos da cidade, embora alguns autores dediquem um curto análise de Durkheim e sua contribuição para os estudos urbanos como Eufrásio, Mario.1988. *Teorias da estrutura e do crescimento das cidades: da concepção ecológica à socio-econômica-estudo de metodologia urbana*. Tese de Doutorado em Sociologia. FFLCH-USP.

⁸⁴ Durkheim, Émile. [1895] 1982. *As regras do método sociológico*. Trad. M.L Pereira de Queiroz. SP:Editora Nacional.

⁸⁵ Rodrigues, José A. (org). 1978. *Émile Durkheim: sociologia*. SP:Ática.

referência aos oceanos e aos territórios dos povos vizinhos, cortado mais ou menos intensamente por cursos de água, por vias de comunicação de todos os tipos, que estabelecem uma relação mais frouxa ou mais íntima entre os habitantes. Este território, suas dimensões, sua configuração, a composição da população que se desloca sobre sua superfície, são fatores naturalmente importantes da vida social, este é o substrato e, tal como no indivíduo a vida psíquica varia segundo a composição anatômica do cérebro que a sustém, os fenômenos coletivos variam segundo a constituição do substrato social. Existe portanto um lugar para uma ciência social que faça essa anatomia; e visto que esta ciência tem por objeto a forma exterior e material da sociedade, propomos chamá-la de Morfologia Social. A morfologia social não deve, pois, se limitar a uma análise descritiva; ela deve também explicar. Deve procurar de onde resulta o fato de a população se concentrar em certos pontos mais do que outros, o que faz com que ela seja principalmente urbana ou principalmente rural, quais são as causas que determinam, limitam o desenvolvimento das cidades etc. Vê-se que esta ciência especial tem, ela própria, uma multiplicidade indefinida de problemas a tratar” (:42).

A morfologia social permite uma visão clara do interesse de Durkheim nas sociedades complexas e seu funcionamento social, a importância da população e sua densidade, assim como a descrição do território e sua distribuição espacial. Este interesse está mais desenvolvido no livro, *A divisão social do trabalho [1893]*,⁸⁶ no qual trata da transformação das sociedades simples a complexas, é por isso que “*Enquanto a organização social é essencialmente segmentar, a cidade não existe (:36), será na cidade onde “ ... as sociedades são essencialmente industriais (:10) e a “divisão do trabalho abrange todas as esferas da vida social e ordem social (:54) ... a vida urbana toma mais extensão (:38)”, sendo um tipo superior mais organizado. Mas vejamos como se desenvolve a divisão social do trabalho em Durkheim (:36-39):*

“A condensação das sociedades no decurso do desenvolvimento histórico, produzem-se três maneiras principais: a) as sociedades inferiores se expandem

⁸⁶ Durkheim, Émile. [1893]1984. *A Divisão do Trabalho Social*. Trad. E. Freitas e M. I. Mansinho. Lisboa:Editorial Presença. 2 Vols.

enquanto nas sociedades superiores concentram-se, mudanças na vida industrial demonstram esta transformação, b) a formação das cidades é um sintoma desta concentração e transformação. As cidades resultam da necessidade dos indivíduos de se manter em contato um com os outros, concentrando uma densidade de massa social formada as vezes via imigração. A concentração regularmente acentuada deste desenvolvimento demonstra que longe de constituir uma espécie de fenômeno patológico ele deriva da própria natureza das espécies superiores, c) o número e rapidez das vias de comunicação e transmissão aumentando a densidade da sociedades ... sendo mais numerosas e aperfeiçoadas quanto mais avançado for o tipo que as sociedades pertencem”.

Para Durkheim, a estrutura e aumento quantitativo da população, a densidade, heterogeneidade cultural, o volume e especialização de profissões, as vias de comunicação, a mobilidade social, são causas da divisão do trabalho social que levaria a uma civilização. Para ele *“na divisão do trabalho os homens se especializam (:46) ... numa cidade podem existir diferentes profissões ... levando as funções a ter mais pontos de contraste (:48)”*. Algumas passagens interessantes sobre a indústria como *“... uma indústria apenas pode viver se responder a algumas necessidades ... uma função pode especializar-se se corresponder a uma necessidade da sociedade (:53) ... qualquer nova especialização tem por resultado aumentar e melhorar a produção (:59)*. Demonstram a importância da vida urbana, cidade e o processo industrial que Durkheim não deixou de analisar. Densidade e condensação são dois elementos importantes na evolução das sociedades e das cidades:

“Se a condensação da sociedade produz este resultado da divisão do trabalho social é porque ela multiplica as relações intra-sociedade ... sendo mais numerosas se o número total de membros da sociedade se torna mais considerável (:40) ... as sociedades são gradualmente mais volumosas quanto avançadas e por conseguinte quanto mais devido estiver o trabalho ... a divisão do trabalho varia do volume de densidade social progredindo de maneira contínua no desenvolvimento social porque as sociedades se tornam mais densas mais evolucionadas” (:42)

A divisão social do trabalho é chave para entender esta transformação de uma sociedade a outra. É assim que Durkheim diferencia dois tipos de sociedades a solidariedade mecânica (:87-130) que estaria representada pelas sociedades simples onde não existe divisão do trabalho social, formadas por relações de consciência coletiva, integração social, coesão, equilíbrio social, circunscritas a uma base territorial. São sociedades homogêneas e harmoniosas como a horda, clã, tribo, caracterizadas como sociedades segmentares simples em oposição às sociedades ditas superiores, como nas sociedades da solidariedade orgânica.

A solidariedade orgânica (:130-154) constituída por sociedades com divisão do trabalho social e “... *relações sociais de vida coletiva com empresas e operários (:146,147) ... uma sociedade que sustêm em conjunto os agregados sociais de tipo superior*” (:199), existindo uma organização do espaço que leva a um estágio superior com maior integração social. Sendo sociedades mais heterogêneas, com um órgão central que exerce a ação moderadora, tendo como base uma interdependência, isto é, praticamente sociedades complexas industriais. Como veremos depois, a proposta de morfologia social, com a densidade social, território, distribuição espacial e especialização de Durkheim está presente na teoria da cidade de Park.

4. *Metrópole e indivíduo:*

Se temos uma especialização do trabalho nas sociedades industriais como diria Durkheim, ou um desenvolvimento das forças produtivas como sugeririam Marx e Engels, também teríamos mudanças de comportamentos e adaptações a uma nova realidade. A personalidade do indivíduo que habita na cidade urbana do mundo ocidental, foi analisado por Simmel no texto *A metrópole e a vida mental* [1902],⁸⁷ que possui uma série de propostas para o conhecimento e estudo do estilo de vida do habitante da cidade. Indicando como a estrutura da metrópole com toda suas características transformam a personalidade dos homens. Simmel não está preocupado com o conflito de classes, desigualdade social nem a organização político-jurídico, nem do Estado, nem com os processos históricos. Está mais interessado nas questões psicológicas dos indivíduos e sua socialização e adaptação ao meio urbano, entendendo a cidade como um mercado que é a instituição central onde o dinheiro circula e define. Simmel mantém a divisão campo/cidade indicando que existem diferenças culturais, psíquicas e sociais:

“Tais são as condições psicológicas que a metrópole cria. Com cada atravessar de rua, com ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade faz um contraste profundo com a vida de cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica. A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai” (:12)

A cidade atua como uma matriz social com um processo de socialização que modela a sociedade moderna e seu conhecimento racional. Uma sociedade administrada pela

⁸⁷ Simmel, Georg, [1902] 1973. “A metrópole e vida mental”. In: *O fenômeno urbano*. Otávio Velho (org). RJ:Zahar

mediação social do livre mercado (Bettin *op.cit.*:65, 66). As transformações psíquicas dos indivíduos, deve-se ao fato que é na cidade em que aparece mais visível a divisão social do trabalho, é a sede do cosmopolitismo, economia monetária e da alienação, *“o dinheiro torna-se o mais assustador dos niveladores. Pois expressa todas as diferenças qualitativas das coisas em termos de ‘quanto’? O dinheiro com toda sua ausência de cor e indiferença, torna-se o denominador comum de todos os valores”*(:16), **produzindo um homem cada vez mais calculista e uma mente mais elevada**, *“A vida metropolitana, assim, implica uma consciência elevada e uma predominância da inteligência no homem metropolitano ... a intelectualidade, assim, se destina a preservar a vida subjetiva contra o poder avassalador da vida metropolitana”* (:13), levando a uma especialização produzida pela divisão social do trabalho e pelo crescimento das cidades.

Alguns dos elementos aos quais o homem metropolitano teria que se adaptar seriam : o tempo, exatidão, calculabilidade, pontualidade, são parte da vida na cidade, enquanto no campo o desenvolvimento é diferente o ritmo é mais lento. A vida na cidade, o cosmopolitismo, relações secundárias, dinheiro, capital, são parte do desenvolvimento do capitalismo e a cidade é ponto central, o espaço privilegiado de transformações.

Simmel escreve que o homem metropolitano reage a estas questões e cria uma atitude *blasé* (enfasiado), de comportamento indiferente, impessoal de autopreservação, apatia, anonimato, desconfiança e distanciamento com outros homens. De igual forma, uma maior competição individual, que se desenvolve na especialização das profissões, na

exigência de mão de obra qualificada, que a sociedade industrial exige, na especialização e aperfeiçoamento que produziria uma diferença entre os homens.

Sobre a divisão do trabalho na metrópole Simmel propõe, *"Pois a divisão do trabalho reclama do individuo um aperfeiçoamento cada vez mais unilateral"* (:23), este aperfeiçoamento é uma especialização do homem da cidade, uma maneira de se diferenciar dos outros homens, sendo a exigência da economia monetária e da vida na cidade, assim a competição cria um movimento de aperfeiçoamento individual criando diferenças entre os indivíduos:

"... para encontrar uma função em que não possa ser prontamente substituído, é necessário especializar-se em seus serviços. Esse processo promove a diferenciação, o refinamento e o enriquecimento das necessidades do público, o que obviamente deve conduzir ao crescimento das diferenças pessoais no interior desse público" (:22)

Os estudos de Simmel estão centrados na vida interativa ou de uma interação social, uma maneira de entender as bases psicológicas do individualismo metropolitano,⁸⁸ ou seja o objeto primário é a mentalidade do urbanícola e sua autonomia e individualidade frente a cidade, dinheiro e inteligência.⁸⁹ Entre alguns autores, Mellor⁹⁰ indica que para Simmel, o dinheiro não só indicava despersonalização, mas a liberdade pessoal na heterogeneidade e o cosmopolitismo da cidade, isto é, uma diversidade de comportamentos, práticas sócias e manifestações culturais e étnicas.

⁸⁸ Spencer, Martin. 1977. "History and Sociology: an Analisis of Weber's the City". *Sociology*. Vol. 11:507-525.

⁸⁹ Agramonte, Roberto. 1965. "Ciudad y política en la sociología de Max Weber". *Revista mexicana de sociologia*. Vol. XXVII(3):803-839.

⁹⁰ Mellor, J. R. 1984. *Sociologia Urbana*. Portugal:RES. p. 292.

A diferença e especialização levam Simmel a propor dois tipos de culturas. A cultura objetiva, representada pelo conhecimento tecnológico, intelectual, ciência, direito, individualismo que exige a vida metropolitana. Enquanto a cultura subjetiva, é constituída por saberes tradicionais, religiões e tradições, fatores que mostram a possibilidade de conviver juntas na cidade, sem necessariamente voltar à divisão campo cidade.

5. Os tipos de cidade:

O convite a uma leitura de Max Weber é indispensável para quem se interessa pela teoria sociológica e o estudo da cidade. O texto *Conceito e categorias da cidade [1921]*⁹¹ é um estudo histórico-sociológico da pequena cidade medieval que ilustra um desenvolvimento urbano em determinada época particular, sendo uma relação teórica entre singularidade histórica e construção de explicação sociológica. Assim como Marx e Engels, Weber analisa os tipos de cidade, sob uma perspectiva histórica. O método histórico-comparativo utilizado por Weber, mostra a organização social, política e econômica da cidade, as instituições políticas-administrativas e instituições econômicas, a questão do poder, linhagens, tipos de dominação, burguesia urbana, cidadania e densidade dos assentamentos. A meu ver, existem quatro elementos no trabalho da cidade de Weber: a) para Weber não existe a cidade, e sim, tipos de cidades caracterizadas pelo mercado ou seja tipos ideais de cidades:

⁹¹ Weber, Max. [1921] 1973. "Conceito e categorias da cidade". In: *O fenômeno urbano*. Otávio Velho (org). RJ:Zahar Editores. 2da edição. pp. 68-89. Também foi consultada a versão em espanhol em: *Economía y Sociedad: esbozo de una sociología comprensiva*. México:Fondo de Cultura Económica. 1974.

“Apenas cabe dizer que as cidades representam, quase sempre, tipos mistos e que, portanto, não podem ser classificadas em cada caso senão tendo-se em conta seus componentes predominantes” (:73)

b) estes tipos mistos pertencem a diferentes épocas e formações sociais, todas as cidades são parte de uma totalidade maior, onde se inserem, isto é, as cidades medievais com o entrelaçamento de fatores políticos, econômicos, sociais, militares, administrativos etc., eram parte do feudalismo. A cidade industrial, com seu desenvolvimento é parte do Estado-Nação e do capitalismo, sendo as cidades comunidades urbanas relativamente autônomas e autocéfalas. Segundo Oliven⁹² para Weber, a cidade é primeiro um pressuposto do capitalismo mas posteriormente a seu desenvolvimento é um resultado dele, embora para Weber os fatores econômicos não são determinantes, existem outros como os políticos-administrativos, o poder, os tipos de dominação que definem à sociedade:

“Pela mesma razão que ao fazer essas considerações nos vemos obrigados a falar de ‘política’ econômica urbana, de uma ‘zona urbana’ e de uma ‘autoridade urbana,’ vemos que o conceito de ‘cidade’ tem que ser encaixado em outra série de conceitos, além dos conceitos econômicos usados até agora, quer dizer em conflitos políticos ... No nosso caso, a cidade tem que se apresentar como uma associação autônoma em algum nível, como um aglomerado com instituições políticas e administrativas especiais” (:76)

c) Weber declara que o surgimento do capitalismo deve-se em grande parte às condições específicas da cidade ocidental, mais do que a cidade oriental. Algumas das condições seriam, a unidade corporativa, estabelecimento de mercado, cidadania, burguesia urbana, comunidade urbana e associação autônoma. Contudo, a ênfase de Weber de

⁹² Oliven, Ruben. 1980b. “A cidade como categoria sociológica”. In: *Urbanização e mudanças social no Brasil*. Petrópolis:Edit. Vozes. pp. 13-29. p. 15.

relacionar a cidade com um aparelho administrativo e político fica evidente, existem nas cidades maneiras autônomas de ser governadas:

“Nem toda ‘cidade’ no sentido econômico, nem toda fortaleza que, no sentido político-administrativo, supunha um direito particular dos habitantes, constitui uma ‘comunidade’. A comunidade urbana, no sentido pleno da palavra, existe como fenômeno extenso unicamente no Ocidente ... para isso seria necessário que encontrássemos estabelecimentos de caracter industrial-mercantil bastante pronunciado, a que correspondessem estas características: 1) a fortaleza, 2) o mercado, 3) tribunal próprio e direito ao menos parcialmente próprio, 4) caracter de associação, unido a isso, 5) ao menos uma autonomia e autocefalia parcial, portanto administração a cargo de autoridade em cuja escolha os burgueses participassem de alguma forma” (:82)

d) Além destas características da cidade ocidental dadas por Weber, a cidade é de fato um local de mercado com uma associação de vizinhança do conhecimento dos moradores dedicados mais ao intercâmbio que propriamente à agricultura. Além, de uma especialização em produtos industriais com um comércio regular e não ocasional, ocupações industriais e especialização regular de mercadorias.

“A localidade considerada sociologicamente significaria um estabelecimento de casas pegadas umas às outras ou muito juntas, que representam, portanto, um estabelecimento amplo, porém conexo, pois do contrário faltaria o conhecimento pessoal mútuo dos habitantes, que é específico da associação de vizinhança (:68) ... o tamanho por si só não pode decidir. Se tentássemos definir a cidade do ponto de vista econômico, então teríamos de fixar um estabelecimento cuja maioria dos habitantes vive do produto da indústria ou do comércio, e não da agricultura ... teríamos que acrescentar como outra característica certa diversidade de ocupações industriais. Porém, nem mesmo como isso teríamos uma caracterização decisiva ... um lugar em que exista uma indústria em regime de especialização, para satisfazer suas necessidades econômicas ou políticas, e onde, por isso, se comerciem mercadorias ... outra característica que se teria que acrescentar para poder falar de cidade seria a existência de um intercâmbio regular e não ocasional de mercadorias na localidade, como elemento essencial da atividade lucrativa e do abastecimento de seus habitantes, portanto de um mercado ... Falaremos de cidade no sentido econômico quando a população local satisfaz uma parte economicamente

essencial de sua demanda diária do mercado local e, outra parte essencial também, mediante produtos que os habitantes da localidade e a povoação dos arredores produzem ou adquirem para colocá-los no mercado. Toda cidade no sentido que aqui damos a essa palavra é um local de mercado, quer dizer, conta como centro econômico do estabelecimento com um mercado local e no qual em virtude de uma especialização permanente da produção econômica, também a população não urbana se abastece de produtos industriais ou de artigos de comércio ou de ambos e, como natural, os habitantes da cidade trocam os produtos especiais de suas economias respectivas e satisfazem desse modo suas necessidades ... porém a cidade no sentido que usamos o vocábulo aqui é uma estabelecimento de mercado” (: 69)

O ensaio de Weber sobre a cidade possui na atualidade forte alcance teórico, tanto assim que alguns autores como Martindale⁹³ ressalta a importância da definição de Weber da cidade e seu uso pela teoria urbana. Para Martindale o ensaio da cidade é um dos poucos trabalhos que contribuem para a teoria urbana. Sua crítica vai na falta de teoria e análises na pesquisa da Sociologia dedicadas ao urbano. Segundo ele, quatro elementos são chaves para entender a relação institucional do econômico, político e jurídico que formam um “sistema total de forças”: a) ação social, b) relações sociais, c) instituições sociais, d) comunidade. Este conjunto de categorias, segundo Martindale seria um dos caminhos para um teoria urbana da cidade.

De uma perspectiva histórica, Freund⁹⁴ analisa a cidade de Weber como uma Sociologia histórica, principalmente a cidade ocidental e sua relação com a luta de classes, questões políticas e conflito entendida como uma pluralidade causal que se desenvolve no decorrer do tempo. Nesta mesma perspectiva histórica, Spencer (*op.cit.*:507-517) fez uma leitura sobre a cidade indicando que no pensamento de Weber no estudo da cidade medieval,

⁹³ Martindale, Don. [1958] 1966. “Prefatory Remarks : The Theory of the City”. In: *The City by Max Weber*. New York: The Free Press. pp. 9-62. pp 11, 50-62.

existe uma tensão entre história e Sociologia elementos básicos na análise. Os dois autores citados que trabalham com uma perspectiva histórica, assinalam a importância do método comparativo em Weber considerado como uma ferramenta analítica de grande valor. Segundo Spencer, existem no estudo da cidade de Weber vários elementos: a) definição de grupo e indivíduo, b) estrutura de autoridade e lei, c) bases sociais da política e d) economia formal e informal.

Por outro lado, Agramonte (*op.cit.*:820-822) sublinha o método de Weber da tipologia e da detalhada descrição das instituições político-administrativas e funcionários da cidade medieval, para ele Weber viu a cidade como um “caleidoscópio social” separando e analisando os diversos grupos sociais como, a *intelligentia*, servos, funcionários e outros ofícios. Para Bettin (*op.cit.*:21) a proposta de Weber lança uma série de hipóteses do desenvolvimento urbano, diferente dos estudos sociográficos mais quantitativos. Segundo Bettin, Weber chega a suas conclusões sobre a cidade através de variados e múltiplos critérios com a rigorosa procura dos conceitos e definição da cidade confrontado com a evidência histórica universal tomado como o contexto principal. Porém, Reiss,⁹⁵ diferente dos autores mencionados, afirma que os sociólogos têm dificuldade na leitura e avaliação de Weber, primeiro, porque se precisa de um *background* histórico para o acompanhar o desenvolvimento histórico das cidades, e segundo o conhecimento e análise das fontes secundárias utilizadas por Weber, tendo isto presente, Weber poderia ser melhor compreendido no seu estudo da cidade. Para concluir, posso dizer que as diversas perspectivas dos autores só manifestam a atualidade do ensaio da cidade de Weber e seu

⁹⁴ Freund, Julien. 1975. “La ville selon max Weber”. *Espaces et Sociétés*. (25):47-61. p. 47.

racionalismo na proposta de definir os vários tipos ideais de cidades e os inícios do capitalismo na cidade ocidental.

6. A cidade como laboratório social:

Se pensamos a cidade como categoria sociológica, também sabemos que é o lugar de pesquisa. Robert Park considerado o líder da Escola Sociológica de Chicago nos estudos urbanos da cidade, (retomarei este aspecto mais amplamente no Tópico IV.1), escreveu em 1915, o que seria para mim, uma proposta teórica junto com um programa de pesquisa da cidade e da vida urbana, organização física, ocupações e cultura.⁹⁶

Pensei centrar-me neste valioso texto pioneiro de Park que seria o ponto de partida de estudos intensivos sobre a cidade de Chicago entre 1915-1935, período conhecido como a *Golden Age* da Escola Sociológica de Chicago⁹⁷. Robert Park, influenciado por uma Sociologia europeia, através de Marx, Durkheim, Weber, Simmel, Tönnies e Spengler e em alguma medida do pensamento de Darwin, fez uma convergência dos autores clássicos e propôs uma forma de entender teoricamente e pesquisar empiricamente, a cidade. Uma proposta das mais criativas, inovadoras e originais feitas até hoje. Park, consegue mostrar que: *“a cidade é algo mais de que um amontoado de homens individuais e de*

⁹⁵ Reiss, Albert. 1959. “Review of the City by Max Weber”. *American Sociological Review*. Vol. 24(2):267-268.

⁹⁶ Park, Robert. [1915] 1973. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: *O fenômeno urbano*. Otávio Velho (org). RJ:Zahar Editores. 2da edição. pp. 26-67.

⁹⁷ Existem outros textos importantes da Escola de Chicago, feitos por alunos e discípulos de Park. Sobressaindo o conhecido livro conjunto de Park, Robert, Ernest Burgess e Roderick McKenzie. [1925] 1967. *The City*. Chicago:University Chicago Press. E do interessante artigo de Wirth, Louis. [1938] 1973. “O urbanismo como modo de vida”. In: *O fenômeno urbano*. Otávio Velho (org). RJ:Zahar Editores. 2da edição. pp. 90-113, que amplia e desenvolve uma teoria da cidade.

conveniências sociais ... antes a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição ... a cidade não é meramente um mecanismo físico é uma construção artificial” (:26). A cidade para Park seria um organismo vivo criada pelo homem, mas também a cidade tem uma alma e organização própria.

O texto de Park, está dividido em quatro partes: a) a planta da cidade e organização local, b) organização industrial e a ordem moral, c) relações secundárias e controle social e d) o temperamento e o meio urbano. Em cada uma das partes, Park desenvolve subtópicos que permitem ampliar mais a sua posição. A ecologia humana foi proposta nesse texto como uma ciência que estuda as constelações típicas das pessoas e instituições (:27). A cidade para Park, não é apenas uma unidade geográfica e ecológica é uma unidade econômica cuja organização esta baseada na divisão do trabalho e multiplicação de ocupações. A cidade é o habitat do homem civilizado, isto é, uma área cultural (:27), um lugar que pode ser estudado através da sua cultura. Um dos trechos mais citados por diversos autores, e que eu me incorporo a eles, é o parágrafo que Park escreveu em 1915 sugerindo a importância da Antropologia nos estudos urbanos:

“Até o presente, a Antropologia, a ciência do homem, tem-se preocupado principalmente com o estudo dos povos primitivos. Mas o homem civilizado é um objeto de investigação igualmente interessante, e ao mesmo tempo sua vida é mais aberta à observação e ao estudo. A vida e a cultura urbanas são mais variadas, sutis e complicadas, mas os motivos fundamentais são os mesmos nos dois casos. Os mesmos pacientes métodos de observação despendidos por antropólogos tais como Boas e Lowie no estudo da vida e maneiras do índio norte-americano deveriam ser empregados ainda com maior sucesso na investigação dos costumes, crenças, práticas sociais, e concepções gerias de

vida que prevalecem em Little Italy, ou no baixo North Side de Chicago, ou no registro dos folkways mais sofisticados dos habitantes de Greenwich Village e da vizinhança de Washington Square em Nova York” (:28).

O trecho citado, mostra que desde aquela época havia um interesse em estudar a cidade combinando Antropologia e a Sociologia, e os métodos de trabalho de campo da Antropologia poderiam oferecer novas perspectivas e interpretações da vida urbana da cidades. O interesse na cidade de Chicago foi um dos aspectos marcantes da Escola, assim como a ecologia humana e ecologia cultural nos estudos urbanos. Mas, vejamos brevemente o texto de Park, que é um programa de pesquisa.

a) *A planta da cidade e a organização local:* utilizando como base as cidades americanas, Park propõe que são uma construção artificial e indica que foram construídas como o tabuleiro de xadrez sendo o quarteirão a unidade de distância. A cidade teria uma organização moral e uma organização física interagindo juntas. Na sua estrutura e ordem moral, a vizinhança seria uma localidade com sentimentos, tradições e história, tomada como uma unidade de análise que poderia ser estudada internamente (:28-30), a vizinhança como unidade de análise já era mencionada por Weber.

A organização da cidade estaria no tamanho da população, concentração e distribuição dentro da área citadina (:30). Park se pergunta: Quais os recursos da população da cidade? quais as áreas naturais? que parte é dividida a migração? onde é que é o crescimento populacional? segregação social? A vizinhança seria uma forma de associação de organizar a vida citadina, ela é a menor unidade local (:31). Apesar da existência de

guetos, existem áreas segregadas socialmente, como as periferias ou áreas marginais das grandes cidades, toda cidade tem seus subúrbios e lugares de vício e encontro de criminosos (:34) espaços pertencentes às chamadas regiões morais. Se observamos, a população, densidade, território nos lembra a Durkheim e a proposta da morfologia social “*Considerada sob este ângulo, aparece como formada por uma massa de população, com uma certa densidade, distribuída de uma certa maneira sobre o terreno, dispersada na zona rural ou concentrada nas cidades*”. Para Park, Durkheim, Weber e Simmel seriam os principais autores inspiradores de sua proposta no estudo da cidade.

b) *A organização industrial e a ordem moral*: na cidade, a competição industrial e a divisão do trabalho desenvolveram os poderes e existência de mercados, dinheiro e o comércio. Assim como a especialização e competição entre indivíduos mostraria os seus talentos pessoais, levando-os a uma especialização como diria Durkheim ou a uma competição como indicaria Simmel. Estas mudanças provocariam uma quebra na antiga organização social e econômica da sociedade baseada em laço familiares e associações locais, e a sua substituição por interesses ocupacionais e vocacionais (:36, 37). Segundo Park, as relações primárias se perderiam, originando relações secundárias mais individualistas. Mesmo assim, sabemos hoje que os laços de parentesco continuam importantes junto à outros elementos culturais, que se adaptaram ao meio urbano e que não desapareceram, ao contrário se fortaleceram ou surgiram novos tipos de laços familiares e de vizinhança.

Diferente das vizinhanças, os tipos vocacionais de profissões formariam as classes ou tipos profissionais (:38). A concentração das populações em cidades, os mercados maiores, a divisão do trabalho, os indivíduos e grupos em tarefas específicas têm continuamente mudado as condições materiais de vida, fazendo reajustamentos a novas condições cada vez mais necessárias. Uma sociedade que tenha adquirido um alto estágio de mobilidade tem momentos psicológicos e comportamentos coletivos que surgem na situação social, sendo na grande cidade que as relações humanas tendem a ser impessoais e racionais definido em termos de interesse de dinheiro (:44, 45).

c) Relações secundárias e controle social: A cidade no seu crescimento foi acompanhado por uma substituição das relações primárias pelas secundárias. Seja através ou por mobilidade ou migração o da divisão campo-cidade como diria Marx e Engels. A escola, igreja e a família são modificados na vida citadina como instituições. As relações primárias vão desaparecendo pela influência do urbano, provocando crises. No caso dos imigrantes da primeira geração, mantêm os laços familiares, já a segunda geração, sofre as influências do meio americano que é assimilado, destruindo os laços familiares levando ao crime (50, 51). Na questão do crime, entra o controle social na cidade, efetuado por tribunais municipais e criminais encarregados de eliminar o vício em lugares específicos na cidade. Outras relações secundárias correspondem à política partidária, publicidade, poder local, propaganda e controle social, eleições e opinião pública. As relações secundárias seriam externas, e as relações primárias internas aos grupos sociais. As relações secundárias se convertem em um controle social principalmente a imprensa representada pelo jornal como meio de

comunicação e divulgação, assim como a administração e os poderes políticos como indicaria Weber.

d) *O temperamento e o meio urbano*: a cidade esta formada por diversas culturas que na sua interação produzem novas identidades e tipos de indivíduos. “*Os processos de segregação estabelecem distâncias morais que fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram*” (:62). Isto, permite ao homem mobilização de um meio moral a outro ao mesmo tempo. A vida na cidade converte-se em uma série de estímulos para novas relações sociais e comportamentos individuais. As quais, podem ser condutas desviantes localizadas nas zonas de vicio ou na região moral, que segundo Park, pode ser um ponto de encontro ou local de reunião (:64). Perante o comportamento desviante, a civilização age no interesse do bem-estar comum, reprime e controla o indivíduo através da imposição de disciplina e moral surgindo novas formas sociais (:65). A região moral inclui os contágios sociais de indivíduos com estímulos diferentes a se reunirem e se associarem, vidas que vão-se cruzando e isolando. A região moral não deve ser entendida como um lugar criminoso, antes ela é um código moral divergente que diferiria de outros grupos sociais (:66, 67).

Os quatro aspectos propostos por Park, permitem uma idéia do alcance teórico e de pesquisa que ele tinha naquele momento. O texto pioneiro, como indiquei antes, foi um programa de pesquisa que continuou anos depois, e os alunos e seguidores mantiveram o interesse na cidade de Chicago, criando uma das mais brilhantes escolas de pensamento no século XX e o *corpus* de pesquisa de etnografias urbanas que produziram, continuam sendo

editadas e lidas até hoje pelas novas gerações dedicadas aos estudos urbanos. A Escola de Chicago criou categorias de análise, combinou metodologias de trabalho de campo que foram incorporadas, na formação de uma Sociologia Urbana, que expandiu-se pelo mundo todo, influenciando as pesquisas urbanas em outros países, como foi caso no Brasil (tema do capítulo IV, a seguir).

7. Conclusões:

Na tese tomo a cidade como uma categoria sociológica, construída por diversos autores clássicos que proporcionam caminhos em uma construção de uma teoria da cidade. A atualidade de suas concepções permitem fontes inesgotáveis de informações que continuam sendo pontos de inspiração teórica. Os autores da teoria social e sua relação com a cidade possuem algumas semelhanças e diferenças nas suas propostas. Nos seis autores, Marx, Engels, Durkheim, Simmel, Weber e Park, temos um interesse pelo método comparativo, e pelas questões da divisão social do trabalho e a relação campo e cidade como fatores importantes do desenvolvimento das sociedades urbanas. Assim como a divisão social do trabalho, densidade e crescimento populacional, heterogeneidade da cidade, totalidade, especialização dos homens. Sendo a cidade considerada, como um local de mercado e sede da economia monetária.

A cidade portanto, foi estudada por estes autores em todos seus aspectos, político, religioso, jurídico, psicológico em suas instituições sociais. Todos os aspectos integrais na metrópole, desde o desenvolvimento das cidades antigas, medievais, até a sociedades

urbanas do século XIX. No Brasil, a cidade seria o espaço de pesquisas urbanas, principalmente nos estudos antropológicos. Tendo claro que a cidade é um conjunto heterogêneo de aspectos gerais e particulares assim como significados. Vale a pena conhecer como foi a trajetória de um campo científico dedicado ao estudo das diversas manifestações sociais e culturais na cidade tanto em um nível teórico quanto de pesquisa, situação que veremos nos capítulos seguintes.

IV

SOCIOLOGIA E PESQUISAS URBANAS

No capítulo anterior foi apresentado o ponto de vista dos autores clássicos da teoria social sobre a cidade. Sabemos que a cidade é o lugar de pesquisa dos estudos urbanos de vários campos científicos, entre eles o campo da Antropologia dedicado às pesquisas dos grupos sociais que moram na cidade. A pesquisa urbana no Brasil, tanto sociológica quanto antropológica teve referenciais teóricos que deixaram sua influência nos trabalhos da época. No meu argumento, se pensarmos no campo científico da Antropologia Urbana no Brasil, as suas tendências teóricas foram influenciadas por três escolas de pensamento em diferentes momentos históricos e teóricos, a Escola Sociológica de Chicago, a Escola Antropológica de Manchester, e a Escola Marxista Francesa de Sociologia Urbana (sobre as duas últimas ver Capítulo V), no entanto no campo científico, as suas produções intelectuais coexistem simultaneamente.

Este Capítulo IV, em termos amplos, trata de um período anterior (1940-1960) à construção do campo da Antropologia Urbana no Brasil nos anos 70. No primeiro tópico, brevemente faço uma síntese da primeira escola que foi a Escola Sociológica de Chicago que teve sua maior influência na pesquisa urbana no Brasil nos anos 40 e 60 tanto na Sociologia quanto na Antropologia, embora volta nos anos 70 com o interacionismo simbólico. No segundo tópico, trato dos estudos precursores na cidade na década de 40-50, tomados como um antecedente dos campos da Sociologia e Antropologia Urbana no Brasil.

Com este objetivo em mente, mergulhei em várias bibliotecas na procura de pesquisas que tratassem sobre a cidade e comprovassem não só a influencia da Escola de Chicago, mas a existência de estudos precursores feitos antes da construção do campo científico nos anos 70, e que demonstrassem a trajetória da pesquisa urbana no Brasil.

No decorrer dos tópicos, incluo no texto depoimentos dos antropólogos e sociólogos brasileiros entrevistados, faço um inter-cruzamento entre eles para descobrir recorrências e pistas. Os entrevistados expõem seu pensamento em relação aos tópicos discutidos no capítulo, principalmente sobre a influência da Escola de Chicago e sua repercussão no Brasil. Finalmente, o terceiro tópico consiste na fundação de instituições e o interesse inicial nas décadas de 50 e 60 pelos problemas urbanos e desenvolvimento, assim como alguns eventos e descrição de instituições interessadas em estudos urbanos que tiveram um desenvolvimento maior na década 70.

1. A Escola Sociológica de Chicago:

Se partimos de uma Sociologia das escolas de pensamento (como vimos no capítulo II.3), a Escola sociológica de Chicago é um bom exemplo. Conhecida no mundo todo, a Escola de Chicago deu um passo na frente no desenvolvimento da Sociologia em termos gerais e de uma Sociologia Urbana e Antropologia Urbana em termos específicos. A sua herança continua até hoje e seus trabalhos seminais tanto teóricos quanto empíricos continuam sendo lidos e editados na atualidade. Aliás não posso deixar de mencionar as outras escolas de Chicago, como a de Arquitetura, Ciência Política, Economia, Filosofia e

Psicologia que tiveram influência nos seus respectivos campos disciplinares em determinado momento histórico e teórico. De igual forma a meu ver, a Escola de Chicago é parte da Sociologia americana que tem diversas correntes e desdobramentos dentro dela, como a Sociologia feita em Columbia, Chicago e Harvard, só para mencionar algumas.

A Escola Sociológica de Chicago teria as características dadas por Tiryakian (*op.cit.*), sobre à Escola de Pensamento. A existência e importância de um líder carismático como Robert Park, seguindo uma linha ou linhas de pensamento como ecologia humana e interacionismo simbólico. O grupo pertenceria a uma instituição como foi a Universidade de Chicago, uma revista para a divulgação dos trabalhos da escola como seria *American Journal of Sociology* fundada em 1895, um ano antes do *L'Anné Sociologique* criado por Durkheim em 1896. De igual forma a Escola estaria localizada em uma cidade importante – neste caso Chicago- que lhe permitiria ter acesso a outros meios informativos, universidades e grupos de pesquisadores.

Escrever sobre a Escola de Chicago é uma tarefa difícil, pois existe uma infinidade de trabalhos detalhados e interpretativos sobre ela. O que apresento aqui é um breve resumo, uma maneira de poder entendê-la como uma precursora do surgimento de uma Sociologia e Antropologia Urbana a nível mundial e sua influência em outros países.⁹⁸ Diferentemente

⁹⁸ Todos os dados apresentados nesta breve síntese da Escola Sociológica de Chicago foram tomados de vários livros e artigos de revista, recomendo ao leitor consultar os seguintes livros sobre a Escola sendo a meu critério os mais aprofundados sobre o tema: Bulmer, Martin. 1984. *The Chicago School of Sociology: Institutionalization, Diversity and the Rise of Sociological Theory*. Chicago: University Chicago Press; Coulon, Alain. 1995. *A Escola de Chicago*. Trad. T. Bueno. Campinas, SP: Papyrus Editora; Eufrásio, Mário. 1999. *Estrutura urbana e ecologia humana: a Escola sociológica de Chicago (1915-1940)*. SP: Editora 34; Faris, Robert E.L. 1970. *Chicago Sociology 1920-1932*. Chicago: University Chicago Press; Kurtz, Lester R. 1984. *Evaluating Chicago Sociology: A Guide to the Literature with an Annotated Bibliography*. Chicago: University Chicago Press; Lindner, Rolf. 1996. *The Reportage of Urban Culture*:

dos amplos trabalhos sobre a escola de Chicago, pensei em organizar o meu resumo da Escola através de várias gerações seguindo a proposta de Mannheim (*op.cit.*: 70) de entender a geração como um grupo de pessoas que estão dentro de uma estrutura social e uma situação comum dentro de determinadas circunstâncias histórico-sociais.

A Escola de Chicago no seu desenvolvimento, a meu ver teve diferentes momentos históricos, gerações e desdobramentos teóricos. Não se pode pensar a Escola e Chicago como homogênea, mas como heterogênea, mesmo mantendo uma matriz ecológica foram várias suas perspectivas. O refinamento teórico de uma Escola de pensamento deve-se a vários fatores como o contexto histórico-social, as teorias sociológicas da época, e as diversas gerações que a conformam e que se sucedem. Cada geração traz uma bagagem diferente de conhecimentos é assim que acredito que as mudanças de posições teóricas vão se dando com todos estes elementos em conjunto. Para defender este ponto de vista, seguindo Mannheim, sobre a coexistência e contemporaneidade de gerações, proponho quatro gerações dentro da Escola de Chicago, todas elas heterogêneas.

Os Estados Unidos teve um desenvolvimento urbano depois da Guerra civil (1860-1865), com o processo de industrialização, crescimento demográfico, urbanização, ferrovias

Robert Park and the Chicago School. Cambridge:Cambridge University Press; Smith, Dennis. 1988. *The Chicago School: A liberal Critic of Capitalism*. New York:St. Martin's Press; Hanerz, Ulf. 1986. *Exploración de la ciudad: hacia una antropologia urbana*. Trad. I. Vermont e P. Villegas. México:Fondo de Cultura Económica; Vila Nova, Sebastião. 1998. *Donald Pierson e a Escola de Chicago na Sociologia brasileira: entre humanistas e messiânicos*. Lisboa:Vega Universidade. Veja-se também a revista *Urban Life:Special Issue*. 1983 *The Chicago School: The Tradition and the Legacy*. Vol. 11(4), onde discute-se a trajetória da escola através de depoimentos de antigos sociólogos e análises de obras. Do mesmo modo, consulte-se a tradução francesa de vários textos clássicos da Escola de Chicago, principalmente a apresentação feita por Grafmeyer, Yves e Issac Joseph. "Présentation". In: *L'École de Chicago: Naissance de l'Écologie Urbain*. Paris:Champ Urbain-Aubier. pp. 5-52. Em português, podem-se consultar três entrevistas de Becker, Howard S.1977. "Diálogos com Howard S. Becker". In: *Uma teoria da ação coletiva*. Trad. M. B. Nunes. RJ:Zahar. pp. 13-36; 1990. "Uma entrevista com Howard S. Becker". *Estudos Históricas*. Vol. 3 (5):114-

extendendo a comunicou a todos os lugares, a marcha para o oeste americano etc. Foi uma etapa de mobilidade social e transformações políticas e econômicas. No caso da cidade de Chicago, converteu-se em um polo industrial com uma forte presença de imigrantes europeus e de outros lugares chegados principalmente entre 1848-1945. Chicago, que entre 1850-1890 transformou-se em uma grande cidade com mais de um milhão de habitantes foi a segunda maior cidade americana e, nos 40 anos seguintes, cresceu três vezes atingindo em 1930 quase 3.400.000 habitantes (Bulmer *op.cit.*:12), Chicago converte-se em um laboratório social para pesquisas e junto com esse desenvolvimento urbano, a Sociologia de Chicago surge e se consolida. Foi neste contexto histórico e eventos sociais que as gerações de pesquisadores tiveram sua produção intelectual.

A primeira geração estaria formada pelos primeiros professores desde a fundação da Universidade de Chicago em 1892, junto com a fundação do primeiro Departamento de Sociologia nos Estados Unidos com a ajuda do financiamento da Fundação de John D. Rockefeller. Nessa primeira geração estavam, Albion Small (1854-1926), William I. Thomas (1863-1947), George E. Vincent (1864-1941), Charles Henderson (1848-1915), Georg Herbert Mead (1863-1931), todos eles coetâneos e professores na Universidade de Chicago no final do século XIX e nos inícios do século XX.

Com Albion Small origina-se uma ênfase de uma Sociologia de pesquisa de campo (Coulon *op.cit.*:15). No entanto, segundo Bulmer (*op.cit.*:25), existia desde os primeiros professores uma tradição pela preocupação nos problemas sociais, reformas, envolvimento

social com a cidade, envio dos alunos a pesquisar esses problemas e fornecer informações de primeira mão, uma tendência que ficaria consolidada anos depois com a pesquisa urbana com Robert Park e Ernest Burgess. Este interesse reformista deve-se à influência de uma Sociologia religiosa, filosófica, com uma tendência ao reformismo protestante e serviço social. Vejamos o depoimento de Lícia Valladares que expressa a necessidade de uma integração entre universidade e cidade:

*“... acho que o pessoal de Chicago foi central né, os trabalhos deles são trabalhos clássicos, que ninguém que faz trabalho de campo, nem estudo empírico pode né, negar. Acredito também que Chicago é muito importante porque Chicago foi um modelo de universidade diferente na época e que agora no Brasil é o modelo totalmente aceito. Essa idéia de, da integração entre a universidade e a cidade, a idéia de que a universidade não deve ser uma, em termos assim de um panteão, onde você chega, onde apenas se discute, se discutem idéias, a universidade está integrada aos problemas, a cidade, está a serviço da comunidade, isso estava lá dado em Chicago com grande antecipação. Acredito também, que Chicago é muito importante porque ela, os problemas os temas que Chicago discutiu, são temas que hoje continuam na ordem do dia né, o livro *The Hobo* né, que é sobre justamente sobre essa mão de obra circulante é fundamental para quem trabalha com informalidade né, com o setor informal, com o mercado de trabalho, ou *Jack Roller* por exemplo né, também é fundamental para quem trabalha com violência, e da *Polish Peasant*, em fim, por aí nos poderíamos ir. O apêndice do *Street Corner Society*, eu acho que assim é, todo mundo deveria ler aquilo, aquilo é uma coisa obrigatória né, para todo mundo que faz trabalho de campo. E o próprio *Park* né, as idéias do *Park* são fundamentais, como essa idéia também que pesquisa, ensino e pesquisa são coisas que não se dissociam né, que para você ter um bom ensino o professor tem que ser ao mesmo tempo professor pesquisador. Então eu acho que tem muitas coisas lá né, que Chicago nos ensina que agente não, a gente rejeitou no Brasil ...” (Entrevista Licia do Prado Valladares).⁹⁹*

A relação cidade, universidade, ensino e pesquisa, eram importantes nesse período em Chicago, assim como os diversos trabalhos de campo que foram feitos e que mantêm a

⁹⁹ Valladares, Lícia do Prado. Entrevista concedida a Edgar S. G. Mendoza. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro IUPERJ. 01/10/1999. 2 Fitas Cassette, son,(1 hora 45 minutos), daqui para frente na citação dos depoimentos somente aparecerá o nome do entrevistado.

sua atualidade. Da mesma forma, a influência de uma teoria social européia teve seu impacto na Sociologia americana no final do século XIX, com o positivismo de Auguste Comte, Herbert Spencer e o chamado Darwinismo social que foi uma corrente teórica importante entre 1850-1900 que enfocaria as sociedades sob a perspectiva de um processo de evolução.¹⁰⁰ De igual forma, os clássicos como É. Durkheim, G. Simmel e M. Weber (como vimos no Capítulo III) foram a base da Escola Sociológica de Chicago na proposta de uma teoria da cidade.

No entanto, a orientação para poder entender determinadas abstrações tornara necessária, segundo Albion Small procurar respostas na realidade, sendo este aspecto que seria sistematizado pela segunda geração de sociólogos em Chicago nas três primeiras décadas do século XX, com uma série de combinações de perspectivas e de metodologia de trabalho de campo. Vemos aqui uma situação de geração, como diz Mannheim (*op.cit.*), com uma consciência de grupo, afinidades profissionais e identidades coletivas.

A segunda geração procurou uma objetividade e uma aproximação à sociedade e à cidade junto com o desenvolvimento de uma linha teórica de pesquisa chamada ecologia humana, relacionada com uma psicologia social, orientada a trabalhar com a cidade e seus problemas sociais. Além destas perspectivas, a Escola interessou-se pela teoria sociológica

¹⁰⁰ Sobre o desenvolvimento da Sociologia americana e a Escola de Chicago podem consultar-se: Breslau, Daniel. 1988. "Robert Park et l'ecologie humaine". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. (74):55-63, e "L'Ecole de Chicago existe-t-elle?". (*ibid.*:64-65); Coser, Lewis. 1976. "Sociological Theory from the Chicago Dominance to 1965". *Annual Review of Anthropology*. Vol. 2:145-160 e 1980. "Tendências americanas". In: *História da análise sociológica*. Tom Bottomore e Robert Nisbet (orgs.). Trad. W. Dutra. RJ:Zahar Editores. Cap. 8:379-420; Martindale, Don. 1976. "American Sociology Before World War II". *Annual Review of Anthropology*. Vol. 2:121-143; Wiley, Norbert. 1979. "The Rise and Fall of Dominating Theories in American Sociology". In: *Contemporary Issues in Theory and Research: a Metasociological Perspective*. W. Snizek et.alii. (eds). London:Greenwood Press. pp.47-79. Embora recomendo duas

e história da Sociologia, isto leva a pensar a Sociologia de Chicago como convergente em termos teóricos e metodológicos e não restrita a determinada orientação teórica unilinear. Apesar da ecologia humana predominante por um tempo, a Escola incorporou outras tendências teóricas no seu desenvolvimento.

A escola de Chicago tem sido acusada, injustamente de ser uma escola de pensamento mais empírica que teórica. Como veremos, a proposta da ecologia humana foi um corpo teórico que influenciou à Sociologia americana daquela época principalmente nos estudos urbanos. Autores europeus como, Émile Durkheim, Georg Simmel, Ferdinand Tönnies, Oswald Spengler e outros, fortaleceram uma teoria sociológica americana junto com o Spencerismo e Darwinismo social, alimentando a tendência liberal, o individualismo e o pragmatismo americano.

Tanto a segunda quanto a terceira geração localizam-se entre as duas guerras mundiais, assim posso considerá-las como duas gerações intermediárias dentro de uma geração real (Mannheim *op.cit.*), ambas gerações pertenceriam à conhecida *Golden Age* da Escola de Chicago entre 1915-1935 com seus brilhantes professores, alunos e discípulos construíram uma Sociologia a nível mundial. Na segunda geração incluo os professores Robert Park (1864-1944, como vimos no Capítulo III.6), Ellsworth Faris (1874-1953), Ernest Burgess (1886-1966), Roderick McKenzie (1887-1940), William Ogburn (1886-1959), e na terceira geração, (formada de alunos e discípulos) estavam, Herbert Blumer, Everett Hughes (1897-1981), Louis Wirth (1897-1952), Robert Redfield, Nels Anderson,

Clifford Shaw, Robert E. L. Faris, Frederick Thrasher, Harvey Zourbaugh, Ruth Cavan, Franklin Frazier, Paul G. Cressey, Donald Cressey, Paul F. Cressey, Frances Donovan, Helen MacGill Hughes, Edwin Sutherland, Samuel Stouffer, Phillip Hauser, Earl Johnson, Ernest Mowrer, E.T. Hiller, Harold Gosnell, Albert Lepawsky, Walter Reckless e William Foote Whyte. A contemporaneidade das duas gerações mostram a sua convivência interna, existindo um nexos participativo tanto social quanto acadêmico.

Posso colocar juntas as duas gerações pelo fato de compartilharem a conhecida idade de ouro da Escola, em que desenvolveu-se a pesquisa sistemática da cidade de Chicago sendo até hoje a cidade mais pesquisada do mundo. Robert Park propôs uma agenda de pesquisas, seguida pelos seus colaboradores e alunos, construindo um corpo de categorias analíticas tomadas do biologismo. Surgindo a ecologia humana a qual aplicada à cidade, converteu-se na ecologia urbana. Considero que o aspecto mais rico da Escola de Chicago foram as pesquisas etnográficas urbanas feitas com um modelo de pesquisa tanto qualitativa quanto quantitativa, com trabalho de campo, observação-participante, métodos de história de vida, documentos pessoais, *surveys*, mapas e estatísticas. Produzindo um *corpus* de investigações que estudaram diversos pontos da cidade de Chicago, suas áreas naturais e áreas morais, assim como as suas zonas de vício, o comportamento desviante dos seus frequentadores.

A agenda de pesquisa incluía a cidade como um todo, instituições, estrutura social, organização social, estratificação social, zonas de vício, psicologia social da cidade, mundos

sociais, imigração, migração da comunidade negra e europeia, demografia, ecologia, população, grupos marginais, delinquência, moradia, aspectos patológicos, economia informal, saneamento, relações raciais, delinquência e bairros. Segundo a perspectiva reformista dos pesquisadores, todos estes elementos eram estudados detalhadamente, uma forma de primeiro entender a cidade para depois mudá-la.¹⁰¹ Para Gilberto Velho, a importância da Escola de Chicago foi enfrentar os problemas da cidade, com um grupo heterogêneo de pesquisadores que desenvolveram uma metodologia de trabalho de campo que poderia ser aplicado à metrópole. A combinação de métodos permitiu uma proposta teórica e metodológica inovadora na pesquisa social:

“A perspectiva da Escola de Chicago, que tem origem entre o final do século XIX e o início do século XX, foi a de enfrentar as novidades da vida metropolitana em relação ao que se sabia de sociedades tradicionais. Tratava-se, fundamentalmente, de um grupo de cientistas sociais não homogêneo, sem uma unidade de doutrina, de pessoas que se preocupavam com sociedades tribais, com sociedades camponesas, como o meio urbano e que, ao focar a cidade - especificamente Chicago -, desenvolveram vários métodos de trabalho complementares. Faziam trabalho de campo, observação participante, usavam métodos quantitativos e estatística, não faziam separações rígidas em termos de método e técnicas de trabalho. Na realidade sabiam que era preciso utilizar métodos quantitativos em determinados momentos e achavam muito natural e inevitável envolver-se directamente com os grupos que estavam estudando, morando com eles, convivendo com eles e tentando entender o que nós até hoje estamos procurando saber: como é que as pessoas pensam, sentem e vêem o mundo qual é a construção social da realidade que envolve grupos e categorias sociais específicos. O pensamento, a perspectiva e as maneiras de trabalhar da Escola de Chicago estavam ligados a preocupações evidentes de reforma social diante dos problemas urbanos, de questões prementes da vida nas grandes cidades, mas reflectiam problemas mais gerais sobre sociedades e sobre cidades não só nos Estados Unidos como no mundo em geral. É importante frisar isso porque, em termos teóricos, boa parte da perspectiva da Escola de

¹⁰¹ Para uma discussão das obras e das linhas de pesquisa destes temas, consulte-se os trabalhos de Short, James. 1971. “Introduction”. In: *The Social Fabric of the Metropolis: Contributions of the Chicago School of Urban Sociology*. Chicago: University Chicago Press. pp. xi-xlvi; Hanerz, Ulf. “Etnógrafos de Chicago”. (op.cit.:Cap. 2:29-72) e Coulon (op.cit. caps. 2 e 3).

Chicago é inspirada directamente na obra de George Simmel ... foi particularmente fértil em Chicago, através de Park ..."¹⁰²

A preocupação do grupo de Chicago não só era a cidade como espaço de pesquisa, mas a sociedade maior. Robert Park foi o principal teórico da ecologia humana que aplicou-a ao estudo da cidade.¹⁰³ A ecologia humana em termos gerais, consistia em uma analogia biológica, vendo a sociedade como um organismo biótico, social e cultural, relações simbióticas, competição entre seres e instituições que continham forças seletivas de adaptação ao ambiente físico, competição pessoal, econômica e de especialização do indivíduo urbano.

Uma outra característica era a ênfase comportamental e de personalidade como formas específicas de organização social observando os grupos com seus tipos, estilos de vida e sua luta pela sobrevivência, facilitando uma divisão funcional do trabalho, procurando aspectos universais do comportamento. O estudo da interação social entre os grupos localizados na cidade seu crescimento populacional e especialização, eram preocupações da Escola já naquela época. Entre as categorias mais utilizadas no referencial teórico da Escola teríamos, a competição, organização e desorganização social, comunidade, simbiose, adaptação ao meio ambiente e sucessão, norteando as pesquisas na cidade sendo constantemente refinadas com os dados empíricos.

¹⁰² Depoimento extraído da entrevista de Gilberto Velho concedida em Portugal a Bastos, Cristiana e Graça Índias Cordeiro. 1997. "Desafios e metamorfoses da Antropologia contemporânea: entrevista com Gilberto Velho". *Etnográfica: Revista do Centro de Estudos de Antropologia Social*. Vol. 1(2):321-327. pp.322, 323.

¹⁰³ No Brasil, o leitor pode consultar a coletânea organizada por Donald Pierson com trabalhos de Robert Park, Ernest Burgess, Roderick McKenzie e outros. [1948] 1970. *Estudos de ecologia humana: leituras de Sociologia e Antropologia Social*. Donald Pierson (org). SP:Livraria Martins Editóra. 2da. edição. Tomo I.

Os pesquisadores influenciados pela ecologia humana pretendiam estudar um equilíbrio e desequilíbrio de um conjunto de elementos limitados pela proximidade geográfica. A cidade era considerada como uma área natural e nela se estudariam as pessoas na sua organização e desorganização social na busca de um equilíbrio, enquanto ordem moral, sendo a área natural o instrumento que indicaria o sistema de estrutura de competição, localização dos tipos de pessoas e personalidade dos indivíduos na sua interação social.¹⁰⁴ Para os ecologistas, a cidade era um meio-ambiente natural ou unidade ecológica. Para Park existiam dois níveis: o biótico ou comunidade (áreas naturais) e o nível cultural ou sociedade (ordem moral) que incluía a solidariedade social e ações coletivas.¹⁰⁵

O estudo ecológico da cidade seguia três análises: a) descrição e características das áreas urbanas baseadas no uso da terra, b) descrição das características dos habitantes de uma área como a idade, ocupação, étnia e religião, c) as mudanças e composição da população e o uso da terra. As análises iniciaram os clássicos de estudos ecológicos de Chicago e suas áreas naturais como subúrbios, costa de ouro, gueto, hobos (hobohemia), os distritos centrais de negócios e outros (Reissman *ibid.*:105). A agenda de pesquisa detalhada das diversas áreas da cidade de Chicago, seus grupos sociais, converteram Chicago naquele período, o lugar mais pesquisado do mundo sociologicamente e que continua sendo até hoje.

Dentro desta agenda de pesquisa, encontramos a conhecida proposta de Ernest Burgess das cinco zonas concêntricas, sendo o produto da aplicação da ecologia urbana à cidade. As zonas eram: zona I, o centro comercial e de negócios, a zona II, chamada zona

¹⁰⁴ Mowrer, Ernest. 1943. "El estudio ecológico de la ciudad". *Revista mexicana de sociología*. Vol. V:19-25.

de transição, a zona III a dos bairros operários, a zona IV a zona residencial de classes medias e elevadas, e a zona V das pessoas que viviam nos arredores e viajavam diariamente à cidade para trabalhar.¹⁰⁶ Algumas das críticas ao esquema ideal das zonas concêntricas de Burgess indicam que não se aplicam a todas as cidades, porque existem variações locais decorrentes.¹⁰⁷ No modelo das zonas concêntricas não foi considerada a geografia, os fatores industriais, e a comparação com cidades européias que tem outra distribuição espacial.¹⁰⁸ Uma outra crítica refere-se ao processo de urbanização que não é simplesmente a migração do campo à cidade, os grupos mantêm e fortalecem seus laços e modos de vida, sejam primários ou secundários, desenvolvendo uma organização social no meio urbano das grandes cidades. Além disso, a aplicação universal do modelo possui características dos anos 20 e 30 na cidade de Chicago, tomado como um modelo universal e dificilmente poder ser aplicado a todas as cidades.¹⁰⁹

Existem críticas ao modelo e outras propostas da Escola, não se pode negar que desde aquela época se estava fazendo uma Antropologia e Sociologia na e da cidade. Para Gilberto Velho, nesse mesmo período, Robert Park estava lendo Malinowski em 1922 ou 1923, mostrando a atualidade dos métodos e o acompanhamento do que estava sendo feito

¹⁰⁵ Reissman, Leonard. 1969. *The Urban Process: Cities in Industrial Societies*. NY: The Free Press. pp. 103, 104.

¹⁰⁶ Burgess, Ernest W. [1923] 1970. "O crescimento da cidade: introdução a um projeto de pesquisa". In: *Estudos de ecologia humana: leituras de Sociologia e Antropologia Social*. Donald Pierson (org). SP: Livraria Martins Editora. 2da. edição. Tomo I:353-368.

¹⁰⁷ Pierson, Donald. 1947. "Ecologia humana". *Sociologia*. Vol. IX(2):153-163, o texto a seguir Pierson faz uma crítica mas detalhada, 1948. "Exame crítico da ecologia humana". *Sociologia*. Vol. X(4): 227-241.

¹⁰⁸ Quinn, James. [1940] 1970. "A hipótese de zonas de Burgess e seus críticos". In: *Estudos de ecologia humana: leituras de Sociologia e Antropologia social*. Donald Pierson (org). SP: Livraria Martins Editora. 2da. edição. Tomo I:369-381; Goitia, Fernando Chueca. 1982. *Breve história do urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença. p. 212.

¹⁰⁹ Giddens, Anthony. 1984. *Sociologia: uma breve porém crítica introdução*. Trad. A. Oliva e I. A. Cerqueira. RJ: Zahar Editores. pp. 79 e 81.

pela Antropologia na época, os dois autores eram contemporâneos, um estudando os trobriandeses e o outro a cidade de Chicago:

“A versão em que eu insisto é que efectivamente, no início do século XX, já está sendo feita Antropologia na cidade. Essa idéia de que os antropólogos estavam pesquisando o exótico distante é uma versão, que talvez possa ser localizada sobretudo na Antropologia britânica ... essa idéia do exótico e do distante como objecto legítimo e exclusivo pertence a uma linhagem antropológica que, tendo os seus próprios méritos, foi dominante durante algum tempo, mas acho que também já deixou de ser ... A versão que eu sustento mostra que, de certa forma, enquanto Malinowski estava estudando os Triobriandeses, Park estava estudando Chicago: são contemporâneos ... Exactamente. O que eu estou tentando demonstrar é que, de facto, se começou a fazer pesquisa antropológica na cidade no início do século. Talvez até com raízes mais antigas, mas de um modo sistemático com departamentos, com instituições acadêmicas, é nessa altura. Park era uma pessoa que estava lendo, em 1922, ou 1923, o trabalho de Malinowski depois de ter realizado uma série de pesquisas inovadoras Park fazia um trabalho importante e estimulante, preocupava-se com sociedades tribais e, de uma maneira geral, com a sociedade, não só com a sua cidade” (Depoimento de Gilberto Velho in Bastos e Cordeiro op.cit.:324).

A trajetória da Escola Sociológica de Chicago chegou a uma quarta geração que seria a da pós-guerra, sendo os autores mais conhecidos, Howard S. Becker, Erving Goffman e Morris Janowitz, como também houve um desenvolvimento maior do chamado interacionismo simbólico. A geração foi conhecida como a *New Chicago School*, treinada pela terceira geração, mas com a influência do interacionismo simbólico desenvolvido por duas vertentes: uma mais antiga, a dos anos 20, de George H. Mead, e a outra dos anos 40 e 50 com Herbert Blumer, mantendo a ênfase na pesquisa empírica e construção de teoria. Nos anos 70 foi criada a revista *Urban Life* pelos seguidores da escola de Chicago ou neo-chicagoanos como eram conhecidos (Harvey op.cit.:264-268). A pesquisa da Escola Sociológica de Chicago deixou uma herança rica de combinação de teorias e métodos

quantitativos e qualitativos, e como menciona Gilberto Velho, sempre se tem uma volta à Escola de Chicago na procura de elementos teóricos estimulantes, se convertendo em clássicos da cidade:

“... a Escola de Chicago é sem dúvida importantíssima, porque sobre tudo, coisas que as pessoas muitas vezes não percebem é que a Escola de Chicago na sua origem era Sociologia e Antropologia, isso é fundamental era um departamento único até 1929. Então para mim, isso é fundamental, eles trabalhavam com métodos qualitativos e quantitativos, história de vida, entrevista e observação participante, essa fronteira não fazia muito sentido ... a Escola de Chicago é importante é mais importante para mim, inclusive a partir que os anos passam que eu vou procurar outras coisas da Escola de Chicago, continuo buscando entendeu, porque mesmo nos Estados Unidos, ela teve uma influência em uma área, não chega a ser marginal, ficou com uma influência em uma certa área, muitos rótulos, estereótipos inadequadíssimos, a coisa da ecologia que é uma dimensão, tem sido confundida com a estatística não é nada disso e a herança de Chicago se espalha ... então é isso, quer dizer Chicago é uma influência importante sobretudo através dessa dimensão interacionista e depois especificamente através das obras do Goffman e do Becker ... e essas outras gerações fundadoras, Thomas, Park, e depois a geração intermediária, Hughes, Blumer, antes George Herbert Mead até chegar à geração da pós-guerra que são Becker, Goffman entre outros ...”
(Entrevista Gilberto Velho).¹¹⁰

Apesar do aporte da Escola de Chicago, segundo Gilberto Velho, existem até hoje rótulos, estereótipos inadequados que confundem a ecologia com estatística. Na atualidade há críticas em termos gerais à ecologia urbana de Chicago, no entanto a herança da pesquisa empírica continua até hoje. Julgo oportuno indicar algumas das críticas como: a) ausência de uma consideração das causas econômicas que determinam mudanças dos grupos sociais, assim como a dificuldade teórica das propostas generalizantes da Escola que não podiam ser aplicadas a todas as cidades, b) a inexistência de estudos das mudanças históricas da

¹¹⁰ Velho, Gilberto. Entrevista concedida a Edgar S. G. Mendoza. PPGAS. Museu Nacional UFRJ. 16/03/1999. 1 Fita Cassete, son., (50 minutos).

sociedades do regime de propriedade privada, os movimentos sociais, determinismo tecnológico no desenvolvimento das cidades, c) a crítica a tendência abrangente de estudos de patologia social e d) deixavam-se de lado as políticas de governo e estaduais, conflitos de classe, Estado, desenvolvimento da cidade junto com o capitalismo industrial e o urbanismo. A maioria dos aspectos não foram tomados em conta pela escola de Chicago, isto é, a sociedade como um todo não foi estudada. Apesar dos esforços dos pesquisadores, se conseguiram só estudar alguns setores da cidade.

Esta série de críticas em termos gerais, devem ser entendidas no seu tempo, recurso humano e referencial teórico da época, ou seja, não pode ser exigido uma análise da cidade de Chicago sem compreender e entender o período em que foi desenvolvida a pesquisa e as condições de trabalho de campo, métodos e financiamento dos pesquisades, isto é, o seu contexto teórico e intelectual. Apesar das críticas à Escola de Chicago suas propostas de pesquisa e produção bibliográfica influenciaram à Sociologia a nível mundial. A originalidade das propostas teóricas e metodológicas, repercutiram desde os anos 20 até hoje, e o Brasil, não foi a exceção. Como seria esta influência no Brasil? quais os trabalhos precursores? como detectar a influência?

2. Chicago em São Paulo: estudos precursores na cidade:

Este tópico trata de um resgate de pesquisas precursoras de estudos urbanos na cidade que tiveram influência da Escola de Chicago. Apesar de serem pesquisas isoladas mantiveram uma ênfase em questões propriamente urbanas. O motivo de trazê-las é

demonstrar que realmente foram um antecedente dos estudos urbanos no Brasil. Entre 1940-1950 a Sociologia da Escola de Chicago teve influência em três campos no Brasil: a) relações raciais (negros, brancos e imigrantes),¹¹¹ b) estudos de comunidade (pequenas cidades rurais),¹¹² e c) estudos na cidade (principalmente São Paulo), embora os três campos

¹¹¹ Me centrarei em Donald Pierson e a influência de Chicago nos seus estudos de relações raciais afro-brasileiras sendo com ele que se institucionaliza este tema em São Paulo como veremos depois. No entanto no Brasil já existiam trabalhos em áreas urbanas como as pesquisas seminais de Rodrigues, Nina. [1932] (1982). *Os africanos no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 6ta edição, Corrêa, Mariza. 1998. *As ilusões da liberdade a escola de Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. FAPESP/USF. Por outro lado, Freyre, Gilberto. [1936] (1977). *Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. RJ. Instituto Nacional do Livro. Tomo 1: capítulo II:30-66, do mesmo modo os Congressos Afro-Brasileiros o primeiro em Recife em 1934 e o segundo em Bahia em 1937 mostram o interesse nas relações raciais no Brasil antes de Pierson. Sobre a história dos estudos de relações raciais desde 1940, consulte-se os aprofundados trabalhos de Guimarães, Antônio Sérgio. 1995. "Racismo e anti-racismo no Brasil". *Novos Estudos Cebrap*. (43):26-44, 1996. "Cor, classes e status nos estudos de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia: 1940-1960". *Raça, ciência e sociedade*. Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos (orgs). RJ: Editora Fiocruz. pp. 143-157, 1999a. "Baianos e paulistas 'duas escolas' de relações raciais?". *Tempo Social*. 11(1):75-95, 1999b. "Raça e os estudos de relações raciais no Brasil". *Novos Estudos Cebrap*. (54):147-156; Bacellar, Jefferson A. 1981. "Sociologia da socio-Antropologia do negro da Bahia". *Anuário Antropológico* 79. Tempo Brasileiro. pp. 261-276; Vila Nova, Sebastião. 1995. *Sociologias & pós-Sociologias em Gilberto Freyre: algumas fontes e afinidades teóricas e metodológicas do seu pensamento*. Recife: Editora Massangana-Fundação Joaquim Nabuco, livro que mostra a influência da Escola de Chicago através do pragmatismo em Gilberto Freyre. No caso de brancos imigrantes, foi com Willems, Emílio. 1946. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. SP: Companhia Editora Nacional. Nesta mesma linha de relações raciais de imigrantes integresse, Saito, Hiroshi. 1953. "O suicídio entre os imigrantes japoneses e seus descendentes no Estado de São Paulo". *Sociologia*. Vol. XV(2):109-130; 1961. *O japonês no Brasil: estudo de mobilidade e fixação*. SP: Editora Sociologia e Política. Para uma biografia e trajetória acadêmica de Hiroshi Saito, Cf. Castro, Marcos Luiz. 1994. *Entre o Japão e o Brasil: a construção da nacionalidade na trajetória de vida de Hiroshi Saito*. Dissertação de Mestrado. IFCH-UNICAMP.

¹¹² Desenvolvidos principalmente em pequenas cidades do interior do Brasil nos estados de Bahia, Minas Gerais, São Paulo e outros. Sobre estes estudos não me estenderei, devido que existem diversos trabalhos aprofundados que permitem sua análise e crítica, Cf. Consorte, Josildeth Gomes. 1996. "Os estudos de comunidade no Brasil: uma viagem". In: *Humanismo e compromisso: ensaios sobre Octavio Ianni*. Maria Izabel Leme Faleiros e Regina Aída Crespo (org.). SP: Editora da UNESP. pp.51-68; Fontenelle, L. F. 1971. "A comunidade no Brasil: um estudo tentativo para sua configuração". *Revista de Ciências Sociais*. Vol. 2 (2):5-14; Goldwasser, Maria Julia. 1974. "Estudos de comunidade: teoria e/ou método". *Revista de Ciências Sociais*. Vol. V(1):60-81; Guidi, M.L.N. 1962. "Elementos de análise dos estudos de comunidade realizados e publicados de 1946-1960". *Revista de Educação e Ciências Sociais*. Vol. 10(19):4-87; Ianni, Octavio. 1961. "Estudo de comunidade e conhecimento científico". *Revista de Antropologia*. Vol. 9(1-2):109-119; Kofes, Suely. 1996. "As pedras e o arco: os estudos de comunidade e a atualidade de antigas questões". In: *Humanismo e compromisso: ensaios sobre Octavio Ianni*. Maria Izabel Leme Faleiros e Regina Aída Crespo (org.). SP: Editora da UNESP. pp. 41-49; Moreira, M. 1963. "Estudo sociodemográfico de comunidades". *Revista de Antropologia*. Vol. II (1-2):29-39; Nogueira, Oracy. 1955. "Os estudos de comunidade no Brasil". *Revista de Antropologia*. Vol. 3:95-103; Schaden, Egon. 1971b. "O estudo socioantropológico da aculturação dos alemães no Brasil". In: *Introdução ao estudo da Antropologia no Brasil*. Encontro internacional de estudos brasileiros, I Seminário de estudos brasileiros (São Paulo, 13 a 25 de setembro), Egon Schaden (Coord). 2 Vols; Vila Nova, Sebastião. 1996. "O singular e o universal nos estudos de comunidade". In: *Humanismo e compromisso: ensaios sobre Octavio Ianni*. Maria Izabel Leme Faleiros e Regina Aída Crespo (org.). SP: Editora da UNESP. pp. 69-76; Wagley, Charles. 1954. "Estudos de comunidade no Brasil sob perspectiva nacional". *Sociologia*. Vol. 16 (2):3-22, 1955. "Brazilian Community Studies: A Methodological Evaluation". In: *Anais do XXVII Congresso Internacional de Americanistas*. 23-28 de agosto de 1954. H. Baldus (org. e pub.). SP: Editora Anhembi. Vol I:257-382, e Thales de Azevedo. 1951. "Sobre métodos de campo no estudo de comunidades". *Revista do Museu Paulista*. (Nova série) Vol. V:227-237; Woortmann, Klaas. 1972. "A Antropologia brasileira e os estudos de comunidade". *Universitas*. (11):103-140.

são importantes, minha ênfase está no campo dos estudos na cidade de São Paulo como veremos mais adiante.

Antes de conhecer as pesquisas na cidade de São Paulo indico alguns eventos institucionais importantes e a proposta de uma geração precursora nas Ciências Sociais no Brasil.¹¹³ O tópico cobre os anos 40-50, duas décadas complexas que seria difícil defini-las em poucas páginas obrigando-me a ser conciso, sendo uma maneira de contextualizar a pesquisa urbana no Brasil.

A literatura sobre a história das Ciências Sociais no Brasil é muito ampla; apenas destaco brevemente um ângulo dela: a sua trajetória a nível institucional. Entre 1900 e 1930 existiu uma “geração precursora”, ou uma geração real como indica Mannheim, que teve sua existência antes da institucionalização das Ciências Sociais no Brasil. A complexa “geração precursora”, nascida entre 1900/1910 e formados academicamente entre 1930/40, embora constituída por alguns

¹¹³ Alguns autores que oferecem uma maior análise, detalhe e depoimentos destas décadas como por exemplo: Azevedo, Fernando. 1955. “A Antropologia e a Sociologia no Brasil”. In *As Ciências Sociais no Brasil*. SP: Edit. Melhoramentos, Vol. II:353-399; Azevedo, Thales de. 1984. “Primeiros Mestres da Antropologia nas Faculdades de Filosofia”. *Anuário Antropológico* 82. RJ, Tempo Brasileiro, pp. 259-277; Azeredo, Roberto Paulo. 1986. *Antropólogos e pioneiros: a história da sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia*. Coleção Antropologia. SP-FFLCH-USP; Castro Faria, Luiz de. 1984. “A Antropologia no Brasil: depoimento sem compromissos de um militante em recesso”. *Anuário Antropológico* 82. RJ: Tempo Brasileiro pp. 228-250; 1993. *Antropologia: espetáculo e excelência*. RJ: Editora Tempo Brasileiro; Corrêa, Mariza. (Org.). 1987. *História da Antropologia no Brasil (1930-1960): testemunhos: Emílio Willems e Donald Pierson*. Campinas: Editora da UNICAMP/Edições Vértice. Vol. I, 1988a. “Traficantes do excêntrico: os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 3(6):79-98; 1988b. “A revolução dos normalistas”. *Cadernos de Pesquisa* (66):13-24, 1995a. “A Antropologia no Brasil (1960-1980)”. In: *História das Ciências Sociais no Brasil*. Org. S. Miceli. SP: Sumaré/FAPESP. Vol. 2:25-106; Cunha, Mário Wagner Vieira. 1955. “Possibilidades de exercício de atividades docentes, de pesquisa e técnico profissional por antropólogos no Brasil”. *Revista de Antropologia*. Vol. 3(2):105-114; Fernandes, Florestan. 1977. *A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Edit. Vozes; Peirano, Mariza. 1991. *The Anthropology of Anthropology: the Brazilian Case*. Tese de Doutorado, Harvard University, Cambridge Mass 1981. Republicada na *Serie Antropologia*. (110), Brasília: UnB-IH-DAN; Schaden, Egon. 1967. “Brasil 2”. In: *Reunión para la integración de la enseñanza con las investigaciones antropológicas*. *Anuario Indigenista*. Vol. XXVII:53-60, 1971a. “Introdução ao estudo da Antropologia no Brasil”. In: *Introdução ao estudo da Antropologia no Brasil*. Encontro internacional de estudos brasileiros, I Seminário de estudos brasileiros (São Paulo, 13 a 25 de setembro), Egon Schaden (Coord). 2 Vols; Vila Nova (1998).

intelectuais nascidos no século XIX, foram personagens “contemporâneas” de um processo histórico concreto, mantendo uma interação nas suas vidas profissionais. Os agentes sociais desta complexa geração pertenciam a diversas profissões como a Medicina, o Direito, a Engenharia, a Literatura, o Exército, a Psicologia, a Geografia e o Folklore. Encontrando intelectuais brasileiros como os seguintes:¹¹⁴

A geração precursora

Alberto Torres (1865-1917)
 Anísio Teixeira (1900-1971)
 Antonio Carneiro Leão (1887-1967)
 Arthur Ramos (1903-1949)
 Caio Prado Junior
 Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958)
 Carlos Drummond de Andrade
 Pdr. Cesar Albisetti (1888-1977)
 Claude Lévi-Strauss
 Donald Pierson (1900-1995)
 Emilio Willems
 Kurt Nimuendajú (1885-1945)
 Edgard Roquette-Pinto (1884-1945)
 Estevão Pinto (1895- ?)
 Euclides da Cunha (1866-1909)
 Fernand Braudel
 Fernando de Azevedo
 Francisco José Oliveira Vianna (1883-1951)
 Frederico Edelweiss (1892-1976)
 Gilberto Freyre (1900-1987)

Harald Shültz (1909-1966)
 Heloísa Alberto Torres (1895-1974)
 Herbert Baldus (1899-1977)
 Kalerbo Oberg (1901-1973)
 Loureiro Fernandes (1903-1977)
 Luis da Câmara Cascudo
 Manoel Nunes Pereira (1895-1985)
 Mario de Andrade (1893-1945)
 Max Schmidt (1874-1950)
 Oswald de Andrade (1890-1954)
 Oswaldo Rodrigues Cabral (1903-1978)
 Paul Arbousse Bastide
 Paulo Duarte
 Plínio Ayrosa (? -1961)
 Raimundo Lópes (1894-1940)
 Raymundo Nina Rodrigues (1862-1917)
 Roger Bastide (1898-1974)
 Ruth Landes (1908-1991)
 Sergio Buarque de Holanda
 Thales de Azevedo (1905-1995)

¹¹⁴ Daqui para frente, sob o risco de omissões, quando escrevo os nomes de cientistas pertencentes a uma determinada geração, somente indico uma amostra dos mais representativos e conhecidos.

Todos eles, de alguma forma, participaram em trabalhos antropológicos sendo “contemporâneos” entre si. Como o expressado por Mannheim (1982:69), quando indicou que a geração não é um grupo concreto como uma comunidade, mas todos seus integrantes podem ter um conhecimento uns dos outros. Cada sujeito intelectual pertencia a determinado espaço institucional, como o Museu Nacional, Faculdades de Direito, Medicina e outras compartilhando todos um “espírito da época”.¹¹⁵

Na “geração precursora” surgem, os “grandes ensaios de interpretação geral” sobre o Brasil, com trabalhos de Gilberto Freyre, Oliveira Vianna, Sergio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior e Fernando de Azevedo. Lembrando, que cada geração é desenvolvida por indivíduos que possuem um quadro de referência específico -conceitos e categorias de pensamento- (Mannheim 1982:80); isto é, a geração participa das correntes sociais e intelectuais características de seu período.

A “geração precursora”, estava relacionada às áreas de conhecimento da Sociologia e da Antropologia, por sua vez vinculadas a um processo de busca de uma identidade nacional e de *nation building*.¹¹⁶ Dificilmente poderia-se-ia dividir Sociologia e Antropologia, desde que as disciplinas estavam intimamente ligadas entre si. Por isso, dentro dos grupos de antropólogos encontraremos também sociólogos. Depois da revoluções de 30 e 32, o clima intelectual e político mudou e trouxe transformações principalmente na educação superior. A institucionalização das Ciências Sociais no Brasil se expressou na fundação de instituições que contaram na sua

¹¹⁵ Vale notar que no espaço institucional da época, o Serviço de Proteção aos Índios -SPI- tinha um papel importante, através de uma influência do positivismo na Política Indigenista Republicana (consulte-se Gagliardi, José Mário. 1989. *O indígena e a República*. São Paulo: Editora HUCITEC-EDUSP.

estrutura de ensino as disciplinas de Sociologia e antropológica. A criação da Escola Livre de Sociologia e Política fundada em 1933, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP fundada em 1934 e da cátedra de Antropologia Social na Universidade do Distrito Federal criada em 1935, foram iniciativas da “geração precursora” que institucionalizou o ensino superior da Sociologia e a Antropologia no Brasil.¹¹⁷

As duas áreas de conhecimento, evidentemente eram ensinadas em faculdades em diferentes cidades brasileiras, por exemplo a criação no Rio de Janeiro em 1925 da “cadeira de Sociologia” no Cólégio Pedro II e depois em 1928 na Escola Normal Superior de Recife e na do Distrito Federal (Azevedo *op.cit.*:380). Mas, aqui nos interessa o processo pelo qual a disciplina começa a desenvolver um perfil intelectual e institucional produzindo os “espaços acadêmicos-institucionais,” tomados como centros de atividade científica sendo um modelo de organização do trabalho científico. A organização do trabalho científico levou ao treinamento de novo recurso humano formando novas gerações. Mesmo assim, a fundação de instituições que não tinham a finalidade de formar antropólogos, tiveram um papel importante na consolidação de grupos como por exemplo, a Sociedade de Etnografia e Folclore fundada por Mário de Andrade em 1936.¹¹⁸ Temos também em 1941 a fundação da Sociedade Brasileira de Antropologia por

¹¹⁶ Peirano, Mariza. (*op.cit.*).

¹¹⁷ No caso da Sociologia, Nogueira, Oracy. 1981. “A Sociologia no Brasil”. In: *História das Ciências no Brasil*. Mário Guimarães Ferri e Shozo Motoyama. (Coords.). São Paulo: EDUSP-EPU-CNPq. Vol. 3:181-234, que mostra a trajetória da Sociologia no Brasil, desde a metade do século XIX até a década de 80. Dividindo a trajetória em duas fases: a) no interesse pela Sociologia e b) uma periodização da história da Sociologia no Brasil. Na primeira analisa a presença das idéias da época, o positivismo, o evolucionismo e o determinismo racial (política de branqueamento). Na segunda fase, ressalta a divisão de quatro etapas compreendidas entre 1840 e 1964 em diante. A riqueza do trabalho é a quantidade de instituições e cientistas tanto de Sociologia quanto da Antropologia em diferentes estados do Brasil como Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Paraná, Rio Grande do Sul, etc.

¹¹⁸ O grupo modernista liderado por Mário de Andrade e Rodrigo Mello Franco fundaram o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico em 1937 (SPHAN), grupo formado por intelectuais que apresentavam formação diversificada atuando no campo jornalístico, literário, ensaístico e historiográfico, além de atividade pública, ver Veloso, Mariza Motta Santos. 1992. *O tecido do tempo: a idéia de patrimônio cultural no Brasil 1920-1970*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília.

Arthur Ramos (Azeredo *op.cit.*). Aliás, não posso deixar de mencionar alguns eventos, como os Congressos de Recife em 1934 e Bahia 1937, entrosando aos cientistas interessados em este tipo de estudos como Arthur Ramos e Gilberto Freyre.

Na fundação de instituições e formação de novos antropólogos, foi importante a colaboração de professores estrangeiros, americanos, franceses e alemães que formaram parte da “geração precursora”. Entre eles, Donald Pierson, Emílio Willems, Charles Wagley, Herbert Baldus, Roger Bastide, Claude Lévi-Strauss e outros.¹¹⁹ Com a institucionalização das Ciências Sociais na década de 30 através de centros intelectuais da disciplina, se formaram profissionalmente outras gerações de antropólogos e sociólogos no Brasil, dando origem propriamente em anos posteriores à comunidade de antropólogos brasileiros. A institucionalização das Ciências Sociais no Brasil foram as condições que permitiram o desenvolvimento do pensamento social nesse período.

Extraio desta geração precursora, Donald Pierson e seu livro, *Branços e pretos na Bahia* que foi desenvolvido na cidade de Salvador entre 1935-37.¹²⁰ O porque da escolha? Na minha opinião foi o primeiro trabalho com uma influência clara da Escola de Chicago no Brasil, que é o que me interessa na tese com teoria, método de pesquisa de campo, etnografia e observação participante. Apesar que foi uma pesquisa de relações raciais e não da cidade de Salvador, a sua importância deve-se ao fato que inovou os estudos sociológicos no final da década de 30, principalmente em São Paulo.

¹¹⁹ Mais especificamente, “Donald Pierson, Roger Bastide Fernando de Azevedo, Jacques Lambert, Claude Lévi-Strauss, Paul Arbousse Bastide, Samuel Lowrie, Horace Davis, e T. Lynn Smith na Sociologia; e Herberth Baldus, Arthur Ramos, Charles Wagley e Kalervo Oberg.” Fernandes, Florestan. (*op.cit.*:42).

¹²⁰ Pierson, Donald. [1942] (1971). *Branços e pretos na Bahia: estudo de contato racial*. SP:Companhia Editora

“... Donald Pierson, jovem sociólogo que vinha formado dentro da rígida disciplina metodológica da sua universidade (Chicago), onde recebeu os ensinamentos do grande Park ... utilizando-se dos seus métodos que são os métodos de observação, experiência recomendada na moderna pesquisa sociológica ... é verdade que desta vez, o plano de trabalho de Pierson era inteiramente novo entre nós ... podemos afirmar que a obra de Pierson, é a primeira tentativa científica que surge no Brasil, de estudo sistematizado e objetivo das relações raciais”.¹²¹

Devido à riqueza dos dados, o livro de Pierson dificilmente poderia ser descrito em poucas linhas, mas em termos gerais posso dizer que a análise foi feita desde uma perspectiva sociológica e histórica que mostrou o estudo de fenômenos sociais como a escravidão, revoltas, instituições, manifestações de abolição da escravatura, miscigenação, mobilidade vertical e horizontal, casamentos inter-raciais, estrutura social, classe social, preconceito de cor e de classe, além de comparações das relações raciais entre o Brasil e os Estados Unidos. Aliás, dialoga com obras de autores brasileiros principalmente com os apresentados nos congressos Afro-Brasileiros de 1934 e 1937.¹²²

Apesar da amplitude de sua análise e dos temas analisados no livro, gostaria de fazer uma ênfase na metodologia de pesquisa de Pierson, centrando-me nas suas notas metodológicas.¹²³ Quero ressaltar que na pesquisa de Pierson o seu interesse não era a cidade de Salvador, a preocupação era mais pelas relações raciais ou situação racial, que

Nacional. 2da. edição.

¹²¹ Ramos, Arthur. (1971). “Introdução à primeira edição brasileira”. In: *Branços e pretos na Bahia: estudo de contato racial*. SP:Companhia Editora Nacional. 2da. edição. pp. 67-70

¹²² Pierson (*ibid.*:cap. IX:250-272).

¹²³ Pierson (*ibid.*:390-398) no apêndice D: “Estudo de contato racial no Brasil: procedimentos de pesquisa”. A experiência teórica e metodológica de Pierson converteu-se em livro editado pela primeira vez em 1945. *Teoria e pesquisa em Sociologia*. SP:Edições Melhoramentos. Vol. 30 da “Biblioteca de Educação”; a edição que consultei foi a 13 reimpressão de 1971, (a última edição do livro foi a 18 edição revista em 1981).

propriamente a localização e adaptação do grupo na cidade ou o estudo de um gueto negro.¹²⁴

O procedimento de Pierson na pesquisa de campo é muito diverso, vejamos dois pontos importantes: a) escolha de uma cidade do porto (Salvador, Bahia). Valendo-se de uma etnografia e observação participante ele fez uma descrição minuciosa da situação racial, analisou o número proporcional de indivíduos em contato, graus de prestígio, segregação racial e miscigenação. Aliás, as questões sobre ocupações, vestuário, atitudes do grupo, função do mestiço na comunidade, participação de grupos sociais, ecologia, economia, política e Sociologia das relações entre grupos, a consciência de raça, status, sentimentos grupais de segregação e formas culturais.

b) Com a observação participante, as técnicas de pesquisa de seleção de informantes principais (homens, mulheres, idade etc.), técnicas de questionários, árvores genealógicas, entrevistas diretas, obteve de primeira mão dados importantes. O registro de rituais, casamentos, cerimônias, concertos musicais, acontecimentos esportivos, solenidades, festas populares, desfiles, abertura e encerramento de festas de escolas, igrejas, missas, homenagens, inaugurações, clubes, cinemas, recepções, congressos, carnavais, procissões, bibliotecas públicas e escolas, Pierson conseguiu ter uma idéia geral destas situações temáticas. Além disso, os seus estudos em arquivos históricos na procura de documentos, mapas da cidade, documentos pessoais (cartas), autobiografias, censos demográficos,

¹²⁴ Uma outra pesquisa desenvolvida em áreas urbanas de Salvador e que gostaria de mencionar foi feita em 1938 e 1939 por Landes, Ruth. [1947] 1967. *A cidade das Mulheres*. RJ: Civilização Brasileira, apesar de não se tratar de um pesquisa de Sociologia urbana foi feita na cidade de Salvador, sobre rituais de Candomblé. Para uma biografia de Landes, ver: Cole, Sally. 1994. "Introduction: Ruth Landes in Brazil: Writing, Race and Gender in 1930s, American Anthropology". In: *The City of Women*. Albuquerque: University of New Mexico Press. pp. VII-XXIV.

histórias de vida, classificações (provérbios), jornais, bibliografias científicas, literatura popular (romances, poesias, contos etc.), lhe permitiu reconstruir o passado de Salvador. Assim como indicou Artur Ramos citado parágrafos atrás, a metodologia de Pierson era inovadora para aquela época ficando demonstrada nesta síntese de seus métodos de pesquisa de campo que será levada para São Paulo em 1939. Pierson, que estudou em Chicago com Robert Park e Ernest Burgess, estava influenciado pela Escola Sociológica de Chicago, no entanto nega a existência de uma escola de pensamento:

*“Não existe, nem existia quando eu estava na Universidade de Chicago, nem desde então até hoje, qualquer entidade que pudesse ser designada por ‘Escola de Chicago’”.*¹²⁵

Contudo, este depoimento individual não invalida a ampla bibliografia sobre a Escola de Chicago, Pierson, negou a existência de escolas em Sociologia como a mesma Escola de Chicago. Ainda que foi esse aprendizado que ensino em São Paulo, Pierson incorpora-se em 1939 à Escola Livre de Sociologia e Política que foi criada em 1933 e em 1941 cria a Divisão de Estudos Pós-Graduados.¹²⁶ Dando início à formação de alunos e discípulos

¹²⁵ Depoimento concedido através de carta em 1988 a Vila Nova (1998: 94)

¹²⁶ Entre os melhores trabalhos sobre a trajetória intelectual de Donald Pierson e sua presença institucional consulte-se o depoimento publicado por Corrêa (1987), Massi, Fernanda Peixoto. 1989. “Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras (1930-1960)”. In: *História das Ciências Sociais no Brasil*. Sergio Miceli (org.). SP:IDESP-Editora Vértice. Vol. 1:410-459; Oliveira, Lúcia Lippi de. 1987. “Donald Pierson e a Sociologia no Brasil”. *BIB*. RJ: ANPOCS. pp. 35-48; e Nogueira, Oracy. 1970. “Donald Pierson e o desenvolvimento da Sociologia no Brasil”. *Universitas*. (6/7):331-342). Aliás encontra-se o acervo de Donald Pierson que consiste em várias pastas (documentos acadêmicos e pessoais) no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL)UNICAMP, nos quais nas cartas pessoais se encontra uma constante correspondência entre Pierson e Robert Park antes da morte do último em 1944, a quem Pierson apreciava bastante. Sobre a Escola Livre de Sociologia e Política – ELSP- como instituição em São Paulo nas décadas de 40-50, dois trabalhos importantes são de Limongi, Fernando. 1987. *Revista Sociologia e Política em São Paulo e o desenvolvimento da Sociologia em São Paulo (dois estudos)*. Série História das Ciências Sociais. FFLCH-USP. (1), um valioso estudo sobre a revista *Sociologia* e 1989. “A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo”. In: *História das Ciências Sociais no Brasil*. Sergio Miceli (org.). SP:IDESP-Editora Vértice. Vol. 1:217-233, também vale a pena mencionar as entrevistas e depoimentos em vídeo de Müller, Antonio Rubbo. Arquivo Edgard Leuenroth (AEL)UNICAMP. 1984. 1 Videocassete, Son, Color, VHS-Palm-M (50 minutos) e de Chiara, Vilma. Arquivo Edgard Leuenroth (AEL)UNICAMP. 1984. 1 Videocassete, Son, Color, VHS-Palm-M (51 minutos).

através de aulas, seminários, conferências, traduções de livros e artigos, contatos com instituições, universidades e professores estrangeiros. O programa de Pierson incluía a ida de alunos dele ao exterior, como seria o caso de Mário Wagner Vieira da Cunha, Oracy Nogueira, Juarez Brandão Lopes e Levy Cruz para a Universidade de Chicago e outros para diversas universidades, uma maneira de treinar profissionais capacitados, mas ao mesmo tempo de reprodução e construção de uma maneira de fazer pesquisa no Brasil.

Um dos sociólogos e antropólogos brasileiros de destaque no final dos anos 40 e as décadas seguintes foi Oracy Nogueira que entre suas influências teóricas se encontra Pierson e a Escola de Chicago.¹²⁷ Nogueira estudou na Universidade de Chicago entre 1945-47, época em que a terceira geração ensinava nessa universidade como Herbert Blumer e Everett Hughes. Vejamos o seu depoimento:

“Terminado o mestrado, fui para os Estados Unidos, com bolsa do Institute of International Education, para fazer o doutorado na Universidade de Chicago. Fiquei lá de 1945 a 1947, fazendo parte dos créditos no Departamento de Antropologia e parte no de Sociologia, e regresssei para fazer o trabalho de campo para a tese ... já motivado para o estudo de relações raciais, aproveitei o ensejo para atuar como observador participante e conhecer por dentro a situação racial norte-americana para compará-la com a nossa ... em Chicago, tive um curso de Sociologia das ocupações e profissões, com o meu adviser, Prof. Everett C. Hughes, discípulo de Park ...”¹²⁸

¹²⁷ Sobre a trajetória de Oracy Nogueira existe o acervo e uma entrevista no Arquivo Edgard Lehnroth (AEL) UNICAMP. 1984. 1 Videocassette, Son, Color, VHS-Palm-M, (35 minutos), além disto, a autora que tem trabalhado a história intelectual de Nogueira é Cavalcanti, Maria Láura V.C. 1996. “Oracy Nogueira e a Antropologia no Brasil: o estudo do estigma e do preconceito racial”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. (31):5-28; 1996. “Oracy Nogueira (1917-1996): uma biografia intelectual”. *Ciência e Trópico*. Vol. 24 (1):179-188 (republicado em 1997). *Boletim da ABA*. (27):26-29, 1999. “Preconceito de marca, etnografia e relações raciais”. *Tempo Social*. Vol. 11(1):97-110.

¹²⁸ Nogueira, Oracy. 1995. “Esboço de uma trajetória intelectual: depoimento”. *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*. Vol. II(2):119-134.

O testemunho de Nogueira nos mostra a constante relação com a Escola de Chicago e com seu mestre Donald Pierson¹²⁹. Um outro depoimento mais atual de Bela Bianco mostra a influência de Chicago em várias gerações no Brasil, assim como a relação entre Sociologia e Antropologia nessa corrente de pensamento:

“... eu acho que influenciou muito a Antropologia feita no Brasil ... acho que tem trabalhos que são interessantes. Mas eu acho que têm problemas com a Escola de Chicago, porque principalmente, levando em consideração que a produção nossa é sempre apropriada e acaba sendo utilizada em políticas públicas. A Escola de Chicago quando diz que o urbano é heterogêneo é desintegrado é não se que, é complicado, porque todos os bandidos estão na cidade, então da margem para muitos estereótipos, tem problemas, quer dizer são antropólogos que foram importantes ou sociólogos que a Escola de Chicago também era uma relação Sociologia Antropologia. Eu acho que tem influência no Brasil, porque gente que fez Escola de Chicago que foi influenciada pela Escola de Chicago, estudou em Chicago o próprio Oracy Nogueira ... Chicago acabou influenciado muito gerações, não é ... agora eles eram muito influenciados pelos estudos de comunidade, eram muito baseados mesmo em aculturação, era um começo, mas eram estudos muito convencionais, hoje, quer dizer a gente vê hoje, eram estudos muito convencionais que têm toda uma influência de Redfield que é a Escola de Chicago, de fato não é, pensando bem era a Escola de Chicago ...” (Entrevista Bela Bianco).¹³⁰

Os vários depoimentos citados referem-se realmente uma influência de Chicago no Brasil, e Donald Pierson seria um transmissor da Escola em São Paulo. Quais as características dessa influência?¹³¹ Pierson foi figura central e tinha seus seguidores, tinha uma personalidade e carisma como intelectual inovador com novas idéias, pontos de vista e orientações. Na Escola de Sociologia e Política Pierson treinou várias gerações de

¹²⁹ No acervo Donald Pierson. Arquivo Edgard Lehuenroth (AEL)UNICAMP, se encontram várias cartas pessoais entre Oracy Nogueira e Pierson, época em que Nogueira estava estudando em Chicago que mostra não só a amizade, mas a relação acadêmica entre os dois. Os dois acervos, Pierson-Nogueira são fontes primárias para futuras pesquisas sobre a trajetória dos dois cientistas.

¹³⁰ Bianco, Bela. Entrevista concedida a Edgar S. G. Mendoza. Residência São Paulo. 26/03/1999. 1 Fita Cassete, son.(60 minutos).

¹³¹ Os dados para definir Donald Pierson como líder, foram tomados do amplo depoimento escrito por ele e editado por

pesquisadores. A Escola Livre de Sociologia e Política tinha uma publicação importante, a *Revista Sociologia*, que divulgava as ideias do grupo sendo editada por Romano Barreto e Emilio Willems, e foi continuada por Oracy Nogueira, uma revista que oferece diversos artigos que são parte da história da Sociologia e Antropologia no Brasil (Cf. Limongi 1987).

Está mais que demonstrada a influência da Escola de Chicago na Sociologia brasileira e como escrevi antes, está presente nos campos das relações raciais e nos clássicos estudos de comunidade em pesquisas localizadas em áreas rurais, entretanto os estudos de comunidade não podem ser considerados como Sociologia Urbana, apesar que se fizeram alguns trabalhos de imigrantes com o referencial teórico da assimilação e aculturação. Os estudos urbanos em cidades foram escassos, tal e como fica recorrente nos depoimentos dos antropólogos:

“Para mim não é obvio que tenha uma relação direta, acho que a Escola de Chicago teve sim uma influência direta na formação de antropólogos como por exemplo Gioconda Mussolini, com certeza os estudos de Redfield foram importantes para a formação dela, Florestan Fernandes e outros. Então a Escola de Chicago tinha sido influente nessa geração que me antecedeu, anterior à minha né. Mas não necessariamente na produção de estudos urbanos, mas estudos de comunidade chamados na época, estudos localizados de situações em que você tem o rural e o urbano ... a influência da Escola de Chicago foi nos estudos de pequenas comunidades ou pequenas cidades do interior que passavam por um processo de modernização e transformação ... Eu não vejo muitos estudos por exemplo da ecologia urbana e temática urbana que desenvolveu, aquela agenda da Escola de Chicago, enquanto Sociologia Urbana exatamente dita. Eu não vejo muito ser desenvolvido no Brasil, mesmo os estudos de imigração foram muito menos. Eu acho no sentido de estudar a formação de certos núcleos ou guetos em termos de ecologia urbana é muito mais esse processo de assimilação ... eu acho que os estudos sobre imigração no Brasil tirando os estudos que têm uma ênfase em lugares em localidades, eu

acho que são estudos que foram talvez, mais influenciados pelas teorias da aculturação e assimilação ...” (Entrevista Antônio Arantes Neto).¹³²

Um outro depoimento apoiando a influência de Chicago nos estudos de comunidade e a falta de pesquisas em uma grande cidade é dado por José Magnani:

“... como é que entra a Escola de Chicago para cimentar digamos o espaço do trabalho de Antropologia pelo menos aqui em São Paulo, uma ligação um pouco urgida com o conceito de comunidade, o conceito de comunidade, ele fundamentou pesquisas clássicas em São Paulo, mas ligados a Escola de Sociologia e Política. Então você tem os clássicos por exemplo de Antônio Cândido, “Os parceiros do Rio Bonito” se filia e todos os outros né, Cruz das Almas. Todos os estudos de comunidade em São Paulo, eles são tributários, mas, do, vamos dizer dessa, desse legado da Escola de Chicago que são os estudos de comunidade. Então não deu através dos estudos de comunidade nunca se estudou uma grande cidade, se estudaram pequenas comunidades, cidades do interior. Não foi como em Chicago com a Escola Sociologia de Chicago onde se trabalhou com grandes cidades como a própria Chicago, aqui não, aqui os estudos de comunidades foram muito mais para trabalhar comunidades que estavam na transição entre um mundo, ou modo de vida rural para um modo de vida urbano ... não foi bem a influência da Escola de Chicago na sua totalidade foram alguns autores ...” (Entrevista José C. Magnani).¹³³

Os depoimentos anteriores mostram a presença da Escola de Chicago nos estudos de comunidade, porém a falta de pesquisas na cidade é ressaltada. Voltando ao meu argumento no início do tópico quando me referi sobre os estudos precursores em São Paulo, defino-os como os efetuados em áreas urbanas na cidade. O que pretendo é verificar a hipótese da influência da Escola de Chicago principalmente na década de 40, em pesquisas concretas (como veremos depois). Apesar de serem poucas, eram ao meu ver etnografias urbanas na

¹³² Arantes Neto, Antônio. Entrevista concedida a Edgar S. G. Mendoza. *Escritório Campinas*. 26/11/1998. 2 Fitas Cassete, son,(1 hora e 30 minutos).

¹³³ Magnani, José C. Entrevista concedida a Edgar S. G. Mendoza. *Departamento de Antropologia USP*. 30/03/1999. 1 Fita Cassete, son,(55 minutos).

cidade.¹³⁴ Mas, nos depoimentos se insiste em indicar que não existiam um desenvolvimento maior:

“... é uma influência muito grande, não é um antecedente linear ... em São Paulo algumas pessoas que vieram de Chicago da formação de Chicago influenciaram, fizeram algumas coisas, embora em São Paulo não tenha havido um grande desenvolvimento ...” (Entrevista Gilberto Velho)

Este desenvolvimento a que se refere Gilberto Velho, é precisamente tomar a cidade como foco de pesquisa de etnografias urbanas ou como diria Paula Montero:

“... a Escola de Chicago definiu de uma certa maneira à Antropologia Urbana, a cidade era o centro da reflexão, aqui no Brasil não foi assim não ...” (Entrevista Paula Montero).¹³⁵

Portanto, estou pensando a cidade de São Paulo como um cenário em termos gerais, não como estudos como uma agenda de pesquisa institucional nos anos 40-50. Seria arriscado defini-los nesta época como uma Sociologia Urbana propriamente dita em São Paulo,¹³⁶ embora foram feitos trabalhos demográficos na cidade de São Paulo como o padrão de vida dos operários e sobre população étnica.¹³⁷

¹³⁴ A importância do estudo da cidade desde um ponto de vista teórico fica explícito em Pierson, Donald. 1943. “O estudo da cidade”. *Sociologia*. Vol. V(4):305-315, influenciado pelos textos de Robert Park, define a cidade como um produto natural, ordem moral, mundos mentais e áreas naturais.

¹³⁵ Montero, Paula. Entrevista concedida a Edgar S. G. Mendoza. *Museu de Arqueologia e Etnologia MAE-USP*. 13/05/1999. 1 Fita Cassete, son.(50 minutos).

¹³⁶ No Rio de Janeiro também temos uma pesquisa urbana inicial entre 1940-1950, mas não como uma Sociologia urbana nem influenciada pela Escola de Chicago são trabalhos principalmente de favelas e publicados em jornais e relatórios, como por exemplo, Pearse, Andrew. 1958. “Notas sobre a organização social de uma favela do Rio de Janeiro”. *Educação e Ciências Sociais*. Vol. 3 (7):9-32. Para uma bibliografia sobre a favela no Rio de Janeiro, Cf. Parisse, Lucien. 1969. “Bibliografia cronológica sobre a Favela do Rio de Janeiro, a partir de 1940”. *América Latina*. (3):221-232.

¹³⁷ Gostaria de mencionar quatro trabalhos demográficos sobre alguns temas da cidade de São Paulo, apesar de não serem sociológicos, foram trabalhos demográficos precursores. Os primeiros dois sobre operários como, Davis, Horace. 1935. “O padrão de vida dos operários da cidade de São Paulo”. *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. XII:113-166, trabalho feito em base de estatísticas, já que respondia a um trabalho demográfico. O segundo, Lowrie, Samuel H. 1938b. “Pesquisa de padrão de vida dos operários da limpeza pública da municipalidade de São Paulo”. *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. LI:183-310, trabalho interessante principalmente nos métodos de pesquisa demográficos e os questionários que foram passados por um grupo de pessoas treinadas. Os dois seguintes, foram trabalhos de população étnica de São Paulo, o primeiro, foi de Souza, Rafael de Paula. 1937, “Contribuição à etnologia paulista”. *Revista do*

Diferente dos trabalhos demográficos, entre as poucas e modestas pesquisas de Sociologia na cidade de São Paulo tomada como objeto de estudo, foi feita uma etnografia na cidade. As pesquisas que posteriormente analisarei foram escolhidas pelo fato de terem a influência da Escola de Chicago e serem feitas na cidade de São Paulo, definindo-as como uma etnografia na cidade ou como uma etnografia urbana diferente dos clássicos estudos de comunidades em pequenas cidades rurais. Temos inicialmente oito trabalhos que foram publicados principalmente como artigos em revistas, sendo o objeto de pesquisa alguns bairros da cidade ou em outras cidades.

Em primeiro lugar, gostaria de começar com um trabalho de Lucila Hermann de 1938.¹³⁸ A cidade de Guaratinguetá está localizada ao norte de São Paulo, ainda que, a pesquisa não foi necessariamente na grande São Paulo, a tentativa de fazer um estudo da cidade tem seu mérito. Aliás, a influência de várias categorias teóricas da Escola de Chicago estão presentes foi uma pesquisa descritiva, mas com muita informação sobre as áreas urbanas. O trabalho não pode ser considerado como um estudo de comunidade, já que o ponto central eram as áreas naturais da cidade de Guaratinguetá.

Arquivo Municipal. Vol. XXXI:95-105, este trabalho é denominado por Souza como biotipológico com categorias como miscigenação, ancestrais e outras, foi um estudo quantitativo que determinava de que etnias descendiam os alunos da USP, entre elas a italiana, portuguesa, síria, alemã etc. O segundo trabalho de Lowrie, Samuel H. 1938a. "Origem da população da cidade de São Paulo e diferenciação das classes sociais". *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. XLIII:195-212, o trabalho demonstrou através de categorias como geração, origem e casamentos entre brasileiros e estrangeiros a porcentagem como ele chama de cruzamentos entre estes indicando a mudança de status social e diferenças de condições econômicas. Para ele o preconceito de classe parece ter contribuído mais do que o de raça para a formação desta situação.

¹³⁸ Hermann, Lucila. 1938. "Grupos sociais de Guaratinguetá". *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. XLIX:71-92, o artigo está acompanhado por 24 fotografias de residências das várias zonas descritas.

Se descrevem as diversas áreas, como as áreas culturais, da região central (comércios), zona residencial (casas de luxo), zona suburbana (bairros). Que por sua vez se subdividem em cinco zonas diferentes, todas localizadas com os nomes das ruas, assim como informação do número de empregados nas fábricas, os comércios de pequenas lojas, sendo os donos pertencentes à minorias étnicas, em que existia uma “competição” como diria R. Park. (:73-77). Além disso, Hermann fez uma descrição das ruas e avenidas e das áreas morais, formadas pela mendicância e meretrício na sua maioria de baixo nível econômico, presença de mendigos, andantes e de meretrizes e sua localização em ruas e bairros. A descrição por zonas é uma aplicação do modelo do círculo de zonas concêntricas de Burgess, de igual forma a ordem de apresentação das áreas é do centro para a periferia.

Hermann descreve a zona comercial, indicando às três Guaratinguetás: a) a moderna (arquitetura nova), b) a cosmopolita (presença de minorias nacionais como italianos, sírios, espanhóis, portugueses e judeus) (:82), c) a heterogênea formada por uma multiplicidade de grupos religiosos e grupos sociais e a sua mobilidade, assim como o nível econômico e relações sociais. Uma outra divisão de Hermann, consistiu nas zonas residências de luxo e residências modestas. As primeiras seria as residências de luxo, em que descreve as casas, demografia, nível econômico e relações sociais (83-85). As segundas, consistiriam nas residências modestas, representadas por casas antigas, a sua demografia, mobilidade, cultura, profissões, lazer, política e religião (:85-88).

As zonas suburbanas, que consiste em dados sobre casas antigas, humildes, aspectos demográficos, religiosos (casamentos, missas e igrejas) com uma maior mobilidade

profissional pelo fato do pouco trabalho, relações sociais de vizinhança, baixo nível cultural e segregação (:89-92). Finalmente, descreve os usos e costumes, no qual aplicou testes sociológicos e entrevistas com o objetivo de conhecer “a vida da cidade”, através de comportamentos, mentalidades e crenças. A amostra esteve formada por 93 indivíduos (idosos e chefes de família), 4 na região comercial, 64 indivíduos divididos em 6 nas residências de luxo e 58 nas residências modestas e 25 na área suburbana. O questionário incluía as perguntas sobre: habitação, arquitetura, família, casas alugadas ou próprias, alimentação, renda, estudo, nascimento, mobilidade profissional e política. A meu ver, um trabalho pioneiro de pesquisa urbana da cidade com uma metodologia de trabalho de campo e uma abordagem sociológica. O artigo não apresenta a grande quantidade de material que Hermann coletou, assim como através pela metodologia a influência da Escola Sociológica de Chicago é evidente, principalmente no trato dos dados e das categorias teóricas. O trabalho de Hermann é contemporâneo ao de Pierson em Bahia entre 1935-1937, isto mostra uma influência inicial da Escola de Chicago.

Em 1940 foi feito um censo em São Paulo se utilizando pela primeira vez a medida de unidade face-de-quarteirão proposta por Bruno Rodolfer (demógrafo) com o apoio da Comissão Censitária Nacional. Donald Pierson em 1939, escreveu um pequeno comentário.¹³⁹ Apesar que o texto de Pierson não era uma pesquisa acadêmica felicita a Rudolfer pela proposta e explicou a experiência da utilização do quarteirão nos Estados Unidos especificamente na cidade de Chicago. Assim como o uso que fizeram os sociólogos

¹³⁹ Este comentário foi publicado inicialmente no jornal *O Estado de São Paulo* e republicado como, Pierson, Donald. 1939. “Recenseamento por quarteirões”. *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. LXII:173-175.

da Universidade daquela cidade, diferenciando 75 unidades territoriais tomadas como áreas naturais de Chicago no qual moravam grupos sociais heterogêneos.

Nota-se a tentativa de semelhança entre São Paulo e Chicago esta última como um modelo a ser imitado, principalmente o quarteirão como medida de planejamento urbano. No entanto, ficaria como uma referência. A Escola de Chicago e a cidade de Chicago foram um referencial que marcou teoricamente os primeiros trabalhos sociológicos. Apesar da influência teórica da escola, não foi um modelo de identidade para os sociólogos no Brasil como para formar uma escola de pensamento com esta linha teórica, como é sugerido por Ana Niemeyer:

“... talvez, acho que sim, com certeza mas acho que mais no sentido de uma referência (teórica) mas não no sentido como modelo de identidade propriamente dito ...” (Entrevista Ana M. Niemeyer).¹⁴⁰

O segundo artigo foi de Araújo de 1940,¹⁴¹ que indicou a cidade de São Paulo como um “campo de estudos de problemas étnicos” com uma variedade de grupos sociais de vários países. O *hinterland* paulista constitui um centro de pesquisa inesgotável, delimitando o município da capital como zona de pesquisa (:229). A pesquisa de Araújo constituiu em termos gerais no estudo da assimilação ou não dos imigrantes na cidade de São Paulo e seus lugares de habitação ou, como ele chama, de “enquistamentos étnicos” ou áreas naturais com a finalidade de que a pesquisa destes grupos pudesse orientar a política de imigração na cidade de São Paulo.

¹⁴⁰ Niemeyer, Ana M. Entrevista concedida a Edgar S. G. Mendoza. *Residência São Paulo*. 30/03/1999. 1 Fita Cassette, son, (60 minutos).

As questões colocadas no trabalho foram: a) o estudo do grau de interfusão das nacionalidades que formam o povo brasileiro, b) determinação dos coeficientes de homogeneidade de cada etnia no conjunto de famílias que não sofrerem processo de assimilação, c) determinação dos caracteres físicos e psicológicos resultantes das interfusões e d) pesquisas detalhadas com caráter biológico e social nos enquistamentos encontrados (:228).

A metodologia foi uma “observação *in locu*,” como ele chama, da distribuição ecológica dos enquistamentos à maneira de *ghetos* (:230). A etnografia foi definida como uma “verificação olhométrica” (:237), nota-se no texto a presença dos *base map*, e *melting pot* e as chamadas zonas concêntricas de Burgess. A pesquisa foi feita em três bairros, distribuída em quarteirões dos grupos sírio, japonês e judeu incluindo outras nacionalidades. No texto observa-se a influência ecológica com as categorias, aclimação, habitat e zona ecológica.

A riqueza do texto está precisamente na etnografia urbana feita por Araújo, o detalhe e descrição dos bairros de nomes de avenidas, farmácias, hotéis, restaurantes, entrecruzamentos de ruas, comidas, livrarias, lojas, mesquitas, a língua falada como o *jiddisch* no bairro judeu, estatísticas por sexo, etnia nos distritos, os ramos industriais definidos por rua, e etnia e sua porcentagens. As conclusões do estudo indicavam o grau de assimilação das etnias, os casamentos entre eles e a integração cultural ao meio brasileiro, as tendências à

¹⁴¹ Araújo, Oscar E. 1940. “Enquistamentos étnicos”. *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. LXV:227-246.

concentração de alguns grupos de imigrantes, as tendências endogâmicas e exogâmicas dos descendentes. O artigo apesar de curto é representativo de pesquisas na cidade.¹⁴²

Um terceiro trabalho foi de Willems de 1941,¹⁴³ que começa com uma discussão da vizinhança como categoria analítica na Sociologia ou como unidade social originada pelo próprio espaço indicando uma distância geográfica e social nas zonas ecológicas (:29). A vizinhança foi utilizada como uma unidade menor nas relações sociais na cidade como foi proposto por Weber, categoria teórica desenvolvida posteriormente por Park, e procurada empiricamente por R. McKenzie no seu estudo da vizinhança em Columbus, Ohio.

Para Willems existem dois grupos vicinais: a) vizinhança igualitária (coordenativa) e b) vizinhança senhoreal (subordinativa), no qual o aspecto econômico é importante junto com as relações vicinais, simbiose, competição, reciprocidade, necessidades e parentesco (consangüíneo, totêmico, classificatório) (:31). Willems faz uma pequena comparação com grupos indígenas e fundamentou que a vizinhança pode substituir à tribo ou clã, já que na vizinhança continuam os laços de parentesco, propriedade, religião e espaço. Sugeriu chamar de vizinhança concomitante aquela em que a propriedade do espaço é reduzida, e indicou que *“certas pessoas são parentes por ter sido vizinhos e não vizinhos por serem parentes”* (:32), permitindo a existência de uma interação coletiva. Contudo a vizinhança existencial seria aquela isolada onde aconteceria uma endogamia forçada. Para Willems a

¹⁴² Uma pesquisa que não posso deixar de mencionar foi feita em 1941 por Florestan Fernandes sobre as “trocinhas” e de coleta de canções de ninar e ditados folclóricos, Fernandes, Florestan. 1961. “As trocinhas do bom retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura dos grupos infantis”. In: *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. SP:Editora Anhambi. Aliás, os outros trabalhos da coletânea são importantes porque mostram o detalhe na coleta do material.

¹⁴³ Willems, Emílio. 1941. “Contribuição para uma Sociologia da vizinhança”. *Sociologia*. Vol. 3(1):29-43.

urbanização trouxe a convivência entre vizinhos como se fossem estranhos em que as relações vicinais passam para planos secundários da vida social (:33), isto bem poderia ser a desorganização social proposta por Park e Thomas de Chicago.

A segunda parte do artigo de Willems, chamou de ensaio de um inquérito sobre relações vicinais em São Paulo. Começa dizendo que as relações vicinais nas áreas metropolitanas são uma incógnita, como por exemplo: a) os moradores de bairros residenciais da alta burguesia no qual existe um desprezo pelas relações vicinais, a segregação social e a distinção social são visíveis, b) as casas de pequena e média burguesia não tem áreas internas não permitindo uma segregação e mantendo maiores contatos na rua e c) a habitação proletária se caracteriza pela sociabilidade e solidariedade, embora os conflitos entre vizinhos são mais freqüentes (:34, 35).

Com estas propostas tomadas como hipóteses de trabalho, Willems fez uma pesquisa, ou inquérito como ele prefere chamar das relações vicinais em 1939 e 1940.¹⁴⁴ A confecção do questionário teve as seguintes hipóteses de trabalho: 1) as relações vicinais variam em função da natureza do bairro, 2) as relações vicinais variam de classe social, 3) as relações vicinais variam de nacionalidade e 4) as relações vicinais conduzem à transmissão de dados culturais (:35). Uma outra hipótese foi que bairros habitados pelos componentes da mesma classe social poderiam apresentar diferenças decorrentes devido a fatores como distância do centro urbano, transportes e oportunidades.

¹⁴⁴ Willems na sua nota de rodapé número 8 indicou que o inquérito foi realizado pelos alunos do curso profissional das Escolas Normais Osvaldo Cruz, Rio Branco e Ipiranga, com colaboração dos professores Romano Barreto e Querino Ribeiro.

No que tange a elementos determinantes da classe social, Willems considerou a profissão do chefe da casa, o número de empregados e a circunstância de se tratar de casa própria ou alugada. A utilização de um questionário permitiu obter uma série de dados qualitativos e quantitativos valiosos. O questionário teve três seções principais: a) relações amistosas, b) relações hostis e c) indiferença. Além disso, utilizaram-se dois modelos de questionário, o modelo "A" que consistia numa família específica e o modelo "B" as outras famílias vicinais (:36, 37). A parte essencial da pesquisa tratou dos dados culturais e sua transmissão em que no modelo "A" predominam as classes médias e no modelo "B" os bairros proletários (ver questionário). No artigo de Willems aparece o modelo de questionário, pela importância metodológica de conhecer um instrumento de coleta de dados, pensei em incluí-lo na tese, já que é, a meu ver, um documento valioso de uma técnica utilizada em 1941 a seguir coloco o questionário do modelo "A" e do modelo "B" (nas páginas seguintes anexo os dois modelos de questionário)

Para encerrar o ensaio Willems chama a atenção para futuras pesquisas melhor desenvolvidas na cidade de São Paulo. Na minha opinião, este tipo de etnografias urbanas mostra uma época em que a cidade de São Paulo começou com um desenvolvimento industrial e movimentos migratórios à cidade a partir de 1930, formando os chamados bairros proletários. A indústria e a cidade foram parte importante do processo de urbanização de São Paulo.

PESQUISA SOBRE GRUPOS VICINAIS EM SÃO PAULO

Número de famílias ou moradores independentes de que se compõe o grupo vicinal a ser investigado (1)

Localização: Bairro..... Rua.....

Características gerais da rua: Informações sobre a classe e as ocupações de seus moradores, espécie de casas etc.

.....

Família (2): Casa própria ou alugada.

Número de componentes e designação do parentesco:

Profissão do pai (especificar cuidadosamente)

Profissão da mãe

Profissão dos filhos e de outros parentes agregados

.....

Nacionalidade: do pai da mãe

Nacionalidade dos filhos e outros parentes agregados

.....

Empregados Sublocatários

Quais são as atitudes observadas em relação aos vizinhos? (Indiferença, amizade, hostilidade) Com a família B

Com a família C (3) Com outras.....

Relações amistosas: com a família De quem partiu a iniciativa destas relações Quais as pessoas que estabeleceram estas relações

Por que motivo?

Natureza das relações amistosas atuais: Cumprimento?

Conversas convencionais? Visitas rápidas?

Pequenos serviços? Quais?

Serviços de vulto? (Por exemplo: empréstimo de dinheiro, guarda de filhos menores, compras, vendas, guarda da casa, enfermagem, assistência de qualquer espécie, relações comerciais ou profissionais etc.)

.....

Há amizade mais estreita? Quais as pessoas que a mantêm?

Quais as manifestações? (Ações em comum, diversões, viagens etc.)

Há intimidade? Há participação direta e confidencial da vida alheia?

Em que consiste esta participação? (Conselhos, intervenção direta ou indireta etc.)

.....

Há relações educativas? Há conhecimentos, práticas, habilidades, crenças, superstições, costumes, usos, expressões linguísticas etc., transmitidos da família vizinha ou transmitida para ela?

Quais (4)?

Casos omissos

Relações hostis? Com a família De quem partiu a iniciativa destas relações Quais as pessoas que estabeleceram estas relações

Por que motivo?

Há desprezo (mútuo ou unilateral)?

Há rivalidade?

Por que há e em que consiste a rivalidade ou concorrência?

.....

Há conflitos abertos? Quais as manifestações?

Casos omissos

Indiferença (5) Em relação à família

Quais os motivos que determinam essa indiferença? (Preconceito, falta de tempo ou oportunidade, falta de entendimento etc.)

Casos omissos

Observações:

.....

.....

(1) Ai pode figurar a família do próprio pesquisador.
 (2) Convém denominar as famílias que fazem parte do grupo, com as letras do alfabeto, usando para as demais famílias fichas "Modelo B".
 (3) Famílias B e C serão os moradores das casas mais próximas.
 (4) Descrever minuciosamente, mesmo os remédios caseiros e receitas culinárias.
 (5) Só com relação às famílias B e C.

MODELO B.

PESQUISA SOBRE GRUPOS VICINAIS EM SÃO PAULO

Família (1) Casa própria ou alugada

Número de componentes e designação do parentesco

Profissão do pai (especificar cuidadosamente)

Profissão da mãe

Profissão dos filhos e de outros parentes agregados

.....

.....

Nacionalidade do pai

Nacionalidade da mãe

Nacionalidade dos filhos e outros parentes agregados

.....

.....

(1) A denominação das famílias em fichas "Modelo B" deve coincidir com a denominação na ficha respectiva "Modelo A".

O quarto trabalho, consistiu em um estudo sobre habitações feito por Pierson em 1942.¹⁴⁵ Foi um estudo comparativo de acomodações de alojamento na cidade de São Paulo. Pierson aclara que os dados obtidos podem ser utilizados por outras ciências tanto teóricas quanto aplicadas como a ecologia humana (luta pela existência), Antropologia (tipos de moradia e costumes domésticas entre povos), Sociologia (sistema de classes) (:200). A amostra foi coletada em habitações (prédios) e moradias (casas), através de dados censitários e um questionário de 181 itens. As habitações foram definidas como: área "A" (nível inferior) e área "B" (nível superior) distribuídas em 200 habitações 100 de cada área, com uma descrição de casas por bairro e de suas ruas. A área "A" (Bexiga, Moóca e

¹⁴⁵ Pierson, Donald. 1942. "Habitações de São Paulo: estudo comparativo." *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. LXXXI:199-238, inclui fotografias. Além disso, segundo Pierson, o estudo tinha um objetivo pedagógico para os alunos do curso de, métodos e técnicas de Ciências Sociais, da Escola Livre de Sociologia e Política.

Canindé) e área “B” (Jardim América, Pacaembú e Higienópolis) (:201). Os dados obtidos por Pierson (:203) são mostrados em 25 quadros, com um tema cada um. Escrevo só alguns que achei interessantes pelo detalhe de suas informações (:204-234):

Quadros de Pierson

- Quadro I: Material de consumo (tijolos, telhas e madeira)
- Quadro V: Número de empregados nos prédios.
- Quadro VI: Fornecimento de água.
- Quadro VII: Cômodos de 200 habitações (tipos de salas, de estar, visita, almoço, chá, música, jantar, leitura, jogo e estudo, além de cozinhas, halls, copas, despesas, vestiários, toiletes, escritórios, lavanderias, guarda chapéus, quartos e sótões.
- Quadro XIII: Tipos de fogão.
- Quadro XIV: Tipos de combustível para cozinha.
- Quadro XVII: Instalações sanitárias.
- Quadro XX: Equipamentos (livros, tapetes, rádios, telefones, automóvel, garagem, refrigerador, aspirador de pó, vitrolas, lareira, ventilador e máquinas de lavar.
- Quadro XII: Instrumentos de música pianos, violões, violinos, cavaquinhos, harpas pandeiros e baterias.
- Quadro XIII: Quadros nas paredes.
- Quadro XXIV: Livros.

O detalhe dos quadros, mostram o cuidado nos levantamentos dos dados, citei os quadros que mais especificidades mostraram. Todo esse material foi tabulado e se obtiveram frequências e porcentagens. O resultado do trabalho em equipe de Pierson não apresenta muita interpretação sobre os dados. Somente aparecem 3 quadros e colunas que comparam as áreas superiores e inferiores mostrando claramente o status econômico da área superior em todos os elementos, e as condições mínimas da área inferior. O material ficou para ser utilizado por outras áreas de conhecimento. Do mesmo modo, Pierson não explica como foi o trabalho de campo dos entrevistadores ou de alguma pesquisa etnográfica que foi feita, mas não incluída no texto.

A quinta pesquisa parecida a de Willems, foi feita por Heller em 1943¹⁴⁶ em uma Rua chamada *Rua Nova*, a doze quilômetros do centro da cidade de São Paulo, uma rua que começou a ser loteada para formar um bairro. Os primeiros habitantes eram portugueses e logo alemães, os detalhes da etnografia são ricos, como os dados sobre o tempo de viagem de bonde até a rua que era de 32 minutos, a viagem de ônibus era de 22 minutos, se descreve a distância da rua em relação a alguns referências como o ponto de bonde 380 metros, posto policial 50 metros, farmácia 800 metros, posto de telefone público 1200 metros, consultório de um médico 2300 metros. A rua tem 210 metros de comprimento e 16 de largura provida de luz elétrica em 1934 e de água em 1935, era habitada por uma pequena burguesia (:199, 200).

Heller não descreve a metodologia de coleta de dados, mas fez, a meu ver, uma etnografia urbana, analisou vários tópicos todos eles com apresentação de tabelas estatísticas de frequência, por exemplo: o status social das famílias burguesas e proletárias, preço da escola, serviços públicos (luz, ônibus e água), fatos ecológicos, luta pelo status social e espaço (competição segundo Park), distribuição étnica e gerações. Além destes temas pesquisou a descendência de casais, religião, casamentos, ingresso de salários, empregos familiares, índice de escolaridade e distância das casas.

Entre os temas mais particulares ou privados, Heller fez tabelas de compras e leituras de jornais das pessoas, leituras de outras áreas (poesia) e tipos de livros, tipos de enfeite nas casas, aparelhos de rádio, viagens das famílias e lugares, frequência à igreja (católicos,

¹⁴⁶ Heller, Frederico. 1943. "História natural de uma rua suburbana". *Sociologia*. Vol V(3):199-216.

protestantes, sinagoga, templo espírita), visitas de família, língua falada em casa, atividades de lazer e conflitos entre famílias. Nas suas conclusões Heller manifestou que não conseguiu casos de uma vizinhança subordinativa predominando os casos de vizinhança coordenativa, e cita o artigo de Willems (1941) trabalho que mencionei em parágrafos atrás. Finalmente para Heller, *“As relações não são muito influenciadas pela nacionalidade, mas sim pela posição social dos moradores e seus diferentes níveis culturais”* (:213), isto é, o espaço, prestígio e posição econômica marcaria a diferença entre os vizinhos.

O sexto artigo foi feito por Hermann em 1944,¹⁴⁷ segundo ela, existe um desenvolvimento ecológico da cidade de São Paulo em 490 anos, tendo como eixos centrais, as suas radiais (entrada e saída da cidade) (:7). Hermann, descreve cada uma das radiais e os nomes das ruas e seus cruzamentos, assim como os elementos agrícolas onde as radiais passavam (:8) e faz o que ela chama de uma descrição ecológica do trajeto.

Hermann, localiza as tendências do desenvolvimento ecológico de São Paulo (:8), através de: a) localizar nos mapas topográficos o trajeto das radiais sul (caminho do mar) e a radial oeste (caminho do café), b) a direção do mar para o café (sul-oeste) indicando uma lista de avenidas e ruas, como a Augusta, Av. Európa, Av. cidade do jardim, rumo pinheiros, consolação, Av. Rebouças etc. Segundo Hermann (:11), o desenvolvimento da cidade não se processou uniforme, mais ao contrário espalhou-se muito irregular até os subúrbios.

¹⁴⁷ Hermann, Lucila. 1944. “Estudo do desenvolvimento de São Paulo através da análise de uma radial: a estrada do café (1935). *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. XCIX:7-44, inclui fotografias das residências, avenidas, ruas e casas comuns.

Hermann sugere que o crescimento urbano de São Paulo, se deve a suas avenidas ecológicas de depressões geográficas que provocou um movimento urbano e construção de moradias públicas (:13). Ela mostra através de tabelas os preços das habitações em 1926, as áreas mais caras como a Av. São João e Av. Anhanguera. Em uma das tabelas (:16, 17), se mostra que entre 1911-1913 e 1926-1928, houve um investimento maior nas radiais aumentando o preço do aluguel nas principais avenidas. Toma como exemplo as áreas ecológicas na radial de São João Lapa mostrando os mudanças das área que são heterogêneas (:19-24), a distância desigual de índices ecológicos, surtos de valorização entre 1900-1940, a localização das áreas (aparência dos prédios), distribuição dos prédios, casas de luxo, casas em deterioro e parques industriais (:24-28).

Hermann, apresenta o que ela chamou de características sociológicas das áreas ecológicas de São Paulo (:28-38). Trabalhando a distribuição demográfica, o centro econômico, político-administrativo, e a descrição de duas áreas e duas zonas, que a meu ver correspondem novamente ao modelo de zonas de Burges, vejamos: a) áreas de transição e deterioração social (final da Av. São João) (:31, 32) que seria a zona moral de Park, é neste ponto que a meu ver, Hermann fez uma etnografia urbana, pois descreve as relações morais e sociais, relações sociais, ocupações, zonas de meretrício, constante mobilidade social, e independência de se locomover, esta área foi considerada como uma área de segregação e vícios onde a presença da polícia era constante, b) área de residências modestas, no qual mora uma classe média burguesa como funcionários públicos, em que existe um controle social, grupos religiosos principalmente católicos, censura, família e um alto índice de proprietários de casas, c) Na zona de residências de luxo formada pela alta burguesia (:36-

38) se teria um cosmopolitismo de um grupo de industriais, fortes capitais e uma mobilidade para o exterior. Hermann explica que muitas áreas que eram de luxo no centro da cidade por causa do movimento do comércio passaram a ser áreas de casas modestas ou as casas que foram para fora da cidade, d) as zonas suburbanas (:36-38) formadas por cidades satélites próximas a fábricas localizadas na periferia da cidade, encontraremos um número de serviços públicos, comerciantes, laços de vizinhança, cooperação, menos educação e ocupações comerciais.

A pesquisa de Hermann abrange vários aspectos, um deles foi o planejamento ecológico urbano na cidade de São Paulo nos 30 e 40, assim como a descrição das áreas e zonas de habitações tanto no centro quanto na periferia. Hermann conseguiu combinar análises gerais com análises particulares, lamentavelmente a parte de pesquisa qualitativa etnográfica não está presente no texto. Além disso, a perspectiva de estudo lembra o referencial da Escola de Chicago, como por exemplo e a distribuição por zonas, tal e como propos Burgess.

A sétima, pesquisa que me refiro foi feita por Xidieh de 1947¹⁴⁸ em um subúrbio paulista no município de Mogi das Cruzes, pesquisando uma igreja e a história de vida de um pastor, o Sr. Narciso. O artigo se inicia descrevendo as áreas ecológicas da população suburbana como comércio, estradas, ruas, vilas proletárias, casas comerciais e a construção de bangalôs (que seria o equivalente à zona V de *commuters* proposto por Burgess) Xidieh (:174, 175) mencionou o homem suburbano e sua condição de marginal

¹⁴⁸ Xidieh, Osvaldo E. 1947. "Subúrbio". *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. CXIV:173-184.

(podendo-se referir ao homem marginal de Park e de Stonequist). Xidieh escreveu sobre o inconsciente, a luta pela vida, comportamento individualista, ressentimento e crime, sobre uma espécie de desorganização social, como diria Thomas, ou competição, segundo Park.

Do mesmo modo que Willems e Heller, Xidieh não descreveu a metodologia que utilizou para a coleta dos dados, apesar que menciona as fichas de entrevista com delinqüentes e moços criminosos, mas não as utiliza neste artigo. No entanto, usa técnica de história de vida como é mostrada na trajetória do Sr. Narciso, um homem que, em 1938 converte-se em pastor de uma igreja chamada Igreja Triunfante ou Católica Evangélica Militante. Xidieh participou e descreveu em poucas linhas como se desenvolveu a cerimônia em São Paulo, já que Narciso viajava para fazer os cultos. O curto artigo de Xidieh é bastante descritivo mais do que interpretativo, contudo permite reconhecer as categorias analíticas tomadas dos trabalhos da Escola de Chicago.

Finalmente o oitavo trabalho desenvolvido por Nogueira de 1949¹⁴⁹ trata de um estudo sobre habitações de operários em São Paulo. Segundo Nogueira, a habitação não só é um elemento de conforto, mas pode também refletir o nível de aspirações dos moradores que se estimulam ou se deprimem. A casa pressupõe aspectos culturais, sociais ou hábitos de vida, atividades e valores (:32). A urbanização no mundo todo tem modificado a concepção de casa na cidade. Para Nogueira (:33) nas cidades, a localização das casas está

¹⁴⁹ Nogueira, Oracy. 1949. "Distribuição residencial de operários de um estabelecimento industrial de São Paulo". *Sociologia*. Vol. XI (1):32-53, se adjunta um mapa de todas as residências localizadas dos operários verificando a proximidade dos fábricas (as chamadas Vilas operárias).

em relação com os locais de trabalho e certas instituições como escolas, igrejas, centros de recreação etc.

O objetivo do trabalho era estudar determinado ramo industrial (indústria têxtil), procurava-se o número de operários e estabelecimentos. Os operários eram paulistanos e seus lugares de moradia próximas das fábricas. Foram entrevistados 65 estabelecimentos localizados no leste de São Paulo na radial norte-sul (:35). Dos 65 lugares, foram escolhidos 3 (Ipiranga, Hipódromo, Belemzinho) com 200 operários. Eles foram organizados por Nogueira em 100 lugares de habitação que ficassem a mais de 4000 mts. de distancia da fábrica, e outros 100 lugares que estivessem a menos de 4000 até 1000 mts. A finalidade era demonstrar que a mobilidade social dependia dos lugares de habitação e proximidade dos trabalhos (:36).

As entrevistas com os operários foram feitas por uma equipe, que observou o meio e a moradia localizada em uma área dos operários. Os resultados da pesquisa foram apresentados através de quadros (:37-44). Cito alguns interessantes:

Quadro I: Maior quantidade de operários femininos 80%

Quadro IV: Operários casados (próximos do trabalho), solteiros (distantes)

Quadro IX: Operários próximos menos casa própria, e os distantes maior número de casa própria.

Nogueira detectou o problema de que o tempo de permanência na casa era determinado pelo emprego, isto é, os operários próximos com casa própria tinham maior tempo do emprego, enquanto os operários distantes alugavam e possuíam menor tempo de trabalho. Nogueira conclui que: a) existia uma importância da casa própria como fato de

estabilidade no emprego, e b) aumento de alugueis de casa levava a mobilidade espacial do emprego (:44). Neste sentido, o trabalho de Nogueira foi pioneiro no estudo da habitação dos grupos operários, foi um trabalho quantitativo bem estruturado com uma seleção das fabricas e dos lugares de moradia, isto é, o que em Chicago se chamava do *Base Map*, na localização em termos gerais do objeto de estudo em relação à cidade

Para concluir, as oito etnografias urbanas feitas na cidade de São Paulo foram trabalhos fragmentados que não forneceram uma continuidade como temas e interesses em uma agenda de pesquisa. Mas permitiram observar a influência de Chicago nos anos 40 principalmente com Pierson em São Paulo, e que continuou na década de 50. Do mesmo modo, resgatar a existência de um corpo de pesquisas urbanas como antecedentes do campo intelectual permite conhecer os antecedentes dos estudos urbanos no Brasil. Com relação à influência de Chicago que esteve presente nesse período de tempo inicial, esta voltaria ao Brasil na década de 70 com o interacionismo simbólico:

“Acho que a coisa que mais me está intrigando é porque é, que Chicago chegou primeiro, a primeira Escola de Chicago chegou em São Paulo, e não chegou no Rio e somente chegou no Rio a Escola de Chicago via o interacionismo, via Goffman, Becker e o Museu Nacional, quer dizer que a Escola de Chicago só chegou no Rio via Gilberto Velho né, um pouco via Roberto Da Matta e não se quem mais no final dos anos 70. Enquanto isso Chicago chegou em São Paulo né, via Donald Pierson muito antes, Donald Pierson e todos aqueles de São Paulo que foram. Eu acho que muito mais pessoas de São Paulo foram estudar em Chicago do que cariocas, cariocas, quem ia estudar em Chicago, era Costa Pinto que não conseguiu chegar lá ...”
(Entrevista Licia Valladares).

O que foi dito por Lícia Valladares é uma hipótese a verificar em uma pesquisa futura, embora a ausência de Chicago nos anos 50 e 60 obedece à mudanças teóricas e históricas que mudariam os interesses de pesquisa, entre eles o problema urbano, desenvolvimento, influência do marxismo e o crescimento e fundação de instituições dedicadas a este tema, como veremos no tópico seguinte.

3. Instituições e o interesse pelo urbano e desenvolvimento:

O processo de modernização do Brasil nos anos 50 acelerou a industrialização e desenvolvimento no país na época da Pós-Guerra, estabelecendo um sistema político mais democrático. Na década de 50, a nível institucional deu-se uma abertura das cátedras de Antropologia nas Faculdades de Filosofia e instituições públicas, implicando a ampliação do ensino da disciplina a nível universitário. Dentro desta abertura foram fundadas instituições que se desenvolveram vários eventos como projetos, congressos e seminários.

No Rio de Janeiro, a Antropologia se expandiu a outros centros de pesquisa como o Museu do Índio criado em 1953, em que iniciou-se um curso de aperfeiçoamento e treinamento em Antropologia cultural.¹⁵⁰ Este curso continuaria no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais criado em 1955, com ajuda de financiamento da UNESCO.¹⁵¹ O curso foi no período de 1955 a 1958 que desapareceu, mas foi a base para os futuros cursos de especialização na década de 60 no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Devo mencionar

¹⁵⁰ Instituto Indigenista Interamericano. 1955. "Curso de perfeccionamiento en Antropologia Cultural". *Boletín Indigenista*. Vol.XV(2):154-158.

¹⁵¹ Um importantíssimo estudo sobre a década de 50 nos campos da Educação e Antropologia foi feito por Corrêa, Mariza. 1988b. "A revolução dos normalistas". *Cadernos de Pesquisa*. (66):13-24, ela descreve a trajetória de Anísio Teixeira grande educador e de outros autores, expressa o grande papel do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais - CBPE-, e faz uma análise de artigos sobre educação, Sociologia e Antropologia publicados pela revista *Educação e*

também, a Primeira Reunião da Associação Brasileira de Antropologia no Rio de Janeiro em 1953.

O ano de 1954 foi produtivo para as Ciências Sociais houve o XXXI Congresso Internacional de Americanistas em comemoração do IV centenário da fundação da cidade de São Paulo e o I Congresso Brasileiro de Sociologia. No congresso de Americanistas temos dois trabalhos sobre a cidade de São Paulo o de Florestan Fernandes (ver mais adiante) e o de Bastide,¹⁵² texto curto que indicava um mapeamento dos estudos de populações urbanas desde as perspectivas da História, Geografia e Sociologia, analisando um fenômeno novo, as grandes metrópoles modernas. Do ponto de vista da histórico trabalhou a fundação de cidades coloniais e seu desenvolvimento industrial. Do ponto de vista da geografia urbana, analisou o clima, adaptação, meio físico e gêneros de vida. Do ponto de vista sociológico, mencionou os temas estudados como estrutura familiar no urbano, estudos ecológicos, higiene pública, demografia, o negro na sociedade de classes e as migrações rurais-urbanas.

Bastide ressaltou o interesse do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo pelos estudos ecológicos para a substituição das zonas concêntricas de grupos de casas (quarteirões), que revelaria a distribuição de imigrantes (:380). Lembro aqui os trabalhos feitos nos anos 40 analisados anteriormente sobre a cidade de São Paulo. Contudo, Bastide, aclarou que os temas enumerados não podem ser considerados como uma

Ciências Sociais.

¹⁵² Bastide, Roger. 1954. "État actuel et problèmes fondamentaux des chercheurs sur les populations urbaines du Brésil". In: *XXXI Anais do Congresso Internacional de Americanistas, São Paulo 23 a 28 de agosto de 1954*. Herbert Baldus (org). SP:Editora Anhembi. Vol. 1:377-382.

Sociologia Urbana, aliás “*Les lacunes sont trop nombreuses*” (:381),¹⁵³ isto confirma que não havia uma agenda de pesquisa urbana. Como argumentei antes, existiam sim, alguns trabalhos que são antecedentes do campo de estudos urbanos tanto da Sociologia quanto da Antropologia, mas não com uma periodicidade institucional.¹⁵⁴

Em 1955 houve a II Reunião Brasileira de Antropologia, no qual foi fundada a Associação Brasileira de Antropologia. De igual maneira não posso deixar de indicar que a iniciativa do governo Brasileiro e os Governos da América-Latina e, mais uma vez, do patrocínio da UNESCO cria-se em 1957 o Centro Latinoamericano de Pesquisas em Ciências Sociais -CLAPCS- que funcionou em Rio de Janeiro de 1957-1976.¹⁵⁵ O financiamento da UNESCO foi importante para o desenvolvimento de pesquisas no Brasil nas áreas de relações raciais, estudos de comunidade e educação, mobilizando cientistas sociais e instituições.¹⁵⁶ Nas diversas instituições criadas nos anos 50 trabalharam

¹⁵³ “Georges Gurvitch dizia que a lacuna mais grave da Sociologia brasileira era a falta de estudos sobre a cidade de São Paulo” (Cândido 1954 citado por Vila Nova 1998:150).

¹⁵⁴ Na América Latina, nesse mesmo período dos anos 50 estava-se desenvolvendo a chamada “Teoria da marginalidade”, sendo um dos principais autores latinoamericanos Germani, Gino. 1973. *El concepto de marginalidad: significado, raíces históricas y cuestiones teóricas, con particular referencia a la marginalidad urbana*. Buenos Aires: Editora Visión. Para uma discussão sobre a teoria da marginalidade, Cf. Perlman, Janice. 1977. “A teoria da marginalidade e o ideal tipo”. In: *O mito da marginalidade: favelas e políticas no Rio de Janeiro*. Trad. W.M. Portinho. RJ: Editora Paz e Terra. pp. 123-167; e Berlinck, Manoel T. 1975. “Crescimento urbano e pobreza”. In: *Marginalidade social e relações de classes em São Paulo*. Petrópolis: Editora Vozes. pp.11-42 e Ziccardi, Alicia. 1989. “De la ecología urbana al poder local: (cinco décadas de estudios urbanos). *Revista mexicana de Sociología*. Vol. LI (1):275-306.

¹⁵⁵ Sobre o CLAPCS e a revista América Latina ver Oliveira, Lúcia Lippi de. 1995. “As Ciências Sociais no Rio de Janeiro”. In: *História das Ciências Sociais no Brasil*. Sérgio Miceli (org). SP:FAPESP/IDESP. Vol 2:233-307; a última revista de *América Latina* foi publicada em 1976. Nos 19 anos de publicação da revista é possível encontrar as primeiras contribuições de cientistas sociais de várias disciplinas, Sociologia, Economia, Antropologia, Ciências Políticas etc. sendo pesquisas de grande ajuda para o desenvolvimento do pensamento das Ciências Sociais. Encontraremos múltiplos artigos de antropólogos latinoamericanos. O CLAPCS foi importante para as Ciências Sociais no Rio de Janeiro, Cf. Almeida, Maria Hermínia Tavares. 1987. “Castelos na areia: dilemas da institucionalização das Ciências Sociais no Rio de Janeiro (1930-1964). *BIB*. (24):41-60.

¹⁵⁶ O chamado “ciclo de estudos da UNESCO” de relações raciais, foram entre (1953-1956), os estudos do convênio Columbia University/Estado da Bahia entre (1950-1960) e os estudos da “Escola Paulista” (1955-1972), (Guimarães *op.cit.*:76), do mesmo modo a maneira de informação existe uma tese sobre a UNESCO feita por Maio, Marcos Chor. 1997. *A história do projeto UNESCO: estudos raciais e Ciências Sociais no Brasil*. Tese de Doutorado IUPERJ.

antropólogos e sociólogos, mantendo essa tradição desde os anos 40, não havia uma delimitação precisa de ambas disciplinas como aconteceria nas décadas posteriores.

“... na década de 50 os trabalhos do projeto UNESCO, então tem, e que, veja, é também uma fase em que não havia uma delimitação precisa entre Antropologia e Sociologia, porque o projeto UNESCO, o estudo de relações raciais, tinha antropólogos e sociólogos ...o Florestan sempre teve essa, quer dizer toda a formação dele foi híbrida entre Sociologia e Antropologia ... realmente não tinha essa demarcação disciplinar tão forte não é, então naquela época já se estudavam problemas ...” (Entrevista Bela Bianco).

Gostaria de ressaltar que no final da década de 50, o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais financia e desenvolve o *Projeto de pesquisa sobre os processos de industrialização e urbanização em 1959*.¹⁵⁷ O projeto visava estudar os processos de industrialização e urbanização de situações e problemas e como este atuavam sobre a sociedade brasileira e seu contexto socio-cultural, organização econômica, estrutura demográfica, estratificação social e modos de vida (:113). O amplo programa de pesquisa compreendia duas atividades: a) estudos de base bibliográfica e b) pesquisas de observação direta. Na primeira atividade ressalto os trabalhos de Florestan Fernandes *“Integração do negro à sociedade de classes,*”¹⁵⁸ Alice Piffer Canabrava com a pesquisa *“Estudo histórico da urbanização e industrialização no Brasil século XX”*, José Francisco Camargo *“Estudo histórico das migrações internas”*, Egon Schaden *“Processo de integração dos*

¹⁵⁷ Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. 1959. “Projeto de pesquisa sobre os processos de industrialização e urbanização”. *Educação e Ciências Sociais*. Vol. 5(11):113-118.

¹⁵⁸ Florestan Fernandes já vinha fazendo um trabalho sobre o negro em São Paulo, um trabalho de pesquisa urbana desde inícios dos anos 50, pesquisa que não posso deixar de mencionar: Cf. Bastide, Roger e Florestan Fernandes. [1955] (1959). *Branco e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos de formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. SP:Companhia Editora Nacional. 2ª edição. No trabalho de campo foram utilizadas as técnicas de questionários, entrevistas, biografias e histórias de vida, além de um estudo ecológico em bairros, zonas de cortiços e arrabaldes com a finalidade de localizar zonas de concentração de grupos negros na cidade de São Paulo (:xiv, xv).

contingentes alemães e japoneses na sociedade brasileira e o papel da escola na aculturação dos dois grupos". Na segunda atividade temos, Eunice Durham "*Ajustamento social e ocupacional dos contingentes rurais nos centros metropolitanos*" e Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni "*Os efeitos sociais da industrialização na cidade de São Paulo*". A preocupação por estes problemas mostrou como a realidade social brasileira naquela época definiu alguns dos temas que deveriam de ser trabalhados e priorizados. Os estudos sobre industrialização, urbanização, desenvolvimento e classes sociais ficaram mais intensos na década seguinte.¹⁵⁹

Neste contexto me interessa resgatar as pesquisas sobre o tema da urbanização, especialmente alguns textos esquecidos de Florestan Fernandes, no qual se observa uma influência dos clássicos que trabalharam a cidade como Marx, Engels, Weber e Park. Textos feitos entre 1954-59 mostram o seu interesse pela cidade de São Paulo como laboratório de pesquisa:¹⁶⁰

"Nos meados dos anos 50, Florestan começou um novo momento do percurso intelectual, que durou muito tempo e foi marcante. E esse grande momento está ligado a duas preocupações: uma com os negros outra com a cidade de São Paulo. Eu não sei se já foi suficientemente ressaltado o que era a preocupação de Florestan com a cidade de São Paulo. Talvez o modelo fosse Chicago, já que a Sociologia americana tinha tido enorme élan com os estudos sobre Chicago - Sociologia Urbana. Florestan fez várias tentativas, todas elas frustradas, para que se obtivessem recursos para um estudo sociológico sobre a cidade de São Paulo. Este estudo não foi feito em termos de Sociologia Urbana, mas foi feito de outra maneira. O estudo sobre a evolução histórica dos negros (que é extraordinário) é ao mesmo tempo um estudo sobre São

¹⁵⁹ Uma das primeiras pesquisas que foram o resultado desde amplo projeto foi o trabalho de Hutchinson, Bertram. 1960. *Mobilidade e trabalho: um estudo da cidade de São Paulo*. RJ:Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. A pesquisa, brevemente posso dizer, que foi desde três perspectivas, uma antropológica, sociológica e psicológica, foram pesquisadas, ocupações profissionais, mobilidade social, educação, imigração, com os métodos de etnografia e histórias de vida.

¹⁶⁰ A informação sobre o interesse de Florestan Fernandes de fazer um projeto de pesquisa sobre a cidade de São Paulo, deve-se a uma comunicação pessoal com o Prof. Octavio Ianni.

*Paulo. Florestan procurou ver simultaneamente como se forma uma categoria social, uma classe no processo de urbanização de São Paulo ... procurava-se entender isto tudo - a emergência de uma categoria social, mesclada com o progresso da urbanização. Crescia a cidade, diferenciavam-se as classes, rompia-se a matriz do mundo agrário ...*¹⁶¹

Os textos de Florestan Fernandes sobre a cidade de São Paulo, os quais Cardoso refere-se foram publicados no livro *Mudanças sociais no Brasil*.¹⁶² Dois textos tratam em termos gerais do desenvolvimento histórico da cidade de São Paulo desde o século XVI-XX desde seus inícios como vila até chegar a uma metrópole. A discussão dos séculos XVI-XIX sobre temas como campo e cidade, povoamento, as estruturas de poder político e administrativo, as câmaras, religião, escravidão, transporte, propriedade territorial, lembram Weber no trabalho *A cidade*. No século XX, Fernandes analisa através do censo de 1950 o crescimento acelerado da população, junto como o desenvolvimento econômico e sua transformação em uma das cidades industriais mais importantes da América Latina, paralelamente ao crescimento de uma mão de obra e urbanização e classes sociais (:199-202).

Para Florestan Fernandes as cidades sofrem em maior escala os processos sociais que operam na sociedade brasileira pelas conseqüências de mudança da antiga ordem escravocrata e senhorial. As relações sociais localizadas de acordo com o lugar que ocupam no sistema econômico de apropriação individualista e de expropriação capitalista dos meios de produção (:204), produzem mudanças nas condições de vida dos habitantes da cidade na sua maioria vindos de áreas rurais. Neste ponto Florestan Fernandes discute o *continuum*

¹⁶¹ Cardoso, Fernando Henrique. 1987. "A paixão pelo saber". In: *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. Maria Angela D'Incao (org). UNESP-Paz e Terra. pp. 23-30.

¹⁶² Fernandes, Florestan. [1960]. 1974. *Mudanças sociais no Brasil: aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira*. SP:Difusão Européia do Livro. (edição revista), principalmente os caps. VII-IX, consulte-se as importantes

rural-urbano em São Paulo, no qual os componentes rurais são atingidos pelos componentes urbanos tomados como agentes de transformação social, convertendo-se a cidade numa metrópole com um sistema complexo, sistema de comunidades urbanas ou em urbanização, semi-urbanas e rurais (:207), isto lembra um pouco a Robert Park.

O terceiro texto "*O homem e a cidade-Metrópole*" estruturado em vários temas como: o cenário ecológico da cidade de São Paulo e como sua posição geográfica foi-se modificando com as migrações do campo à cidade, assim como os trabalhos de arquitetura e engenharia dos aranha céus, edifícios de apartamentos, serviços públicos etc. Outros aspectos como o crescimento demográfico, mão de obra, o aumento do contingente urbano na cidade e suas transformações culturais foram analisados. Finalmente, o desenvolvimento econômico e a ampliação bancária, industrial e comercial trouxe novas relações sociais e problemas econômicos continuidades e discontinuidades.

A cidade de São Paulo para Florestan, foi o lugar da diferenciação social e desenvolvimento da ordem social de classes abertas em que tem sido mais intenso, rápido e orgânico no Brasil (:302). Na evolução institucional, o crescimento demográfico e a urbanização dirigiram as transformações institucionais, assim como as forças conservadoras que operavam principalmente através da família, igreja e do governo, conformariam uma fase da formação dos traços mais marcantes do "estilo urbano de vida" em São Paulo (:304, 305), isto lembra em alguma medida a Louis Wirth.

Os textos de Florestan Fernandes, assim como outros autores se interessaram pela industrialização e desenvolvimento desde a década de 50, perspectiva que teve seu auge nos anos 60 com uma geração que marcou uma produção intelectual da Sociologia latino-americana. Esta geração desde uma abordagem abrangente tanto sociológica quanto histórica, analisou os processos de desenvolvimento, subdesenvolvimento, industrialização, dependência, capitalismo, capitais nacionais, Estado, revolução burguesa, estrutura social, relações econômicas e o subdesenvolvimento. Julgo oportuno mencionar a importância do campo da Sociologia do desenvolvimento para indicar que a Antropologia Urbana tinha uma constante relação com outros campos, principalmente o sociológico que trabalhava o tema da desenvolvimento e urbanização.¹⁶³

Toda esta produção foi feita dentro do campo sociológico e das Ciências Políticas dos anos 60 e 70 foi contemporâneo e paralelo à Antropologia dedicada às populações urbanas, sendo um referencial teórico importante para ela. A Sociologia rompe com o funcionalismo e juntamente com a Ciência política adota a perspectiva marxista como marco teórico.¹⁶⁴

Para Durham,¹⁶⁵ no final dos anos 50 iniciaram-se transformações no clima intelectual que acompanhavam o cenário político, a Sociologia dedica-se aos temas de

¹⁶³ Um estudo brilhante da Sociologia dos anos 60 e 70 foi feito por Ianni, Octavio. [1971]. 1989. *Sociologia da Sociologia: o pensamento sociológico brasileiro*. SP:Editora Ática. 3ª edição revista e aumentada; uma outra pesquisa interessante foi feita por Liedcke Filho, Ennio D. 1991. *Sociology and Society in Brazil and Argentina, 1945-1985*. Tese de Ph.D, Brown University.

¹⁶⁴ Magnani, Jose Guilherme Cantor. 1992. "O campo da Antropologia". *Cadernos de História de São Paulo*. (1):45-56. p. 48.

¹⁶⁵ Durham, Eunice. 1982. "Os problemas atuais da pesquisa antropológica no Brasil (Antropologia Social e cultural)". *Revista de Antropologia*. Vol. 25:159-170. p. 161.

transformação da sociedade, processo de industrialização capitalista orientada para o marxismo e se aproximava da Ciência Política. Dentro do contexto histórico das décadas de 50 e 60 e inícios de 70, deu-se uma penetração ampla dos Estados Unidos em vários países do mundo. No caso brasileiro a penetração de capital estrangeiro criou uma dependência da burguesia industrial em relação aos interesses externos e modernização dos Estado.¹⁶⁶ Posterior ao Golpe de 64, as Ciências Sociais passam por um processo de expansão e aos mesmo tempo de perseguição como também de um engajamento político por parte da universidade.¹⁶⁷ Os anos que se seguiram foram de perseguição política, a proclamação do AI5 em 1969 provocou um terrorismo cultural liquidando os movimentos de esquerda e a fuga de intelectuais para o exterior (Durham *op.cit.*:162).

No nível teórico, com o aumento da influência do marxismo surgem críticas às metodologias de pesquisa americanas tanto sociológica quanto antropológica como limitadas teórica e metodologicamente em relação ao funcionalismo, culturalismo e aculturação. Entre as críticas feitas no Brasil, temos por exemplo Galvão¹⁶⁸ com relação às pesquisas de aculturação nos grupos indígenas. Do mesmo modo dentro das críticas ao culturalismo apareceram questionamentos aos clássicos estudos de comunidade considerados como trabalhos isolados e de pouco alcance teórico.

¹⁶⁶ Oliven, Ruben George. 1980b. "Classe e cultura em cidades brasileiras". In: *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis:Editora Vozes. pp. 98-125. p. 114.

¹⁶⁷ Montero, Paula. 1995. "Tendências da pesquisa antropológica no Brasil". *O ensino da Antropologia no Brasil*. ABA. pp.18-25. p. 19.

¹⁶⁸ Galvão, Eduardo. 1957. "Estudos sobre aculturação dos grupos indígenas". *Revista de Antropologia*. Vol. 5(1):67-74.

Um outro comentário foi feito por Costa Pinto,¹⁶⁹ consistindo em termos gerais de uma crítica ao culturalismo da Antropologia e sua inadequação teórica frente a uma nova realidade de integração dos grupos à sociedade urbana: “*Em boa parte a reação do antropólogo a essa fuga do seu objeto foi correr atrás dele, aonde estivesse, penetrando no terreno das outras disciplinas, sem respeitar as cercas, e levando consigo o seu equipamento conceptual, que havia sido fabricado para estudar, sobre tudo para descrever, a vida e os costumes dos povos tribalizadas*”. As críticas de Costa Pinto podem ser consideradas injustas e generalizadas, mas mostram uma transição do *metier* da Antropologia frente aos problemas de urbanização e desenvolvimento naquela época.

Segundo Oliven,¹⁷⁰ o culturalismo e a teoria da modernização foram utilizada por sociólogos e cientistas políticos, na sua maioria americanos para mostrar o atraso ou adiantamento das sociedades, explicando o desenvolvimento e subdesenvolvimento a partir do grau de modernidade dos seus membros. As explicações culturalistas do subdesenvolvimento foram substituídas pelas interpretações sobre dependência e marginalidade nos países da América Latina. Para Oliven,¹⁷¹ a rejeição ao culturalismo afetou à Antropologia, porque quem se ocupasse do estudo da cultura era com frequência rotulado de conservador, a consequência disto foi um acentuado historicismo e economicismo das Ciências Sociais brasileiras deixando à cultura geralmente desprezada.

¹⁶⁹ Costa Pinto, L. A. [1963]. 1980. “Sociologia, Antropologia e desenvolvimento”. In: *Sociologia e desenvolvimento: temas e problemas de nosso tempo*. RJ: Civilização Brasileira. 8ava edição. pp. 75-92.

¹⁷⁰ Oliven, Ruben George. 1980a. “Por uma Antropologia em cidades brasileiras”. In: *O desafio da cidade: novas perspectivas da Antropologia brasileira*. RJ: Campus LT. pp. 23-36, p. 24.

¹⁷¹ Oliven, Ruben. 1989a. “A Antropologia e a cultura brasileira”. *BIB.* (27):74-88, p. 75.

Assim como Oliven, Blay referindo-se às críticas feitas ao funcionalismo e culturalismo americano aponta que a Sociologia Urbana nascida da Escola de Chicago se viu atingida e passou para um segundo plano, sendo relembrada quando a urbanização nas cidades e a dinamização do capitalismo mostrou os problemas urbanos de todas as ordens. Segundo Blay a Sociologia Urbana retornou com a influência do marxismo e com os interesses sobre desenvolvimento e dependência, modificando os seus objetivos e dedicando-se à procura do grupos urbanos com as novas influências.¹⁷² Aqui vemos uma ruptura teórica e a presença do marxismo, principalmente na Sociologia e na Ciência Política, permitindo uma nova interpretação da realidade brasileira e latino-americana.

O interesse pelo urbano levou à publicação do livro *O fenômeno urbano* [1967],¹⁷³ que consistia em texto básicos de alguns autores clássicos como, Georg Simmel, Max Weber, Robert Park,¹⁷⁴ junto com autores contemporâneos como Louis Wirth e Paul-Henry Chombart de Lauwe. Acho oportuno indicar as preocupações do organizador do livro. Em um primeiro momento, Velho aponta para o título do livro que não seria de Sociologia Urbana, devido a que este campo estaria mais preocupado com um série de fenômenos como delinqüência, marginalidade, mudança cultural e planejamento urbano em geral (:7). Os autores foram selecionados pelo fato de aceitarem ou não o urbano como categoria explicativa (:10), embora a cidade seria o *lucus* de convergência de grandes correntes e interesses econômicos, políticos e ideológicos, seria também o espaço de um modo de vida

¹⁷² Blay, Eva Alterman. 1978. "Introdução: Crise urbana ou crise de reprodução do capital?". In: *A luta pelo espaço: textos de Sociologia Urbana*. Eva Alterman Blay (org). Petrópolis:Editora Vozes. pp. 9-17.

¹⁷³ Velho, Otávio. [1967] 1973. "Introdução". In: *O fenômeno urbano*. Otávio Velho (org). RJ:Zahar Editores. 2da edição. pp. 7-10.

¹⁷⁴ Não entrarei em detalhes destes autores, que já os discuti no capítulo III.

urbano ou metropolitano. A nível da história, a revolução industrial permitiu um crescimento da cidade onde se desenvolveria uma sociedade urbano-industrial em que o industrial permite ao urbano atualizar todas suas virtualidades em oposição à sociedade agrária tradicional, implicando que se abandone o abstrato do urbano e se desça ao concreto e ao histórico (:10). Apesar da importância do livro que teve até agora várias edições, não posso deixar de dizer que faltam outros autores clássicos como Karl Marx, Émile Durkheim, Ferdinand Tönnies e Oswald Spengler, que pensaram a cidade, o urbano e sociedade industrial. Me deteve um pouco neste valioso livro que permitiu o acesso ao pensamento dos clássicos da cidade.

Além das diversas obras bibliográficas publicadas como seria o caso do livro citado anteriormente, nos anos 60, algumas instituições realizaram pesquisas urbanas como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE-, Instituto de Planejamento Econômico e Social -IPEA-, o Instituto Brasileiro de Administração Municipal - IBAM-, o Conselho Nacional de Planejamento Urbano -CNPU-, e em 1964 foi criado o Serviço Federal de Habitação e Urbanismo - SERFAU-. Estas instituições tinham a finalidade de fazer estudos sobre o crescimento urbano, combinando teoria e pesquisa e das quais participaram demógrafos e geógrafos urbanos, dois campos de estudos do urbano que permitiriam uma análise das políticas de planejamento urbano e de habitação. Duas instituições importantes relacionados com as ciências sociais que fizeram pesquisas e publicações de estudos sobre o urbanismo foram, o Centro de Estudos Rurais e Urbanos - CERU- criado em 1964¹⁷⁵, e o Centro Brasileiro de Pesquisas - CEBRAP- criado em

¹⁷⁵ O CERU desenvolveu uma série de pesquisas sobre a questão urbana, editando os Cadernos CERU, em que foram

1969,¹⁷⁶ contudo não posso deixar de mencionar o Instituto de Estudos Brasileiros -IEB- da USP.

Paralelamente às instituições mencionadas no que tange à Antropologia na década de 60, criaram-se instituições que provocariam mudanças no ensino da Antropologia crescendo o interesse nos estudos urbanos. Posso mencionar o papel da Divisão de Antropologia do Museu Nacional, no qual iniciaram-se os cursos de especialização de Antropologia social e cultural entre 1960 e 1962.¹⁷⁷ Os cursos foram de importância considerável na formação de pesquisadores em Antropologia. Os três cursos tiveram como objetivo a formação de pesquisadores profissionais, tanto a nível prático quanto teórico, visando sobretudo a análise das mudanças que passavam os grupos indígenas no final da década de 50, treinando a um grupo de antropólogos no Rio de Janeiro.

Os cursos do Museu Nacional foram em parte antecedentes para à criação da Pós-Graduação em Antropologia no final da década de 60; até os anos 60, o treinamento de antropólogos dava-se no exterior e no Brasil no Museu do Índio na Escola de Sociologia e Política em São Paulo e na Universidade de São Paulo, sendo esta última a única instituição de ensino no Brasil que tinha um doutorado em Antropologia desde 1936. Na USP, a Antropologia vinha sendo ministrada através da Cadeira de Antropologia criada em 1941 treinando aos antropólogos com cursos equivalentes a Pós-Graduação. As três instituições

publicados trabalhos importantes na época tanto brasileiros quanto internacionais. O CERU foi dirigido por Maria Isaura Pereira de Queiroz. Acredito que é uma instituição que deveria ser pesquisada no futuro.

¹⁷⁶ Sobre o desenvolvimento do CEBRAP e outras instituições privadas Cf. Sorj, Bernardo. 1995. "Estratégias, crises e desafios das Ciências Sociais no Brasil". In: *História das Ciências Sociais no Brasil*. Sérgio Miceli (org). SP:FAPESP/IDESP. Vol 2:309-339.

¹⁷⁷ Castro Faria, Luiz de 1984. "A Antropologia no Brasil: depoimento sem compromissos de um militante em recesso". *Anuário Antropológico* 82. RJ: Tempo Brasileiro pp. 228-250.

foram os principais centros de ensino e treinamento de antropólogos nas seis décadas do século XX. Estas iniciativas foram a base para o crescimento dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia na década de 70.

Em 1965 o “Parecer Sucupira” indicava a necessidade de criação de Programas de Pós-Graduação no Brasil.¹⁷⁸ Mas, foi só com a Reforma Universitária de 1968 que essa proposta se concretizou e foi aplicada, isso levou no final da década, à criação dos cursos de Pós-Graduação em Antropologia que na atualidade são as instituições de formação de quadros profissionais da disciplina e espaços acadêmicos institucionais de grupos de antropólogos.

Portanto, em 1968 foi criado, seguindo as novas diretrizes do Parecer Sucupira, o primeiro Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social no Museu Nacional. Nos inícios da década de 70 se estabeleceram outros Programas de Pós-Graduação em Antropologia como o da Universidade Estadual de Campinas -UNICAMP- em 1971, e, em 1972, o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade de Brasília -UnB-. Em cada um Programas de Pós-Graduação se foram formando grupos de antropólogos. Da mesma maneira, nestes anos, foram criados em várias universidades no Brasil Programas de Pós-Graduação em planejamento urbano, arquitetura e urbanismo, desenvolvimento urbano e regional que viram a complementar e ampliar os estudos do urbano desde várias perspectivas e disciplinas.

¹⁷⁸ O “Parecer Sucupira” foi re-publicado na organização e notas sobre o Ensino Superior no Brasil feita por Carvalho, Guido Ivan. 1975. *Ensino superior: organização e notas*. SP: Edit. Revista dos Tribunais, Vols. I, II, III pp.123-148,223-229. Nele estão os Pareceres No. 977 de 1965 sobre a “Definição dos cursos de Pós-Graduação” e o Parecer No. 77 de 1969

No final da década de 60 e inícios de 70 foi importante para o desenvolvimento da Pós-Graduação o apoio de instituições financiadoras como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -CAPES- e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico -CNPq-.¹⁷⁹ De igual forma, financiamentos vindos do exterior como o caso da Fundação Ford¹⁸⁰ que junto com a ajuda das agências financiadoras nacionais, começaram os novos Programas de Pós-Graduação formando a partir da década de 70 várias gerações e junto com elas uma produção bibliográfica sobre estudos dos grupos urbanos.¹⁸¹

Com todos estes aspectos, o interesse nas Ciências Sociais pelo urbano na década de 60, na minha opinião, estava-se “gestando ou fermentando” um campo de estudos antropológicos das populações urbanas que tomaria corpo na década de 70 e que seria liderada por uma nova geração, ou como já afirmou Cardoso de Oliveira¹⁸² “*A relativa rigidez do quadro vai se alterar substancialmente ... e pode ser indicado como sendo em meados nos anos 60 e robustecido nos anos 70 ... diria que uma nova geração de antropólogos começa a surgir neste período*”, indicando que desde a década de 70 até hoje

sobre as “Normas de credenciamento dos cursos de Pós-Graduação”, modelo segundo o qual foram criados os Programas de Pós-Graduação no final dos anos 60 e no decorrer da década de 70.

¹⁷⁹ Sobre a história do CNPq antes e depois do Golpe de 64 consulte-se o detalhado trabalho de Forjaz, Maria Cecília Spina. 1989. “Cientistas e militares no desenvolvimento do CNPq (1950-1985). *BIB.* (28):71-99.

¹⁸⁰ Consulte-se o aprofundado trabalho de Miceli, Sergio. 1995. “A Fundação Ford e os cientistas sociais no Brasil (1962-1992). In: *História das Ciências Sociais no Brasil*. Org. S. Miceli. SP:Sumaré/FAPESP. Vol. 2:341-395.

¹⁸¹ Além do Brasil em outros países da América Latina teve-se uma ampla produção de estudos urbanos entre 1960-1970, o leitor pode consultar as bibliografias seguintes: Vaughan, Denton (comp). 1970. *Urbanization in Twentieth Century Latin America: A Working Bibliography*. Institute of Latin American Studies-Population Research Center:University of Texas at Austin e Kemper, Robert V. 1970/71. “Bibliografia comentada sobre la antropología urbana en América Latina”. *Boletín Bibliográfico de Antropología Americana*. (33-34):85-140.

¹⁸² Cardoso de Oliveira, Roberto. 1988. *Sobre pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro. Biblioteca Tempo Universitário Vol. 83. p.116.

coexistem várias gerações no campo antropológico não sendo simplesmente uma substituição ou sucessão.

4. Conclusões:

Neste capítulo fiz uma breve trajetória da Escola de Chicago como uma influência nas pesquisas urbanas no Brasil, utilizando a noção de Escola de pensamento e as características de Tiryakian para defini-la, além de sugerir a existência de quatro gerações de pesquisadores na Escola, pretendi oferecer visão geral da amplitude e importância da Escola de Chicago. De igual forma, mostrei o ponto de vista dos antropólogos entrevistados sobre a Escola de Chicago no Brasil.

Também apresentei um desenvolvimento institucional das Ciências Sociais e a sugestão da existência de uma geração precursora que fundou instituições e promoveu os estudos sociológicos e antropológicos no Brasil. Indiquei que, junto com as instituições, autores e obras vieram correntes de pensamento que tiveram influência nas pesquisas como foi, neste caso, a Escola de Chicago, principalmente em três campos como a) o das relações raciais, b) os clássicos estudos de comunidade e c) nos estudos precursores na cidade de São Paulo em que centrei a minha atenção.

Entre as características do campo de pesquisas urbanas nos anos 40-50, se refletem em um primeiro momento, estudos de comunidade, assimilação aculturação, adaptações e migrações campo-cidade. Tendo em vista isto, apresentei um tópico que demonstrasse como

a Escola de Chicago teve influência nas pesquisas precursoras na cidade de São Paulo, sendo Donald Pierson o principal transmissor da mencionada escola de pensamento. Em um segundo momento, os estudos precursores da cidade, que foram esforços isolados ainda não institucionalizados, mas foram tentativas de uma pesquisa urbana na cidades, assim como a cidade não era um objeto de estudo significativo. Analisei oito pesquisas que foram feitas entre 1938-1949, em que aprecia-se uma influência da Escola de Chicago que direcionaram algumas pesquisas pioneiras na cidade de São Paulo. As pesquisas comprovariam a minha hipótese da existência da influência de Chicago, nas primeiras pesquisas urbanas na cidade, principalmente São Paulo. O objetivo foi mostrar que existe um antecedente de trabalhos antes da construção do campo científico da Antropologia Urbana nos anos 70.

Os depoimentos dos antropólogos entrevistados, na sua maioria foram recorrentes na ênfase sobre a influência da Escola de Chicago sobre os estudos de comunidade. Mas acho, que esta ênfase deixou de lado as outras duas áreas que também tiveram a influência, os estudos de relações raciais e sobre a cidade de São Paulo.

Entre os anos 50-60 surge um interesse pelo processo econômico de urbanização e industrialização e seus efeitos de acordo ao momento histórico e social da época, se fundam de diversas instituições dedicados ao urbano. Neste período ressalta Florestan Fernandes como um dos sociólogos interessados no estudo da cidade, produzindo alguns trabalhos sobre este tema. Também nesses anos se iniciam as críticas ao culturalismo por parte de uma vertente marxista nas Ciências Sociais, demonstrando que o culturalismo tinha um distanciamento entre o estudo de manifestações culturais e um contexto histórico maior.

Neste mesmo período o marxismo cobra importância como uma perspectiva explicativa nos processos de desenvolvimento e urbanização.

O interesse dos pesquisadores pela cidade e seus habitantes mudou na década de 60, passando para uma análise da urbanização e desenvolvimento em uma nova realidade no Brasil, surgindo projetos de pesquisa. Deu-se um aumento da produção bibliográfica da chamada Sociologia do desenvolvimento e Ciência Política interessadas na industrialização e subdesenvolvimento na América Latina. Estes temas continuaram na década de 70, e foram o contexto aos quais se integraram os estudos da Antropologia das classes populares em áreas urbanas indicando um caminho de pesquisas de um novo sujeito urbano como veremos a seguir no Capítulo V.

V

*A ANTROPOLOGIA URBANA
NO BRASIL: O NÍVEL TEÓRICO*

No capítulo anterior mostrei a influência da Escola Sociológica de Chicago nos estudos precusores da cidade (1940-1950), tomados como um antecedente no campo intelectual. Do mesmo modo, indiquei que as Ciências Sociais, no final dos anos 50 e no decorrer da década de 60, tinham interesse nos estudos urbanos. Mencionei também a fundação de instituições interessadas nas questões urbanas, marginalidade e desenvolvimento aspectos que continuaram na década de 70. Daí a importância de as Ciências Sociais estudarem um processo de urbanização, industrialização, bem como o aumento da migração de grupos sociais às grandes cidades na procura de emprego e melhores condições de vida. A Antropologia, como um campo científico dentro de um contexto social e político, voltou seus interesses para os grupos urbanos, tomados como novos atores políticos e protagonistas em uma sociedade complexa e fragmentada. A Antropologia, com sua metodologia e perspectivas teóricas, converteu-se em uma abordagem inovadora, iniciando uma série de pesquisas urbanas que permitiram uma visão mais clara das classes subalternas nas grandes cidades, sendo que nesses primórdios é que concentro a minha atenção no presente capítulo.

Rotomo aqui o problema que sugeri na introdução, o de compreender como foi o início da construção do campo da *Antropologia Urbana no Brasil, na década de 70*, momento em que houve uma fase de transição, gestando-se como uma perspectiva inovadora no estudo dos grupos urbanos, ganhando prestígio através de suas etnografias urbanas, que valorizavam a pesquisa de campo e observação participante. A Antropologia

com seu instrumental teórico e metodológico procurou o sujeito urbano e seu modo de vida nas grandes cidades.

Retomo, de forma sintética, a definição do campo científico que indiquei no Capítulo II.1, e readapto nesta tese. Defino esse campo científico conforme constituiu-se em determinado período histórico, não isolado de um contexto social nem de outros campos disciplinares. Está formado por representantes de uma geração com trajetórias individuais que têm uma produção intelectual própria. Deve-se considerar, neste caso, que os antropólogos constroem o campo por caminhos diferentes, sendo aqui definidos como produtores de conhecimento e construtores do campo intelectual. Na minha definição de campo existem dois níveis – um teórico e o outro de pesquisa.

O nível teórico, tema deste capítulo, estaria representado por um sistema de conhecimentos, categorias, conceitos, pensamentos, referenciais conceituais, problemas teóricos, esquemas explicativos, perspectivas e abordagens. Com uma mobilidade, flexibilidade e simultaneidade em que se agregam e articulam diferentes formas de explicação.

O nível de pesquisa (como veremos depois no Capítulo VI), está constituído pelo *corpus* de pesquisas realizadas pelo grupo de antropólogos dedicados às populações urbanas. Ou seja, pela produção intelectual criada em determinado período de tempo, lugar, objetos de estudo e métodos de trabalho de campo. Abrange as diversas formas de abordar, interpretar e compreender determinado tema de pesquisa.

A definição de campo científico descrita está orientada para um nível teórico, sem a preocupação de instituir um espaço de luta, uma arena de conflitos. Tal aspecto conflituoso caberia, talvez, numa pesquisa futura. Este Capítulo V está dividido em seis tópicos.

No tópico V.1 apresento o que chamo de procura do sujeito urbano, que consiste no interesse dos antropólogos em conhecer esse sujeito, que faz parte de uma classe social e de suas condições, com suas representações e modo de vida na cidade. Sujeito se que converte em ator político num momento histórico específico. Este tópico foi motivado por uma recorrência do tema na leitura dos depoimentos das entrevistas, quando também percebi, em termos gerais, a ênfase em conhecer e repensar o Brasil, tomado como um referencial nacional nesse novo período social e político.

O tópico V.2 consiste em compreender como se iniciou a construção de um campo e como os antropólogos se localizam dentro dele, mostrando a sua heterogeneidade. Em seguida, os problemas teóricos envolvidos na distinção de Antropologia na e da cidade (tópico V.3), no qual analiso a discussão da cidade como cenário e como lugar de pesquisa.

No tópico V.4 discuto o tema de uma Antropologia das sociedades complexas. Posteriormente me detenho em duas Escolas de pensamento que influenciaram a Antropologia Urbana no Brasil, como a Escola de Manchester (tópico V.5) e a Escola Marxista Francesa de Sociologia Urbana (tópico V.6).

Contudo, indico que no decorrer do capítulo e dos tópicos haverá amplos depoimentos dos antropólogos – tomados como produtores de conhecimento– colocando-os à disposição

como uma obrigação metodológica, necessária para se entender em que estão apoiadas as minhas interpretações e de que forma se fortalece o ângulo do meu argumento sobre a construção do campo intelectual. Tais depoimentos, outrossim, permitem a oportunidade de conhecer uma memória geracional, o ponto de vista dos antropólogos e dos nativos urbanos – tomados como representantes de uma geração – os quais se enquadram numa época que foi vivida individual e coletivamente. Através de elementos recorrentes nas suas narrativas, podem-se detectar pensamentos, posições, desafios, opiniões e impasses.

1. A procura do sujeito urbano:

O Brasil, nos anos 70, passou por um clima de transformações sociais e políticas com uma série de processos marcados pelo conflito – repressão, ditadura militar, crescimento urbano, pobreza, marginalidade – e pelo assim chamado “milagre econômico”. Com um grande impasse político entre autoritarismo e democracia. Época do governo dos generais Garrastazu Medici (1969-1974) e Ernesto Geisel (1974-1979), quando a censura estava institucionalizada, tal como acontecia em outros países da América Latina onde existiam ditaduras militares. Também foi uma época de início dos movimentos sociais, como o dos operários, camponeses e moradores de bairros, em torno de reformas políticas e institucionais e como resposta à repressão das ditaduras.¹⁸³ Depois do Golpe de 64, aflora nas Ciências Sociais uma série de temas sobre problemas sociais em áreas urbanas, como também o crescimento de uma teoria social. Reforçaram-se novas abordagens e metodologias, principalmente nas questões da urbanização, demonstrando que as

¹⁸³ Habert, Nadine. 1996. *A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira*. SP: Editora Ática. 3era. edição, p. 8.

problemáticas de estudo são sempre determinadas pelo contexto, e são refletidas por ele, sendo questões do seu tempo.

Pesquisas feitas no Brasil sobre o seu crescimento urbano e suas cidades na década de 70-80 mostram que, em 1970, a população total era de 93.139.037 milhões de habitantes, com uma população urbana de 52.085.018 milhões e uma população rural de 41.054.019 milhões. Em 10 anos, percorridos até 1980, tinha-se uma população total de 120.194.557 milhões de habitantes, com uma população urbana de 81.177.507 milhões e uma população rural de 39.017.050 milhões.¹⁸⁴ Através desses dados podemos observar o crescimento acelerado da população total entre 1970-1980, e o contraste entre a população urbana e a rural. A maior concentração urbana estava nas grandes cidades, principalmente naquelas com mais de 20.000 habitantes. Em 1970, existiam 300 cidades e em 1980 o número cresceu para 482, o que resulta numa taxa de crescimento de 4,83 entre 1970 e 1980.¹⁸⁵

O aumento da população urbana, as migrações para as cidades, a concentração urbana, a expansão industrial, colocam em evidência, entre outros, problemas como marginalidade, pobreza e desemprego. Mas fazem sobressair, igualmente, as políticas de planejamento urbano impulsionadas pelo Estado, a remoção de favelas, a construção de conjuntos habitacionais, obrigando os habitantes das cidades a criar mecanismos de adaptação ao meio urbano com seus sistemas culturais, representações, comportamentos,

¹⁸⁴ Faria, Vilmar. 1991. "Cinquenta anos de urbanização no Brasil: tendências e perspectivas". *Novos Estudos CEBRAP*. (29):98-119. p. 112.

¹⁸⁵ Faria, Vilmar. 1983. "Desenvolvimento, urbanização e mudanças na estrutura do emprego: a experiência brasileira dos últimos trinta anos". In: *Sociedade e política no Brasil pós-64*. Bernardo Sorg e Maria H. Tavares de Almeida (orgs). SP:Editora brasiliense. pp.118-163. pp.127, 128; consulte-se também os textos, Faria, Vilmar. 1976. O sistema urbano

organização social, experiências, conflitos, relações de poder e padrões de interação social. Foi este o panorama que representantes de uma geração de antropólogos tiveram como realidade.

Como escrevi antes, o crescimento urbano nas cidades e a situação política no Brasil depois do Golpe de Estado de 64, assim como a repressão da ditadura militar, foram eventos sociais marcadores ou datadores que ficaram na memória de uma geração de antropólogos. Como poderíamos conhecer essa memória? Na minha opinião, podemos conhecê-la através dos depoimentos dos antropólogos entrevistados, percebendo-se ali as dúvidas, impasses e esperanças de um Brasil melhor, que ficou retratado nas pesquisas empíricas, repensando o país com a finalidade de conhecê-lo e mudá-lo. Embora os pesquisadores pertencessem a diferentes instituições e tivessem interesses diversos, compartilhavam uma mesma realidade concreta; ou, como diria Mannheim (*op.cit.*), uma situação e identidade de geração na participação das mesmas circunstâncias históricas. O que foi dito por Mannheim corresponde a uma geração real, dentro dela existindo várias unidades de geração, formadas por um grupo concreto. Tomando isto como ponto de partida, sugeri no Capítulo II.2 a utilização da noção de representantes de geração, para significar algo menor que uma unidade de geração, o que se ajusta melhor, mais adequadamente, à minha pequena amostra de antropólogos.

Vejam os depoimentos desses representantes de geração de antropólogos, que revelam a sua posição de classe em relação a um determinado momento de uma sociedade em transição:

“...uma geração muito heterogênea ... mas acho que, em boa parte de nós, havia uma preocupação política, a experiência de 64, a vivência do regime militar, havia essa dimensão, mas ao mesmo tempo, havia a criação de um ethos acadêmico científico da busca do conhecimento. A idéia de que a sociedade brasileira não era conhecida, era conhecida de um modo muito imperfeito ou parcial, até entender o que acontecia politicamente no país ... uma das minhas preocupações era entender o que é que levava o país indo naquela direção, ao contrário das previsões do pessoal mais ligado à tradição marxista; subestimou-se a força das classes conservadoras, a capacidade de identificação das camadas médias com o pensamento conservador ...” (Entrevista Gilberto Velho)

Gilberto Velho fala de uma geração heterogênea que queria conhecer o Brasil, do objetivo predominante nesse momento, já que para ele o país era conhecido de modo imperfeito e parcial. Depois do Golpe de 64, a questão política como tema tornou-se próxima das pesquisas acadêmicas nas Ciências Sociais, o que levou essa geração a manter uma ponte entre os resultados de suas pesquisas e uma problemática maior. Um grupo de cientistas que formariam, como diz Pécaut, “um partido dos intelectuais”, que a meu ver seria uma geração, teria a sua máxima atuação entre 1974-1982, em uma época de greves, lutas sociais, reorganização da classe operária, lutas camponesas, novos atores sociais e seus movimentos.¹⁸⁶ Antonio Arantes ressalta uma espécie de “missão” nessa geração que pretendia mudar o Brasil, sendo a universidade o espaço institucional ideal para começar:

“... da geração de 70, mesmo, os anos 70 foram os anos duros da ditadura no Brasil e é uma questão para se pensar ... era um período em que os sonhos, a meta, a missão, né, missão mesmo aquela palavra. Eu acho que a gente tinha

¹⁸⁶ Pécaut, Daniel. 1990. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. Trad. M.J. Goldwasser. SP: Editora Ática. p. 261.

freqüentemente conversas com gente da minha geração, e a gente comenta isso, antes a gente tinha uma missão, a gente tinha sim um ideal ... e não é uma coisa saudosista, era uma atitude muito diferente, para nós a universidade era uma forma de mudar o mundo ... a gente quando ia trabalhar, quer dizer, quando eu trabalhava na universidade, vários colegas pensavam a mesma coisa, e não só nas Ciências Sociais, acho que era uma coisa bem de geração. Na Universidade de São Paulo, pelo menos, na USP, a gente ia porque queria mudar o mundo, achava que tinha a onipotência, que podia mudar o mundo. Se muda aí (na universidade), se muda o mundo. Então a gente descobriu que não era tão fácil. Mas de qualquer forma acho que isso era forte, e não tendo dado certo pela via política, digamos assim, o que se tentou foi a via do cotidiano dos estilos de vida. Então todos nós, da minha geração, passamos, ou a grande maioria, passamos por um período, assim, de negação dos valores burgueses, de vida em comunidade. Enfim esse movimento pós 68, que afetou não só o Brasil, como afetou nossa geração na escala mundial, né, nós como em outras partes do mundo, também nesse momento estávamos procurando um mundo mais justo, continuava o mesmo tipo de atitude de mudar o mundo, mas é mudado por via dos usos e costumes ...” (Entrevista Antonio Arantes)

O narrado por Antonio Arantes sugere uma situação de geração como indicaria Mannheim (*op.cit.*), provocando uma unidade ou identidade, com uma missão, podendo ser coletiva, individual, institucional, inconsciente ou consciente. Vejamos o depoimento de Bela Bianco que mostra essa “missão”:

“... naquele momento eu queria transformar o Brasil, queria fazer reforma agrária, então eu era aonde estava com o coração ... no meu caso tanto é que a tese que eu escolhi para fazer o doutorado é uma tese sobre poder local no Brasil, e eu queria saber por que houve essa ditadura, porque, de fato, voltando ao Faoro que cita um coronel que diz, ‘o governo mudou, eu estou com o governo’. Eu queria saber por que as lideranças municipais ficaram com o governo na época do Golpe, pode ser, até hoje se ver como uma pergunta inocente, ingênua, mas tinha a ver com o contexto ... a década de 70 foi no Brasil uma época do grande desenvolvimento da Pós-Graduação, de estudos de Pós-Graduação, porque existem paradoxos, porque os militares foram os que fizeram, botaram dinheiro nessa Pós-Graduação, e hoje os antigos exilados estão acabando com a universidade pública, em geral, provavelmente aqueles que tinham sonhos e utopias na década de 70 ... foi a partir dessa proliferação da Pós-Graduação que houve uma proliferação de especialistas, não é, então, por aí, eu acho que foi um recomeço, eu acho tanto teórico e metodológico ... a grande década da Pós-Graduação, da pesquisa, até paradoxalmente de um lado verbas do governo para a expansão, mas por outro lado, também, uma

situação de ditadura. Uma forma de responder, agir politicamente, era produzir ...” (Entrevista Bela Bianco)

Existia então, uma relação política entre o desenvolvimento das Ciências Sociais, os militares e as agências de financiamento como CAPES e CNPq¹⁸⁷. Não se pode deixar de notar que esse mesmo regime militar promoveu uma expressiva expansão do ensino universitário, em particular o financiamento à Pós-Graduação,¹⁸⁸ que teve o seu crescimento nesse momento e que foi um dos elementos chaves no início e aumento dos estudos no campo da Antropologia na cidade, promovendo um número considerável de etnografias urbanas, principalmente com dissertações e teses (tema a tratar no capítulo VI).¹⁸⁹

A semelhanças dos depoimentos de Gilberto Velho, Antonio Arantes e Bela Bianco sobre entender a causa do Golpe de 64, o apoio das classes medias e sua relação com os militares, apontavam para uma “missão” de geração, mostrando que toda essa geração estava sendo atingida pela situação social e política do país. Essa questão mais abrangente consistia em entender o que estava acontecendo nessa época com o Brasil nas suas esferas políticas, sociais e culturais, em um período de autoritarismo, ditadura e anseio por uma democracia. Eram muitas as incertezas, como fica demonstrado no depoimento de Antonio Arantes:

“... nesse periodo chamado dos anos 70 ... foram os debates sobre cultura popular que no Brasil foram muito intensos e tinham a ver com todo o processo de democratização do país, reestruturação da política, repensar os partidos

¹⁸⁷ Sobre a história do CNPq antes e depois do golpe de 64 consulte-se o detalhado trabalho de Forjaz, Maria Cecília Spina. 1989. “Cientistas e militares no desenvolvimento do CNPq (1950-1985). *BIB.* (28):71-99.

¹⁸⁸ Montero, Paula. 1995. “Tendências da pesquisa antropológica no Brasil”. *O ensino da Antropologia no Brasil.* ABA. pp.18-25. p.19

¹⁸⁹ Sobre a Pós-Graduação em antropologia não entrarei em detalhes, porque existe um amplo trabalho feito por Rubim, Christina de Rezende. 1996. *Antropólogos brasileiros e a antropologia no Brasil: a era da Pós-Graduação.* Tese de Doutorado. IFCH-UNICAMP.

políticos, repensar entre vanguarda e povo¹⁹⁰ ... por onde é que a gente vai sair dessa, desse impasse político e enfrentar digamos o autoritarismo que é forte na política brasileira ... como transformar o Brasil, como achar os caminhos da democracia ... naquele momento eu tinha clareza, e eu não era o único, acho que era um aspecto geracional no Brasil, um interesse muito grande nosso pelo, Brasil, entender ... então como entender o que está se passando no Nordeste, então como entender que os militares tinham sido vitoriosos nesse movimento político, como entender essa realidade, como sair, como achar o caminho para a democracia, então essa referência nacional foi muito forte ... a temática da ideologia que era naquele momento um assunto importante, não só para mim mas para muita gente da minha geração, que era entender o processo político e a presença do simbólico no processo político ... pensado em termos de uma sociedade como a brasileira, com uma sociedade em transição com um forte passado agrário, uma cultura política fortemente, digamos gerada por uma matriz gerada pelo clientelismo, de lealdades pessoais etc., e a transição da urbanização, da modernização naquela época ...” (Entrevista Antonio Arantes)

Perante essa realidade, a missão histórica era conhecer o Brasil, seja de forma individual, geracional ou institucional. Os representantes de uma geração de antropólogos com afinidades, vínculos institucionais, pessoais e de identificação coletiva, dedicaram-se ao estudo das populações urbanas. Todos eles eram contemporâneos e coetâneos, que estavam presenciando simultaneamente diversas transformações, compartilhando em todas suas dimensões o clima da época. Apesar da situação política, os cientistas sociais, dentre eles os antropólogos, se interessaram por diversos objetos de estudo, uma maneira de conhecer o Brasil por diversos caminhos, tanto metodológicos quanto teóricos:

“... me interessava por camadas médias, compreender o comportamento político das escolhas políticas ... eu estava muito impressionado em 1964 com a participação das camadas médias, com o apoio dado ao movimento militar, e eu era morador de Copacabana ... e em 64, o dia mesmo do Golpe, digamos assim, eu assisti a uma grande festa que era a comemoração da vitória do movimento militar feita pelas camadas médias de Copacabana. É claro que havia alguns que não estavam comemorando, alguns estavam fechados nos seus apartamentos,

¹⁹⁰ Um balanço bibliográfico sobre a cultura popular neste período, suas tendências de análises, movimentos sociais, resistência ideológica, espaço com relações do poder e política nas sociedades complexas, foi escrito por Magnani, José. 1981. “Cultura popular: controvérsias e perspectivas”. *BIB.* (12):23-39.

mas havia muita gente comemorando. Enfim eu tinha essa curiosidade, em vários planos, curiosidade em comportamentos de atitudes políticas que me levou a uma curiosidade mais geral sobre visão do mundo, modos de vida ... o tema da política que é um tema fundamental para mim, também é um tema que me acompanha bastante, toda essa relação de cultura, culturas populares, cultura de massas. É claro que existe a cidade como foco privilegiado mas não só a sociedade, mas a problemática das sociedades complexas ... então Antropologia Urbana é Antropologia das sociedades complexas” (Entrevista com Gilberto Velho)

Uma maneira de conhecer as classes médias, era trabalhar com uma Antropologia Urbana ou das sociedades complexas, o que permitiria conhecer as escolhas políticas de determinado grupo social. Também observamos na narrativa de Gilberto Velho o seu interesse pelas classes médias e culturas populares, que foram temas importantes nesse período, porque se relacionavam com a política. Nesse período, o padrão de vida das classes medias passaram por uma crise com a queda dos salários e conseqüentemente do poder aquisitivo, e ainda com a ameaça do desemprego (Habert *op.cit.*:46). Menciono isto porque Gilberto Velho fez um estudo de classes medias em um edifício de Copacabana (como veremos depois), sendo um dos estudos pioneiros no início dos anos 70. Nele, mostra a importância de uma Antropologia dos grupos urbanos tomando a cidade como o lugar de pesquisa, porém relacionada com uma questão macro-social, como seriam as sociedades complexas. Semelhante a Gilberto Velho, Durham indica que a cidade não seria o objeto de uma Antropologia Urbana no Brasil, mas o lugar de pesquisa:

“E, desde o começo, trata-se menos de uma antropologia da cidade do que uma antropologia na cidade. Isto é, não se desenvolveu no Brasil uma Antropologia Urbana propriamente, nos moldes em que foi iniciada pela Escola de Chicago, uma tentativa de compreender o fenômeno urbano em si mesmo. Ao contrário, trata-se de pesquisas que operam com temas, conceitos e métodos da antropologia. A cidade é portanto, antes o lugar da investigação do que seu objeto ...” (Durham 1986:19).

Se a cidade é o lugar de pesquisa, a missão da geração era mergulhar na realidade das metrópoles marcadas pelo conflito e conhecer o sujeito urbano habitante das cidades. Mas, quem é o sujeito urbano? A procura do sujeito urbano foi recorrente nos depoimentos, caracterizado como um sujeito social historicamente determinado, que pertence a uma classe social, seja de classe média, classe popular ou outras. Ator social com seu modo de vida, organização social e manifestações culturais, o qual nesse período dos anos 70 se encontrava dentro de uma situação política de opressão, ditadura e autoritarismo. Procurava-se como esse sujeito, pertencente a uma classe social, habitava na cidade e tinha uma bagagem cultural e como poderia ser conhecido e entendido no seu contexto e espaço. A estes elementos que constantemente surgem nos depoimentos, posso acrescentar (sob risco de ser criticado) que existe uma associação com o homem marginal de Robert Park, que seria um indivíduo marginalizado e localizado em duas sociedades ou mundos, não só diferentes, mas antagônicos.¹⁹¹

A Antropologia, valendo-se do seu instrumental teórico e metodológico, com o intuito de fazer pesquisa de campo e mostrar essa realidade desde dentro, tentava conhecer o ponto de vista do sujeito urbano que habitava em “uma outra cidade”, utilizando um tipo de pesquisas etnográfica que não passasse propriamente pelo referencial de classe social como categoria abrangente, mas que em alguma medida se referisse a ela:

“... há vários estudos feitos em bairros, bairros populares, e que entravam tanto pelo lado da organização social como também pelo lado da organização política, então se procuravam as raízes do processo político. Tinha um livro, acho que era um livro dessa época, do Edward Thompson,

¹⁹¹ Park, Robert. [1928] 1948. “Introdução: migração humana e o homem marginal”. In: *O homem marginal: estudo de personalidade e conflito cultural*. Everett V. Stonequist. Trad. A. M. Gonçalves. SP: Livraria Martins Editora S.A. pp. 13-31.

The Making of English Working Class, esse livro era muito lido nessa época, acho que começos dos anos 70, e ali era aquela concepção de classe, porque esses estudos, na verdade, buscavam entender os processos de estruturação da sociedade que passassem por outros registros que não exclusivamente classe social ou... não classe pensada em termos estruturais, como cientistas políticos e sociólogos marxistas tinham elaborado até então ... e isso se junta com a problemática da cultura popular, a política nas formas metaforizadas da política, a política no jogo de futebol, a política na música, a política na arte. Por onde é que vida social está-se estruturando, num momento de opressão política e tal no regime autoritário, por onde é que a sociedade se articula, se rearticula né, e particularmente nesse processo, por onde é que vai o processo democrático, onde é que ele vai florescer de novo, e sempre com uma visão que possa ir junto, participar. Isso fazia a parte ideal dessa geração nessa época ...” (Entrevista Antonio Arantes)

A narrativa de Antonio Arantes é ilustrativa, porque mostra o interesse em conhecer o sujeito urbano com estudos que utilizassem outro tipo de registros que não necessariamente o de classe social, uma forma de entender como o sujeito se articula e se rearticula dentro de uma situação complexa. Tratava-se de conhecer como esses grupos urbanos organizam, classificam, representam, atuam e constroem o seu espaço e modo de vida dentro de um sistema urbano. Essa procura do sujeito urbano é antiga, gostaria de lembrar a descrição detalhada que fez Engels (ver Capítulo III), quando descreveu a situação da classe trabalhadora na Inglaterra na cidade de Manchester, abordando as condições de moradia, alimentação, pobreza e miséria, mostrando as bases reais das condições de existência empiricamente verificáveis.

O interesse pelo sujeito urbano e o cotidiano, que antes era considerado um espaço opaco da repetição, passa a ser visto como lugar de luta, onde se produz a dominação e a resistência a ela.¹⁹² A busca de um sujeito urbano pertencente a uma classe social era o

¹⁹² Sader, Eder e Maria Célia Paoli. 1986. “Sobre classes populares no pensamento sociológico brasileiro (notas de

grande objetivo, uma forma, a meu ver, de conhecer a “cidade oculta”, onde morava um sujeito que chegava expulso do campo e se instalava em geral na periferia, um desempregado ou um migrante. A Antropologia, com uma perspectiva diferente da de outras disciplinas, procurava o ponto de vista do sujeito urbano com toda a sua bagagem cultural, buscando entendê-lo no seu modo de vida e atuação política. Já que ele era um sujeito historicamente determinado, pretendia-se saber onde morava, em que acreditava, como vivia.

“... enquanto que a Sociologia mostrava a emergência de novos atores políticos, que a lei dos partidos políticos, dos partidos e dos sindicatos se voltou num momento particular para um novo ator social, que era o ator que trabalhavam, não por uma discussão na linha de luta de classes, opondo de uma maneira radical, de um lado, os dois contendores que era o proletariado e a burguesia, isso continuava sendo o quadro geral. Mas agora se começou a ver que esses atores, eles também tinham outros recortes, e um deles era o recorte da classe operária, era procurar entendê-lo, como era o seu modo de vida, não só enquanto ator político que defendia uma ideologia, mas enquanto ator político que mora, que trabalha, que acredita, que tem cultura, que traz uma bagagem cultural, por ser um ator social historicamente determinado. Então nós fomos descobrir esse ator, onde ele morava, não só onde ele atuava politicamente, que era no sindicato ou nas lutas políticas, agora a gente foi buscá-lo num contexto mais amplo que era dado pela cultura, daí o interesse que houve, das teses de doutorado e mestrado da época, de fazer o recorte dos atores políticos, ainda porque esse era o ator naquela época, o movimento operário desde o ponto de vista das suas escolhas culturais, qual era a sua bagagem cultural. Então a minha discussão na minha tese, era se essa cultura popular era conservadora ou ela era contestadora, se ela era um discurso tradicional ou um discurso progressista, quer dizer, cortava a minha discussão uma visão política, mesmo fazendo cultura que aparentemente era um espaço não politizado, nós procurávamos ver ali uma postura cortada pelo poder, o poder também estava, inclusive na cultura popular. Então aí eu junto as duas coisas, a questão da cultura e da ideologia e as classes populares, quer dizer que essa vai ser a grande tônica, o interesse que se tende a trabalhar com os atores sociais mais ligados às chamadas camadas populares, quer dizer, um outro termo que se utilizava para tirar um pouco a visão muito claramente ligada com a questão política partidária ideológica. Não é a classe operária mais enquanto classe operária que tem o seu espaço cultural ...” (Entrevista José Magnani)

O depoimento de José Magnani mostra que efetivamente se estava chegando a uma nova perspectiva de análise dentro das Ciências Sociais. O interesse por esse sujeito urbano como ator político era buscado na classes populares, convertendo-se a pesquisa de campo em um instrumento de aproximação. De igual forma, surgia um posicionamento do tipo de pesquisa que se pretendia fazer:

“... estar atento e perceber situações sociais, formas de interação, sociabilidade, etc., que encontrassem plena expressão nas cidades. Ao reconhecer objetos particulares no contexto urbano não estamos necessariamente nos filiando a uma ‘ciência social urbana’, mas simplesmente admitindo que o instrumental das Ciências Sociais pode ser eficaz no desenvolvimento dos chamados ‘problemas urbanos’, colocando-os em termos de comparabilidade. Ou seja, estamos preocupados em estudar situações que ocorrem nas cidades sem que tenhamos, forçosamente, de explicá-la pelo fato de estarem ocorrendo naquele quadro espacial. Estaremos fazendo ciência social na cidade e não da cidade”¹⁹³

A citação anterior de Velho e Machado, mostra a definição dos estudos antropológicos na e da cidade (tema a que retomarei no tópico V.3), uma especificidade perante outras disciplinas, tomando a cidade como o local de pesquisa. Em outro depoimento, Ruth Cardoso ressalta a importância de ir à periferia da cidade e conhecer o modo de vida dos grupos e desenvolver uma Antropologia Urbana com uma perspectiva diferente, com a finalidade de encontrar um novo ângulo de pesquisa:

“Havia sim um interesse em desenvolver uma Antropologia Urbana, em aplicar essa perspectiva do conhecimento do outro para entender a sociedade includente. A nossa preocupação era estudar os grupos semi-isolados através da metodologia antropológica. E até, de maneira pouco explícita e não muito consciente para nós, tratava-se de criticar essa valorização de temas como sindicatos, trabalhadores, etc. Faz parte da própria visão antropológica duvidar dessas visões tão homogêneas das populações, descobrir o que tinha

¹⁹³ Velho, Gilberto e Luiz Machado. 1977. “Organização social do meio urbano”. *Anuário Antropológico* 76. RJ:Tempo Brasileiro. pp. 71-82. p.71

*de diferente, de diverso. E aí, pela própria formação da cidade de São Paulo, a periferia que tinha crescido desordenadamente, representava o grande desafio*¹⁹⁴. Para nós ela era uma tribo, nesse contexto, ir para a periferia significava tentar entender a vida cotidiana do trabalhador, da dona de casa, que parecia mais rico do que uma descrição global relativa ao papel histórico do trabalhador, etc. Nós achávamos que deveríamos descobrir o universo mais cotidiano.”¹⁹⁵

Para entender esse universo mais cotidiano, foi importante a relação cultura e ideologia, como veremos depois, relação que se converteu em um referencial teórico inovador na USP, como também a questão simbólica na luta ideológica e o valor da cultura como espaço de resposta, como fica sugerido no seguinte depoimento de José Magnani:

“... então o que aparece para a gente como temas importantes de pesquisa de projetos intelectuais, era o trabalho ligado com um novo recorte, não tanto organização social, mas muito mais no plano simbólico, todo o simbólico na luta ideológica e da luta no plano cultural foi o elemento que permitiu fazer vários recortes de pesquisa, por um lado descobrindo um novo ator social e político, mas, ao mesmo tempo, mostrando que a luta não está ligada a uma situação de classe apenas, não apenas o operário, não apenas o camponês enquanto portador de uma postura política, mas é possível ampliar essa postura, e isso se faz no plano do simbólico, se faz alianças através de uma análise da importância da cultura popular por exemplo. Mas não enquanto folclore, enquanto espaço válido né, entender as contradições no Brasil, quer dizer o Brasil tinha uma coisa maior que era recuperar toda a sua tradição cultural, não simplesmente recortar o plano de dois ou três grupos de atores. Então nos anos 70 a nossa idéia era recuperar todo o valor da cultura, da importância da cultura, a importância da ideologia, a importância de novos atores, que poderia abrir uma perspectiva nova de entender os desafios no Brasil. Acho que é um pouco por aí, a idéia de você pensar a problemática urbana, então uma sociedade que se transforma, que está abrindo novas perspectivas e que amplia o número de atores, uma descoberta de novos atores, uma descoberta de que havia uma riqueza cultural imensa que se poderia somar em termos de um projeto mais amplo de sociedade. Se torna mais complexo o país, as opções são mais complexas, a cultura não é simplesmente dividida entre conservadora ou progressista, mais nuances; e as pesquisas foram para mostrar, por exemplo no meu caso em particular, eu fui trabalhar

¹⁹⁴ Sobre as pesquisas recentes na cidade de São Paulo, Cf. Magnani, José. 1996. “Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na metrópole”. In: *Na metrópole: textos de Antropologia urbana*. SP:FAPESP/EDUSP. pp. 15-53.

¹⁹⁵ Depoimento extraído da entrevista de Ruth Cardoso concedida em São Paulo a El Far, Alessandra *et.alii*. 1998. “Entevista com Ruth Cardoso”. *Cadernos de campo*. (7):149-166. p. 156.

com lazer, o lazer era um tema absolutamente desprestigiado, como corte de pesquisa. O que as pessoas pesquisavam? A política, o trabalho, lugares mais importantes, entre outras, em recortar. O lazer era uma atividade marginal, o que as pessoas fazem, aproveitando os finais de semana? O que eu quis mostrar é que naquele espaço aparentemente marginal, as pessoas fazem escolhas, escolhem entre isto e aquilo, elas falam uma linguagem própria, elas expressam as suas diferenças culturais. Na classe trabalhadora é muito pequeno o espaço de lazer, mas é muito importante. Então, aí a Antropologia entra com uma coisa muito importante que é valorizar o modo de vida deles e não o que o analista acha. E aí então, as pessoas têm que ir para a periferia e observar como é o modo de vida e tentar então agora incorporar o olhar do outro que é a grande contribuição que a Antropologia tem frente a outros recortes em Ciências Sociais, é valorizar o discurso do outro e fazer um contraponto entre um discurso daquele que nunca foi ouvido porque parecia que era lá no fundo, escondido com outros discursos dominantes. Esse eu acho que era o grande desafio, reconhecer novos atores sociais, novas temáticas e principalmente a complexidade que se dava no nível da produção cultural. A cultura se amplia e deixa qualquer resquício folclórico para ser pensado como um campo que é cortado por relações de poder mas é mais complexo. Ele não pode ser fechado na dicotomia, direita, esquerda, progressista ou conservadora, ela é mais ampla, era muito simplista, essa foi a grande contribuição eu acho ...”
(Entrevista José Magnani).

A tendência em conhecer o Brasil no seu “fundo de quintal,” nos seus pequenos espaços nas cidades, em aspectos como o lazer, por exemplo, indicaram uma postura de entender o outro em todos os sentidos, desde as suas escolhas pessoais até sua participação política como um agente coletivo. Nessa situação, os mesmos grupos tradicionalmente estudados pela Antropologia passam a ser vistos no seu papel político: já não apenas as relações raciais, mas o movimento negro; não só a família, mas o papel da mulher e a emergência do feminismo; não apenas as populações indígenas, mas também o movimento indígena.¹⁹⁶

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

¹⁹⁶ Magnani, José Guilherme Cantor. 1992. “O campo da Antropologia”. *Cadernos de História de São Paulo*. (1):45-56, p. 50

Como podemos ver, o campo intelectual da Antropologia Urbana é bastante heterogêneo. Nessa época, o sujeito urbano foi estudado desde várias instituições, perspectivas e caminhos diferentes. A Antropologia Urbana feita nos Programas de Pós-Graduação em Antropologia, na década de 70, contava com três instituições principais: o Museu Nacional do Rio de Janeiro, a USP em São Paulo, e a UNICAMP no interior paulista. Cada uma com suas particularidades, ênfases teóricas e temáticas, produziram um corpo de pesquisas valiosíssimas até hoje, formadas principalmente por dissertações e teses.

Para a Antropologia Urbana do Museu Nacional, foram feitas pesquisas com camadas médias, escolas de samba, religião, movimentos sociais, futebol, produção cultural, desvio e comportamento, moradia em favelas, organização social urbana (parentesco e redes sociais) e carnaval. No caso da USP, os temas trabalhados eram famílias de operários, associações de bairros, bairros populares, educação, habitações na periferia, lazer, movimentos sociais, migrações para a cidade, participação popular e política, religião. No que tange à UNICAMP, os temas diferiam um pouco das duas instituições anteriores com temas como papéis sexuais, prostituição, antropologia da mulher, saúde, assim como migrações, culturas populares, organização social de bairros, trabalhadores rurais, papéis sociais e identidade.

A produção intelectual de estudos antropológicos dos grupos urbanos mostra a existência de um desafio de conhecer um outro Brasil através do modo de vida dos habitantes das cidades. Em um depoimento se ressalta a possibilidade da atuação política dos cientistas, através de suas pesquisas desde a academia, para dar voz aos oprimidos e ajudá-los a ter maior presença na cena política:

“...no grupo onde eu me inseria, USP-UNICAMP, acho que a perspectiva era de fazer, todos nós éramos na universidade, de contribuir com estudos em profundidade para, primeiro para o ponto de vista dos sujeitos, com os quais a gente estudava, né, por exemplo especificamente favelados ou aqueles que moravam em vilas de habitação provisória, né, ou operários, começando também pesquisas com mulheres na época. Era conduzir um estudo de forma a que esse estudo mostrasse o ponto de vista deles, sobre a realidade em que eles viviam, né, quer dizer, os estudos na academia eram um veículo para transmitir esse ponto de vista dos sujeitos, que nós achávamos na época que estavam, e acho que continuo achando isso, não tinham canais de comunicação, e não se faziam presentes na cena política. Os movimentos sociais eram muito tênues ainda, né, então por exemplo, se tinha uma remoção de favela feita violentamente sem ter o menor respeito, nem na mínima consulta às pessoas que estavam ali né, se mudavam as pessoas de um dia para lugares longísimos, sem levar em consideração tudo o que eles tinham investido naquela favela e a própria vida deles, que os empregos que eram dali do lado, toda a rede deles ali, e então muito desses nossos estudos eram voltados para isso, quer dizer era, nós considerávamos como uma possibilidade de atuação política nossa, a partir da academia, né ... a realidade do nosso trabalho, nosso objetivo, melhor te dizendo, nesse sentido, não pode esquecer que a década de 70 foi época de repressão forte no Brasil, né. Então por exemplo, as pessoas estavam de certa forma recuadas para a universidade, na universidade existia essa possibilidade de debate acadêmico nesses grupos de pesquisa, em grupos, que eram grupos fechados de uma certa forma, né, onde nós fazíamos o debate político sobre qual era o nosso papel, qual era o papel das nossas pesquisas, né, como é que a gente podia através das pesquisas estar fazendo uma contribuição efetiva para essa modificação ... eu acho que existia o desafio de chegar até os sujeitos que eram dominados na nossa sociedade sem voz e sem vez, né, e trazer à tona a voz deles, de forma que eles tivessem oportunidade e canais de reivindicação que estavam bloqueados completamente e nós nos considerávamos, digamos assim, uns agentes acadêmicos disso através de pesquisa científica séria, né, e eu acho que o mergulho, mergulhava-se na realidade digamos, fazíamos uma pesquisa como Malinowski preconizava, só que com a vertente política, né, que faltava a pesquisa do Malinowski, quer dizer ele isolava, mas nós não isolávamos, né, nós inseríamos isso no político né, e eu acho que, nesse sentido o sonho seria transformar o Brasil mesmo ... existiam esses confrontos das diferentes inserções dos antropólogos estudantes naquela época, né, das pessoas fazerem pesquisa na área rural, faziam entre os índios brasileiros, ou na zona urbana, estavam sempre confrontando, comparando as perspectivas né, sabe, tinha-se um debate bastante intenso ... então eu acho que era uma época importante, foi uma época muito importante, né ...” (Entrevista Ana Niemeyer)

A narrativa de Ana Niemeyer expõe a importância de uma pesquisa de campo em profundidade, mostrando o ponto de vista dos sujeitos, usando as pesquisas como canais de comunicação, uma forma de fazer uma atuação política e oferecer uma contribuição para os grupos marginais. Assim como faz um balanço da posição dos antropólogos na definição dos seus papéis sociais frente aos grupos estudados em uma nova situação social. Vejamos o escrito por Durham sobre esta questão do engajamento político do antropólogo:

“De um lado, o próprio clima intelectual tem-se desenvolvido no sentido de criticar o isolamento acadêmico, proclamando a necessidade de um engajamento político dos cientistas e enfatizando sua responsabilidade social. De outro, são os próprios ‘objetos de pesquisa’ que cobram dos investigadores esse tipo de atuação e de identificação política ... Numa formulação sintética e um pouco caricatural, pode-se dizer que estamos passando da observação participante para a participação observante e resvalando para a militância ...” (Durham 1986: 27).¹⁹⁷

Considerando o dito por Ana Niemeyer e Durham, poder-se-ia pensar em uma tendência a uma autoconsciência da posição dos antropólogos? Acho que sim. Era importante dar voz aos oprimidos e fazê-los saber que não eram simples objetos estatísticos em uma estrutura social, nem puramente um objeto de estudo empírico:

“O ‘social’ não é mais estrutura, mas cotidiano. Os trabalhadores não são mais personificações desta estrutura, nem apenas objetos da exploração do capital, nem apenas produtos das instituições políticas, e nem mais pura realidade empírica que o cientista social trataria de classificar, catalogar, registrar. São sujeitos que elaboram e produzem representações próprias, de si mesmos: como trabalhadores ou favelados ou mulheres ou operários tudo isso, dependendo do movimento de vida coletiva na qual constroem sua experiência ... O trabalho do pesquisador consiste na sua desmistificação, através do ato de dar a palavra aos dominados e descrever suas práticas.” (Sader e Paoli op.cit.:62, 63).

¹⁹⁷ Durham, Eunice. 1986. “A pesquisa antropológica em populações urbanas: problemas e perspectivas”. In: *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Ruth Cardoso (org.). RJ:Edit. Paz e Terra. pp. 17-34.

Junto com os novos atores políticos, surgem novas construções de identidades sociais. Segundo Oliven, a identidade etária estaria representada pelos jovens, a identidade sexual pelos movimentos feministas e homossexuais, as identidades religiosas pelas religiões populares, as identidades regionais pelas culturas regionais e as identidades étnicas pelos movimentos negros.¹⁹⁸ Em um outro lugar, se indica o sucesso da Antropologia no estudo dos novos atores políticos na cena brasileira e como esses temas tornam-se relevantes politicamente, ao mesmo tempo a necessidade da Antropologia em refletir sobre esses novos protagonistas na cena social. Dificilmente se poderia estudar os grupos urbanos se isolados, fechados, distanciados de uma realidade social e de uma estrutura de classes:

“A Antropologia sempre demonstrou especial interesse pelas minorias despossuídas e dominadas de todos os tipos (índios, negros, camponeses, favelados, desviantes e pobres em geral) ... quanto aos temas, sempre revelou uma afinidade particular por aqueles que eram claramente periféricos à grande arena das lutas políticas: dedicou-se muito mais ao estudo da família, da religião, do folclore, da medicina popular, das festas, do que à análise do Estado, dos partidos políticos, dos movimentos sindicais, das relações de classe, do desenvolvimento econômico ... o sucesso recente da Antropologia está certamente vinculado ao fato de que, hoje, essas minorias desprivilegiadas emergem como novos atores políticos, organizam movimentos e exigem uma participação na vida nacional, da qual estiveram secularmente excluídos ... dessa forma o conhecimento acumulado pela Antropologia no tratamento desses temas, assim como sua competência específica no trabalho de campo com essas populações, tornaram-se subitamente relevantes politicamente ... E, na medida mesma em que as populações e os temas tradicionalmente estudados pela Antropologia se politizam, a reflexão antropológica parece singularmente desarmada para entender essa nova posição do seu objeto na sociedade em transformação ...” (Durham op.cit.: 18, 19).

Com base no escrito por Durham e na leitura de outros depoimentos, posso dizer que existia uma consciência geracional do que se estava vivendo, pois diversos fatores

¹⁹⁸ Oliven. Ruben. 1989a. “A Antropologia e a cultura brasileira”. *BIB.* (27):74-88. p.82.

estruturais de influência, tanto políticos quanto acadêmicos, eram levados em conta. O período era de transição, com situações sociais de conflito, similarmente ao que acontecia no resto da América Latina. Os depoimentos indicam um elemento constante, que era a preocupação de repensar, conhecer e analisar o Brasil.

Para encerrar o tópico, atrevo-me a afirmar que essa geração real, como diz Mannheim, pode ser considerada como uma geração política, conforme o exposto por alguns autores, como apontei no Capítulo II.2. No presente estudo restrinjo-me a uma amostra pequena porém significativa de representantes dessa geração. Finalmente, a realidade urbana brasileira na década de 70 estava sendo pesquisada e problematizada pelos antropólogos na procura do modo de vida dos sujeitos e suas relações sociais com o meio urbano. A pesquisa de campo em alguma medida permitiu a aplicação de metodologias e teorias antropológicas, produzindo um corpo de trabalhos pioneiros que contribuíram para a construção do campo teórico da Antropologia Urbana.

2. O início da construção do campo na década de 70:

Como vimos, a situação social nos anos 70 constituiu-se num desafio para que se conhecesse de imediato o sujeito urbano e seu modo de vida, organização social, lazer, redes familiares e universos simbólicos. Assim como ao reconhecimento de que esse sujeito era um ator político, com seus direitos e reivindicações. Foram feitas pesquisas de campo com abordagens antropológicas, tomando a cidade como o lugar de pesquisa, iniciando um corpo de pesquisas em um campo disciplinar heterogêneo. Embora por caminhos diferentes, cada antropólogo trabalhou com grupos urbanos na cidade e contribuiu com sua parte nesse início

do campo. A Antropologia procurou nos “cantos da cidade” e seus novos espaços de assentamento, o sujeito urbano.

Nesse período, aponta Montero,¹⁹⁹ o interesse pela cultura popular frente à cultura dominante era considerada como o lugar de criação de um novo saber. A observação participante e as histórias de vida levaram à descoberta de que o campo do poder não podia mais ser pensado apenas a partir dos grandes marcos estruturais (Estado, partidos, classes), estimulando o interesse pelos recortes de pequenos universos.

O campo disciplinar da Antropologia dos grupos urbanos dentro das Ciências Sociais começou a ter prestígio e a se legitimar como uma área heterogênea, que poderia dar uma versão diferente dos grupos sociais. Nessa época, a Sociologia e a Ciência Política preocupavam-se com as questões macro-sociais – privilegiavam-se grandes temas como o Estado, classes sociais, dependência, subdesenvolvimento, luta de classes, burguesia, capitalismo, proletariado e ideologia. Entretanto a Sociologia Urbana se dedicava à questão das favelas, marginalidade, processo de urbanização, industrialização e políticas urbanas, preocupada em descobrir como os grupos sociais eram estruturados no âmbito das grandes cidades. E então, como ficava a Antropologia, que se interessava pelos problemas micro-sociais e procurava um sujeito urbano? Quais os fatores que determinaram o prestígio da Antropologia dentro das Ciências Sociais? Leiamos alguns testemunhos:

“Atualmente, a produção das Ciências Sociais se concentra em trabalhos que valorizam a pesquisa de campo. Esta orientação é bastante nova e a

¹⁹⁹ Montero, Paula. 1993. “Questões para a etnografia numa sociedade mundial”. *Novos Estudos CEBRAP*. (36):161-177. P. 170.

preferência pelo micro-estudo de caso parece corresponder a um vago desconforto com as grandes fórmulas baseadas em explicações estruturais que dominavam os meios universitários até meados dos anos 70. E, se esta inspiração antropológica trouxe sangue novo para a pesquisa social, também trouxe novos temas para o debate e novos impasses metodológicos” (Cardoso 1986:13).²⁰⁰

Em outro lugar se sugere uma revisão crítica dos esquemas gerais que interpretavam o Brasil:

“Por outro lado, em virtude mesmo do que parece ser uma nova dinâmica da sociedade brasileira, os esquemas globalizadores com os quais a Sociologia e a Ciência Política produziram, no passado, uma interpretação coerente da sociedade nacional, têm-se revelado singularmente inadequados. Nota-se hoje, claramente, uma revisão crítica muito profunda tanto dos seus pressupostos teóricos e metodológicos quanto da própria concepção da sociedade brasileira que construíram no passado ...” (Durham op.cit.:18).

Havia sim, um desconforto com os esquemas globais de interpretação do Brasil, precisava-se de uma pesquisa de campo que se voltasse para o sujeito e seu modo de vida, mas não só isto, como também a sua atividade política e consciência de classe, sendo este o primeiro fator que legitimou o campo. O “sangue novo”, de que falou Ruth Cardoso, foi o momento em que a Antropologia, com seu interesse pelos grupos urbanos, trazia uma nova visão de um sujeito concreto. Foi o início do prestígio da disciplina, provocando mudanças em vários aspectos – o contato com o outro que mora na mesma cidade, a proximidade entre o pesquisador e seu objeto de estudo, mudanças estas que levavam a repensar os métodos da Antropologia frente às sociedades complexas contemporâneas:

“... acho que há mudanças, há mudanças de ênfase, ou refinamento, quer dizer o foco na cultura continua sendo importante, mídia, discussão sobre culturas populares, culturas de massas, estilos de vida, visões do mundo, sobre ethos,

²⁰⁰ Cardoso, Ruth. 1986. “Introdução”. In: *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Ruth Cardoso (org.). RJ:Edit. Paz e Terra. pp. 13-14.

uma problemática da cultura. Agora se você vincula isso com estrutura social, classe, estratificação, né, com minorias, né, desvio, isso é um enriquecimento, uma complexificação do campo. Vejo por outro lado, agora o que vejo de importante na Antropologia Urbana, aí sim, no sentido de, é o fato de você estar lidando com o próximo. Isso é que me parece bastante significativo, desde o próximo que mora na mesma cidade, até o próximo que é o seu grupo, que até certa maneira é você mesmo, essa grande novidade do diálogo de identificar o outro em você ...” (Entrevista Gilberto Velho)

A Antropologia começou a marcar presença com sua produção intelectual e a se colocar na arena científica como uma área que podia proporcionar análises qualitativas:

“... esse é o momento em que a Antropologia, no contexto das Ciências Sociais no Brasil ... começou a desempenhar um papel muito relevante e reconhecidamente relevante, porque a Antropologia não tinha muito prestígio no Brasil antes dos anos 60. Até os anos 60 na verdade a Sociologia era a grande disciplina, e Antropologia não tinha, e depois da década de 60, quando o paradigma do marxismo começa a entrar em declínio, na verdade em crise, é que se desenvolve, na verdade se amplia, o espaço da Antropologia e da Ciência Política, e essa relação cultura e política, é bastante, a meu ver, uma contribuição que essas disciplinas, essa junção da cultura com a política, em vários planos, várias formas, acho que são uma contribuição que as outras disciplinas das Ciências Sociais passam a dar para o debate no momento em que a Sociologia está em crise, e a Antropologia passa a ter um prestígio muito grande, tanto nas reuniões nacionais quanto no espaço nas revistas ... de qualquer forma eu acho que foi o momento em que floresceu a produção em Antropologia e muito, e há muita coisa que foi publicada nesse período ... era uma crise teórica mesmo que coincidia, no caso do Brasil, com uma crise política, crise da articulação da esquerda uma crise teórica e prática não só no Brasil, e aí se colocava essa geração a tarefa ... uma tarefa histórica, de repente você se vê diante da necessidade, na contingência de entender alguma coisa, um processo que se impõe a cada um dos pesquisadores ...” (Entrevista Antonio Arantes)

No depoimento de Antonio Arantes vale a pena sublinhar alguns pontos, como a crise dos modelos globais referidos anteriormente por Cardoso e Durham. Pontos que são parte de uma crise em vários sentidos – teóricos, políticos, sociais, que correspondiam ao contexto que o Brasil estava vivendo. Isto mostra uma ponte entre o geral e o particular. O

seguinte depoimento revela várias dessas mudanças, tais como o início dos movimentos sociais, discussões sobre classe social, marxismo e geração:

“... acho que na década de 70, começou, houve uma ruptura importante. Na década de 70, começam os movimentos sociais, né, começa a se desconstruir a noção de classe, e só aí é que a noção de cultura começa a ter legitimidade, porque ela não tinha legitimidade nenhuma. A década de 60 é a década dos sociólogos, os trabalhos importantes nesse período são de sociólogos, somem todas as discussões raciais, desaparecem. Que, que a década de 70 tem que falar, tem que falar que essas questões são importantes, e não subsumir tudo na discussão das classes e não sei o quê; e se um conservador falar que a questão racial é uma questão política, houve uma ruptura. Eu experimentei essa ruptura, não tanto uma ruptura dos anos 60, eu achava o marxismo uma camisa de força ... eu acho que, para a Antropologia, a década de 70 foi uma ruptura epistemológica importantíssima ... eu não sei se houve grandes contribuições na Antropologia nesse período (anos 60s), ela floresce mais tarde (anos 70s) ... quer dizer, o problema é o seguinte, a nossa geração já olha para a década de 70, e como ela não foi marcada como a década de 60, não sei qual foi a grande linha da Antropologia na década de 60 aqui ...”
(Entrevista Paula Montero)

Note-se, no depoimento de Paula Montero, a ênfase sobre as diversas mudanças teóricas, temáticas, rupturas influências que houve na década de 70. Situação que aconteceu também na definição de vários campos científicos dedicados aos estudos urbanos, como o foram a Geografia Urbana e Sociologia Urbana. Para fins comparativos, no que tange a questões parecidas com as da Antropologia na cidade, cito o depoimento de Lícia Valladares, socióloga do IUPERJ, que ressalta alguns dos aspectos do campo da Sociologia Urbana:

“... a história da Sociologia Urbana no Brasil é um pouco complicada, entendeu ... o que que é a Sociologia Urbana? Quem são os sociólogos urbanos? É muito complicado ... Sociologia Urbana e planejamento urbano estão muito próximos também com Geografia Urbana, é meio difícil os limites, são meio difíceis de serem estabelecidos, então quem são os membros dessa geração? ... a coisa urbana, o urbano não tem muito prestígio nas Ciências Sociais, inclusive o pessoal das Ciências Sociais, olha um pouco assim de escanteio os planejadores urbanos ... o mundo urbano é um mundo muito

híbrido, entendeu, todo mundo se mete a estudar cidade, eu acho que a formação não é uma formação muito consistente ... as fronteiras da Antropologia Urbana são mais claras do que as da Sociologia Urbana, a Sociologia Urbana se mistura muito com planejamento urbano, não é muito clara. E outra coisa, esse pessoal que trabalha com urbano, insiste muito na interdisciplinaridade, os antropólogos são contra isso, antropólogo é antropólogo só, e olha lá, e eu acho que graças a isso, graças a essa coisa da defesa disciplinar, garante uma identidade mais forte, o método antropológico. Antropólogo trabalha com método antropológico. O sociólogo faz pesquisa em história urbana, entendeu. Planejador urbano também se mete a fazer estudo de caso, entendeu. Se você olhar bem, as pessoas metem os pés entre as mãos porque pensam que trabalhar com história é uma coisa simples, ou pensam que fazer estudo de caso é uma coisa também relativamente simples, é mais complicado fazer um estudo de tipo survey, que não é necessariamente verdade, a gente sabe disso, a técnica de survey é uma técnica estatística que aparentemente é mais complicada, né. Qualquer um pode sair fazendo entrevistas, né, entrevistas abertas, qualquer um sai, qualquer um acha que pode fazer observação participante. Evidentemente não leram Street Corner Society (William Foot White), ou Tally's Corner (Elliot Liebow), mas enfim ... a pesquisação, em Antropologia não tem pesquisação não, pesquisação não é bem visto ... um antropólogo, a Antropologia Urbana, me parece que ela dá muita mais importância ao método, entendeu ... os sociólogos urbanos, eles vem da Sociologia, estudam a cidade e viram sociólogos urbanos, entendeu ... a formação em Sociologia Urbana mesmo tem poucos cursos ...” (Entrevista Licia Valladares)

É interessante ver, segundo o depoimento de Lícia Valladares, como outra área dedicada aos estudos urbanos, no caso a Sociologia, passa quase pelos mesmos problemas na construção do seu campo. Os poucos limites, ou fronteiras disciplinares, permitem que se converta em um campo híbrido, o que ocasiona muitos problemas. O fato de existirem diversos profissionais atuando nos estudos urbanos, às vezes sem nenhuma preparação maior no campo, traz o perigo de que qualquer pessoa, sem treinamento adequado, saia entrevistando moradores. A defesa, feita por Lícia Valladares, no sentido de se manter a identidade dos campos disciplinares e seu desenvolvimento, ofereceria uma maior consolidação no campo. Para ela, o campo da Antropologia, diferente da Sociologia e outras disciplinas, é mais delimitado e mantém a sua identidade, não existindo

“pesquisação” em Antropologia, devido ao seu método de trabalho e categorias teóricas consistentes.²⁰¹

Uma outra questão, que deve ser mencionada, corresponde à presença da Antropologia nos *fóruns*, debates, congressos, seminários, nos quais se davam a conhecer suas contribuições.²⁰² Do mesmo modo, a formação de equipes multidisciplinares:

“... com essas equipes multidisciplinares, e essas associações que reúnem essas disciplinas, eu acho que talvez aí sim, começou a se cotejar, bem com a finalidade de mostrar qual era o enfoque da Antropologia para essa realidade...” (Entrevista Ana Niemeyer)

Todos os fatores mencionados anteriormente permitiram um florescimento da Antropologia das populações urbanas. No entanto, não posso deixar de mencionar alguns antecedentes desse florescimento. Eles sugerem que a Antropologia, de certa forma, manteve-se um tanto à margem em relação a outras disciplinas, por não se dedicar a temas que fizessem sofrer seus intelectuais as mesmas perseguições a que estiveram sujeitos, desde o Golpe de 64, intelectuais de outras áreas, como a Sociologia, Ciência Política, Psicologia e outras. A Antropologia não foi tão afetada pelo fato de se dedicar a objetos de estudo menos políticos. Foi menos atingida, embora menos visível no ambiente intelectual, por não ser engajada em temas mais candentes (Durham 1982:162). Esta situação da Antropologia em um momento de perseguição a praticantes de outras

²⁰¹ Sobre a história do campo da Sociologia Urbana, consulte-se: Valladares, Lícia (ver nota de rodapé 11, no capítulo L2).

²⁰² Sobre esta questão, entre 1970 e 1980, aconteceram cinco reuniões (VIII-XII) da Associação Brasileira de Antropologia –ABA–, somente na XII reunião que foi no Rio de Janeiro, aparece pela primeira vez um grupo de comunicações com o nome de antropologia urbana coordenada pelo Prof. Gilberto Velho. Cf. USP. 1981. “Noticiário XII Reunião Brasileira de Antropologia”. *Revista de Antropologia*. Vol. 24:171-174. p.173.

disciplinas pode ser vista como justificativa para a posição marginal da Antropologia frente às outras áreas.

“Essa recente popularidade da Antropologia se deve também ao fato de que as pesquisas concentram-se em grande medida em temas de interesse geral imediato ... esse sucesso da Antropologia, um pouco surpreendente para aqueles que estavam acostumados a cultivar uma ciência considerada em geral como menor ou marginal, reflete-se igualmente no decidido aumento do seu prestígio no conjunto das Ciências Sociais ... o caráter tradicionalmente marginal da Antropologia no Brasil (como no resto do mundo), deveu-se certamente ao fato de que tanto as populações que estudava como os temas que tratava, à margem das grandes correntes políticas e das formas sociais mais dinâmicas que estavam modelando a sociedade em transformação ...” (Durham op.cit.:17, 18).

De uma posição marginal, a Antropologia, com um novo objeto de estudo – como o foram os grupos populares localizados nas grandes cidades e em determinados contextos sociais e políticos – passou a oferecer novas perguntas e questões a um campo intelectual maior:

“... a Antropologia Urbana é um campo enorme que levanta questões que afetam toda a Antropologia, transcendem essa coisa do local cidade, inclusive essa questão das bases de produção do conhecimento antropológico. Como é que se produz o conhecimento antropológico? Acho que a questão da pesquisa na cidade, uma pesquisa com os próprios grupos, grupos próximos do investigador, esse tipo de pesquisa suscita questões mais amplas sobre a produção de conhecimento em geral, não só antropológico ...” (Entrevista Gilberto Velho)

Aqui, entramos na contribuição da Antropologia Urbana e seus aportes teóricos como campo disciplinar. Retomo a minha argumentação e trago a minha definição de campo científico que indica a existência de uma constante mobilidade, flexibilidade, arranjos teóricos, simultaneidade de referenciais conceptuais, que se articulam ao nível teórico. Isto, em conjunto, tem uma relação íntima com os sujeitos produtores de conhecimento, pertencentes às comunidades científicas. Este é um dos pontos em que o

campo disciplinar da Antropologia Urbana começou a construir-se, através das influências teóricas, trajetórias individuais dos personagens e suas pesquisas de campo junto a instituições como as universidades. Foi neste nível interno que surgiram as primeiras construções teóricas na década de 70, elaboradas por um grupo de antropólogos representantes de uma geração. Nesta intenção de construir novos instrumentos de análise de uma situação social concreta, vale a pena lembrar Mannheim (1967:29, 30), o qual assinala que as posições intelectuais e conhecimentos teóricos aparecem em determinadas épocas e condições concretas. Vejamos agora alguns depoimentos:

“... universos sociológicos de início, principalmente de camadas médias, problemáticas teóricas ligadas à questão de classes, estratificação, visão do mundo, estudos de vida, ligando a uma preocupação marxista original, consciência de classe, visão do mundo e essas coisas, muito Lukács, muito Goldman na minha formação, e cada vez mais também juntando isso com essa bibliografia de Chicago, sobretudo essa vertente interacionista, através do Becker e do Goffman. Eu estudei mais aprofundadamente outros autores como Hughes, Blumer, George Herbert Mead, e os fundadores, né, Wirth, Park, Thomas. Que dizer, eu não me considero simplesmente um herdeiro direto da Escola de Chicago, mas a Escola de Chicago, sobretudo através da perspectiva interacionista, é fundamental nessa montagem que tem marxismo, que tem Antropologia social mais britânica, mais clássica, entendeu ... a Antropologia Urbana para mim, nunca pode ser pensada no sentido restrito, é um campo muito amplo, muito diversificado ... o meu interesse principal, além de ser no sítio cidade, na problemática, nas cidades, nas metrópoles, foi um certo tipo de segmento, um certo tipo de grupo, um certo tipo de comportamento, quer dizer, camadas médias, depois uma série de estudos sobre famílias ... e família e parentesco, que envolvia toda uma tradição antropológica, especificamente autores como Raymond Firth, Elizabeth Bott e a bibliografia de networks, também fui usando cada vez mais, Clyde Mitchell e outros ... o que me levou a isso foi sobretudo a problemática de desvio, mas depois não só, né. Daí você junta a problemática do desvio, o interacionismo originalmente de Chicago via com influência de Simmel, e aí estabelece-se a ponte com a escola de personalidade e cultura, Ruth Benedict, Margareth Mead, Bateson, Sapir, Linton e outros, essa uma é outra ponte ...” (Entrevista Gilberto Velho)

Em outro depoimento de Gilberto Velho, pode-se notar as diversas tentativas de construção teórica no campo da Antropologia Urbana. Aparece um “nós”, um coletivo (uma geração?) que estava indicando novas pistas, novas questões teóricas e de pesquisa como contribuição a uma disciplina encarregada de estudar essas sociedades contemporâneas:

“... consegui reunir e sintetizar algumas tradições de trabalho que me levaram a fazer essa Antropologia Urbana como uma maneira de desenvolver novos instrumentos de análise da sociedade moderno-contemporânea, brasileira e não só ... Acho que (a Antropologia Urbana) pode contribuir para o estudo da sociedade moderno-contemporânea nos seus aspectos mais variados. Claro que os estudos urbanos são a base dessa nova visão, dessa renovação, na medida em que a vida urbana tem uma importância fundamental na sociedade moderno-contemporânea. Através das discussões sobre as pesquisas desenvolvidas, nós sabíamos que estávamos abrindo novas pistas, levantando novas questões sobre a natureza da sociedade moderno-contemporânea e das relações entre as diferentes sociedades ...” (Depoimento de Gilberto Velho in Bastos e Cordeiro op.cit.:322).

Pode-se notar os interesses de pesquisa pessoais de Gilberto Velho, assim como as suas influências teóricas de várias correntes de pensamento, como Marx, Lukács, e a ampla bibliografia da Escola de Chicago, tanto dos seus precursores quanto da vertente interacionista. Cada trajetória individual foi diferente, mas em determinado momento existem convergências teóricas, pessoais, políticas e intelectuais que permitem observar um pensamento. Os depoimentos permitem essa oportunidade de conhecer esses diferentes pontos de vista teóricos que se entrecruzam:

“Tudo isso e mais alguma coisa. O ponto consciente de partida, o que vejo mais explicitamente, foi a tentativa de aplicar o método estrutural, tal como ele se concretizava na obra de Claude Lévi-Strauss, para alguns domínios da sociedade industrial, complexa e de massa - as chamadas ‘sociedades complexas’ que viviam numa história linear e cumulativa” (Entrevista Roberto Da Matta).²⁰³

²⁰³ Da Matta, Roberto. Entrevista concedida a Edgar S. G. Mendoza através de E-mail. 04/08/1999 (Uma página e

As influências teóricas no campo disciplinar heterogêneo são vistas através dos depoimentos dos antropólogos entrevistados, permitindo uma idéia das diversas formas e variantes em que foram utilizadas. A Escola de Chicago, a Antropologia britânica, a Filosofia, a Literatura etc. tomam parte na formação de cada um dos antropólogos.²⁰⁴ Vejamos agora como exemplo uma linha teórica de pesquisa que influenciou uma geração nos anos 70, na USP:

“... o que estava sendo discutido aqui na época, quando cheguei, era ideologia e cultura, esse era o grande mote ... eu entrei para essa discussão da Antropologia Urbana com esse mote, com esse binômio ... no grupo que eu começo a trabalhar com a Ruth Cardoso ela fazia uma espécie de dobradinha com a Professora Eunice Durham, que eram as duas antropólogas da casa aqui, e se discutia o recorte teórico maior, era a discussão entre cultura e ideologia, mais um recorte tradicional da Antropologia. Mas no caso brasileiro, por causa da situação política da época, a perspectiva da ideologia, então a gente lia Gramsci para trabalhar com a idéia que ele fornecia uma análise da cultura popular enquanto discurso político. Não era simplesmente cultura enquanto manifestação folclórica não, era uma cultura que tinha a ver com a proposta política, então daí a leitura Gramsciana, ao trabalhar com cultura popular estudada enquanto um espaço recortado por relações de poder, era isso, a cultura popular também era um lugar de luta ... e o grande discurso era esse, cultura e ideologia davam o quadro geral de trabalho. Então, veja que essa é uma marca muito particular do que foi feito aqui, e ela se recortava no universo mais amplo, no universo sociológico e político dos anos 70, que eram os movimentos sociais urbanos ... mostrando como é que entra a Antropologia nisso ... Por isso nós fomos trabalhar com o Gramsci, o Gramsci oferece uma idéia da questão da hegemonia, permitia sair da cultura e ir para a ideologia; então essa discussão ideologia-cultura foi um elemento um corte importante que não ocorre na discussão anterior, quando se trabalha com estudos de caso. Então o conceito global aí era cultura, quando a gente via a cidade, metrópole, recortada por conflitos, o conceito de cultura ele passa a fazer uma discussão de poder e ideologia. Esse foi um dos elementos fundamentais nessa passagem para os anos 70, como um desafio teórico. Como pensar agora processos culturais em contexto marcado pelo conflito? Então, daí a necessidade de introduzir a idéia de ideologia, que não era da Antropologia, era mais da Ciência Política, e também da Sociologia via Althusser, via marxismo, via Lukacs, né, aqueles autores marxistas que

média).

²⁰⁴ Na arena científica internacional, a comunidade de antropólogos estava compartilhando uma série de correntes de pensamento surgidas desde a década de 60, como a antropologia simbólica, ecologia cultural, estruturalismo, e na década de 70, o marxismo estrutural e economia política, Cf. Ortner, Sherry. 1984. “Theory in Anthropology since Sixties”. *Comparative Studies in Society and History*. Vol. 26 (1):126-166.

trabalharam com a superestrutura, e basicamente a perspectiva Althusseriana de um lado mais Gramsciana de outro, esse foi um dos elementos para esse tipo de recorte. Eu acho que isso aí foi um dos grandes, uma das grande rupturas teóricas, desafios teóricos e metodológicos para a gente poder agora estabelecer um novo padrão de observação participante na cidade, de fazer o recorte com os grupos de pesquisa, mas que não ficassem fechados como estudos de caso, abrir ... fazendo as mediações necessárias, isso é que era de grande importância ...” (Entrevista José Magnani)²⁰⁵

Um outro depoimento sobre Gramsci mostra o impacto e a importância de se trabalhar com a noção de cultura, tomada como um caminho alternativo:

“... de todas as discussões que eu me lembro, uma das mais importantes era a discussão gramsciana. Já a essa altura o modelo marxista frente à cultura não funcionava mais, se procurava então um caminho alternativo, e estava-se lendo Gramsci sistematicamente, para repescar a idéia de bom senso dele, e mostrar como com as idéias se poderia fazer da cultura popular algo que não fosse apenas alienação ... mas a leitura Gramsciana foi forte, para a gente sair um pouco da noção de ideologia e tentar recuperar positivamente a noção de cultura ... trabalhar com Antropologia Urbana é complicado, cabe tudo, né ...” (Entrevista Paula Montero)

A perspectiva gramsciana servia de referência para pesquisas de campo com as culturas populares, estudadas como um espaço recortado por relações de poder. Para Magnani era um desafio teórico diferente do que se trabalhava antes na USP. Em termos gerais, os depoimentos são ilustrativos para se entender como essas diversas perspectivas teóricas vão formando um referencial de idéias e categorias que se articulam e se agregam ao campo disciplinar, e são compartilhadas ou rejeitadas dentro da comunidade de cientistas. Mas todo este desenvolvimento de um novo campo que era inovador, passou por um “rito de passagem” na aplicação do método etnográfico e da teoria antropológica ao meio urbano, seja com a Escola de Chicago, Escola de Manchester, estruturalismo,

²⁰⁵ A relação cultura e ideologia e seu poder analítico era uma grande discussão em São Paulo, modelo que ficou proposto e definido no texto inicial escrito no final de 70 e publicado em 1984: Durham, Eunice. 1984. “Cultura e ideologia”. *Dados*. Vol. 27 (1):71-89.

marxismo etc. Vejamos dois depoimentos ilustrativos. O primeiro mostra como, no início da Antropologia no estudo dos grupos urbanos, temas como o carnaval eram novidade nos anos 70, algo diferente do que se fazia antes:

*“Minha motivação era conhecer o Brasil. Havia ainda outro lado, o político ... Fiz O carnaval como rito de passagem, que a professora Maria Isaura Pereira de Queiroz, eminente socióloga de São Paulo, diz estar errado, pois só pode haver rito de passagem em sociedades primitivas. Para você ver: sociedades individualistas não podem ter ritos de passagem!!! Este artigo também teve muita repercussão ... a impressão que eu tinha é que eu era uma espécie de fantasma da ópera, como se que o que eu escrevia fosse desmontar a Antropologia brasileira, porque o campo era tão pequeno; se aparecesse uma pessoa que desse uma dentada comeria o bolo inteiro. Ninguém poderia ter sucesso nessa Antropologia brasileira ...”*²⁰⁶

O segundo depoimento indica a heresia ao estudar a mesma sociedade do pesquisador, sendo tradição a idéia de que o antropólogo deve viajar para estudar sociedades distantes:

“... em algumas correntes antropológicas que estudavam a sua própria sociedade, é considerado até hoje herético, né... existem departamentos de Antropologia pelo mundo em que não se aceita esse tipo de trabalho como sendo trabalho de Antropologia, vai fazer Sociologia, aquela idéia de que o antropólogo estuda povos, sociedades distantes ...” (Entrevista Gilberto Velho)²⁰⁷

A idéia de pesquisar a mesma sociedade do antropólogo era uma perspectiva nova, comparada a uma Antropologia feita até esse momento, com uma forte tradição nos estudos de grupos indígenas distantes da sociedade urbana, e um *corpus* consistente de pesquisas etnográficas. Desenvolver pesquisas de grupos urbanos era “desmontar a Antropologia brasileira”, como diz Da Matta no seu depoimento. Mas a questão de distância e

²⁰⁶ Depoimento extraído da entrevista de Roberto Da Matta concedida na Universidade Federal de Paraná, a Lanna, Marcos e Pedro R. B. Moraes. 1998. “Uma Antropologia da sociedade brasileira: entrevista com Roberto Da Matta”. *Revista de Sociologia e Política*. (10/11):195-211. pp. 198 e 199.

²⁰⁷ Ver o texto, Velho, Gilberto. 1980. “O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia”. In: *O*

proximidade, era inovadora: Como fazer uma antropologia na cidade? Como ter um estranhamento com os grupos da mesma sociedade? Onde existem experiências mais ou menos comuns? Estas eram perguntas que Gilberto Velho fazia no seu texto *Observando o familiar*,²⁰⁸ onde o antropólogo pode pesquisar sua própria sociedade e ter mesmo assim um distanciamento e compreender a realidade do seu ambiente, admitindo “*Desta forma a minha interpretação esta sendo constantemente testada, revista e confrontada.*” Vale a pena nos determos um pouco nesta questão, que na verdade era uma tensão entre campos científicos e pessoas. Para explicar melhor isto, trago aqui, em traços breves, a conhecida discussão Darcy Ribeiro-Roberto Da Matta em 1979,²⁰⁹ que mostrou exatamente um momento de tensão em definir que tipo de Antropologia se estava fazendo nos anos 70, principalmente no campo da Etnologia, que foi o centro do debate. Na minha opinião, todavia, se procuramos nas entrelinhas dos textos, já se vislumbrava o campo de estudos antropológicos urbanos, que era inovador mas já estava se desenvolvendo e legitimando nas Ciências Sociais. Vejamos só um trechinho escondido, na resposta que Da Matta recebeu de Darcy Ribeiro (1979b:94):

“Tranqüilize-se, Roberto, eu também acho que cada um deve estudar o que quiser, inclusive, como você pede, os frescos, as putas e os marginais; mesmo porque todos são gente e, como tal, caem em nosso campo de interesse, além do que eu tenho por eles uma simpatia. Peço, entretanto, que dediquem alguma atenção também à etnografia indígena ...”

desafio da cidade: novas perspectivas da Antropologia brasileira. RJ:Editora Campus. pp. 13-21.

²⁰⁸ Velho, Gilberto. 1978. “Observando o familiar”. In: *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social.* Edson Oliveira Nunes (org). RJ:Zahar Editores. pp. 36-46, p. 44. Neste mesmo livro há um outro texto com que Gilberto Velho dialoga, é o do Da Matta, Roberto. 1978. “O ofício de etnólogo, ou como Ter ‘Anthropological Blues’”. In: *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social.* Edson Oliveira Nunes (org). RJ:Zahar Editores. pp. 23-35.

²⁰⁹ O primeiro texto, foi uma entrevista concedida a Martins, Edilson. 1979. “Darcy Ribeiro: Antropologia ou a teoria do bombardeio de Berlim”. *Encontros com a civilização brasileira.* (12):81-100; resposta de Da Matta, Roberto. 1979a. “A Antropologia brasileira em questão: carta aberta a Darcy Ribeiro”. *Encontros com a civilização brasileira.* (15):81-92; no mesmo número, a resposta de Ribeiro, Darcy. 1979b. “Por uma Antropologia melhor e mais nossa”. *Encontros com a civilização brasileira.* (15):93-96.

Apesar da aceitação ou não de uma Antropologia das sociedades urbanas, havia nos anos 70 uma tensão intelectual no ar, como vimos no debate Ribeiro-Da Matta. É preciso considerar uma hierarquia social dos campos científicos, dos objetos e dos métodos de tratamento. Há no campo científico objetos de estudo prestigiados e menos prestigiados, isto é, legítimos e não legítimos. Embora tenhamos tensões e arranjos teóricos no campo científico, existiam vários antropólogos interessados em temas urbanos, o que criou uma série de relações acadêmicas e intercâmbio de informações dentro do campo, e uma maior comunicação entre eles. Observemos alguns depoimentos:

“eu fui aluno, como falei para você, da Ruth Cardoso. E a Ruth Cardoso e a Eunice Durham eram pessoas que em São Paulo trabalhavam com Antropologia Urbana. Então havia um espaço de legitimação para esse tipo de estudos ... em Campinas começava a fazer um trabalho com Peter Fry, que depois vem para o Rio, que também não defino o trabalho dele como sendo de Antropologia Urbana em termos restritos ... uma pessoa que é um interlocutor importante para mim, que não posso omitir, é o Roberto Da Matta ... ele deu muita força para o meu trabalho ...” (Entrevista Gilberto Velho)

Outro testemunho expressa o interesse de Durham e Cardoso na questão urbana:

“... eu convivi bastante com a Eunice Durham e a Ruth Cardoso, que foram duas antropólogas que também trilharam, por algum tempo pelo menos, as questões chamadas da Antropologia Urbana ...” (Entrevista Antonio Arantes)

No depoimento de José Magnani, se observa a circulação de professores:

“... veja, nos anos 70 e até o final dos anos 70, na Antropologia Urbana foi o momento de efervescência, onde os alunos que descobriram, entraram nesta área de pesquisa, recortaram os seus doutorados e foram esses alunos, depois, que foram os responsáveis pela consolidação dessas áreas: Antonio Augusto Arantes na UNICAMP, eu estive aqui, a Teresa Caldeira depois foi para a UNICAMP, a Mariza, Alba Zaluar, estou dizendo os que se formaram aqui na USP, né. Então foram esses que depois, ao serem absorvidos pelas universidades, eles institucionalizaram, aí sim, uma área de Antropologia

Urbana, porque até então não, quer dizer a Ruth e a Eunice que foram nossas professoras, elas eram professoras de Antropologia, e orientavam temas, recortados na área, mas não havia, vamos dizer, uma especialização. Com essa geração é que começa a existir uma Antropologia Urbana até com cursos, né, com temáticas mais específicas ... foi a partir de então, no final dos anos 70 e nos 80, que se firmam esses recortes temáticos mais específicos da Antropologia Urbana ...” (Entrevista José Magnani)

Na década de 70, a comunidade de antropólogos era menor que hoje, o que permitia um maior conhecimento entre eles. Crescia a Pós-Graduação e começava o aumento do número de alunos. Os depoimentos indicam o intercâmbio e mobilidade dos antropólogos em várias universidades. Nesse período de crescimento intelectual e institucional, surgem linhas de pesquisa, como indiquei antes, nos três Programas de Pós-Graduação em Antropologia, ampliando ainda mais o intercâmbio entre instituições. O conjunto destes elementos foi construindo o campo científico da Antropologia Urbana, mas, cabe mencionar, a Antropologia Urbana era vista e avaliada pelas instituições de financiamento como o CNPq.²¹⁰ Vejamos como era considerada:

“A Antropologia Urbana focaliza o homem nas condições de vida urbana (:234) ... Trabalhadores urbanos: estudos das formas de organização e das representações sociais próprias de segmentos das camadas populares urbanas e das relações de trabalho e de poder que determinam a sua posição na estrutura social (:243) ... sub-área da Antropologia Urbana, aumento de pesquisas de 32% a 84% em 1977 (:244).”

Em uma outra avaliação feita pelo CNPq em 1980, publicada só em 1982, encontramos uma maior definição do que era a Antropologia Urbana, os seus estudos, objetivos e os novos temas:²¹¹

²¹⁰ Informação que corresponde à Avaliação e perspectivas CNPq de 1978, citado por Melatti, Julio C. 1980. “Situação e problemática da antropologia no Brasil”. *América Indígena*. Vol. XL(2):225-279.

²¹¹ Laraia, Roque de Barros. 1982 “Antropologia”. In: *Avaliação e perspectivas*. CNPq. (46):27-45.

“Antropologia Urbana: Na última década, a Antropologia Urbana voltou sua atenção para o estudo da própria sociedade. A vida urbana e as conseqüências das grandes concentrações humanas tornaram-se temas de diversas teses e publicações. Nesta categoria incluíram-se os trabalhos sobre diferentes movimentos sociais, e também os problemas das chamadas minorias sociais, destacando-se os estudos sobre feminismo e sobre comportamento desviante. A violência no mundo urbano é um dos temas que começa a despertar os interesses dos investigadores (:36)”

As ementas das avaliações e perspectivas permitem um conhecimento de como era vista a Antropologia Urbana pelas instituições de financiamento. Na primeira ementa, ressalta-se a questão do trabalhador urbano de camadas populares e as relações de poder em uma estrutura social, enquanto na segunda se destacam os movimentos sociais, minorias sociais, feminismo, comportamento desviante e violência.

Para concluir o tópico, posso dizer que os diversos depoimentos permitiram conhecer aspectos internos e externos do campo da Antropologia na cidade, afrontando suas tendências, da legitimidade do campo frente as Ciências Sociais, o contexto social e político, a procura do sujeito urbano, responsabilidade e posição do antropólogos, as correntes teóricas, intercâmbio entre universidades, congressos e desafios. Indicam um grande movimento no início da construção do campo intelectual.

Enquanto o campo da Antropologia Urbana estava-se construindo no Brasil, paralelamente, a nível internacional tinha-se, na minha opinião, uma discussão sobre dois problemas teóricos da Antropologia que estavam sendo discutidos. Longe de serem esgotados, acho importante trazer à discussão esses debates: a) Antropologia na cidade e da cidade, e b) a Antropologia das sociedades complexas – tópicos estes que veremos a seguir.

3. *Antropologia Urbana na cidade e da cidade:*

O primeiro problema teórico consiste em uma Antropologia Urbana na e da cidade (daqui por diante, *na-da*), foi uma discussão interna na Antropologia dos Estados Unidos.²¹² A Antropologia, como é tradição, define sua identidade em relação às outras Ciências Sociais através de sua história, do trabalho de campo etnográfico, e de sua própria teoria antropológica. De igual forma, a Antropologia Urbana, como subdisciplina, se identifica por aplicar o método etnográfico ao meio urbano. No entanto, é necessário ressaltar que esta aplicação metodológica não foi de fácil adaptação.

A Antropologia era entendida desde uma perspectiva holística ou de totalidade das sociedades simples, que em geral eram de pouca densidade populacional, com sistemas sociais integrados dentro de uma organização social e estrutura específica. Mas esta perspectiva ficava com pouco alcance teórico, quando aplicada às sociedades urbanas ou complexas consideradas heterogêneas, com milhares de pessoas diferenciadas entre si, com diversos padrões culturais e múltiplas relações sociais.

Nos textos a discutir, existem duas problemáticas gerais: a) a preocupação a nível geral de relacionar Antropologia Urbana, cidades, urbanismo e urbanização, principalmente

²¹² Para o desenvolvimento da discussão, baseio-me nos trabalhos seguintes: Foster, George e Robert V. Kemper. 1980. "A perspective on Anthropological Fieldwork in Cities". In: *Urban Places and Process: Readings in the Anthropology of Cities*. Irwin Press e M. Estelliesmith (orgs). NY:MacMillam Publishing Co. pp. 81-96; Fox, Richard. 1977. *Urban Anthropology: Cities in Their Cultural Settings*. NJ:Printice-Hall e 1980. "Rationale and Romance in Urban Anthropology". In: *Urban Places and Process: Readings in the Anthropology of Cities*. Irwin Press e M. Estelliesmith (orgs). NY:MacMillam Publishing Co. pp. 105-121; Gutwirth, Jacques. 1982. "Jalons pour l'anthropologie urbaine". *L'Homme*. Tome XXII (4):5-23; Meyer, David. 1979. "In and of the City: Review". *Comparative Urban Research*. Vol. VII(2):33-35; Press, Irwin e M. Estellie Smith. 1980. "Introduction". In: *Urban Places and Process: Readings in the Anthropology of Cities*. Irwin Press e M. Estellie Smith (orgs). NY:MacMillam Publishing Co. pp.1-15; Southall, Aidan. 1973. "Introduction". In: *Urban Anthropology: Cross-Cultural Studies of Urbanization*. Aidan Southall (org). London:Oxford University Press. pp. 3-14.

no terceiro mundo, e b) analisar o desenvolvimento dos grupos sociais dentro de um processo de urbanização. Nesta questão metodológica, a Antropologia estudou tanto as sociedades primitivas quanto as sociedades camponesas, trabalhadas com estudos de pequena escala, sincrônicos, perspectiva que às vezes é utilizada nas pesquisas das sociedades urbanas. É possível continuar com estudos de grupos sociais isolados na cidade? Ignorar os conflitos de classe? Obviamente que não, embora isto não significa que os grupos sociais percam suas especificidades. As pesquisas no meio urbano podem continuar com a tradicional antropologia de pequena escala, mas com modificações metodológicas como a inclusão da história e a visão de totalidade, ou seja, pesquisas mais diacrônicas para entender os problemas contemporâneos.

Para autores como Foster e Kemper (*op.cit.*:81), os antropólogos chegaram tarde na pesquisa urbana e a disciplina está na sua infância, se comparada com a Sociologia, que é uma disciplina mais amadurecida nas questões urbanas. Ou nos dizeres de Montero²¹³, “*Ante as sociedades contemporâneas, a Antropologia enfrenta, com muitos anos de atraso, questões que já estavam presentes na reflexão dos pais fundadores da Sociologia*”. Apesar destas críticas, a Antropologia Urbana ou das sociedades complexas ganhou seu espaço no campo acadêmico das universidades (Gutwirth *op.cit.*:10), produzindo cada vez mais um corpo de pesquisas sobre os modos de vida dos habitantes das cidades.

Esta nova área possui a sua própria história, no entanto ela é parte da história da Antropologia, como proposto por Hannerz (*op.cit.*:14), “*A Antropologia Urbana precisa*

²¹³ Montero, Paula. 1991. “Reflexões sobre uma Antropologia das sociedades complexas”. *Revista de Antropologia*. (34):103-130.

da sua própria história das idéias ...”, isto é, todas as áreas disciplinares têm seus *founding mothers and fathers*. Em termos gerais, como indiquei no Capítulo I.2, existe uma ênfase na etnologia para entender o desenvolvimento da Antropologia, deixando de lado uma outra área que surge estudando grupos urbanos. A Antropologia Urbana para mim é um termo genérico mas ao mesmo tempo problemático e complicado, que abrange todo tipo de estudos da questão urbana (tema a tratar no Capítulo VI), com isto querendo dizer que existem diversas maneiras de trabalhar dentro dela com uma variedade de pontos de vista e metodologias.

Considerarei, no tópico tratado no capítulo IV.1, que a Antropologia Urbana se inicia na chamada Escola Sociológica de Chicago junto com a Sociologia Urbana, num período formativo, em que as duas disciplinas trabalhavam no mesmo campo de estudo, como foi a cidade de Chicago. O nascimento da Antropologia Urbana demonstra sua parceria com a Sociologia Urbana no contexto americano, no que se refere à teoria e trabalho de campo etnográfico na cidade. Os líderes intelectuais da Escola de Chicago, W. I. Thomas, Robert Park, Ernest Burgess, Roderick McKenzie, Louis Wirth, Robert Redfield e outros, pensavam a cidade como uma totalidade, um organismo vivo, analisado ecologicamente como uma desorganização social, assim como um sistema cultural estruturado pelas suas partes, sendo uma forma de funcionalismo.

Uma característica da Escola de Chicago, entre 1915-1935, foi o estudo da cidade em termos complementares macroscópicos e microscópicos. Era o que se poderia chamar de uma Sociologia e uma Antropologia ao mesmo tempo da cidade e na cidade ou, em termos gerais, das sociedades complexas. Robert Park criou um programa de pesquisa da

cidade em 1915, aperfeiçoado com o correr do tempo e seguido pelos seus alunos e colegas do Departamento de Sociologia e Antropologia de Chicago. O ecletismo seria uma das marcas da origem da Antropologia Urbana (Press e Smith *op.cit.*:14). Eu acrescentaria que tanto a Sociologia quanto a Antropologia da cidade escolhem grupos marginais, condutas desviantes, imigrantes pobres, subjetividades, etc., mostrando uma certa “patologia social” e uma “psicologização” das duas disciplinas. Eram, naquele momento, as correntes de pensamento predominantes, também para alguns autores clássicos como Simmel da Sociologia européia.

A cidade possui diferentes significados, e ao fazermos pesquisas na ou da cidade, temos que nos localizar, porque não se sabe se estamos diante dela, ou dentro dela:

“A cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza ... Por isso, além do continente das experiências humanas, a cidade é também um registro, uma escrita, materialização de sua própria história ... não se está nunca diante da cidade, mas quase sempre dentro dela ... construir cidades significa também uma forma de escrita ... a arquitetura da cidade é ao mesmo tempo continente e registro da vida social”²¹⁴

Se a cidade é uma obra coletiva, como pode definir-se um estudo na e da cidade? A meu ver são denominações que tendem a polarizar e complicar uma discussão.

“... essa noção de Antropologia Urbana, aquela história, Antropologia Urbana é Antropologia que se faz na cidade, e em algum nível Antropologia da cidade, em grande parte é uma Antropologia na cidade, é na, e é da. Tem pessoas que acham que é só da, não é. Eu acho que eu faço alguma Antropologia na cidade em alguns momentos marcantes, é um campo da Antropologia na cidade. Essa diferença entre o “n” e o “d”, também não deve ser muito exagerada, que as vezes estamos falando do mesmo, mas só para didaticamente distinguir ...”

²¹⁴ Rolnik, Raquel. 1988. *O que é cidade*. SP: Editora Brasiliense. pp. 8-18

(Entrevista Gilberto Velho)

A discussão da Antropologia *na-da* cidade é antiga, mas acredito que vale a pena trazê-la para comentá-la, embora eu não as veja como opostas, mas como complementares. Quais seriam as diferenças? O que significa cada uma? A Antropologia *na-da* cidade foi característica da Antropologia Urbana nos Estados Unidos, diferentemente da discussão das sociedades complexas na Inglaterra (tópico a tratar no capítulo V.4).

a) Na literatura antropológica encontraremos que: a Antropologia da cidade seriam aqueles estudos que pensam a cidade como totalidade, sendo o objeto ou foco do estudo principal visto sob uma perspectiva holística, complexa, de vários níveis, como densidade, mobilidade social, migrações, imigrações, ambiente físico, urbanização, pobreza, relações raciais, etnicidade, sistemas de estratificação, áreas marginais e sistemas políticos. A meu ver, praticamente problemas urbanos universais, que acontecem em qualquer parte do mundo.

Penso que a Antropologia da cidade é muito similar à Sociologia Urbana, com algumas alterações, dentre as quais eu citaria a “cultura urbana”, categoria grata aos antropólogos culturais americanos. A cultura urbana seria uma oposição a outras culturas, como a camponesa por exemplo. Esta divisão trouxe problemas metodológicos, já que surgiram as subculturas, que seriam variantes de uma cultura geral. Algumas vezes qualquer grupo urbano com alguma característica específica era chamado de subcultura. Para autores como Meyer (*op.cit.*:32, 33), haveria a influência da cidade nas instituições de comportamento e crença e nas relações entre grupos, sendo isto um fator causal, que poderia dar origem a uma subcultura. A cidade é vista como um sistema cultural, variável

de causa, longe dos processos históricos, e o surgimento de uma “cultura urbana” como própria. Uma outra característica seria a diferença entre as relações primárias (o campo) e as relações secundárias (a cidade) Southall (*op.cit.*:5). Uma outra envolveria o estudo de classes médias e elites (Fox *op.it.*:117), como pode ser o caso da Antropologia Urbana feita no Rio de Janeiro.

b) A Antropologia na cidade, diferentemente da anterior, trata de pesquisas que trabalham a heterogeneidade da cidade, ficando a cidade como um contexto ou cenário maior, mas não como foco de pesquisa. São estudos micro-sociais em situações particulares, modos de vida urbana, condições de subsistência, microunidades, temas como organização social, rituais, códigos simbólicos, genealogias, sistemas de parentesco, bairros, vizinhanças, famílias, redes sociais, identidades, etc. São pesquisas em pequena escala, mostrando em termos gerais a dinâmica da vida urbana e da vida cotidiana.

Gostaria de citar um autor, Fox (*ibid.*:9-16), que propõe uma divisão da Antropologia Urbana diferente de uma Antropologia *na-da* cidade. Ele sugere que existem três tipos do fazer Antropologia no meio urbano: a) Antropologia do urbanismo, que trata de uma perspectiva holística, diacrônica, em que a cidade é tomada como geradora de instituições e de valores da sociedade que influem nos diversos modos de vida dos grupos sociais, b) a Antropologia da pobreza, que está representada por estudos de grupos sociais fechados como guetos, subculturas étnicas urbanas, pobreza, adaptações e mudança social, mantendo a tradicional metodologia de pesquisa de campo, às vezes utilizada em estudos de campesinato, tomando os grupos como comunidades isoladas, sendo um produto deste tipo de pesquisa a cultura da pobreza de Oscar Lewis, c) a Antropologia da urbanização, que

consiste no estudo de complexos movimentos de imigração, migração de grupos rurais para as cidades e sua adaptação ao novo meio. Esta Antropologia teria seu desenvolvimento na América Latina e na África, nos seus diferentes processos de urbanização e aumento de problemas urbanos nas cidades, onde as sociedades tribais e camponeses trasladam-se para os lugares urbanos. A proposta de Fox, bastante interessante, mostra a heterogeneidade da Antropologia Urbana, mas é claro que nos leva a mais uma tipologia que nos dispersa. Seria aconselhável incluir estas três Antropologias em uma só perspectiva, e que os novos interesses tomassem em conta cada um dos seus objetivos, de modo a oferecer pesquisas mais completas.

Gostaria de fazer alguns comentários sobre a Antropologia Urbana *na-da* cidade. Na minha opinião, existem, metodologicamente, dois níveis de pesquisa da cidade. O primeiro consiste em estudos da grande cidade ou metrópole, e o segundo nível de cidades em pequena escala (estudos de comunidade), que a nível mundial marcaram uma grande parte da pesquisa de campo na Sociologia e Antropologia. Mesmo com estes dois níveis, não podemos estudar as grandes cidades isolando-as de seus processos macro-sociais como urbanização, industrialização e globalização.

Uma outra questão consiste no descuido das pesquisas antropológicas urbanas, ao deixar de lado a questão do Estado e políticas de planejamento, que mudam com os processos políticos e sociais em determinado tempo e que em alguma medida definem padrões de distribuição espacial das cidades, como novas áreas, cidades satélites, avenidas, expulsão de moradores, etc. Seria uma “variável” de causa, como diriam alguns autores. Também deixa de lado a influência da complexa sociedade industrial e a análise da base

econômica, processo histórico, descolonização, corporações multinacionais, lutas de classes e conflitos macro-sociais, fatores característicos do terceiro mundo e da América Latina.

Embora não concorde com a divisão ou dicotomias de uma Antropologia *na-da* cidade, ou sociedades simples/ sociedades complexas. Dicotomias que neste tópico foram utilizadas apenas para fins de reflexão. A antropologia *na-da* tem características favoráveis, como a análise intensiva de micro-unidades *in situ* dos grupos sociais através do método etnográfico e de observação participante, oferecendo uma informação detalhada e rica de situações micro-sociais. Mas há que reconhecer que são parciais e fragmentárias, além de não levar em conta alguns processos urbanos.

Na atualidade a Antropologia, em termos gerais, tem uma tendência a ser cada vez mais heterogênea em todos seus aspectos teóricos, metodológicos, objetos de estudo e contextos sociais, de modo que talvez o termo Antropologia Urbana não tenha mais o valor que teve nos anos 70. Contudo, na atualidade, existe uma inclinação para uma Antropologia na cidade tal como acontece no Brasil. Para encerrar este tópico, o primeiro problema teórico, como vimos, mostra uma diferença entre Antropologia *na-da* cidade, mas indica uma polarização dos termos. Ainda assim, teríamos mais um problema teórico: uma dicotomia entre sociedades simples e sociedades complexas.

4. Antropologia das sociedades complexas:

O segundo problema teórico trata do estudo antropológico das sociedades complexas, uma discussão desenvolvida nos anos 50 e 60, feita na sua maioria pela

Antropologia britânica.²¹⁵ A incorporação das sociedades não capitalistas ao sistema econômico mundial, além das lutas políticas contra o colonialismo nestes anos, obrigaram aos antropólogos a repensarem as bases da construção do método antropológico e sua aplicação (Montero *op.cit.*:113). A discussão inglesa abordava a dicotomia sociedades simples (primitivos e tradicionais) e sociedades complexas (modernas ou desenvolvidas). Assim como refletia sobre a possibilidade e legitimidade de se fazer uma *Anthropology at Home* diferente dos tradicionais estudo dos grupos considerados “primitivos”. Considerava-se sociedade complexa qualquer sociedade não tribal ou não simples. Implícita ou explicitamente, a Antropologia das sociedades complexas se definia como uma micro-sociologia cuja variedade de temas parecia obedecer apenas a um requisito – a exclusão das sociedades tribais ou simples. (Peirano *op.cit.*:111, 112).

“... naquela época se chamava de sociedade complexa, como se diz, contextos que não eram camponês, não eram indígenas, pela negativa ...” (Entrevista Antonio Arantes)

Somente nos anos 60, iniciou-se o processo de inclusão das sociedades complexas como objeto legítimo da Antropologia, processo que teve como pano de fundo o “desaparecimento do objeto de estudo da Antropologia”, sentimento de crise que tomou conta dos antropólogos na procura de um novo paradigma que substituísse os quadros teóricos do funcional-estruturalismo (Peirano *op.cit.*:107). Vale a pena examinarmos duas questões metodológicas: A primeira baseada no fato de que Peirano tem razão ao se referir ao crescimento do interesse nas sociedades complexas nessa época. No entanto, Peirano se

²¹⁵ Gostaria de aclarar que sobre esta discussão existem no Brasil três trabalhos significativos e mais aprofundados do que eu apresento aqui, são eles; Peirano, Mariza. 1992. “Etnocentrismo às avessas: o conceito de ‘sociedade complexa’”. In: *Uma Antropologia no plural: três experiências contemporâneas*. Brasília: Editora da UnB; Montero, Paula. (1991:103-130, e Goldman, Marcio. 1995. “Antropologia contemporânea, sociedades complexas e outras questões”. *Anuário Antropológico* 93. RJ/Tempo Brasileiro. pp. 113-152.

esquece, como vimos no Capítulo IV, da importância da Escola de Chicago que já fazia, desde 1915, uma Sociologia e Antropologia das sociedades complexas, embora não chamada dessa maneira, efetivada nas sociedades urbano-industriais, tomando como objeto particular a cidade de Chicago.

A segunda questão trata da crise mencionada por Peirano, sobre o desaparecimento do “objeto” da Antropologia, como seriam as sociedades tribais, como afirma Lévi-Strauss em *A crise moderna da Antropologia [1961]*²¹⁶, texto que possui elementos interessantes para entender o clima no início dos anos 60. Para Lévi-Strauss, o progresso da aviação reduziu as distâncias, fez com que o globo se contraísse, a Terra ficasse menor, o mundo limitado, onde as sociedades tribais se foram incorporando rapidamente à civilização, adquirindo caracter mundial, sempre aceleradamente, desde então (:20, 21). A preocupação de Lévi-Strauss era o desaparecimento das sociedades primitivas como objeto da Antropologia:

“É preciso acelerar as pesquisas, aproveitar os últimos anos que restam para recolher informações, tanto mais preciosas quanto as Ciências Sociais e humanas ... quando um povo ... tenha desaparecido, uma porta se fechará para sempre, interditando o acesso a conhecimentos impossíveis de adquirir por outros meios ... é preciso avançar cada vez mais longe para atingir as últimas populações chamadas primitivas e cujo número é cada vez menor ... esta conversão do seu objeto de estudo implica também, para a Antropologia, numa conversão de finalidades e métodos ...” (:23-25)

O fenômeno da mundialização das culturas afetou a metodologia antropológica, que reiterava o distanciamento geográfico e cultural garantindo uma objetividade (Montero *op.cit.*:104). Então, o que aconteceria com o desaparecimento do objeto da Antropologia? Como se praticaria uma Antropologia das sociedades complexas, urbanas ou industriais?

Para responder a estas perguntas devemos voltar no tempo e consultar um dos textos pioneiros, que analisou estas questões e debates sobre como a Antropologia deveria de estudar as chamadas sociedades complexas e como poderia ampliar seus objetos de estudo.

Na minha opinião, em Samuel Einsensadt²¹⁷ temos uma reflexão importante sobre a Antropologia das sociedades complexas como problema teórico. Ele tentou demonstrar as contribuições da Antropologia social na aplicação das técnicas de campo às sociedades urbanas. Analisa e classifica os diversos estudos antropológicos feitos principalmente entre 1940-1960, descreve o comportamento social e os estudos e análises da estrutura dos grupos, combinando modelos de análise de comportamento, instituições, normas e grupos nas sociedades totais e as influências externas da sociedade ocidental. Dizendo de outro modo, ser moderno significava ser complexo. Com a eliminação dos elementos tradicionais, chegar-se-ia à sociedade complexa (Peirano *op.cit.*:114). Aqui voltaríamos a uma perspectiva de análise evolucionista de sociedades desenvolvidas e subdesenvolvidas e, na teoria da modernização, a dicotomias que acertadamente Peirano classifica como ideológicas.

Voltando a Einsensadt, a Antropologia social tem três mecanismos ou postulados de análises e descrições básicas como contribuições ao estudo da sociedade e dos processos sociais: 1) a interação de pessoas iguais em diferentes situações e interações que as vezes criam conflitos, 2) a relação com a chamada cultura, como rituais, símbolos, relações, crenças e 3) o estudo das inter-relações contínuas e atividades políticas (:201, 202). Para Eisenstadt, as maiores ênfases estariam em estudos de sociedades tribais, instituições como

²¹⁶ Lévi-Strauss, Claude. 1962. "A crise moderna da Antropologia". *Revista de Antropologia*. (10):19-26.

²¹⁷ Eisenstadt, Samuel N. 1961. "Anthropological Studies of Complex Societies". *Current Anthropology*. Vol. 2 (3):201-222.

família, parentesco, estrutura política e estratificação, estudos de grupos domésticos, costumes e arranjos institucionais e sua relação na estrutura social do grupo, e estudos comparativos.

Segundo Eisenstadt, com estes conceitos e perspectivas de análises, os antropólogos podiam estudar outros tipos de sociedades tanto históricas quanto contemporâneas (modernas) (:203), e exemplifica com dois grupos de estudos: 1) estudos ecológicos de comunidades, como comunidades camponesas e 2) grupos institucionais de sociedades complexas, como família, parentesco, estrutura econômica e política, estando subdividido por Eisenstadt em três tipos: a) estudos de estruturas internas, como casamentos e família, b) inter-relações entre os grupos, como a casta em sociedades urbanas, c) os grupos naturais nas sociedades complexas, 3) pesquisas de estruturas totais das sociedades complexas mas não modernas. Finalmente uma categoria especial que trataria do impacto das condições modernas nos grupos tribais na África urbana, a chamada “destribalização” ou a desintegração das unidades tribais. Estes estudos analisaram o impacto dos processos de modernização na estrutura tribal e a reorganização dessa estrutura nas novas situações (:204).

Na verdade, esta última categoria trata precisamente da chamada Escola de Manchester na África (assunto a que voltarei depois). Para Eisenstadt (:204-210), em termos gerais os dois grupos de estudos e suas divisões oferecem as contribuições seguintes: a) no que tange aos grupos sociais: a existência de mecanismos regulativos, de como operam as sociedades tribais nas sociedades complexas, relações sociais de valores e símbolos, estrutura de inter-relações pessoais fechadas (grupos corporativos), relações hierárquicas, impacto do dinheiro na economia tribal e mudança social; e b) em relação ao avanço dos estudos nas sociedades complexas, com contribuição ao desenvolvimento dos

estudos comparativos.

O artigo de Eisenstadt (:210-219) foi fortemente comentado por outros antropólogos sociais. Vejamos, em forma geral, algumas das críticas. Antes de tudo, não era aceita a divisão Sociologia/Antropologia. Existiria o perigo de cair no empirismo através de estudos descritivos sem alcance teórico. Não ficava clara a distinção entre complexo, simples, modernidade, complexidade, urbanização, industrialização. Denotava pouca preocupação com os impactos sociais, econômicos e de forças políticas, principalmente nos países subdesenvolvidos. Não levava em conta o surgimento de um nacionalismo e de movimentos sociais, a questão do poder exercido pelas instituições através de coerção, meios de comunicação e antagonismos. Naquela época, estes comentários já mostravam que a situação era mais complexa do que supunha Eisenstadt, quando fez a análise dos estudos antropológicos nas sociedades complexas. A discussão das sociedades complexas feitas por Eisenstadt abrange todas estas questões. A base de todos esses estudos tinha a ver com as pesquisas urbanas propriamente ditas feitas na África pela Escola de Manchester, como veremos em seguida.

5. A Escola Antropológica de Manchester:

Nos tópicos anteriores vimos os dois problemas teóricos: a Antropologia na e da cidade e a Antropologia das sociedades complexas. Agora apresento dois tópicos que consistem na abordagem de duas Escolas de pensamento que influenciaram os antropólogos dedicados aos estudos urbanos, tanto a nível internacional quanto no Brasil nos anos 70. A primeira foi a Escola de Manchester e a Segunda a Escola Marxista

Francesa de Sociologia Urbana, que retomarei depois no tópico V.6.²¹⁸ Contudo, além de fazer uma síntese das duas Escolas, incorporo alguns depoimentos de antropólogos e de uma socióloga, que ilustram como foi o impacto das Escolas de pensamento nas suas trajetórias.

Na década posterior à Segunda Guerra Mundial, o major projeto de pesquisas urbanas e rurais na África-central foi elaborado por antropólogos-sociólogos da chamada Escola de Manchester, liderada por Max Gluckman, originado em duas instituições: a Universidade de *Manchester* e a outra no *Rhodes-Livingstone Institute* em Zambia, criado em 1937, onde Gluckman foi o segundo diretor,²¹⁹ dirigindo um programa de pesquisa amplo, importante para a época.²²⁰

Se pensarmos nas características que definem as Escolas de pensamento de Tiryakian (*op.cit.*), encontraremos algumas delas na Escola de Manchester, como a presença de um líder fundador como M. Gluckman, membros heterogêneos como discípulos, gerações, publicações como a revista editada pelo Instituto *Rhodes-Livingston*, a localização da Escola em uma cidade como Manchester, um paradigma inovador com estudos de dramas sociais, redes sociais, quase-grupos e análise situacional. Aspectos,

²¹⁸ Embora, como indiquei antes, a Escola Sociológica de Chicago volte ao Brasil nos anos 70, através do interacionismo simbólico.

²¹⁹ Apresento uma breve síntese da Escola de Manchester utilizando os textos de: Bianco, Bela. 1987. "Introdução". In: *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. SP:Global Universitária. pp. 7-45; De la Peña, Guillermo. 1993. "Los estudios urbanos en la antropología social británica: 1940-1970". In: *Antropología y ciudad*. Margarita Estrada et.alii. (Coords). México:Ciesas-Universidad Autónoma Metropolitana. pp.21-29; Mitchell, Clyde. [1966] (1980). "Orientaciones teóricas de los estudios urbanos en Africa". In: *Antropología social de las sociedades complejas*. Michael Banton (comp). Trad. Joaquina Aguilar. Madrid:Alianza Editorial. pp. 53-81; Hannerz, Ulf. 1986. "Perspectiva desde el Copperbelt". In: *Exploración de la ciudad: hacia una antropología urbana*. Trad. I. Vermont e P. Villegas. México:Fondo de Cultura Económica (Cap. 4:139-189); Werbner, Richard P. 1984. "The Manchester School in South-Central Africa". *Annual Review of Anthropology*. Vol. 13:157-185.

²²⁰ A Escola de Manchester através de Gluckman teve presença em Israel, Cf. Topel, Marta Francisca. 1996. *Uma tradição milenar, uma ciência moderna: a antropologia israelense, autores e leitores*. Tese de Doutorado. IFCH-

todos estes, que encontramos na Escola, assim como a influência dos clássicos principalmente, Durkheim e Weber.

Posteriormente à Segunda Guerra Mundial, a África teve diversas transformações e mudanças sociais, principalmente quanto ao êxodo rural, que levou muitos grupos tribais para as cidades. Em conseqüência, as diversas atividades comerciais, industriais e administrativas trouxeram novos modos de vida urbanos e comportamentos. É nesse universo que os estudos de análise situacional e processual, liderados por Gluckman e seus discípulos, cobram importância, tendo como interesses de pesquisa migrações, áreas mineiras, núcleos urbanos, o processo acelerado de chegada dos grupos tribais para os espaços urbanos, o surgimento de uma cultura tribal urbana, parentesco, relações sociais e instituições. São fenômenos sociais estudados pela Escola de Manchester – estudos da dinâmica social em pequenas sociedades, com tendência a uma análise regional (De la Peña *op.cit.*:23).

A Escola de Manchester, entre 1950-1960, estava constituída por uma geração de jovens antropólogos, como Barnes, Cohen, Epstein, Mitchell, Mayers, Turner, Van Velsen e outros²²¹. Todos tinham uma relação direta com o Departamento de Antropologia em Manchester e com Max Gluckman, sendo aquele um período de grande riqueza de pesquisas etnográficas. Quando Gluckman recebe o cargo de diretor do Instituto *Rhodes-Livingston*, como sucessor de Godfrey Wilson (primeiro diretor, de 1937-1945), propôs um

UNICAMP, ver especialmente o Cap. 4. “A Escola de Manchester, o marxismo e a questão Árabe em Israel”. pp. 169-215.

²²¹ Dentro desta geração, não posso deixar de mencionar o trabalho pioneiro de redes sociais na Inglaterra de, Bott, Elizabeth. [1957] 1976. *Família e rede social: papéis, normas e relacionamentos externos em famílias urbanas comuns*. Trad. M Guerreiro. RJ:Livraria Francisco Alves. Ver especialmente o capítulo 2: Metodologia e técnicas de campo. pp.

projeto e agenda de pesquisa de sete anos, com o objetivo de estudar o impacto da sociedade urbana em grupos tribais na África Central em um processo de “destribalização” e de migração para a cidade (Hannerz *op.cit.*:149-151). Os estudos e conceitos resultantes das primeiras pesquisas continuaram sendo reformulados na década de 60, originando um interesse pela etnicidade urbana.

O corpo de pesquisas urbanas da Escola de Manchester é comparada com a Escola de Chicago, tanto pelas questões teóricas quanto pelo corpo de obras etnográficas que produziram. A Escola de Manchester tinha uma abordagem que relacionava história, dados documentais e análises antropológicas de processos sociais no estudo microscópico dos interstícios sociais e relações interpessoais (Bianco *op.cit.*:12). Os antropólogos de Manchester se diferenciavam do estrutural-funcionalismo dos anos 40 na inclusão da questão política, desequilíbrio, mudança social, estrutura social, conflito, e no estudo do indivíduo em tal situação. Alguns dos conceitos utilizados no referencial teórico – quase-grupos, redes sociais, grupos de interesse, análise situacional, fluxo local e campo social – eram aplicados em situações específicas. Entre as linhas temáticas da Escola de Manchester, temos: organização de vilas, burocracia, papéis inter-hierárquicos, religião e história (Werbner *op.cit.*:163-178). A aplicação restrita dos conceitos levou os antropólogos britânicos a alguns riscos metodológicos, fechando-se em um quadro de referência conceptual de pouco contato com disciplinas como a Economia Política (Bianco *op.cit.*:23). Contudo a tendência aos microestudos, apesar de deixar uma rica etnografia urbana, trouxe problemas na hora de relacioná-los com um contexto maior.

Esta nova forma de estudar os grupos com uma vida tribal dentro de cidades urbanas, com seus costumes e valores trazidos das zonas tribais, formavam parte de um contexto concreto, não se podendo compará-la com suas homólogas nas zonas urbanas que pertencem a outro contexto diferente (Mitchell *op.cit.*:61). Era colocada em dúvida a chamada “aculturação”, pois uma instituição social urbana não é uma instituição rural transformada (*ibid.*:64). Para Mitchell, são dois fenômenos diferentes.

Nesta nova situação, Mitchell (*ibid.*:65, 66) expressa que existem dois tipos de fatores que determinam o contexto das cidades, aos quais chamou de “imperativos externos e internos”. Entre os imperativos externos estão: a) densidade de população, b) mobilidade, c) heterogeneidade, desproporção demográfica, d) diferenciação econômica e f) limitações políticas e administrativas (elementos que lembram Durkheim e Weber). Entre os imperativos internos, as relações sociais, vistas desde uma perspectiva mais específica dos indivíduos. Segundo Mitchell (*ibid.*:67-72), existem três tipos de relações sociais: a) relações estruturais, que consistem em relações de trabalho no meio comercial e industrial e de instituições, b) relações categoriais, que seriam aquelas que se desenvolvem no cotidiano dos grupos e nas cidades, e c) redes que tratam de laços pessoais produzindo sistemas dentro da sociedade urbana. Todos estes aspectos estariam dentro do que os antropólogos da Escola de Manchester chamaram de campo social, definido como uma série de relações interconectadas que se influem reciprocamente (*ibid.*:73).

Os estudos da Escola de Manchester na África permitiram uma visão diferente dos clássicos estudos ecológicos da Escola de Chicago, mostrando as diferenças de processos urbanos e pondo em questão os grandes esquemas teóricos na época. Um grupo tribal teria

um processo de adaptação diferente daquele de um grupo rural americano migrado para as cidades. Os antropólogos ingleses, por sua vez, trabalharam mais com a noção de estrutura social do que de com a de cultura, como era comum nos clássicos estudos de aculturação americanos. Mesmo assim, a Escola de Manchester é criticada pelo fato de que não se haver preocupado em entender os grupos sociais da África em um contexto maior de colonização britânica e de marginalidade nas cidades.

A Escola de Manchester foi conhecida mundialmente, assim como a Escola de Chicago. No Brasil, teve seu impacto, como veremos a seguir em alguns depoimentos dos antropólogos entrevistados, mostrado a importância da Antropologia clássica britânica nas suas formações:

“... nós tínhamos seminários sobre Lévi-Strauss e, ao mesmo tempo, de estudos da Antropologia britânica²²², e alguns especificamente voltados para as situações urbanas na África. E quando eu comecei a ensinar na USP comecei como auxiliar da Eunice Durham num curso sobre Antropologia social britânica e nesse curso nós trabalhávamos com monografias clássicas e com alguns estudos de migração, e de cidade. Mas, não chegavam a ser os estudos desenvolvidos pela Escola de Manchester ainda, mas até alguns autores da Escola de Manchester nos já trabalhávamos naquela época como Gluckman e outros ... eu acho que sim, um refinamento metodológico bem grande, né, a Escola de Manchester teve um papel muito importante, desde os estudos de Elizabeth Bott, tiveram sim influência muito grande ...” (Entrevista Antonio Arantes).

Antonio Arantes foi aluno da USP e formou-se na Inglaterra, e foi professor na UNICAMP nos anos 70. Um outro depoimento expressa a importância da Escola de Manchester e sua atualidade hoje nas pesquisas antropológicas urbanas:

²²² Uma análise aprofundada sobre textos clássicos da antropologia britânica, pode ser encontrada em Lanna, Marcos. 1987. *Troca e sociedade: interpretando alguns textos da antropologia inglesa*. Dissertação de Mestrado. IFCH-UNICAMP.

“... para mim, nesse percurso, nessa literatura que se começou a chamar de Antropologia Urbana, mas que também pode ser, talvez, os mesmos antropólogos que fizeram Antropologia política, não é que é a Escola de Manchester que foi importante na minha formação, tanto é que eu fiz, organizei uma antologia, não é, que se chama Antropologia das sociedades contemporâneas, que não gosto do uso de complexas porque então as sociedades indígenas não são complexas ... é muito difícil trabalhar com os termos, mas acho que tem que tomar cuidado que termos usa, porque aí tem toda uma postura também, de como você está fazendo investigação e fazendo análise. Então eu acho que nesse sentido a Escola de Manchester foi crucial na minha formação em termos de, porque eles estavam trabalhando com todo o receituário metodológico que pudesse dar conta de como fazer estudos em lugares onde que, realmente, qual é a unidade de estudo, como estudar o grupo. Mas acontece que o Gluckman era o mestre, mas todos os, essa metodologia realmente foi desenvolvida pelos discípulos dele, não é, o Van Velsen, o Turner, não é, eu acho inclusive, quer dizer, toda ênfase processual, porque o Gluckman, inclusive ele era muito mais funcionalista e morfológico, não é, mas a partir do que ele começou a fazer e era um grupo com, que tentava realmente juntar Weber e Marx, mais do que. O Gluckman, embora ele fosse do partido comunista, mas ele tinha uma tradição mais ligada a Evans-Pritchard que era outra coisa, não é, morfológica, acho que também uma dose de Durkheim muito forte. Então a idéia do processual para mim foi importante, marcou muito, eu acho que inclusive hoje a gente vai mudando, então marca, quer dizer, a questão do processo social. Mas eles ficaram muito nas análises de relações sociais e muito pouco na cultura, eu acho que o grande desafio é juntar as coisas, não é ... eu acho que a Escola de Manchester têm as etnografias que são as mais em termos de trabalho de campo consistentes, olha eu acho que networks é importante, eu acho que o trabalho dela (Elizabeth Bott) é muito morfológico, acho que foi um trabalho pioneiro clássico, mas não é o meu predileto, não é assim que me marcou. Acho que é interessante, ela fez, muito mais sociológico, porque muito mais foi a base só de entrevistas que de pesquisa de campo, intensiva, detalhada, que é o que os discípulos de Gluckman fizeram, não é; você pega os estudos de Van Velsen, o Turner, o Epstein, o estudo dele das minas. Esses estudos principalmente feitos em África na década de 60 70 (50s) são os melhores, eu acho até hoje que eles se sustentam, e aí tem todo o pensamento, eles foram inovadores, ainda mais no cenário africano de trabalhar com a questão da etnicidade da raça, principalmente etnicidade enquanto processo. E que o Abner Cohen, o trabalho dele é importante, inclusive a etnografia, mais do que o Dimensional Man, o homem dimensional, a etnografia dele. O Turner tem trabalhos que são primorosos, o Epstein então, eu acho que se sustentam até hoje ... gerações de antropólogos britânicos, como havia diálogos e dissonâncias entre eles ...”
(Entrevista Bela Bianco)

Em um outro depoimento, Bela Bianco menciona o impacto da Escola de Manchester na UNICAMP, onde a meu ver trabalhou-se um pouco mais sob essa influência que em outros lugares, provavelmente porque os professores em atividade na época se haviam doutorado na Inglaterra:

“... eu acho que por exemplo Campinas, a UNICAMP ... foi um importante núcleo de estudos antropológicos até influenciados pela Escola Britânica porque tanto Peter Fry, a Verena Stolcke e o Arantes²²³ ... todos eles fizeram doutorado na Inglaterra, não é ... era um grupo forasteiro ... treinado fora do país ... assim como um grupo todo, eu acho que foi inovador ... foi o começo de um grupo que veio com outras influências, outras tradições ... então tinha toda uma influência da Antropologia inglesa ... por causa da influência da Antropologia britânica. Veja a tese da Mariza, era baseada em processos, quem é que usava processos, é o Mitchell, o Epstein tá lá, o próprio Gluckman ... pois é, então os networks era Peter Fry, que é bem a escola britânica, na década de 70, eles estavam dando Mitchell, estudos de etnicidade, o kalela Dance, a análise situacional, o Gluckman, eles estavam usando aqui essa bibliografia ...” (Entrevista Bela Bianco)

O impacto da antropologia inglesa e da Escola de Manchester na UNICAMP, pode ser observado na produção intelectual de dezenove Dissertações entre 1975-1980, sendo uma das especificidades do mestrado, diferindo da produção da USP e do Museu Nacional. Apresento, agora, o testemunho de Ana Niemeyer, que foi aluna na UNICAMP e posteriormente professora na mesma instituição:

“... aí eu comecei a fazer o mestrado na UNICAMP de Antropologia ... a formação então que eu recebi naquele momento na UNICAMP, que estava no seu segundo ano do mestrado, eu entrei em 72, né, o mestrado teve início em 71. Então a formação era baseada muito inglesa, e um pouco francesa, mas o forte era Antropologia inglesa, através da Verena, do Peter, né, e o Arantes também ... agora o que eu acho é que nessa época, então nessa década de inícios da década de 70, o forte na minha formação foi a Antropologia inglesa, tanto que ela de uma certa forma permanece até hoje quando estudo mais profundamente redes de relações sociais ... eu acho no caso dos estudos da

²²³ Pode-se consultar a entrevista e depoimento de Arantes, Antonio e Verena Stolcke. Arquivo Edgard Lehuenroth (AEL) UNICAMP. 1986. 1 Videocassette, Son, Color, VHS-Palm-M (60 minutos).

Escola de Manchester, são estudos feitos com a população que está migrante, né, e a população essa que surge na África com a introdução do colonialismo, através das aberturas das minas, exploração das minas, né, e portanto nos sentíamos, como estudos de uma realidade próxima a nós quando nós estudávamos essa migração para a cidade também. Houve também assim uma identificação do objeto mesmo, que estava-se verificando naquele momento, né ...” (Entrevista Ana Niemeyer)

Enquanto na UNICAMP a Escola de Manchester tinha maior impacto, pela presença dos professores formados na Inglaterra, em outros lugares sua influência foi muito pequena:

“... olha nós não tivemos muito aqui em São Paulo (USP), muita influência da Escola de Manchester, quem trabalhou com isso, até tem um trabalho, um livro da Bela Bianco, né, ela faz um trabalho interessante. Mas terminou não sendo um elemento, foi uma perspectiva que não rendeu muito em termos de pesquisa de campo aqui no nosso trabalho em São Paulo, pode ser que em outros lugares, mas aqui não muito ... não Escola de Manchester, como tal, como Escola, aqui a nossa influência era muito mais a escola mais francesa mesmo em termos de organização, Lévi-Strauss, até na pesquisa de campo. Mas a pesquisa de campo era muito mais a tradição britânica clássica, Malinowski, a reconstituição da realidade, o livro de Eunice Durham, esse era muito mais, mais do que o estudo das redes dos quase-grupos. Aquele arsenal da Escola de Manchester, ele aqui não rendeu muito, rendeu muito mais a tradição clássica da Antropologia, Malinowski, Radcliffe-Brown, a escola britânica clássica, entendeu ...” (Entrevista José Magnani)

A importância de analisar os depoimentos dos antropólogos e suas influências teóricas, como seria neste caso a da Escola de Manchester, é ajudar a entender internamente o nível teórico do campo da Antropologia Urbana e como as correntes teóricas são simultâneas e vão norteando as pesquisas. São influências que se podem constatar nas trajetórias individuais dos antropólogos entrevistados como produtores de um conhecimento. Como escrevi anteriormente, o campo intelectual era heterogêneo. Enquanto, predominantemente no Rio de Janeiro, trabalhava-se com camadas médias, na USP trabalhava-se com culturas populares e periferia, na UNICAMP com mulheres,

bairros, saúde, religião e prostituição. Diferentes caminhos, embora todos convergindo na procura do sujeito urbano nas cidades. Uma outra Escola que teve aceitação nos estudos urbanos foi a Escola Marxista Francesa de Sociologia Urbana, como veremos a seguir.

6. A Escola Marxista Francesa de Sociologia Urbana:

Assim como a Escola de Chicago e a Escola de Manchester, temos mais uma Escola que influenciou o campo da Antropologia Urbana e Sociologia Urbana. Vinda da França, a chamada Escola Marxista de Sociologia Urbana, liderada por Manuel Castells e discípulos, norteou pesquisas e fez uma crítica desde uma perspectiva marxista aos estudos urbanos anteriores a 1972. Mostrando, em alguma medida, certo avanço nas interpretações da Sociologia Urbana, ainda que algumas vezes com críticas injustas e sem fundamento ao corpo de trabalhos que se tinha feito nessa área até aquele momento. No entanto, reconhece-se sua importância ao ressaltar os conflitos de classe, contradições, o papel do Estado e a cidade. Cidade já não vista ecologicamente, ou como uma visão simplista de ser o resultado de um processo rural-urbano, ou tribal-urbano, mas a cidade sendo vista como um espaço de consumo coletivo.

Para escrever sobre a Escola, seria necessário localizá-la na própria história da Sociologia Urbana na França, todavia este não é o lugar para fazê-lo, de modo que não entrarei em detalhes. Julgo suficiente um resumo, como aconteceu com as duas Escolas

anteriores. Valendo-me de trabalhos onde a Escola é mencionada, apresento sobre ela uma breve compilação²²⁴:

A Escola Marxista Francesa teve seu auge entre 1968-1977. Como as outras duas Escolas (Chicago e Manchester), teve curta existência, porém o período de produção intelectual percorreu o mundo todo. Retomo mais uma vez a noção de geração, que pode ser utilizada aqui, já que a Escola se fez marcar por um grupo de jovens que no final de 68 estavam se formando e começando as suas carreiras profissionais, a maioria influenciados pela sociologia de Alain Tourraine e o marxismo estrutural de Louis Althusser. Entre esses jovens liderados por Manuel Castells estavam Topalov, Prêteceille, Godard, Lojkine e outros. Lembrando Tiryakian (*op.cit.*), teríamos as características de uma Escola de pensamento, com um líder como Manuel Castells, uma geração de seguidores, pesquisas feitas na França, uma perspectiva teórica, que foi o marxismo, instituições e a localização da Escola em uma cidade importante como Paris.

A França dos anos 60 foi marcada pelo desenvolvimento urbano e por uma gestão de governo tecnocrata que impulsionou o planejamento urbano regional através do Estado francês, aproximando-se das Ciências Sociais com financiamento para pesquisas urbanas e permitindo aos pesquisadores uma grande autonomia (Topalov *op.cit.*:7, 10). Desde os anos 50-60 se fazia na França uma sociologia urbana, onde predominava uma pesquisa psico-

²²⁴ Entre os trabalhos consultados temos, Amiot, Michel. 1986. *Contre l'Etat, les sociologues: éléments pour une histoire de la sociologie urbaine en France (1900-1980)*. Paris:Éditions de L'École de Hautes Études en Sciences Sociales, assim como uma resenha do livro feita por Blanc, Maurice. 1987. "Commande publique et sociologie urbaine: a propos do livre: Contre l'Etat les sociologues". *Espaces et sociétés*. (48-49):89-97; Bettin, Gianfranco. 1982. *Los sociólogos de la ciudad*. Trad. Marlucci Galfetti. Barcelona:Edit. Gustavo Gili. Caps. VII que trata sobre Henry Lefebvre, e VIII, sobre Manuel Castells; Rémy, Jean. 1987. "Bilans et tendances de la sociologie urbaine de langue française depuis de 1945". *Espaces et sociétés*. (48-49):47-87; e com Liliane Voye. 1989. "Sociologie urbaine". In: *Sociologie Contemporaine*. Jean-Pierre Durand e Robert Weil (orgs). Paris:Vigot. pp. 333-352; Topalov, Christian. 1988. "Fazer história da pesquisa urbana: a

social, liderada por Henry Chombart de Lauwe, com uma tradição humanista e reformadora, com o interesse centrado na descrição de bairros, famílias e comportamentos urbanos (Topalov *ibid.*: 9). O contexto social e político dos anos 60-70 marcou o crescimento capitalista na França, o movimento estudantil, a relação Leste-Oeste, a descolonização, o partido socialista, o euro-comunismo, definindo um campo intelectual conjunto, com aumento dos “marxismos” e com o objetivo de fazer um mapeamento crítico da realidade social, convertendo-se em um instrumento de análise.²²⁵ Foi sobre estas bases que surgiram os novos atores políticos, como foi o caso dos movimentos sociais urbanos estudados por Castells, tratando de identificar as relações estruturais objetivas dos agente da urbanização e como ocorria a sua ação (Topalov *op.cit.*:11).

A Escola Francesa de Sociologia Urbana, desde uma perspectiva marxista, pesquisou o Estado e a política de planejamento urbano e seus impactos nos movimentos sociais de base, que se convertem em atores sociais em um espaço de consumo coletivo: a cidade. Para Castells, a Sociologia Urbana é uma ideologia e a questão urbana é antes de tudo uma questão política (Bettin *op.cit.*:155). A cidade, para Castells, é localizada dentro de uma estrutura maior, de uma totalidade nas contradições de classe e conflitos, inserindo-se a cidade dentro da dinâmica do capitalismo e de sua acumulação. Contradições que dão origem a novos objetos de estudo para serem analisados, tomando a cidade como o lugar de consumo coletivo e de reprodução do trabalho. O Estado era o foco principal de pesquisa, principalmente no seu planejamento urbano (Topalov *op.cit.*:12 e Rémy *op.cit.*:57 e Amiot *op.cit.*). Segundo Bettin (*op.cit.*:151), para Castells era preciso estabelecer as conexões

experiência francesa desde 1965”. *Espaço e debates*. (23):5-30.

²²⁵ Nesse mesmo período, a chamada etnologia urbana francesa, publicou um número especial discutindo a possibilidade de praticar esta disciplina. Cf. Vários autores. 1977 “Anthropologie tous terrains”. *Dialectique*. (21).

necessárias da estrutura urbana em função das classes sociais e do desenvolvimento das forças produtivas, que definem o espaço como objeto de estudo da política urbana e das lutas sociais. A política urbana com apoio do Estado se revela como o instrumento de controle, de regulação e de conservação; o Estado converte-se no verdadeiro planejador do processo geral de consumo. A resposta para as políticas do Estado são os movimentos sociais urbanos, tomados como atores políticos, com uma estrutura social, uma base real conformada por grupos intitucionalizados com vínculos sociais e de participação.

A influência da Escola Marxista Francesa de Sociologia Urbana foi conhecida por todas as comunidades científicas dedicadas à questão urbana. No caso brasileiro, o impacto foi a nível das pesquisas de movimentos sociais, oferecendo um marco de análises ao mostrar as situações micro-sociais em relação com as macro-sociais. O aumento dos movimentos de bairro, moradia, dos quebra-quebra etc., podiam ser analisados com este referencial teórico. Estes movimentos sociais estavam dentro de uma estrutura de classes e poderiam ser uma resposta às política urbanas do Estado.

“... o Manuel Castells teve uma importância grande nos estudos urbanos no Brasil, a questão urbana que é do começo da década 70. Ele veio ao Brasil várias vezes, ele tinha uma convivência grande com o grupo do CEBRAP ... houve num momento, começo da década de 70, que a influência de Castells era grande, não só nas Ciências Sociais evidentemente, também no urbanismo, nos urbanistas. Todo mundo lia Castells, nessa época né ... a contribuição de Castells, em mostrar que muitos processos que eram estudados num contexto limitado da cidade, eram segmentos, pontas de um iceberg que na verdade era muito mais amplo, e que tinha que ver com acumulação capitalista, tem a ver com o sistema econômico, político mais amplo etc. Quicá a contribuição dele maior, a meu ver, foi sem diminuir a importância dos estudos urbanos, né, a contribuição para os estudos dos movimentos sociais, justamente das relações políticas que se estabelecem nas cidades, mas a partir de, exatamente, de tensões e conflitos que vão muito além daquilo que você pode observar diretamente ... refletir até que ponto você pode transpor para situações de

contexto urbano as metodologias, as hipóteses desenvolvidas pela Antropologia tradicional ... a obra do Castells não pode ser esquecida, embora não seja antropólogo, ele foi um marco importantíssimo, até porque redefiniu o sentido desses estudos localizados, feitos em bairros populares, tem muitos estudos feitos ... foram feitos na década de 70, eles já procuravam ver, no micro, digamos uma cristalização de processos mais gerais, e sempre com essa preocupação de por onde estava-se organizando, onde que vai o protesto, por onde é que vai, qual é o papel que desempenham as reivindicações de infraestrutura urbanas ...” (Entrevista Antonio Arantes)

Os movimentos sociais urbanos nos anos 70, foram temas de pesquisas da Sociologia e Antropologia no Brasil, movimentos que se consolidaram na década de 80, surgindo uma bibliografia considerável, mas não cabe aqui mencionar essa vasta bibliografia.²²⁶ A influência de Castells mostra-se na perspectiva de que dificilmente se podem estudar os movimentos sociais e a cidade, sem relacioná-los com o Estado, políticas e planejamento urbano. No depoimento de Ana Niemeyer, há indicações da presença de um grupo de antropólogos que tiveram contato com a academia da França, que estavam no Brasil pesquisando temas com uma perspectiva do marxismo, combinada com outros referenciais:

“... mas por outro lado, nesse mestrado tinha também uma ênfase, que continuava, que eu tinha recebido da França, nessa vertente marxista da interpretação da realidade, que era também nos cursos da Verena; tinha essa leitura, o curso de Antonio Arantes também, né, e que casava assim de uma certa forma com a Antropologia inglesa. Mas com um mergulho empírico na realidade, né, e o marxismo como uma explicação. Isso vinha também de encontro a um grupo do Museu Nacional, que também tinha estudado na França nessa década, que estudava camponato, que era todo o grupo do Moacir Palmeira e da Ligia Sigaud. Então eu acho que alguns alunos da UNICAMP, nessa época se afinavam, digamos assim com essa vertente também da Antropologia, que tinha toda essa formação marxista que, no caso do Brasil, estava também no Museu Nacional através da Ligia e o Moacir ... eu fiz curso do Castells, também na França, direto o curso com ele, né, curso, também com toda a vanguarda. Naquela época na França tinha não só esse

²²⁶ Podem-se consultar pelo menos dois trabalhos importantes, que tratam das décadas de 70 e 80. Jacobi, Pedro. 1987. “Movimentos sociais no Brasil: reflexão sobre a literatura nos anos 70 e 80”. *BIB.* (23):18-34; Sader, Eder. 1988. *Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)*. SP:Editora Paz e Terra. 3ª Reimpressão.

curso mais tradicional, de Bettelheim, do Castells, que eu acho que o do Castells era um curso mais tradicional, visão da Antropologia num sentido de um marxismo mais tradicional, como também tinha um curso da vanguarda dos arquitetos na época, que eram mais relacionados assim da Escola de Lefevre, os discípulos de Lefevre. Então esse curso também era um curso importante, era um curso onde você, digamos que era uma abertura, né, uma abertura, também na linha marxista, mas uma abertura mais moderna, uma abertura mais dirigida à cidade, né, essa foi uma influência marcante na minha formação ...” (Entrevista Ana Niemeyer)

Para finalizar o tópico, apresento agora um depoimento de Lícia Valladares, socióloga que estudou na França naquela época do auge da Escola Marxista de Sociologia Urbana, mostrando com riqueza de detalhes o período, as pessoas e o ambiente de discussão da era de Castells na França e seu grupo de seguidores, assim como os professores dele, como Alain Touraine:

“... Raymond Ledrut que me abriu a porta na França, para todo o mundo. Na época em que eu cheguei na França era a Escola francesa Marxista de Sociologia que estava na moda, era o Manuel Castells, era o Christian Topalov, era o Edmond Preteceille, era o Francis Godard, e era sobretudo o Jean Lojkine. Então, muito embora eu tenha ido estudar em Toulouse, o Raymond Ledrut fazia questão que eu subisse até Paris e fosse conversar com essas pessoas, então me lembro que eu frequentei nessa época também, quando ia a Paris, os seminários de Alain Touraine. O Touraine foi uma pessoa, era o orientador do Castells, e desse pessoal todo, desses jovens marxistas, todos passaram pelo Touraine. E eu eu tinha visto Touraine aqui no Brasil, tinha lido um pouco, mas enfim tinha, né, na Sociologie du Travail, e me lembro que os seminários do Touraine foram também para mim muito importantes em Paris. Nessa época eu conheci o Touraine e conheci também o Daniel Pécaut, de quem hoje eu sou inclusive amiga pessoal ... o Daniel Pécaut era o assistente de Touraine na época ... eu acho que essa Sociologia Urbana Francesa Marxista, de certo modo, peguei a grande discussão, né. Peguei o Manuel Castells quando ele lançou o livro “La Question Urbaine” e toda a polêmica que isso despertou. Então acredito que, na minha formação, como a Sociologia Urbana nessa época na França estava muito, digamos assim, na onda, eu me tornei, digamos assim, muito simpaticante, digamos, dessa Sociologia Urbana que privilegiava muito o estudo dos movimentos sociais, né ... a teoria dos movimentos sociais que era, digamos assim, uma das vertentes da Sociologia Urbana Francesa de ponta na época, era aquilo que me inspirou digamos assim, na elaboração do meu projeto de tese ...” (Entrevista Lícia Valladares)

Para concluir o tópico sobre a Escola Marxista Francesa de Sociologia Urbana, posso afirmar que ela teve muita aceitação no Brasil, principalmente no tema dos movimentos sociais, mais que propriamente nos estudos da cidade. Os depoimentos dos entrevistados mostram a influência da perspectiva marxista que já existia no Brasil. Tanto a Sociologia Urbana quanto a Antropologia Urbana tiveram entre suas linhas de pesquisa o tema dos movimentos sociais.

7. Conclusão:

O capítulo V foi, em alguma medida, continuação do exposto no capítulo IV, no qual mostrei em primeiro lugar uma síntese da Escola de Chicago nos anos 40-50, que teve influência nos estudos pioneiros urbanos no Brasil. Em segundo lugar, o interesse das ciências sociais nos anos 50-60 pelas questões urbanas, teoria da marginalidade e desenvolvimento. Em seguida, na década de 70, o interesse por estes problemas e o modo de vida dos sujeitos, continuando seu caminho com a construção de um campo antropológico heterogêneo, dedicado a esse tipo de estudos. Para isso tomei o interesse dos antropólogos na procura do sujeito urbano no seu modo de vida. Assim como o início da construção do campo da Antropologia Urbana através de seus produtores de conhecimento, como o foram os antropólogos entrevistados, através de cujos depoimentos consegui interpretar como foi esse começo.

Em seguida tratei de dois problemas teóricos: a) a Antropologia na e da cidade, sendo que no Brasil se pratica a Antropologia na cidade tomando-a como o lugar de pesquisa, mais do que seu objeto; e b) a discussão das sociedades complexas, que permitiu

conhecer como a Antropologia se integra nas questões urbanas. As duas Escolas de pensamento, uma inglesa como foi a Escola de Manchester e uma francesa como a Escola Marxista de Sociologia Urbana, forneceram parte do esquema conceptual e influenciaram uma série de pesquisas de campo.

O capítulo assinala as características do campo científico da Antropologia Urbana na década de 70, que foi uma época de transformações sociais e políticas, o crescimento urbano, expansão de cidades tanto espacial quanto demograficamente, bem como o aumento da marginalidade. Remete também a um interesse da Antropologia pelo estudo dos sujeitos que habitam grandes cidades, sua inserção social e formas de organização no meio urbano, em camadas médias e classes populares. Ampliam-se os objetos e temas de pesquisa, intensifica-se a pesquisa de campo localizada, com um diálogo maior com os grupos sociais. Desenvolvem-se trabalhos de etnografia urbana na análise da organização social, redes sociais e representações coletivas. Fazia-se uma discussão teórica maior com o contexto social. A perspectiva marxista, presente desde a década anterior, influi nos estudos urbanos, tanto da Sociologia quanto da Antropologia (no caso dos movimentos sociais). A presença da Escola Marxista Francesa de Sociologia Urbana reorienta a investigação urbana, tomando o Estado e suas políticas de planejamento como objeto de estudo, assim como os movimentos sociais como atores políticos.

A produção de pesquisas antropológicas de etnografia urbana formam parte do que chamei de nível de pesquisa do campo científico, que mostram as diversas influências teóricas das Escolas de pensamento de que tratei aqui, sendo dessa análise que tratará o próximo capítulo VI. Nele se observa o crescimento dos estudos urbanos por causa do

crescimento dos Programas de Pós-Graduação e sua produção de Dissertações e teses sobre pesquisas urbanas. No entanto, apesar desse crescimento de trabalhos, poucos foram publicados como livros, sendo alguns deles obras que marcaram uma época e um estilo de pesquisa, consideradas as mais representativas.

VI

CIDADE, ETNOGRAFIA E VIDA URBANA: O NÍVEL DE PESQUISA

No capítulo anterior, mostrei o que chamei de nível teórico do campo da Antropologia Urbana e indiquei como foi o começo do campo no estudo dos grupos urbanos, imerso em um contexto histórico de transição da sociedade brasileira. Também mostrei como o campo é heterogêneo e como está representado por um conjunto de referências teóricas, como as Escolas de pensamento, problemas teóricos e interesses de pesquisa, assim como pela procura do sujeito urbano. Os representantes de uma geração de antropólogos mergulharam na realidade urbana das grandes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas, através do trabalho de campo como instrumento de aproximação com populações urbanas. Estas experiências produziram pesquisas que iniciaram a construção do campo científico. O nível de pesquisa de que trata o presente capítulo está constituído pelo *corpus* de pesquisas pioneiras realizadas pelo grupo de antropólogos – uma produção intelectual feita com métodos de trabalho de campo e diversas formas de abordar determinado tema.

Este capítulo está dividido em vários tópicos. O primeiro trata de uma aproximação metodológica ao estudo dos grupos urbanos, com a importância do trabalho de campo nos anos 70. Para isso utilizei os depoimentos dos antropólogos entrevistados, que indicam a importância da etnografia como meio de conhecer o Brasil daquela época. O mesmo faço no segundo tópico, que apresenta o modo de vida urbano – pesquisas antropológicas – numa breve reinterpretação de alguns dados sobre a produção de teses em Antropologia

Urbana na década de 70. Posteriormente, trato sucintamente cinco pesquisas que foram marcantes na década de 70 e que continuam como obras chaves até hoje. Em seguida, um diálogo com os antropólogos sobre as diferenças e semelhanças entre duas formas de fazer pesquisa de campo, uma no Rio de Janeiro (Museu Nacional) e outra em São Paulo (USP e UNICAMP). Finalmente discorro sobre o que os antropólogos pensam atualmente da Antropologia Urbana.

1. Aproximação metodológica ao estudo dos grupos urbanos:

Como sabemos, a pesquisa que se fez no Brasil nós anos 70 era na cidade e não da cidade. Esta linha de pensamento, no início da construção do campo, levou a uma série de pesquisas importantes em camadas médias e classes populares, na busca do sujeito urbano e seus modos de vida, sua organização social, visões do mundo, atuação política e práticas sociais. As cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas convertem-se no lugar de pesquisa antropológica nós anos 70. Embora continuassem as pesquisas etnológicas e de campesinato, as grandes cidades e seus problemas cobraram importância. O contexto social e o desenvolvimento da Antropologia e seus referenciais teóricos produziram mudanças na forma de se aproximar dos grupos sociais nas grandes cidades. Sabemos que houve uma mudança teórica e metodológica desde os anos 60, que os clássicos estudos de comunidade deixaram de ser feitos e que se passou a ter interesse nas questões Urbanas. Mas foi na década de 70 que a Antropologia aceitou o desafio de pesquisar nas metrópoles:

“... diferentemente dos momentos anteriores da Antropologia Urbana, que foi marcada pelas comunidades, estudo de pequenas cidades no interior. Na Antropologia Urbana o grande desafio foi o aparecimento dos, a entrada em cena das metrópoles, isso foi o grande. As grandes metrópoles, grandes

idades, constituíram o grande desafio para se pensar, né. Não é mais o estudo tradicional da Antropologia considerando as cidades do interior como uma aldeia indígena com um recorte empírico determinado, onde você faz um levantamento da organização social, do parentesco, do trabalho, do simbólico de, enfim, da totalidade de uma totalidade sediada pelo antropólogo de ter na sua aldeia um conjunto da vida social. Nós estamos vivendo em uma sociedade fragmentada, quebrada com conflitos de classe, o grande desafio para a Antropologia era responder a isso. Como é que ela pode se enfrentar agora a uma realidade que é maior do que aquela dada pela pequena aldeia, como é que se trabalha com os referenciais tradicionais da Antropologia, como é que é fazer observação participante na periferia ou no centro da cidade ... mas uma cidade como São Paulo, onde você mora ... então, digo aqui, houve uma ruptura importante em função da mudança de recorte de pequenas comunidades para metrópoles. A metrópole coloca novos desafios e aí então a importância de pensar como é que a Antropologia pode conhecer, com suas ferramentas tradicionais, metodológicas e conceituais” (Entrevista José Magnani)

O depoimento de José Magnani confirma o que já foi discutido no capítulo anterior sobre a legitimidade e prestígio da Antropologia frente a outras disciplinas. Mas, indica que as grandes metrópoles começam a ser estudadas por uma Antropologia Urbana. A importância do trabalho de campo, etnografia e observação participante permitia à Antropologia coletar dados de primeira mão, tendo um maior contato com os grupos estudados. A nível internacional existia, como vimos nos tópicos V.3 e V.4, uma discussão sobre a Antropologia na e da cidade, assim como a Antropologia das sociedades complexas. Paralelamente, no Brasil se questionava a aplicação do instrumental da Antropologia nas cidades e na busca de novos objetos de estudo, como lemos na narrativa de Cardoso:

“Nós Estados Unidos havia também um grande interesse nessas questões, naquele momento. Em 1972 ou mais tarde, era publicada uma revista que se chamava Antropologia Urbana. Nossas preocupações se inseriam em um contexto mais amplo de renovação de temas no interior da Antropologia. Então, por exemplo, começavam a surgir estudos de parentesco nas cidades. Nós liamos muito trabalhos que tematizavam a construção de redes urbanas no estudo de parentesco. Tratava-se de aplicar ao contexto urbano uma maneira clássica de fazer Antropologia. Nós, diferentemente, queríamos descobrir um

objeto para a Antropologia dentro do contexto urbano. Isso está num artigo do Gilberto Velho, que é posterior, em que ele discute a Antropologia na cidade e a Antropologia da cidade. Questionávamos se a Antropologia possui um instrumental para trabalhar um tema urbano na sua natureza, se ela traz esse instrumental de outras situações e o utiliza na cidade. Particularmente, acredito que são as duas coisas. Se, por um lado nós cabe aplicar o instrumental com o qual nós formamos e que dialoga com toda uma tradição, por outro, houve a constituição de objetos urbanos ... viamos nisso a possibilidade de encontrar a maneira de trabalhar alguma coisa que nós acreditávamos ser diferente, e que era um objeto importante na medida em que desvendava um pouco da realidade da nossa sociedade.” (Depoimento de Ruth Cardoso em El Far et.alli. op.cit.:156, 157).

Não ha dúvida que os representantes de uma geração estavam aceitando o desafio de pesquisar nas cidades. É neste desafio que podemos observar como se começou a delimitar o campo científico. As preocupações eram muitas em relação ao contexto urbano, portanto, estava-se construindo uma “etnografia de nós mesmos” como sugere Durham e José Magnani. Vejamos os dois depoimentos:

No primeiro, Durham expressa:

“... mas muito do que é cotidiano e familiar em nossa sociedade Urbana ou que constitui reminiscência de um passado recente: os hábitos e valores dos moradores de Copacabana tanto quanto o modo de vida dos bairros da periferia, das favelas e da população caipira; a umbanda e o pentecostalismo ao lado do catolicismo tradicional e das comunidades de base da Igreja renovada; a família operária e a das camadas médias; os movimentos sociais urbanos e as formas do lazer popular; o feminismo e a sexualidade. Estamos, em suma, produzindo uma nova e intrigante etnografia de nós mesmos” (Durham1986:17).

No segundo, José Magnani mostra:

“... nos anos 70, no final dos anos 70, houve um deslumbramento da Antropologia, porque ela oferecia uma perspectiva de recortar de uma maneira mais fina aquilo que era lido no ponto de vista através de métodos quantitativos: os surveys. A Antropologia, como ela sempre fez com as populações indígenas, populações camponesas, ela vai a campo. Então ela estabelece, introduz uma perspectiva de observação participante, essa foi a

grande novidade para os cientistas sociais nos anos 70, isso se consolidou. Quer dizer, hoje quando se faz pesquisa, é aceito como sendo a contribuição da Antropologia em termos metodológicos e em termos técnicos ... ela introduz problemas epistemológicos, claro, como é que eu trato o outro? Ele não é meramente o fornecedor de dados, é um sujeito como eu que pensa de uma outra maneira, e com o qual eu entro num processo até de negociação ... isso é uma contribuição da Antropologia, e isso se consolidou. Aquilo que era uma novidade, e que levou a uns exageros, né, dar a voz aos oprimidos, textos onde se pensava que o mais importante era transcrever as entrevistas, deixar o outro falar, isso foi a parte meio mais romântica de alguns exageros de alguns autores, ao querer, por outro lado, de você valorizar a fala do outro. Tirando esses exageros, o que é que ficou? Que que você tem a proposta da Antropologia, evidentemente, ela tem que ter o seu quadro teórico, sem quadro teórico não tem sentido fazer registros, simplesmente de como as pessoas pensam, isso não é ciência ... em nosso caso levar em conta a posição do outro dentro da pergunta que o antropólogo faz, se não, de vez não tem Antropologia. Então isso eu acho foi consolidado, hoje não há mais dúvida depois de haver passado essa fase meio populista ... e hoje a proposta da Antropologia, está mais que legitimada. Nós anos 70, eu era obrigado a dizer que era importante ver o lazer, por exemplo que era importante trabalhar com as concepções de doença e cura, na população urbana, que elas não eram superstições, eram fruto de uma tradição cultural anterior, que era importante trabalhar com a análise dos estudos de religiões afro-brasileiras. Então, para cada projeto de pesquisa tinha que legitimar, buscar legitimação da Antropologia, fundamentar o recorte, não a parte teórica, hoje não precisa-se fazer. A contribuição da Antropologia é legítima, e ela é aceita de uma maneira fundamental, porque essa é uma coisa que Antropologia Urbana conquistou, o espaço legítimo de ter o que dizer frente à Sociologia, frente à Arquitetura, frente à Ciência Política, frente a qualquer outro recorte ... o antropólogo é chamado a dizer na cidade a postura, o enfoque específico do lado antropológico, porque ele vê coisas que outro enfoque não vê, que é a sociabilidade, a maneira como as pessoas usam o espaço, como é que elas se encontram, com é que elas produzem regras de comportamento, então isso é um antropólogo com olhar específico que mostra, que passaria despercebido num outro tipo de enfoque ...” (Entrevista José Magnani)

Neste amplo depoimento de José Magnani, pode-se observar a perspectiva fina e microscópica da Antropologia, a crítica aos estudos quantitativos e a importância das pesquisas qualitativas. Também com o que a Antropologia poderia contribuir para as outras disciplinas. A observação participante poderia trazer novas visões de mundo dentro da cidade, tomando o sujeito urbano não especificamente como um objeto de pesquisa

estático, mas como construtor de sua própria história e espaço. A necessidade de se evitar os exageros do populismo. O antropólogo deve aceitar o seu papel como cientista social em uma sociedade em conflito e fragmentada. Havia que legitimar os novos objetos de estudo com teoria e metodologia. A Antropologia estava começando uma fase de reconhecimento maior através de suas pesquisas, vistas como esforços iniciais aceitos e respeitados. A Antropologia seria assim capaz de observar a sociabilidade dos grupos sociais, como também as suas manifestações culturais com um olhar treinado para isso. Aspectos que passariam despercebidos em outras disciplinas.

A Antropologia tinha o instrumental teórico e metodológico para pesquisar vários universos, enquanto outras disciplinas não o teriam, como seria o caso da ênfase no trabalho de campo e na etnografia. Mas também tinha ela os seus limites, como menciona Antonio Arantes no depoimento a seguir. Limites aceitáveis, já que eram os primeiros anos de trabalho em pesquisa urbana, sustentados pela “missão” de uma geração – a de conhecer o Brasil naquele momento. Era necessário fazer pesquisa de campo, etnografias, conhecer como os grupos urbanos se organizavam e construía seus territórios:

“... tinha uma questão que era a pesquisa empírica, a etnografia era uma coisa muito importante na nossa formação, essa ênfase na etnografia. Essa ênfase na pesquisa empírica, isso sim, desde o início era um denominador comum. Há pouquíssimos trabalhos teóricos, pouquíssimos trabalhos, e eu acho que aí tem até um aspecto bem negativo. Poucos trabalhos alcançam um vôo teórico maior, eu acho que porque nem todas as pessoas são capazes de fazer todo o percurso, então pelas pressões, circunstâncias, pelas dificuldades pessoais por isso, por aquilo. Frequentemente acaba tendo trabalhos que são exclusivamente relatos etnográficos, mas são trabalhos incompletos, mas isso nunca foi a meta, tem que ter muita clareza enquanto a isso, isso foi o que acabou se concretizando, a meta não era fazer etnografia pura e simples, mas era pensar no contexto etnográfico ...” (Entrevista Antonio Arantes)

Na narrativa de Antonio Arantes percebemos a idéia de pensar a etnografia junto com a teoria. Havia uma visão muito clara do que se queria fazer e do que se pretendia com as pesquisas e seus alcances. Os esforços eram muitos, teoria e dados tinham que ter uma relação constante, embora se incluísse a questão política do papel do antropólogo frente ao grupo, mas isto não significava perder o rigor científico:

“... eu acho que existia sim uma ruptura ... nós sempre colocamos nas nossas pesquisas, em nossas teses, em nossas conversas, né, a questão da presença do antropólogo no campo, todo mundo estava preocupado com isso, em como a nossa presença influenciava o que perguntávamos, o que as pessoas faziam, depois como colocar isso na redação final da tese ... por outro lado também toda essa tentativa de reunir uma formação, uma perspectiva de pesquisa de campo empírica em uma linha mais tradicional, na linha de tradição de Malinowski propriamente dita, há uma abertura política na hora da interpretação, na hora também de selecionar o objeto, né. Eu acho também era uma modificação que estava sendo feita ali, e eu acho que tinha características brasileiras, precisava ser atualmente postas, colocar mais luz nelas, né, para ver quais são essas características ... análises estruturalistas de modo mais rigoroso não se podia fazer na cidade, você não tem propriamente um objeto como você tem nós mitos, então acho que isso não se fazia ... a gente mais usava assim uma aproximação do campo empírico, para a pesquisa de campo através de métodos, mas na hora da interpretação, a gente alargava mais, a gente recorria, a gente não se fechava dentro de modelos ... a gente procurava fazer uma interpretação que era nossa propriamente dita, onde havia realmente uma síntese de diferentes modelos, sem preocupação assim com um fechamento, uma escola ... a gente ficava com um pequeno abacaxi na mão, que era bastante dado empírico e várias vertentes teóricas. Eu acho que, se era rico por um lado, era complicado na hora de fechar, para escrever isso aí, né ... em vez de usar ecleticismo eu prefiro usar abertura teórica ...”
(Entrevista Ana Niemeyer)

A relação teoria e dados não permitia um fechamento em um modelo só, essa abertura teórica foi saudável para a pesquisa urbana. Mas, em alguma medida se questionava o papel dos antropólogos pesquisando na cidade, reflexão que foi feita por Velho (*op.cit.*), no que tange à objetividade da pesquisa de campo na cidade. No entanto, para Durham, havia certas características que permitiam uma pesquisa de campo urbana:

“Na pesquisa que se faz nas cidades, dentro de um universo cultural comum ao investigador e ao objeto de pesquisa, a participação é antes subjetiva do que objetiva. O pesquisador raramente reside com a população que estuda (e, se o faz, é por breves períodos) e não compartilha de suas condições de existência — de sua pobreza, de suas carências, de suas dificuldades concretas em garantir a sobrevivência cotidiana. Mas busca, na interação simbólica, a identificação com os valores, aspirações da população que estuda. A língua não constitui barreira e a comunicação puramente verbal predomina, ofuscando a observação de comportamento manifesto. A pesquisa se concentra na análise de depoimentos, sendo a entrevista o material empírico privilegiado ...” (Durham op.cit.:26).

Estas características da pesquisa de campo nas cidades permitiam uma maior observação dos fenômenos sociais. Na pesquisa qualitativa, com os métodos e técnicas de observação participante, etnografia e entrevistas eram privilegiados. No entanto, é no trabalho de campo e na pesquisa etnográfica que surgem as descobertas e os achados mais importantes, principalmente as categorias culturais dos grupos estudados:

“... as categorias culturais com as quais a população articula sua experiência de vida social e ordena sua prática coletiva ... não nos contentando com a descrição da forma pela qual os fenômenos se apresentam mas investigando o modo pelo qual são produzidos ...” (Durham op.cit.:33).

As categorias culturais ou categorias nativas produzidas pelos grupos podem oferecer aos antropólogos uma forma de articulação de práticas sociais, e é por isto que se deve estar atento a esses achados:

“... olha esse conceito (pedaço) é um daqueles achados que só a etnografia da para a gente, a gente vai procurar uma coisa e a etnografia ensina outra ... então o etnógrafo é que está em campo, por isso é a importância do campo na etnografia mesmo urbana, é você estar em contato com o grupo social com que você está trabalhando e atento para as trocas, porque eles dizem uma coisa e você pode se aproveitar ou não de um conceito, de uma forma de recortar a realidade que faz parte do universo nativo que pode ser transformado num conceito analítico, e foi o que aconteceu. O termo "pedaço" é um termo nativo, mas eu transformei esse termo em uma categoria analítica, essa foi a transformação e mantive pedaço porque ele remonta ao começo da pesquisa,

porque eu estava pesquisando circo-teatro na periferia, né ... isso que é interessante no trabalho de campo, aquilo que não estava previsto mas você registra, termina sendo mais fecundo do que o teu recorte inicial. Então, é esse que é o que eu chamo estar atento para a contribuição do nativo, se você tem uma boa relação com tua pesquisa ela te ensina muito mais do que você pergunta ...” (Entrevista José Magnani)

As categorias nativas que se podem converter em categorias analíticas só podem ser achadas com uma pesquisa de campo etnográfica em constante contato com os grupos estudados, a nível das manifestações particulares. Mas, sem perder de vista os processos gerais em uma relação entre Antropologia e Sociologia. Sobre esta questão vejamos dois depoimentos:

“... eu achei que podia olhar de lá (França) para cá, para o Brasil, e um pouco, como Bastide sempre ensinava de reaprender o Brasil, o brasileiro deve reaprender o Brasil, e achei que o campo da religião era um porta de entrada privilegiada para entender o que é o Brasil. Digamos uma gramática que permeia a sociedade como um todo, e se não entende isso, não entende como as pessoas se põem no mundo, como elas pensam o mundo, e porque elas agem do jeito que agem em todos os outros campos ... então a questão da política era fundamental, então era preciso fazer uma associação entre o que eu queria estudar em um debate mais político ... já se tinha a tradição francesa, que conhecimento é poder. Então me interessava particularmente entender, que forma de poder era esse, o que é produção de conhecimento e a capacidade de produzir uma legitimidade a partir de uma representação de mundo, então essa problemática já me interessava ... não dava para trabalhar com uma Antropologia de universos fechados, não adianta criar o seu universo de situação, isolado, isto aqui é uma cultura ... mostrar que se está dentro de uma sociedade maior, e sem compreender essa situação não há Antropologia possível ... na relação, juntando Antropologia com Sociologia ...” (Entrevista Paula Montero)

Segundo Montero, não se pode fazer pesquisa com universos fechados e isolados, bem como distanciados de uma questão política. De outro ângulo, Durham indica a localização dos objetos de estudo em categorias maiores, como seria o de classe social. Trata-se de inserir um nível particular num nível geral.

“Os recortes empiricos que os antropólogos tendem a privilegiar isolam grupos ou categorias sociais cuja posição de classe não é nem clara, nem nítida e, às vezes, nem sequer relevante: moradores de Copacabana ou dos subúrbios cariocas, favelados, habitantes da periferia paulistana, Comunidades Eclesiais de Base, freqüentadores de terreiros de umbanda, participantes de movimentos populares, escolas de samba, o público do circo-teatro, mulheres, negros, homossexuais. Apenas em alguns poucos casos, como no das pesquisas que se ocupam exclusivamente de operários, é que parece haver uma compatibilidade entre o recorte empirico e a problemática das classes (às vezes mais aparente que real). Nós demais casos, a relevância dos resultados para a problemática das classes não é direta, mas depende de uma reflexão teórica que se processa em outro nível e a partir de outros lados. Nessas circunstâncias, o que é mais especificamente relevante é antes a estratificação dos segmentos sociais e a percepção dessa estratificação por parte da população” (Durham op.cit.:27, 28).

A afirmação de Durham chama a atenção para a importância de não isolar os objetos de estudo de uma estrutura social maior e de classe social. Dificilmente se pode estudar determinado universo social sem fazer uma ponte com aspectos mais gerais do contexto social e histórico. De uma forma diferente, mas com a mesma interpretação, Trujillo Ferrari²²⁷ define a situação da seguinte forma:

“Os antropólogos tem se preocupado mais com parcelas da população Urbana que com aspectos específicos, não havendo preocupação com as macro-unidades, mas sim com as micro-unidades, como é o caso das instituições, grupos, quase-grupos, bairros. Mas, através destas microunidades se tenta ver, seja como um reflexo, seja como uma inversão, a sociedade total”.

O mencionado por Paula Montero, Durham e Trujillo Ferrari, corresponde à questão de articular questões particulares com questões gerais, afirmando a importância dessas mediações. Mesmo assim, as duas interpretações são críticas de uma Antropologia de universos fechados, como disse Montero, ou de um recorte empírico isolado como indicou

²²⁷ Trujillo Ferrari, Alfonso. 1980. “A Antropologia Urbana no Brasil”. In: *La antropologia americana en la actualidad: homenaje a Rafael Girard*. México:Editores Unidos Mexicanos. Tomo II:175-196;

Durham. Mas, do meu ponto de vista, não haveria oposição entre as duas propostas, e sim uma complementaridade. A comunicação entre elas, aliás, tem sido benéfica em vários aspectos. As pesquisas antropológicas (como veremos depois) mantêm-se em constante ponte entre o particular e o geral. Sobre esta questão citarei, de forma breve, alguns autores que refletem e aclaram estes aspectos, principalmente no campo da Sociologia.

Posso iniciar com Giddens,²²⁸ que chamou a atenção para uma tendência de alguns autores de contrapor o micro-social e o macro-social, devendo escolher entre elas, como se fosse uma mais fundamental que a outra ou uma questão de prioridade. Assim, para Giddens, a divisão conceptual de trabalho é um problema. O macro-social estaria mais preocupado com questões estruturais da sociedade e o micro-social com as situações particulares dos agentes. Outro autor, Collins,²²⁹ insiste em que a micro-sociologia de pesquisa, empírica, detalhada, poderia oferecer contribuições para campo da macro-sociologia, oferecendo consistência empírica a teorias que às vezes ficam excessivamente abstratas. Mas, ante isto, Giddens (*ibid.*:115) nós adverte que o macronível não é uma simples agregação de microexperiências.

Apenas como exemplo, entremos um pouco no campo da Sociologia Urbana, sobre cuja situação, nas décadas de 60 e 70, existiu uma série de reflexões. Menciono dois autores que discutiam os problemas do campo. O primeiro, Glass,²³⁰ criticava uma segmentação rígida do estudo da sociedade, indicando que era uma “divisão de tarefas”,

²²⁸ Giddens, Anthony. 1989. *A constituição da sociedade*. SP: Martins fontes. pp. 112-117.

²²⁹ Collins, Randall. 1981. “On the Microfoundations of Macrosociology”. *American Journal of Sociology*. Vol. 86(5):984-1014..

²³⁰ Glass, Ruth. 1966. “Sociologia Urbana”. In: *Sociedad, problemas y métodos de estudio*. A.T. Welford (et.alii). Trad. José Toro. Barcelona: Ediciones Martínez roca. pp. 470-494.

sendo isso anti-sociológico. Refere a dificuldade de definir uma Sociologia Urbana com tal ênfase micro-sociológica, com uma vertente antropológica de pequena escala, constituída por uma série de estudos menores e heterogêneos, que foram feitos em lugares distintos com temáticas de grupos sociais, instituições, organização, vizinhanças, comunidades, relações pessoais, tipos de vida urbano, etc. Segundo Glass, as pesquisas sociológicas desse tipo não formavam parte de esquema de trabalhos mais amplos, não permitindo comparações e generalizações, pois eram completamente isoladas e particulares, além de contarem com um referencial teórico limitado.

O segundo autor, Castells,²³¹ afirmou que a Sociologia Urbana é uma ideologia, que estava intimamente relacionada com a cidade, processo de urbanização e industrialização capitalista, sendo um produto social dentro de uma estrutura de classes e contradições sociais de tendências políticas, em que as políticas de planejamento e o setor público cumprem um papel importante. Para Castells, deve haver uma constante redefinição teórica sobre o que é urbano, urbanização, cidade e espaço dentro de um contexto maior. As suas críticas aos estudos localizados de “cultura urbana” (principalmente americanos), que tratavam de adaptação, desorganização social, subculturas, estilos de vida, etc., sugeriam uma visão limitada e particular da sociedade.

Para Castells (*ibid.*:42), a especificidade urbana deve ser estudada dentro de uma unidade espacial e social, dentro de um sistema inserido em processos e transformações da sociedade. A crítica aos estudos localizados de uma perspectiva empirista fica evidente.

²³¹ Castells, Manuel. 1972. *Problemas de investigación en Sociología Urbana*. México: siglo XXI pp.3-71

Estudos do microcosmos tomados como um todo produzem um distanciamento das teorias gerais na pesquisa urbana.

A oposição entre micro-social e macro-social, como declara Goldman (1995:115, 141), mostra os perigos que levam a uma série de ambigüidades. O macro não é um somatório de micros justapostos, e o micro não é um macro reduzido, sendo que a oposição entre elas daria a entender que uma teria hegemonia sobre a outra (*ibid.*:116). Para Montero (1991:120) o micro/macro sempre terá relação entre si:

“No entanto, diante da mutabilidade e da falta de organicidade dos novos objetos antropológicos, não é solução satisfatória procurar restituí-la, pelo microscópico, ao interior da própria sociedade contemporânea. Por mais diminuto que seja o recorte que se faça da realidade e por maior que seja sua coerência interna, esse objeto estará necessariamente permeado por relações cuja lógica os ultrapassa ... a miragem das sociedades coerentes e a-ideológicas precisa ser revista ... limitar a Antropologia das sociedades complexas à análise do microscópico ou das 'estruturas elementares' é renunciar de antemão à compreensão da dinâmica inerente às nossas sociedades”.

Para encerrar esta pequena discussão sobre a Sociologia Urbana e as questões micro/macro, tanto Montero quanto Goldman (*op.cit.*:116, 117, 148), expressam que a Antropologia parece ter uma grande vantagem sobre outras disciplinas, porque sempre tem oscilado entre uma ambição totalizadora mais ampla e um particularismo que dificilmente se encontra em outras disciplinas, residindo neste paradoxo a sua originalidade e contribuição.

Segundo Goldman (*ibid.*:148), a Antropologia, devidamente instruída por um olhar de mais de cem anos de observação fina de outras culturas, poderia produzir melhores

resultados. Contudo, a escolha do objeto constitui uma dimensão fundamental, isto é, a Antropologia oferece constantemente uma visão unificadora entre o micro-social e o macro-social.

Desde a década de 70 se tem feito esforços para manter sempre essa relação micro/macro na Antropologia. No entanto, é nas décadas posteriores (80-90), que se têm multiplicado e acumulado pesquisas urbanas, o que considero ser um ponto importante quanto ao crescimento e consolidação do campo científico. Mas, se observamos de outro ângulo, esta multiplicidade de pesquisas traz algumas limitações, e posso então concordar com Durham quando se refere aos problemas que este crescimento pode ter trazido:

“Mas, se estamos certamente lidando de forma original e criativa com temas que nós parecem, como aos demais, importantes e fascinantes, por outro lado pode-se notar uma certa inconsistência dos resultados, uma multiplicação de pesquisas e de abordagens que não se somam nem se integram, uma certa perplexidade sobre o que fazer com as conclusões parciais e divergentes que estamos acumulando ... parece portanto ser oportuno, nesse momento, uma reflexão crítica sobre o conjunto da produção antropológica recente no Brasil ... Examinando a produção antropológica recente de investigadores que pesquisam nas cidades, a reflexão anterior parece muito pertinente. Nesses trabalhos, duas tendências aparecem com muita nitidez. De um lado, a valorização dos métodos qualitativos tradicionais de investigação empírica, com ênfase na observação participante. E, de outro, a preocupação com a análise da dimensão simbólica, dentro de uma abordagem culturalistas ... Tomemos a primeira tendência. Nota-se em primeiro lugar, a predominância dos estudos detalhados de grupos, categorias ou situações sociais delimitados, que incluem número restrito de pessoas e que são vistas de dentro, com ampla utilização da observação participante. Com efeito, uma das características mais visíveis e positivas dessa produção é justamente a valorização da observação participante e a preocupação com a natureza do pesquisador com a população estudada ... embora o conhecimento assim produzido seja, obviamente, considerado incompleto ... mas as questões metodológicas mais fundamentais não foram objeto de uma reflexão generalizada. Essas dizem respeito à relação sujeito-objeto e à natureza do conhecimento ...” (Durham op.cit.:19, 23, 25).

Apesar da reflexão de Durham sobre a acumulação de pesquisas antropológicas nas cidades, e a relação teoria e dados, ressalta-se a importância de valorizar a pesquisa qualitativa através da observação participante. Esta questão realmente foi um dos fatores que permitiu à Antropologia ter legitimidade na sua produção. Mas, como podemos medir um campo heterogêneo de pesquisas antropológicas?

2. O modo de vida urbano: pesquisas antropológicas:

Este tópico trata das pesquisas antropológicas, principalmente através de dissertações e teses que tratam dos estudos de populações urbanas feitos nos anos 70 na sua maioria desenvolvidas com o crescimento da Pós-Graduação em Antropologia. Devido à grande quantidade de pesquisas e temáticas, é impossível expô-las em poucas linhas.²³² Esta situação me levou a uma atitude seletiva, de escolher cinco trabalhos representativos do campo da Antropologia dos grupos urbanos (como veremos depois). Mas, antes disso, apresento uma reinterpretação de dados, obtidos em três trabalhos de Rubim, Valladares, Valladares e Sant'Anna, que oferecem uma informação quantitativa sobre pesquisas Urbanas.

O primeiro trabalho, o de Rubim,²³³ apresenta dados estatísticos das dissertações e teses de Antropologia. Desse amplo material, extraio os dados correspondentes ao campo

²³² Me apoio em três levantamentos que mostram uma ampla bibliografia que inclui pesquisas urbanas. Para o Museu Nacional do Rio de Janeiro, Velho, Gilberto. 1979. "Dissertações de Mestrado de Antropologia defendidas no Museu Nacional (UFRJ): período 1970-1977". *Revista de Antropologia*. Vol. 22:165-169. Para a UNICAMP, Fry, Peter. 1979. "Dissertações de Mestrado de Antropologia defendidas na Universidade de Campinas: período 1976-1978". *Revista de Antropologia*. Vol. 22:173-174 e também, IFCH. 1994. *Relação de teses, formandos, publicações e acervos: 25 anos*. Campinas:Gráfica do IFCH. No caso da USP, Oniki, Kasuko. 1981. "Teses e dissertações de Antropologia defendidas na Universidade de São Paulo (em ordem cronológica), período 1978/1981". *Revista de Antropologia*. Vol. 24:153-155. Além destes trabalhos, fiz um mapeamento na Base bibliográfica sobre o Brasil urbano no URBANDATA do IUPERJ.

²³³ Rubim, Christina de Rezende. 1996. *Antropólogos brasileiros e a Antropologia no Brasil: a era da Pós-Graduação*. Tese de Doutorado. IFCH-UNICAMP.

da Antropologia Urbana, que permitem ter uma idéia do seu crescimento. Do mesmo modo, utilizo os dados que tratam de três Programas de Pós-graduação, como o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGAS –, a Universidade de São Paulo – USP– e a Universidade Estadual de Campinas –UNICAMP. A escolha dos programas deve-se ao fato de que a eles pertencem a amostra dos antropólogos entrevistados, à exceção de uma socióloga do IUPERJ. Os dados de Rubim mostram o crescimento do campo da Antropologia Urbana desde os anos 70 até hoje, e confirmam o aumento de pesquisas às quais venho me referindo no percorrer da tese. Embora exista uma ampla quantidade de trabalhos, a maioria de dissertações feitas na década de 70 não foram publicadas, encontrando-se dispersa pelas bibliotecas.

A pesquisa feita por Rubim, além dos três Programas mencionados incluiu também o da Universidade de Brasília. Em dados totais, Rubim (:338) destaca que nós quatro Programas das décadas de 70 e 80, as temáticas mais recorrentes foram: Antropologia Urbana 24,66 %, em comparação com a Etnologia – 18,00 %; Antropologia do campesinato 17,66 % e Antropologia da religião 11,33% (:338). O campo da Antropologia Urbana, como se pode constatar, é o que mais dissertações tem. Os dados de Rubim confirmam o crescimento do campo desde os anos 70 até hoje

Em termos específicos ressalto, para o Museu Nacional, as temáticas: 29% de Antropologia Urbana em comparação com 26% de Antropologia do campesinato, Etnologia 12 % e Religião 11 % (Rubim:141, 144 e 145). No que se refere à Universidade de São Paulo, temos na Antropologia Urbana 22 %, em relação a Etnologia 30 %, e Antropologia do campesinato 11 %, ficando a Antropologia Urbana no segundo lugar

(:255, 260 e 261). Para a UNICAMP, tem-se, Antropologia Urbana 29 %, gênero 16 %, saúde 15 % e religião 11 % (:302, 305 e 306). Em termos quantitativos, os dados de Rubim sobre os três Programas revelam, mais uma vez, o crescimento das pesquisas de Antropologia Urbana em comparação com outras áreas.

Outros dados do detalhado trabalho de Rubim podem ajudar a compreender os primeiros anos do campo. Em primeiro lugar, Rubim menciona as metodologias de pesquisa mais usadas nas dissertações nos quatro Programas, correspondendo em termos gerais a uma proporção de técnicas. Sobressaindo o uso de entrevistas, com 64,66 %, observação participante 64,00 % e diário de campo 14,66% (ver Tabela no. 46).²³⁴

Em segundo lugar, o dado interessante consiste nas palavras-chaves, onde as porcentagens maiores referem-se às categorias de ideologia 37, 33 %, identidade 29,00 %, representações 28,00 % (ver Tabela 47). Em terceiro lugar, quanto ao número de orientadores de dissertações, cito a temática da Antropologia Urbana nas décadas de 70-80, onde aparecem os Professores Gilberto Velho com 18, 91 %, Ruth Cardoso 6, 75, Otávio Velho 5, 40 % e outros (ver Tabela no. 35). Todos estes dados, fornecidos por Rubim, apoiam o meu argumento sobre a construção do campo intelectual nos seus inícios, sua legitimidade e crescimento frente a outras disciplinas.

²³⁴ Os números das tabelas que cito correspondem à ordem que Rubim estabeleceu no seu trabalho.

Tabela N° 46
Proporção de Dissertações por Técnicas de
Pesquisa de Campo Utilizadas nos Mestrados em Antropologia
Social da UNB, USP*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70 e 80:**

Entrevistas	Obs. Participante	Diário de Campo	Questionários	Histórias de Vida	Fotografias	Survey
64,66%	64,00%	14,66%	11,66%	10,66%	9,00%	7,66%

Fonte: Dissertações em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

*Minha amostra; Novo Regimento.

**A soma é maior que 100% porque cada pesquisa pode ter se utilizado de duas ou mais técnicas de pesquisa de campo.

Tabela N° 47
Proporções de Dissertações por
Palavras-Chave Utilizadas nos Mestrados em Antropologia
Social da UNB, USP*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70 e 80:**

Ideologia	Identidade	Representações	Estrutura	Simbolismo	Cultura	Capitalismo	Organização Social
37,33%	29,00%	28,00%	17,66%	15,33%	14,66%	12,66%	10,66%

Fonte: Dissertações em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

*Minha Amostra; Novo Regimento.

**A soma é maior que 100% porque cada pesquisa pode ter se utilizado de duas ou mais palavras-chave. Foram computados o conceito central e seus derivados como, por exemplo, capital, capitalismo capital monopolista etc.

Tabela N° 35
Proporção de Dissertações por
Professor Orientador na Temática Antropologia Urbana
nos Mestrados da UNB, USP*, Museu Nacional e Unicamp nas Décadas de 70 e 80:

PROFESSORES	INSTITUIÇÕES	(%)
Gilberto Velho	Museu Nacional	18,91%
Ruth Cardoso	USP	6,75%
Otávio Velho	Museu Nacional	5,40%
Francisca Keller	Museu Nacional	5,40%
Carlos Rodrigues Brandão	UNICAMP	4,05%
Eunice Durham	USP	4,05%
Peter Fry	UNICAMP	4,05%
Roberto Cardoso de Oliveira	UNB	4,05%
Roberto Da Matta	Museu Nacional	4,05%
Alba Maria Zaluar	UNICAMP	2,70%
Antônio Augusto Arantes	UNICAMP	2,70%
Giralda Seyferth	Museu Nacional	2,70%
Neuma Aguiar	Museu Nacional	2,70%
Rubem Cesar Fernandes	UNICAMP	2,70%
Bela Feldman-Bianco	UNICAMP	2,70%
Luiz de Castro Faria	Museu Nacional	2,70%
Mariza Peirano	UNB	2,70%
Teófilo de Queiroz Jr.	USP	2,70%
José Sérgio Leite Lopes	Museu Nacional	1,35%
Leôncio Martins Rodrigues	USP	1,35%
Lux Vidal	USP	1,35%
Mireya Suarez	UNB	1,35%
Roger Walker	UNB	1,35%
Shelton Davis	Museu Nacional	1,35%
Verena Stolcke	UNICAMP	1,35%
Fernando Augusto Mourão	USP	1,35%
Júlio César Melatti	UNB	1,35%
Lia Zanotta Machado	UNB	1,35%
Lygia Sigaud	Museu Nacional	1,35%
Eduardo Viveiros de Castro	Museu Nacional	1,35%
Guilherme Raul Ruben	UNICAMP	1,35%
Klaas Woortmann	UNB	1,35%

Fonte: Dissertações e Pós-Graduação em Antropologia Social da UNB, USP, MN e Unicamp.

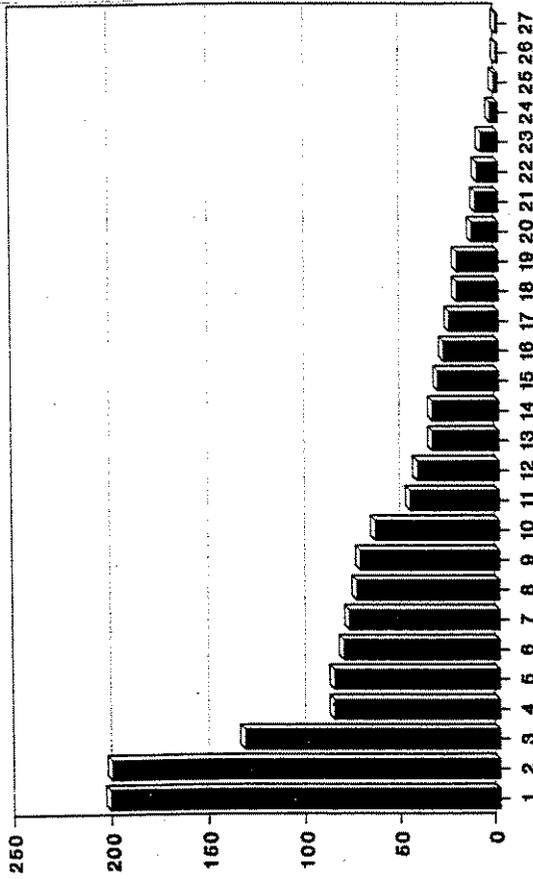
*Minha amostra: Novo Regimento.

O segundo trabalho é um catálogo de teses do Brasil urbano, de Valladares²³⁵, que oferece uma lista de 1001 teses que foram defendidas entre 1940-1989, todas elas de várias disciplinas. Apesar de que não trata especificamente de estudos antropológicos, menciono o catálogo a modo de ilustração, para demonstrar a importância da pesquisa urbana no Brasil. Cito alguns gráficos que são representativos deste desenvolvimento, onde se observa o número de teses defendidas no Brasil e no exterior, predominando as feitas no país. Também se observam as vinte e sete áreas temáticas que foram propostas, uma maneira de organizar o amplo material urbano, sobressaindo as temáticas de: estrutura urbana e metropolitana, habitação, estrutura econômica, pobreza urbana e modo de vida, imaginário social e cotidiano, (esta última temática, segundo a organização de Valladares, corresponde aos estudos antropológicos). Um outro gráfico aponta para o número de teses defendidas por década, começando o crescimento nos anos 70 e aumentando gradualmente nos anos 80 (Ver gráfico). O terceiro trabalho é outro catálogo de teses, desta vez sobre o Rio de Janeiro 1960-1990, organizado por Valladares e Sant'Anna,²³⁶ que apresentam um quadro das áreas temáticas mais estudadas. De igual forma, mostra-se um gráfico que indica o número de teses defendidas por década onde, nos anos 70, começa a produção de pesquisas e vão aumentando nos anos 80, dados similares aos mencionados no catálogo que citei anteriormente. Do mesmo modo, um gráfico em forma de pizza que representa o número de teses publicadas – 12 % – e de teses não publicadas – 88 % – aspecto interessante e que reflete a grande quantidade de trabalhos que ficaram sem publicar, desconhecidos portanto para um público maior (Ver os dois gráficos a seguir).

²³⁵ Valladares, Lícia do Prado (et.alii). 1991. *1001 teses sobre o Brasil urbano: catálogo bibliográfico (1940-1989)*. RJ:IUPERJ-ANPUR.

²³⁶ Valladares, Lícia do Prado e Maria J. G. Sant'Anna. 1992. *O Rio de Janeiro em teses: catálogo bibliográfico (1960-1990)*. CEP:Rio e URBANDATA (IUPERJ).

Teses por Areas Temáticas

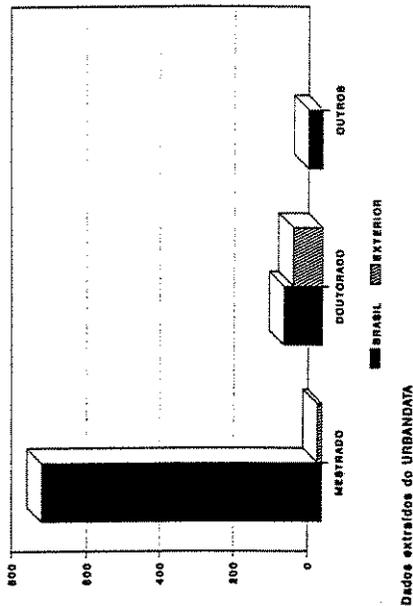


No. Teses

Dados extraídos do URBANDATA

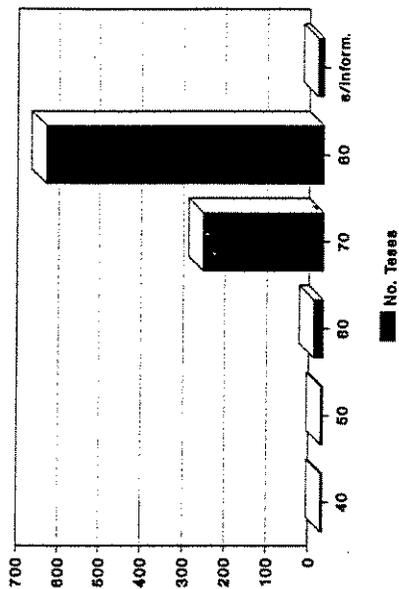
- 1 - Estrutura Urbana e Metropolitana
- 2 - Habitação
- 3 - Estrutura Econômica
- 4 - Pobreza Urbana
- 5 - Modo de Vida, Imaginário Social e Cotidiano
- 6 - Crescimento Populacional e Migração
- 7 - Solo Urbano
- 8 - Práticas Processo de Planejamento Urbano
- 9 - Processo de Urbanização
- 10 - Movimentos Sociais
- 11 - Sistema Urbano
- 12 - Transporte
- 13 - Ideologia e Política Institucional
- 14 - Estrutura Social Urbana
- 15 - Infra-Estrutura Urbana, Equipamentos Coletivos e Serviços Urbanos
- 16 - Evolução Urbana
- 17 - Meio Ambiente e Qualidade de Vida Urbana
- 18 - Administração e Finanças Públicas
- 19 - Construção Civil
- 20 - Setor Informal
- 21 - Políticas Públicas
- 22 - Poder Local
- 23 - Violência Urbana
- 24 - Novas Tecnologias e Meio Urbano
- 25 - Experiências e Práticas Alternativas
- 26 - Energia e Cidade
- 27 - Patrimônio e Preservação Histórica

Tipo de Tese Defendidas no Brasil e no Exterior



Dados extraídos do URBANDATA

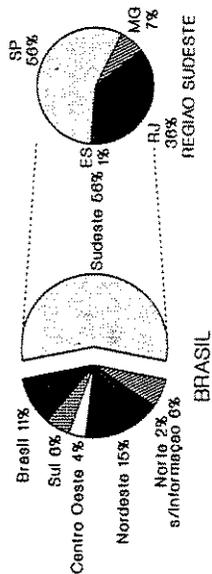
Teses Defendidas por Décadas



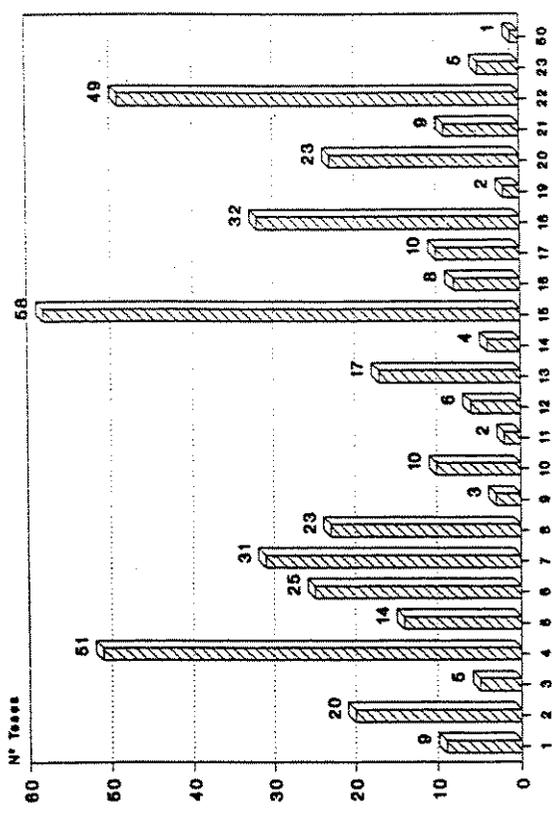
No. Teses

Fonte: Dados extraídos do URBANDATA

Teses por Referência Espacial



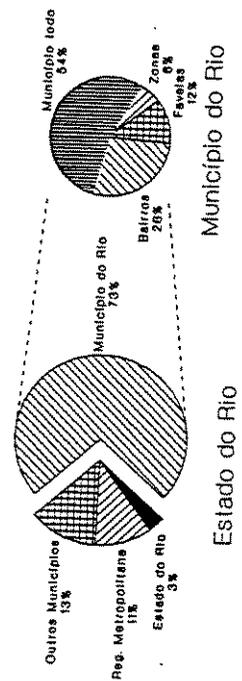
Teses por Area Temática



Dados extraídos do URBANDATA

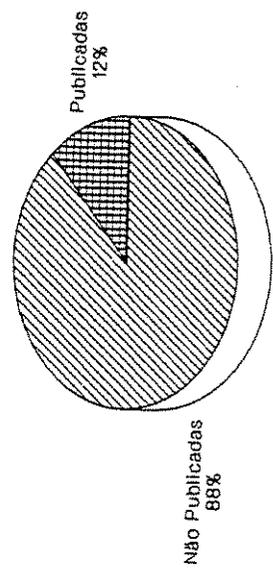
- 1 - Processo de Urbanização
- 2 - Evolução Urbana
- 3 - Sistema Urbano
- 4 - Estrutura Urbana e Metropolitana
- 5 - Crescimento Populacional e Migração
- 6 - Estrutura Econômica, Mercado de Trabalho
- 7 - Solo Urbano
- 8 - Práticas e Processo de Planejamento Urbano
- 9 - Políticas Públicas
- 10 - Ideologia e Política Institucional
- 11 - Poder Local
- 12 - Administração e Finanças Públicas
- 13 - Infra-Estrutura Urbana, Equipamentos Coletivos e Serviços Urbanos
- 14 - Transporte
- 15 - Habitação
- 16 - Construção Civil
- 17 - Estrutura Social Urbana
- 18 - Pobreza Urbana
- 19 - Setor Informal
- 20 - Movimentos Sociais
- 21 - Violência Urbana
- 22 - Modo de Vida, Imaginário Social e Cotidiano
- 23 - Meio Ambiente e Qualidade de Vida Urbana
- 24 - Experiências e Práticas "Alternativas"
- 50 - Temáticas Emergentes

Teses por Referência Espacial



Dados extraídos do URBANDATA

Teses Publicadas em Livro



Dados extraídos do URBANDATA

Os dados fornecidos por Rubim, Valladares e Sant'Anna permitem uma idéia da situação heterogênea dos estudos urbanos no Brasil. No caso de Rubim, mais especificamente para a Antropologia Urbana, mostra o aumento de dissertações no campo disciplinar. Já Valladares apresenta em termos gerais as pesquisas urbanas a nível nacional, organizadas em várias temáticas. Valladares e Sant'Anna ilustram um dado importante, que corresponde ao baixo número de teses publicadas no Rio de Janeiro, em comparação ao alto número de trabalhos produzidos.

Se tomamos como uma questão geral, os dados de Rubim, Valladares e Sant'Anna refletem a existência de um grande número de dissertações com diferentes objetos de estudos, que não são publicadas e que são pouco conhecidas. Em termos atuais, isto continua acontecendo, e se pensarmos na década de 70, quando se iniciam os estudos antropológicos, teríamos poucas dissertações e teses publicadas como era de se esperar nos inícios da construção do campo. Embora algumas editoras começassem a publicar teses como livros, não foi o suficiente.

Esta limitação converte-se em um dos critérios de seleção da pequena amostra de cinco pesquisas antropológicas pioneiras, das quais tratarei nos tópicos seguintes. Integradas por duas teses de doutorado e uma dissertação de mestrado publicadas como livros²³⁷, e duas coletâneas. As pesquisas que apresentarei são as que mais têm recebido um reconhecimento por sua importância na pesquisa urbana, por construírem e refletirem a

²³⁷ Nos anos 70, o Rio de Janeiro diferente de São Paulo, foi o lugar de maior publicação de dissertações de mestrado, como por exemplo: Goldwasser, Maria Julia. 1975. *O palácio do Samba: estudo antropológico da escola de samba. Estação primeira de Mangueira*. RJ:Zahar Editores. Leopoldi, José Sávio. 1978. *Escolas de Samba, ritual e sociedade*. Petrópolis:Editora Vozes e Velho, Yvonne Maggie Alves. 1977. *Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito*. RJ:Zahar Editores. Além de uma coletânea, Velho, Gilberto (org). 1974. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia*

sociedade brasileira nós anos 70, sendo uma amostra heterogênea em questões de teoria, metodologia e tratamento dos dados. Ao mesmo tempo, adiciono depoimentos que comentam as pesquisas ou as condições em que foram feitas.

As cinco pesquisas mostram uma parte da realidade da época, estudando os modos de vida dos grupos urbanos em diferentes situações, seja na favela, em um prédio de Copacabana, migrações para a cidade, carnaval e lazer na periferia da cidade. Estudos feitos de diferentes ângulos e que permitiram um conhecimento do ponto de vista do sujeito que mora no meio urbano. Entre eles se observa um tronco comum de teoria antropológica e metodologias de trabalho de campo e de observação participante.

No campo intelectual se localizam as cinco pesquisas, tanto no nível teórico – nas questões de flexibilidade e simultaneidade de esquemas teóricos e sua articulação – quanto no nível de pesquisas que proporcionam etnografias palpáveis de uma realidade da época. Os seus autores, representantes de uma geração, que compartilharam um espírito da época e uma realidade com diversas transformações, relataram nas suas pesquisas uma realidade urbana em desenvolvimento.

2.1 Favelas: a Sociologia do Brasil urbano:

O livro de Anthony Leeds, *A Sociologia do Brasil urbano*²³⁸, em termos gerais foi uma coletânea de trabalhos escritos entre 1962-1977, feitos em um período de urbanização no

social. RJ:Zahar Editores.

²³⁸ Leeds, Anthony e Elizabeth Leeds. 1978. *A Sociologia do Brasil urbano*. Trad. M.L. V. De castro. RJ:Zahar Editores

Brasil. A escolha do livro deve-se ao fato de ser um dos primeiros trabalhos de uma perspectiva antropológica, dentre os que vinham sendo feitos desde os anos 60 e 70 no Rio de Janeiro. Ressalvo que alguns dos trabalhos no livro tratam de dados de outros estados e comparações com países como Peru e Chile. Por que a escolha? No livro, encontramos diversos temas estudados, principalmente as favelas, carreiras brasileiras, a panelinha, ruralidade na cidade e moradia no Rio de Janeiro. Estudos que podem ser considerados como uma Antropologia na cidade. Embora em alguns momentos Leeds tente trabalhar com a categoria cidade tomada como a totalidade, o foco central são as relações de poder local.

Em todos os textos Leeds mantém um constante diálogo com o marxismo, principalmente com as categorias de classe social. Ele pretende, no percorrer do livro, dar substância empírica ao conceito, embora indique os seus limites. O problema central do texto é mostrar como a favela com o seu poder local estaria dentro de um poder maior, supralocal. A ênfase no poder, conflito e política, permeia o livro todo. Contudo, utiliza outras abordagens, como a teoria geral de sistemas, com o objetivo de juntá-la com o marxismo, surgindo o que ele chamou de “abordagem sistêmica geral materialista”, que seria o referencial teórico do livro.

O livro não é propriamente um estudo monográfico. Em alguns dos capítulos trabalha dados etnográficos apontando que pertencem a uma pesquisa maior. Do mesmo modo, os textos são uma tentativa de relacionar questões micro-sociais com elementos macro-sociais, trabalhando neste caso as favelas como unidades micro-sociais e o poder supralocal como um aspecto maior na estrutura social. As favelas foram vistas por Leeds como localidades com uma organização social, interação social, laços de parentesco, níveis de residência (unidade ecológica), papéis sociais, status, redes e relações de poder. As favelas, para Leeds, possuem

seus grupos sociais como família, associações, vizinhanças e vida associativa, praticamente uma organização local entre elas.

É dentro destas relações sociais da favela que Leeds estuda as carreiras (cabide e panelinha), como unidades socioculturais, através de entrevistas, histórias de vida e trajetórias. A meu ver, este é um dos trabalhos mais interessantes de Leeds, que fez um levantamento de várias carreiras para detectar posições em entidades sociais e poder local, pesquisando em vários estados do Brasil. O resultado foi uma série de conexões e redes que mostravam o ascenso ou descenso dos indivíduos. O que Leeds encontrou foi uma rede de relações sociais consangüíneas, de parentesco, de afinidade, amizade e compadrio. A panelinha estaria mais relacionada com fins políticos, através de grupos informais de cooperação, principalmente a nível local e supralocal, que passa pelas estruturas do poder municipal e estadual.

Um aspecto importante do livro de Leeds é a constante tentativa de relacionar a favela com o seu poder local em relação como o poder supralocal, representado pelo Estado, sistema bancário, economia nacional, sindicatos, partidos políticos, associações, burocracia, educação etc. A favela possui sua própria organização política e se vê frente a um poder maior, e deve negociar com essas instâncias superiores. O livro de Leeds fornece uma informação sobre os anos 60 e 70 do estudo de favelas no Rio de Janeiro, com trabalhos pioneiros desse tema no Brasil, sendo um livro obrigatório para quem se interessa na pesquisa urbana no país.

É importante apresentar alguns depoimentos sobre a presença de Anthony Leeds no Brasil e seu trabalho nas favelas do Rio de Janeiro, assim como um pouco da sua trajetória acadêmica contada pelos entrevistados. Aliás, sobre a sua influência ou não na pesquisa

urbana brasileira. Em um primeiro depoimento observam-se as influências teóricas de Leeds, que confirmam o que foi escrito no resumo da pesquisa descrita, sobre a presença de um materialismo cultural, marxismo e teoria de sistemas:

“... Eu tive um professor aqui, que foi muito importante, o Anthony Leeds ... que deu o primeiro curso de Antropologia Urbana no Museu, é possível que no Brasil, que foi no, em 1969, há trinta anos atrás portanto, no segundo semestre de 1969, um pequeno grupo fizemos esse curso²³⁹. Eu fiz o curso, e no curso, no paper final foi sobre um prédio de Copacabana, não o onde eu morava, mas um muito famoso chamado Barata Ribeiro 200, que era um prédio notável, aparecendo no jornal, “balança mas não cai”, um prédio tumultuado, cheio de conflitos, prostituição, drogas, polícia de vários modos, eu fiz um paper sobre esse prédio ... Anthony Leeds, então, foi o professor que deu essa cadeira, e muito interessante ... ele ensinava, na época ele era professor na Universidade do Texas em Austin, ele tinha muitas diferenças grandes em relação à Escola de Chicago, ele não era seguidor da Escola de Chicago, ele fazia uma mistura de um certo materialismo marxista com um materialismo americano com um evolucionismo americano, embora ele conhecesse até certo modo a Escola de Chicago. Ele tendia a ser um pensador muito original, ele me influenciou, sobretudo porque abriu um espaço; no entanto, teoricamente, ele não me influenciou tanto teoricamente, mas foi uma pessoa que me abriu um espaço e reconheceu a importância do tipo de trabalho que eu estava interessado, porque naquela época aqui no Museu estudava-se índios, grupos indígenas e campesinato ou contato, fricção interétnica, não havia Antropologia Urbana de maneira nenhuma, não era uma coisa, ninguém ficou contra, mas evidentemente algumas pessoas estranharam, sem dívida estranharam ...” (Entrevista Gilberto Velho)

É interessante observar que o curso de Antropologia Urbana dado por Leeds, em 1969, pode ser considerado como o primeira disciplina dada com esse nome no Brasil. Uma outra questão corresponde ao apoio de Leeds a Gilberto Velho nos inícios da sua carreira profissional, assim como o desafio de pesquisar na cidade, permitindo um espaço para produzir nessa área em um momento em que a Etnologia era muito forte no Museu

²³⁹ Na pesquisa em arquivos sobre programas de curso de Antropologia Urbana, procurei este programa de Leeds, mas não foi possível encontrá-lo. No entanto, achei para o Museu Nacional programas de 1975 até 1979.

Nacional. Em um outro depoimento, Gilberto Velho expressa esse momento de pesquisar um novo objeto de estudo e o estímulo de Leeds:

“Embora eu tivesse o apoio de algumas pessoas, fundamentalmente houve, sem dúvida, um sabor um pouco herético no trabalho que eu fazia. Tive um professor norte-americano de Antropologia Urbana que estava no Rio e que me estimulou muito - Anthony Leeds -” (Depoimento de Gilberto Velho in Bastos e Cordeiro op.cit.:321, 322)

Para outros antropólogos, como José Magnani e Ana Niemeyer, Leeds não teve impacto em São Paulo:

“... o Leeds, porque no Rio a favela era mais presente do que em São Paulo, aqui o mais presente para nós é a periferia, mas aqui não rendeu muito ...” (Entrevista José Magnani)

“... o Leeds, eu tinha referência dele, fazia leituras, então não foi alguém que me influenciou propriamente. Ele fazia pesquisa de campo simultaneamente eu acho, se não me engano, né, assim nas datas, né, não era alguém que tivesse uma contribuição teórica ...” (Entrevista Ana Niemeyer)

Para Bela Bianco, todavia, Leeds foi importante nos seus estudos de pesquisa urbana. Isto mostra cada vez mais que não se pode pensar um campo científico sem ter em mente uma flexibilidade de situações, autores e obras. Para alguns, Leeds foi influente enquanto para outros não:

“... o Anthony Leeds para mim foi importante, né, na década de 70 foi muito importante, inclusive o trabalho dele sobre panelinhas e também toda a forma que ele pensava, a assim chamada Antropologia Urbana, para mim foi importante, mas foi, o Anthony Leeds foi importante, eu li tudo do Anthony Leeds ...” (Entrevista Bela Bianco)

Um depoimento mais pessoal é dado por Lícia Valladares, expressando a importância de Leeds no Rio de Janeiro. O depoimento mostra as redes acadêmicas e

interesses de pesquisa dentro do campo científico, assim como os seminários informais que reuniam diversos pesquisadores de várias nacionalidades interessados nas favelas do Rio de Janeiro. Vejamos:

“... tem uma parte da minha história que eu não contei, acho que importante, e tem a ver com a minha relação com Anthony Leeds, e que é uma relação tão importante. Que quando Gilberto Velho me convida para transformar minha tese em livro, ele sabia da minha relação com Anthony Leeds. Anthony Leeds, não sei se você sabe, foi um antropólogo americano, que elegeu as favelas do Rio de Janeiro como seu terreno de pesquisas, e eu tinha conhecido Leeds no Centro Latino-americano (CLAPCS). O Anthony Leeds ia sempre lá, assim como a USPS-Cours que trabalhava com favela, como Paul Silberstein, também, Lucien Parisse, que também trabalhou com favela, outro francês que fazia tese e freqüentava o Centro de Estudos Latino-americanos. E o Anthony Leeds me convidou para participar de um seminário informal que organizava na casa dele, a onde ele juntava, né, pessoas que estavam trabalhando sobre as favelas no Rio de Janeiro, e neste seminário eu conheci vários americanos, né, e estreitei os meus laços com alguns brasileiros, como por exemplo o Luiz Antônio Machado da Silva ... não havia ainda os cursos de Pós-Graduação no Rio de Janeiro, não havia ainda no Museu Nacional, o IUPERJ ainda não existia, o que tinha era o Centro Latino-americano como grande centro, né, e coisas informais do tipo do Anthony Leeds, e isso, e olhando para trás hoje, é bem diferente de São Paulo. Em São Paulo você tinha, né, você teve a USP, você teve a Escola de Sociologia e Política, você tinha um Donald Pierson lá, não mais nessa época, mas você tinha um grupo, uma coisa institucionalmente muito mais forte ...” (Entrevista Licia Valladares)

O depoimento é bastante ilustrativo, porque indica a importância das reuniões informais para discussão de determinada temática de estudo. O depoimento de Lícia Valladares compara Rio de Janeiro e São Paulo nas questões institucionais. Mas, esclareço, era o momento anterior à Pós-Graduação. Depois as instituições cresceram, impulsionando a pesquisa urbana. Este desenvolvimento institucional confere com aumento do número de dissertações e teses, como vimos anteriormente. De igual forma, aumenta o intercâmbio entre professores dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia.

2.2 Copacabana, a utopia Urbana:

O livro de Gilberto Velho, *A Utopia Urbana*,²⁴⁰ pode ser considerado como um dos primeiros trabalhos antropológicos no meio urbano na década de 70. Inicialmente apresentada como Dissertação de Mestrado, em 1971, a pesquisa foi feita no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, em um prédio localizado bem na cidade. O objetivo era saber por que as pessoas se mudavam para Copacabana. O que as levava? Mas a pesquisa não ficou somente no prédio, pretendia entender como se relacionava com o bairro, a cidade e o Brasil, numa tentativa de não isolar o micro-social do macro-social.

O livro inicia-se com uma descrição sobre as dificuldades do campo da Antropologia Urbana como disciplina, tendo em vista os poucos estudos na época. Remete para a importância da Antropologia, pelo seu método de pesquisa e pelo fato de ser uma disciplina que deveria ser flexível e aberta a uma interdisciplinaridade. Um estudo desta natureza (um prédio em Copacabana), seria um ponto de partida para futuros desdobramentos. O objeto de estudo foi uma classe média ou *white collar*, em um prédio de Copacabana. O problema central era saber como se dava essa mobilidade espacial para Copacabana, quais as suas causas. Com esta pergunta em mente, Gilberto Velho, através de entrevistas com 450 moradores, histórias de vida, questionários e observação participante (o autor viveu no prédio por mais de um ano), tentou entender que aspectos ou representações levavam um grupo social a procurar um bairro famoso no Rio de Janeiro.

²⁴⁰ Velho, Gilberto. 1973. *A utopia urbana: um estudo de Antropologia social*. RJ:Zahar Editores.

A etnografia foi feita com moradores do prédio e com os habitantes do bairro. Pesquisou-se a história do bairro, o prédio, a demografia, os anos de maior urbanização e a vida doméstica. Entre os pontos principais, Velho analisou a distribuição espacial, local de residência, mudanças de bairro, status, prestígio e ascensão social, estando todos estes elementos relacionados com o lugar de residência: o bairro de Copacabana. Com os dados, Velho construiu uma série de tabelas que permitem ver com clareza aspectos da vida dos moradores do prédio. Nelas se mostram as ocupações dos moradores, idade, tempo de moradia no prédio e procedência dos moradores. Além das tabelas, Velho usa a técnica das histórias de vida, que estão no anexo do livro, proporcionando elementos que refletem prestígio e status de morar em Copacabana.

Gilberto Velho sugere as unidades mínimas ideológicas que definem as representações do grupo de moradores em relação a Copacabana. Isto permitiu ao autor conhecer como estas unidades mínimas se combinam, formando conjuntos articulados. Entre elas, ressalta o *comércio* como uma das facilidades de viver no bairro; os *parentes*, a relação com a família e sua importância; a *liberdade*, que define fazer tudo sem restrições; o *moderno*, que representa a felicidade, o divertimento; a *variedade*, que tratava de diferentes tipos de pessoas que freqüentavam o bairro e *viver*, que significava alegria, facilidades, lugar onde tem vida. Estes achados etnográficos permitem conhecer as práticas sociais de como os indivíduos organizam seus espaços e suas próprias representações.

Os resultados do trabalho revelaram aspectos como religião, símbolos, comportamentos, tensões, conflitos, estigmas, relações sociais, sistemas de classificação, consumo e hierarquias no bairro. Confirmando que o prestígio social dos moradores era

definido pelo lugar de residência, o fato que marcava a identidade social de cada um deles. No entanto, o prédio não tinha boa fama, e isso não permitia que os moradores estivessem completamente seguros de seu prestígio como moradores. O trabalho de Gilberto Velho tocou um tema inovador naqueles anos, talvez inaugurando uma nova fase da Antropologia no Brasil.

Incluo aqui depoimentos que revelam o ambiente de pesquisa de Gilberto Velho quando fez o trabalho de *Utopia Urbana*, indicando as situações pessoais, teóricas e metodológicas da história dessa pesquisa feita, como ele indicou, “no início do início”:

*“Então, por circunstâncias pessoais também, depois que eu casei, eu era estudante ainda. Nós fomos morar num prédio em Copacabana de pequenós apartamentos, que era um prédio que tinha características muito diferentes do prédio que eu morava com meus pais. Embora fosse muito próximo, e aquilo me deixou fascinado, como é que uma proximidade tão grande poderia ter modos de vida tão diferentes? Isso deu origem a minha dissertação de Mestrado, *A utopia Urbana*. Agora, então, eu tinha interesse pelo comportamento, pelos valores das camadas médias, então no meu caso eu estudo a Antropologia Urbana no início do início ligado a isso, depois ele vai-se ampliando, vai assumindo outras preocupações, mas tem muito esse sentido, não só Antropologia Urbana, mas camadas médias ... o prédio onde eu morava e a pesquisa sobre Copacabana em geral, o estudo de caso, havia uma série de outros recursos, foram aplicados questionários, entrevistas de observação em Copacabana em geral ...”*
(Entrevista Gilberto Velho)

Em outro depoimento, Gilberto Velho explica como foi transcorrendo a pesquisa, os objetivos, hipóteses, mudança de território, captando processos gerais que aconteciam com uma camada média no Rio de Janeiro. A importância da pesquisa nesse momento, como um tema inovador e criativo, foi um dos fatores do êxito editorial do livro:

“A Utopia Urbana decorreu de uma pesquisa realizada entre 1968 e 1970, no âmbito de uma tese de mestrado defendida no final de 1970 e publicada em 1973, após uma estada de um ano nos EUA. Copacabana era um bairro que representava um conjunto de valores que hoje em dia podemos chamar de

individualistas modernizantes, e que, na época, estavam muito centrados numa questão de mobilidade socio-espacial dentro da cidade, que servia para demarcar fronteiras e para construir identidades. O que poderia parecer uma simples mudança de residência para Copacabana, na realidade fazia parte de uma visão do mundo complexa, que expressava um ethos, um modo de perceber e definir a realidade. Por uma série de razões, Copacabana reunia no bairro valores ligados a padrões de consumo a lazeres, a novos padrões de sociabilidade, a um certo cosmopolitismo. De facto, tinha características muito fortes que lhe davam um perfil peculiar dentro do mapa do Rio de Janeiro. Creio que ao estudar o bairro de Copacabana e a deslocação para o bairro consegui, de algum modo, captar processos mais gerais, em termos de construção de uma lógica de vida urbana. Através de uma pesquisa que partiu basicamente de observação participante (vivendo em Copacabana) e de aplicação complementar de entrevistas e de questionários, creio que consegui delinear um universo de valores, um ethos, um sistema cultural ... Acharam, (Leeds e Davis) que eu estava realmente com um filão diante de mim, uma coisa nova, e apostaram nessa novidade, acreditando que era um avanço no conhecimento, na construção da Antropologia. Embora não tivesse havido uma resistência séria por parte de ninguém, porque eu lidava com um mundo de profissionais, de colegas esclarecidos, durante um determinado tempo houve um olhar um pouco desconfiado - mas afinal que Antropologia era essa que estava estudando Copacabana? Mas a verdade é que o trabalho teve sucesso, não só académico, como um sucesso mais amplo, houve alguma repercussão nos media, e eu passei a ser uma pessoa relativamente conhecida. Fez sucesso na medida em que apareceu alguma coisa inovadora, criativa, que atraiu pessoas que antes viam a Antropologia apenas como uma disciplina - por mais respeitada que fosse - que só estudava grupos muito distantes, de realidades exóticas, de algum modo longe do interesse mais direto das pessoas que vivem nas cidades, nas grandes metrópoles” (Depoimento de Gilberto Velho in Bastos e Cordeiro op.cit.:321 e 322).

O livro "Utopia Urbana" mostrou um caminho de pesquisar dentro da cidade e definiu Gilberto Velho como um dos pioneiros de pesquisa Urbana no Brasil. Para Bela Bianco, Gilberto Velho é considerado como um dos iniciadores da Antropologia Urbana no Brasil:

“...alguém como Gilberto Velho, naquele período (anos 70), até hoje ele é um dos baluartes da chamada Antropologia Urbana no Brasil ...” (Entrevista Bela Bianco)

O reconhecimento, prestígio e aceitação por outros cientistas, é parte das relações acadêmicas dentro do campo científico. Lendo o depoimento de Bela Bianco, me dei conta disso e me fiz a pergunta: Será que os antropólogos dedicados à pesquisa urbana se consideravam ou se consideram antropólogos urbanos? Voltarei a este assunto, sobre a “identidade” dos antropólogos, em páginas posteriores.

2.3 Migrações: a caminho da cidade

A industrialização e urbanização do Brasil no século XX provocou uma série de migrações para as grandes cidades, com os indivíduos procurando um melhor nível econômico de vida. É da imigração rural-urbana que trata o livro de Eunice Durham, *A caminho da cidade*²⁴¹, que foi inicialmente uma tese de doutorado defendida na USP. O livro trata da migração da área rural para a cidade de São Paulo, assim como da vida dos migrantes na grande cidade. Durham tem como proposta de trabalho analisar as transformações e comportamentos que as populações sofreram na sociedade urbana, conduzindo a base tradicional da área rural a uma série de mudanças culturais e econômicas, uma desagregação que foi provocada pelo sistema capitalista em desenvolvimento. Destaca, também, a importância da família como grupo doméstico que se adapta e que reelabora determinados comportamentos e padrões culturais no meio urbano.

Para Durham, a migração pode ser considerada como uma mudança sócio-cultural na transformação de padrões de comportamento, e não como simplesmente uma deslocalização geográfica rumo à cidade. Segundo ela, dão-se três momentos que podem ser estudados: a)

situação anterior à migração, b) o processo de deslocamento e c) o processo de adaptação dos migrantes na cidade. Estes três aspectos formam a estrutura do trabalho no livro. No que tange ao trabalho de campo, Durham indica que foram feitas entrevistas, questionários, uso de censos, estatísticas e dados demográficos. Aliás, a autora indica que os dados são antigos, pertencentes a outras pesquisas feitas na década de 60, isto é, antes da publicação do livro. Mesmo assim, os dados trabalhados no livro permitem uma idéia da situação dos migrantes na cidade naquele período. Para esclarecer como foram coletados os dados, Durham colocou no apêndice os métodos e técnicas desenvolvidas e que permitiram essa aproximação com uma realidade concreta no Brasil.

No livro são analisadas as condições sociais dos migrantes no seu lugar de origem, ou seja, na área rural, e pode-se notar que na sua maioria os indivíduos vivem de uma economia de subsistência, com uma organização social onde a família é importante, incluindo parentesco e compadrio. É mostrada a pobreza no campo, as desigualdades sociais, conflitos com grandes fazendeiros, o coronelismo, miséria, salários baixos, etc. Todas estas condições sugerem a razão da saída do campo, dos grupos migrantes, para as cidades. A principal causa da migração era econômica. Estas questões ficam claras nos depoimentos citados por Durham, em que todos os informantes concordam em migrar para melhorar de vida e conseguir um melhor padrão econômico. Esta é uma das partes ricas do livro, porque os sujeitos falam de suas experiências, situações, desejos, família etc. São histórias de vida que permitem entender os efeitos de um sistema maior, que os explora tanto no campo quanto na cidade.

²⁴¹ Durham, Eunice. 1973. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. SP:Editorial Perspectiva.

A chegada dos migrantes na cidade provoca, segundo Durham, pressões no comportamento e organização social. Embora migrem às vezes famílias inteiras, mesmo assim ocorrem mudanças sociais e culturais. Por mais que se tente manter a família como um grupo fechado, como se fosse na área rural, a pressão da sociedade urbana é forte, e afeta em todos os níveis. Na cidade os migrantes podem encontrar trabalho como proletários, ou incorporar-se a uma economia informal. Segundo Durham, a qualificação faz a diferença para entrar em um mercado de mão-de-obra industrial, decorrendo daí a dificuldade dos migrantes rurais por não terem uma educação adequada para o mercado de trabalho, o que dificulta sua subsistência na cidade. Aqui também, Durham apresenta vários trechos de histórias de vida que relatam as dificuldades de conseguir um emprego ou aprender um ofício que lhes permita trabalhar. O migrante não tem escolha na procura da ocupação. O migrante enfrenta uma hierarquia de empregos, ocupações, serviços etc. que o leva cada vez mais a serviços marginais, deixando-o cada vez mais longe de um mercado de trabalho mais qualificado.

Todos estes elementos afetam o migrante, provocam mudanças nos seu comportamento, organização social, laços familiares, personalidade, família, visões do mundo, lazer, educação e práticas sociais. Assim como as dificuldades de ascensão social dentro do grupo, e o aprendizado de novos elementos urbanos nos quais tem que se adaptar. Para Durham, o único ponto de apoio que têm os novos sujeitos urbanos são as relações sociais nas novas condições de vida. A procura, pelo migrante, de parentes e amigos é a primeira manifestação social no novo ambiente. Às vezes laços que haviam sido desativados por longos períodos se ativam de novo. Novamente os depoimentos de migrantes mostram diversas situações sociais e pessoais, e são recorrentes quanto à importância das amizades, que auxiliam na procura de empregos, mostrando a importância das relações primárias. Durham

afirma que estes aspectos familiares contradizem a posição de que nas sociedades urbanas o que predomina é o individualismo. Ainda que, no trabalho, o individualismo provoque uma luta por melhores empregos, com uma conseqüente competição entre indivíduos.

Apesar das pressões da sociedade urbana, as relações sociais e familiares se mantêm, talvez não como numa organização rural, mas como uma organização que se está adaptando constantemente ao meio urbano, sendo mais coesa e estável. Durham conclui que a família no meio urbano se reorganiza e se mantêm como responsável pela segurança dos indivíduos, como um núcleo de reelaboração dos padrões de comportamento e das representações coletivas, como também de um controle social. Mas é favorecida quando algum membro do grupo consegue uma ascensão social. Sobre esta questão faço uma ponte com o trabalho de Gilberto Velho, do prédio de Copacabana, onde muitos dos entrevistados gostariam de viver perto da família. Também no trabalho de Leeds se constata a importância da família no interior da favela e na organização do grupo doméstico.

2.4 *Carnavais, malandros e heróis:*

O carnaval é mostrado por Roberto Da Matta como um rito-drama no livro *Carnavais, malandros e heróis*,²⁴² que proporciona a dramatização da realidade brasileira. De uma perspectiva antropológica e sociológica, Da Matta analisa papéis sociais com uma ênfase na ritualização. Para isso, toma três situações importantes da sociedade brasileira – a procissão, a parada militar e o carnaval – além de analisar a figura do malandro e do renunciador na

²⁴² Da Matta, Roberto. 1979. *Carnavais, malandros e heróis: para uma Sociologia do dilema brasileiro*. RJ:Editora Guanabara.

tentativa de procurar a identidade do brasileiro. O instrumental teórico é tomado da tradição inglesa e da francesa, respectivamente com os dramas de Victor Turner e a hierarquia de Louis Dumont, além de outros autores da teoria antropológica.

Da Matta indica que todos estes eventos estão constantemente se ritualizando, convertendo-se em símbolos que influenciam um contexto e pessoas, aparecendo uma hierarquia na sociedade brasileira. O tema central do livro é uma interpretação do Brasil, através de suas manifestações e representações, com o objetivo de verificar seu significado social dentro de uma ideologia, sendo o carnaval o estudo de caso principal, tomado como um ritual e ao mesmo tempo como uma instituição. Observar as hierarquias, tempos, significados, dramas e estruturas de autoridade é a finalidade do livro. O pressuposto de que nas sociedades complexas existe uma série de comemorações e rituais realizados por um grupo social que servem para manter o controle, o poder ou para libertação através da dramatizando de sua existência.

A categoria principal na análise de Da Matta foi o ritual, um elemento privilegiado para se tomar consciência do mundo, sendo um veículo básico na transformação de algo natural em algo social, precisando para isso uma dramatização que lhe confira um novo significado a uma prática social. Segundo Da Matta, o grupo social dá uma resposta ao rito em três aspectos: a) individualizando algum elemento e se apropriando dele, b) a cultura (valores e ideologia), que definem identidades e individualidades, e c) o reforço social do grupo. O ritual possui uma dialética entre o cotidiano e o extraordinário, abrindo-se de um mundo real para um mundo especial.

A análise das paradas, das procissões e do carnaval, foi uma maneira de ver como esses fenômenos se ritualizam a sociedade brasileira, tomados como rituais nacionais, em que acontece um evento centralizador com data específica, território, região ou Estado. Mas todos eles têm suas diferenças. Enquanto uns são organizados por instituições como o Exército ou Igreja, outros são entidades privadas como as escolas de samba no desfile do carnaval. A hierarquia se mostra por sua dramatização quando fica manifesta. Cada ritual tem uma organização e estruturas específicas e temáticas, além de vestuário, cantos e valores, aspectos que vão criando diferenças entre eles.

O carnaval é definido como um ritual-drama que constrói o mundo social brasileiro, em que o mundo fica invertido, ou seja, é um ritual de inversão, com pobres que são ricos e ricos que são pobres. Parte-se da dicotomia casa e rua como ponto focal do entendimento desse fenômeno social, elementos que no carnaval se juntam, assim como o deslocamento de papéis sociais em um espaço múltiplo. Da Matta faz uma descrição dos diversos detalhes de que se compõe o desfile do carnaval, a sua preparação, as fantasias, decoração, trajeto etc. e tenta mostrar toda sua lógica. Da Matta, compara o carnaval de *New Orleans* com o do Rio de Janeiro, e indica que nós Estados Unidos, o *carnival* é aristocrático em uma sociedade igualitária, e no caso brasileiro, o carnaval é igualitário em uma sociedade hierárquica e autoritária. O livro de Da Matta, assim como os outros, inaugura novos objetos de estudo nós anos 70. Sobre isso, cito o depoimento de Da Matta, onde mostra como se interessou pelo carnaval, partindo de uma festa popular para entender um contexto maior de construção do Brasil. Valeu-se de diversos autores, sobressaindo-se entre eles, como indiquei antes, Victor Turner e Louis Dumont:

“... um ensaio sobre o carnaval como um rito de passagem, o primeiro da série carnavalesca que me abriria o convite inevitável para falar abertamente do Brasil²⁴³. Nesse ensaio toda uma temática que desenvolvi depois se acha em embrião. Eu me lembro bem da minha excitação quando o escrevia e descobria pelo carnaval um conjunto de questões novas sobre o Brasil, a sua chamada “cultura popular”, o seu hibridismo ideológico e o seu mundo ritual que facultava múltiplas leituras de si mesmo. Nesse livro, juntei Levy-Strauss com Victor Turner e me abri mais para a obra de Louis Dumont e Tocqueville. Naquele livro, então, a passagem se demarca. O que eu havia aprendido com os estudos tribais, através da obra de Levy-Strauss, desemboca numa interpretação original, anti-folclórica-jornalística e a-histórica do carnaval brasileiro. Digo isso não para diminuir os folcloristas e o jornal e muito menos historiadores, mas para demarcar diferenças. Uma delas era a que eu mostrava, pela interpretação política e sociologicamente madura, como o carnaval era importante como instrumento ou fonte de construção do Brasil. Pelo menos de um Brasil popular, de um Brasil feliz com ele mesmo, um Brasil ligado ao seu povo. A descoberta certamente me perturbou e foi alvo de muitas outras investidas intelectuais” (Entrevista Roberto Da Matta).

A pesquisa de Da Matta sobre a procissão, a parada militar e o carnaval, foi uma tentativa de compreender o Brasil por outros caminhos, mostrando uma análise de ritos de inversão, dramas sociais e hierarquias, um novo ângulo de interpretar o país em termos macro-sociais.

2.5 Festa na periferia:

Como se divertem os moradores da periferia? É deste tema que trata o livro de José Magnani, *Festa no pedaço*,²⁴⁴ originalmente tese de doutorado defendida na USP. A pesquisa foi feita no final dos anos 70 na periferia de São Paulo. O objeto de estudo era conhecer como se desenvolve o lazer nós espaços de descanso dos moradores das áreas marginais da cidade. O autor queria saber como era utilizado o tempo livre depois do

²⁴³ Da Matta, Roberto. 1973. “O carnaval como rito de passagem”. In: *Ensaio de Antropologia estrutural: o carnaval*

trabalho na fábrica, no serviço, na rua etc., descobrir nesses ambientes formas de descanso dos grupos de baixa renda. Para isso, Magnani escolheu o circo-teatro como uma modalidade tradicional de diversão, comum nas áreas periféricas da cidade.

Objetos de estudo como as classes populares que moram na periferia são mais visíveis quando são tomadas sob a perspectiva dos movimentos sociais ou na prática política, para estudar a ideologia dos grupos, a sua militância, organização participativa em sindicatos e partidos políticos. Para Magnani, a pesquisa das associações de bairros na periferia são objetos de estudo tomados como protagonistas de movimentos reivindicativos, deixando de lado as práticas sociais dos sujeitos, como o bar da esquina, o futebol de várzea, bailes populares (forrós, rodas de samba, *Funk, soul*), danças religiosas, culturais, rituais de umbanda, candomblé, curandeiros, excursões de fim de semana etc., aspectos que mostrariam uma outra realidade dos grupos urbanos. Foi dentro desta realidade que Magnani aceitou o desafio de tomar outro ângulo de análise que era conhecer os modos de vida e práticas sociais, selecionando o lazer como tema de pesquisa, diferente de uma perspectiva mais política, que estudaria as formas de militância e organização participativa. Uma forma de pesquisar como se reconstruem identidades, laços de parentesco e de juntar o tradicional rural com o urbano.

De uma perspectiva antropológica, Magnani fez uma etnografia do circo-teatro, distanciando-se dos clássicos estudos de folclore. Assim como escrevi antes, os temas estudados por outras disciplinas eram mais abrangentes e deixavam de fora uma série de

como um rito de passagem. Petrópolis: Editora Vozes. pp. 19-66.

²⁴⁴ Magnani, José. 1984. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. SP: Editora Brasiliense.

objetos que proporcionariam os modos de vida dos sujeitos urbanos. O estudo do lazer era inovador para aquela época. Magnani parte do lazer como uma forma de conhecer processos ideológicos e de uma formação de consciência de classe, através de celebrações e seus significados políticos. Magnani pretendia conhecer as relações sociais que se passavam nos lugares de lazer e é neste ponto que a etnografia cobra importância, fazendo observação participante, entrevistas, fotografias, assistência às peças do circo-teatro, análise das peças, atores, discursos, papéis sociais, etc. Magnani acompanha uma temporada de dois circos em uma *tourmné*, descrevendo os lugares, as peças, empresas que patrocinam, organização interna, o espetáculo, os atores e as obras.

O circo-teatro no geral está formado por famílias com recursos próprios, no qual às vezes os atores têm laços de parentesco. Magnani descreve uma série de peças de teatro, com temas como as migrações rurais para a cidade, conflitos familiares, religiosos, morais, honra, lendas, além de melodramas clássicos, alusões a personagens públicos como cantores, futebolistas, artistas de televisão e políticos. Magnani analisa as peças de teatro e comédias, apoiando-se em autores como Greimas, Propp, Todorov e outros, apresentando a estrutura da narrativa com a situação inicial, desenvolvimento da ação e a resolução da carência. Em seguida passa a analisar as redes de lazer como o futebol, a excursão dos farofeiros e o lazer no pedaço.

O pedaço foi uma categoria nativa que Magnani encontrou na sua etnografia e converteu em categoria analítica, que estaria formada por um componente territorial e um componente de relações sociais. O pedaço estaria no meio da casa e na rua, e é nele que se observam as relações sociais do grupo, percebendo-se as redes de vizinhança, a

sociabilidade e a congregação dos moradores do bairro. A descoberta do termo é um dos achados importantes que sobressaem no livro de Magnani, mostrando a importância das categorias culturais nativas. O livro de Magnani, sendo uma pesquisa sobre o lazer, na década de 70 fugia aos tradicionais estudos mais políticos. No entanto, o livro se mantém formando uma ponte com as questões de ideologia e cultura.

Acho interessante reproduzir um trecho da entrevista de Magnani no qual ele mostra, em parte, como foi desenvolvida a pesquisa da tese que virou livro, desde as suas escolhas teóricas até os achados etnográficos, como o termo pedaço, de categoria nativa, que Magnani converteu em categoria analítica. Vejamos:

“... os anos 70, parte passei no exterior e parte no Brasil. No exterior foi o tempo em que eu absorvi esta linha estrutural mais ligada com a lingüística e, no Brasil com o recorte mais do discurso das camadas populares, juntando os dois deu o meu recorte sobre uma prática de lazer e cultura popular da periferia de São Paulo ... então esse é um pouco que eu posso te dizer o recorte que foi feito em termos das minhas opções, que deram na minha tese de doutorado que foi um estudo sobre uma manifestação cultural popular que era o circo-teatro, mas na periferia de São Paulo ... eu fui trabalhar com lazer, o lazer era um tema absolutamente desprestigiado como corte de pesquisa. O que as pessoas pesquisavam? a política, o trabalho, lugares mais importantes, entre aspas, em recortar. O lazer era uma atividade marginal, o que que as pessoas fazem, aproveitando os fincazinhos de semana, o que eu quis mostrar: que naquele espaço aparentemente marginal, as pessoas fazem escolhas, escolhem entre isto e aquilo, elas falam uma linguagem própria, elas expressam a suas diferenças culturais. Na classe trabalhadora é muito pequeno o espaço de lazer, mas é muito importante ... que eu digo, que fui fazer uma pergunta e eles me fizeram duas, eu fui perguntar sobre o que era o mais importante para eles do lazer, eles me disseram o mais importante, depois eu interpretei, é aonde nós desfrutamos o lazer que é no pedaço ... o lugar onde a forma como nós desfrutamos é entre nós, e nós é aqueles que fazem parte no pedaço. E aí eu faço uma aproximação com a discussão do Roberto Da Matta, ele trabalha com a casa e a rua, eu introduzo mais um e dá um triângulo, a casa, a rua e o pedaço. A casa é o lugar das relações de consangüinidade e parentesco, a rua é o lugar dos estranhos e o pedaço é o lugar dos colegas ... então a Antropologia Urbana ela vai sendo tributária desses achados que a gente faz lá no campo, num recorte muito específico, numa etnografia e que

permite pensar outros recortes, que foi a questão da idéia do pedaço ... como é que ele começa, começa na década de 70, e para descrever uma situação nova porque ninguém estava interessado em ver como é que jovens na periferia passam o tempo livre. Quem iria perguntar isso não tinha a menor importância, mas um etnógrafo lá vai ver como é que é, e eles alertam, e você pensa, pera ai! tem um jeito especial de passar o tempo na periferia ... a idéia de fora é a seguinte: periferia é tudo igual, não tem graça nenhuma, é tudo gris, tudo meio cinza, não tem cores ... se você for pegar surveys a respeito de lazer ... enquanto ficamos fazendo survey sobre modo de vida, vem uma resposta parcial ... agora se você vai como etnógrafo, vai lá ver como é que é, e você pergunta para eles, você percebe a riqueza da produção cultural. Este foi o achado. Quando você me perguntava sobre o que que a Antropologia traz de ruptura, quando a gente vai ser etnógrafo lá na periferia, e você observa em vez de só perguntar, você descobre uma riqueza insuspeitada. E aí apareceu lá o jeito de como eles desfrutam o lazer, é no pedaço, você tem um lazer dentro de casa, você tem um lazer fora de casa, mas o característico membro da sociabilidade é o lazer no pedaço. Ai você tem o teu grupo que frente àquela realidade complicada da periferia, você tem intimidade mas não é a casa, é aquela questão abre e fecha, né, e dependente de explicar um jeito de particular de você ir para a discoteca, ir para o circo, ir para o jogo de futebol de várzea, é o pedaço porque ele dá segurança também ...” (Entrevista José Magnani)

O depoimento de José Magnani, mostra aspectos que contribuem para desenvolvimento de determinada pesquisa e como o etnógrafo deve estar atento às categorias culturais dos grupos estudados. Do mesmo modo a importância da etnografia como instrumento de aproximação e procura de aspectos proporcionados pelos informantes desde seu ponto de vista.

Para concluir, as cinco pesquisas antropológicas que indiquei permitiram conhecer diversos caminhos para estudar o meio urbano e a diversidade de objetos heterogêneos. Se temos estes elementos que contribuem na construção de uma pesquisa, também teremos outros como as diversas perspectivas e abordagens utilizadas pelos autores. Aqui lanço uma ponte para aquilo que estou chamando de duas formas de pesquisa urbana nós anos 70, como um outro ângulo que pode ser trazido para entender o campo nós seus primeiros anos.

3. Duas formas de pesquisa?

No decorrer do capítulo vimos como foi importante a pesquisa de campo na cidade e a “missão” de conhecer o Brasil em uma nova configuração social. Citei brevemente cinco pesquisas antropológicas feitas na época. Apesar de ser uma amostra pequena acho-a representativa desse desenvolvimento porque são obras que até agora continuam sendo lidas e marcaram uma época. De igual forma, apresentei os dados de Rubim, Valladares e Sant’ Anna referentes às dissertações, teses e pesquisas urbanas, como uma forma de indicar um balanço do crescimento das pesquisas, sendo uma das causas a criação dos cursos de Pós-Graduação.

O que proponho a seguir, é indicar que na década de 70 havia algumas diferenças e semelhanças entre duas formas de fazer pesquisa Urbana no Brasil, no Rio de Janeiro (Museu Nacional) e em São Paulo (USP e UNICAMP). O fato de trazer esta questão responde, a meu ver, a uma forma da existência de vários caminhos de pesquisa, todos válidos – que continuam hoje – nós primeiros anos na construção do campo intelectual. Minha intenção é apontar que na construção de campo da Antropologia Urbana existem fatores, como a interação acadêmica, instituições e interesses de pesquisa que contribuem para o seu desenvolvimento. Um destes fatores bem poderia ser constituído pelas diferenças e semelhanças nas pesquisas e abordagens de duas tradições de pesquisa. As cinco pesquisas citadas nos tópicos anteriores já mostraram em alguma medida esta situação.

Para tanto, apoio-me nos depoimentos dos antropólogos entrevistados, que permitem com maior clareza indicar essas diferenças, ainda que sutis, mas que foram chaves no desenvolvimento de uma Antropologia nas cidades. Neles observaremos relações acadêmicas, obras, abordagens, interesses, ênfases e temáticas. Embora com uma teoria antropológica comum, havia ênfase em determinadas categorias, autores, obras e objetos de estudo, indicando diferentes usos e aplicações no tratamento dos dados.

Não é minha intenção opor as duas formas de pesquisa, mas ressaltar a sua complementariedade e diversidade, procurando elementos que ajudem a conhecer o campo nesses anos. Começamos com uma diferença básica – o nível institucional como uma forma de organizar o trabalho, elemento importante para o desenvolvimento da pesquisa:

“... uma coisa que eu acho, uma diferença que eu vejo na maneira como o trabalho era organizado, e isso evidentemente afeta o resultado, no caso do Museu Nacional ... eles tem um padrão mais coletivo de trabalho ... eles tem uma tradição de grandes projetos enquanto instituição, coisa que nós não temos, nem na USP tem. E eu acho que esse é um fato que cria certas diferenças ... depois tem diferenças históricas, sei lá, no caso da USP, embora tenha sido fraturada pelo Golpe, a USP é uma universidade de tradição de cátedra, aquelas linhagens, e elas foram quebradas evidentemente no fim da década de 60. Mas de qualquer forma aquilo permaneceu, acho que permanece de uma certa forma, de certo modo ... aqui na UNICAMP eu não diria que tem tão claramente linhagens ...” (Entrevista Antonio Arantes)

Estas diferenças institucionais mostravam também a comunicação entre os antropólogos de várias instituições, ao relacionar e compartilhar diversos interesses teóricos e metodológicos. O crescimento da Pós-Graduação, como sabemos, ampliou estas redes acadêmicas. Vejamos alguns depoimentos:

“... relações muito intensas ... acho que existem diferenças sim, talvez aqui nós temos preocupação maior com os chamados temas ligados à cultura e lá (São

Paulo) talvez estivessem mais próximos a um campo mais convencionalmente sociológico. Mas isso não excluía, não havia uma exclusão, eram coisas complementares, não queria dizer que lá não lidassem com cultura e que aqui não se lidasse com Sociologia. Aqui o tema das camadas médias é um tema muito desenvolvido por mim, por várias pessoas que trabalharam comigo, e lá não, lá (São Paulo) é mais camadas populares, inclusive a temática da migração ... aqui nós também lidamos com isso ... movimentos sociais que era um ponto, uma ponte entre eu e Ruth, que ela trabalhava com movimentos sociais, a Ruth tem trabalhos importantíssimos ... acho que aqui camadas médias, talvez família também mais aqui ... diferenças em termos de perspectiva, acho que mais sutis, eu acho, usando aqui mais a Antropologia americana ... essa relação com a área psi também, é uma coisa que vale a pena insistir, é uma coisa mais marcada aqui que em outros centros, esse diálogo com a psicologia e a psicanálise foi muito importante, no meu caso com a temática do desvio ...” (Entrevista Gilberto Velho)

Na narrativa de Gilberto Velho se pode notar que sim existiam diferenças de objetos de estudo como as camadas médias no Rio de Janeiro e camadas populares em São Paulo e Campinas, mas apesar dos diversos caminhos as pesquisas se complementavam. Gilberto Velho indica no depoimento a influência americana que corresponde ao interacionismo simbólico, mas também observamos nas pesquisa analisadas anteriormente outras correntes teóricas presentes. Não há predominância de uma Escola de pensamento específica, mas várias, articulando-se simultaneamente entre si. Também existia na Antropologia Urbana do Museu Nacional, o contato com outros campos científicos, como a Psicologia e a Psicanálise. Entre as temáticas mais estudadas temos camadas médias, movimentos sociais, ecologia, música, futebol, escolas de samba, política parlamentar, religião, comportamento desviante, família e ritos de passagem. Vejamos agora o caso de São Paulo (na USP):

“... tem uma diferença, há vários elementos que mostram uma diferença, enquanto que em São Paulo, o nosso recorte empírico era muito mais as periferias, os bairros de periferia, a classe operária, no Rio os recortes foram sempre bairros de classe média e as camadas médias, essa é uma coisa bem nítida na produção. O Gilberto Velho, basicamente, os orientandos dele no Museu, eles trabalharam muito mais as camadas médias, produziram uma significativa produção antropológica ligada às classes médias, e mais à zona sul do Rio de Janeiro. Enquanto que na Antropologia feita aqui na USP a gente

foi muito mais para a periferia, a gente trabalhou muito mais com classes populares e classe operária, essa é uma linha. Uma outra linha que o pessoal do Rio, o Gilberto principalmente, usa muito, que tem como base lá importância pelos autores do interacionismo simbólico, que aqui não é muito usado, a gente não trabalhou muito. Mais do que trabalhar com interacionismo simbólico, a gente trabalhou mais com uma discussão de cultura e ideologia, foi mais por aí, nesse recorte, que simplesmente a linha usada no interacionismo dos papéis sociais, da construção entre os atores individualmente. Então, a gente trabalhou muito mais cultura e ideologia, isso rendeu mais aqui ... se bem que no começo dos 70 ... havia um contato muito grande entre, pelos menos São Paulo, a USP, e o Museu Nacional, com Gilberto, a Ruth, a Eunice, ele foi orientando da Eunice e da Ruth, então, havia uma troca, mas se mantinha já uma diferença de recortes e temáticas, isso era bem nítido ... no Rio a favela era mais presente do que em São Paulo, aqui o mais presente para nós é a periferia, a grande expansão, né, em termos inclusive de recortes, para onde é que foram a classe operária, os migrantes, os trabalhadores, eles foram ocupando espaços na periferia ... padrões de periferia, a partir inclusive da ocupação dos espaços de industrialização, então a classe operária foi acompanhando, esse é um padrão muito paulistano, de sair nos bairros operários históricos tradicionais, o Brás, Barra Funda, Belenzinho, Mooca, que eram bairros que absorveram uma mão de obra italiana, né. Com a industrialização você tem aí as novas ondas migratórias, as classes operárias saem dos seus nichos no centro da cidade e vão para a periferia. Então, aí tem um recorte, questões importantes para ser pensadas ...”
(Entrevista José Magnani)

A ênfase de pesquisa em classes populares e classes operárias, e a abordagem de cultura e ideologia (como vimos no capítulo anterior), guiou uma série de pesquisas e uma geração de alunos na USP. Mesmo assim, encontramos na USP e UNICAMP correntes de pensamento que também foram trabalhadas no Rio de Janeiro com obras e autores das três tradições antropológicas, americanos, franceses e ingleses, com ênfases específicas em determinados temas. Embora estando em São Paulo, existem diferenças entre a pesquisa feita na USP e na UNICAMP, na ênfase em referências teóricas e objetos de estudo. No caso da USP, as temáticas estudadas eram operários, história sindical, associações de bairros, bairros populares, educação, grupos de moradores, lazer, cultura popular e famílias de operários. Vale a pena concordar com Ana Niemeyer, quando aponta que as diferenças

eram mais de ênfases em determinados objetos de estudo, mas o referencial teórico era parecido. Os novos objetos de estudo eram inovadores e pioneiros naquele momento, todos compartilhavam um esquema teórico comum claro, com certas ênfases como se viu até agora:

“... acho que a Antropologia Urbana que era feita no Rio, era uma Antropologia sobretudo liderada pelo Gilberto Velho, né, e não vejo muitas diferenças, né. Não existiam muitas não, existia mais a questão das ênfases, mesmo não era propriamente, os campos que se escolheram eram semelhantes. Agora eu acho que Gilberto escolheu também classes médias urbanas, o trabalho dele no edifício no Rio de Janeiro, né. Eu acho que era uma questão de ênfase nos sujeitos, né, mas essa perspectiva que eu estou te falando de mergulho na realidade do outro, fosse ele próximo a nós como era o caso da classe média urbana que Gilberto estudava mais distante. Eu acho que era igual, agora realmente essa parte por exemplo, de se estudar classe média que Gilberto fazia era inovadora, porque não se fazia isso, fazia-se mais uma tentativa. Fazia-se mais na UNICAMP essa procura do outro distante, né, mais tradicional, digamos assim, em relação à formação que a gente recebia, em relação de uma Antropologia mais tradicional, quer dizer o trabalho de Gilberto era mais pioneiro nesse sentido. Agora os instrumentos que eram usados e a referência teórica, mais ou menos era igual, sabe. Você veja, mesmo na USP por exemplo, o trabalho de Magnani era uma questão também periférica, de lazer na periferia no circo, né, eu acho que também havia um enfoque, por exemplo sobre lazer, que era uma novidade também. Porque dada essa formação a nós todos, a maioria das pessoas dos antropólogos tinha relacionada a questão marxista. A gente escolhia classe operária, começavam a surgir estudos poucos valorizados na época como o lazer, né, e a escolha dele continuava sendo a periferia mas o tema era lazer, então os estudos de mulher estavam começando também sobre mulher, né ... eu acho que eram estudos bem antropológicos, porém com os trabalhos dela (Ruth Cardoso) estavam situados a partir do Departamento de Ciência Política, tinham certa influência da Ciência Política, acho que era mais isso ... os movimentos sociais estavam surgindo apenas na década de 70, né. Então era o estudo do surgimento desses movimentos, né, mas sem esquecer também a presença da Eunice Durham na Antropologia Urbana, que era muito importante, né ... o foco principal de todo esse grupo de antropólogos era pelas classes populares, sejam localizadas no contexto da cidade, favelas dentro da cidade, ou conjuntos habitacionais próximos da cidade ou então em subúrbio, em caso do Rio de Janeiro, nome que se dá de periferia aqui, né, apenas mudando de temas, temas gerais, habitação, religião, outros, lazer, né ...” (Entrevista Ana Niemeyer).

Sempre em São Paulo, no caso da UNICAMP, com a presença de professores formados na tradição inglesa, também trouxeram nos anos 70 novos problemas e bibliografias, marcando em alguma medida diferenças com outros centros de Pós-Graduação que se dedicavam à Antropologia. Tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, poderiam ser os mesmos objetos de estudo, mas com ênfases e abordagens diferentes. Entre as temáticas estudadas na UNICAMP temos papéis sociais, organização social de bairros, religião, prostituição, trabalhadores rurais e saúde, onde vemos a influência da Escola de Manchester bem palpável nas dissertações, principalmente nos casos de redes sociais, ênfase nas dissertações produzidas da UNICAMP, mas também havia outras correntes teóricas. Como indiquei em parágrafos atrás, o campo científico se articula e sofre arranjos teóricos, metodológicos e circulação de autores provocando uma constante mudança no campo:

“... eu acho que, por exemplo, Campinas, a UNICAMP ... foi um importante núcleo de estudos antropológicos até influenciados pela Escola Britânica porque tanto Peter Fry, a Verena Stolcke e o Arantes ... todos eles fizeram doutorados na Inglaterra, não é ... era um grupo forasteiro ... treinado fora do país ... assim como um grupo todo, eu acho que foi inovador ... foi o começo de um grupo que veio com outras influências, outras tradições ... então tinha toda uma influência da Antropologia inglesa e todos estavam trabalhando com questões principalmente. Quer dizer, que não eram da Antropologia tradicional, que era o estudo das populações indígenas, nesse sentido a UNICAMP foi um vanguarda, porque foi um dos primeiros lugares, foi o primeiro lugar a trabalhar com minorias, não é, isso foi na década de 70, não é ... UNICAMP foi uma vanguarda, estudos de mulheres, de homossexuais, isso começou na década de 70, a forma de estudar religiões. Eu acho que, de uma forma ou outra, naquele período, a equipe era muito mais inovadora do que era Antropologia do Brasil, feita no Brasil, essa é a minha leitura, muito inovadora ... nessa época por exemplo, na década de 70, acho que teve as primeiras teses sobre prostituição, foram na UNICAMP ... se você pensar em relação a USP, que era muito mais tradicional, e eu acho que também, mesmo em relação a Antropologia que se fazia no Museu Nacional ou em Brasília ... acho que é diferente do Museu Nacional, que tem uma história institucional ... acho que existia, existe sim, é uma questão de levantar o material, mas eu acho que as perspectivas dos antropólogos da UNICAMP são diferentes das perspectivas do Museu Nacional, sempre foram ... eu acho que na UNICAMP

era uma coisa assim muito mais aberta, mais inovadora, que eu acho que pelo caminho se perdeu, mas tem gente fazendo trabalhos inovadores, mas como uma equipe se perdeu ... foram inovadores em questões teóricas e problemáticas de trabalho ...” (Entrevista Bela Bianco)

Apesar das diferenças e semelhanças entre as pesquisas feitas no Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas, não posso deixar de citar a existência de críticas do recorte empírico na pesquisa Urbana no Brasil. Em uma citação anterior, Durham (*op.cit.*:26) assinalava o isolamento de grupos sociais de um contexto maior de classe social, referindo-se ao fato de que não ficava clara a posição do objeto de estudo na estrutura social. Entre estes comentários, cito o depoimento de Paula Montero:

“... tem umas diferenças, a Antropologia do Rio de Janeiro é mais de uma classe média, mais voltada para relações, muito influenciada pelo Otávio Velho (Gilberto Velho), interacionismo simbólico, mais micro, pouco desejo de teorização, pouco diálogo interdisciplinar, de pequeno alcance, nossa! mas eu acho, vendo o que orientandos do Gilberto Velho fizeram, a amizade, o jornalista; coisas assim pontuais ... essa é uma linhagem do Gilberto Velho ... que é uma linhagem escolar mais forte ... o Museu Nacional acabou, é isso, a figura mais forte é o Gilberto Velho e o Otávio Velho também, mas na área rural ... lá a etnologia é muito forte, a Antropologia rural, digamos camponesa, é muito forte ...” (Paula Montero)

O objetivo de citar os vários depoimentos é apoiar a idéia de que dentro de um campo científico existem diversos arranjos teóricos e metodológicos, uma flexibilidade de articulações a nível teórico e de pesquisa. Cada campo científico possui uma dinâmica teórica que pode mudar em qualquer momento, década ou anos, isto é, diferenças e semelhanças mostradas nos depoimentos falam das diversas pesquisas feitas no Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas. Todos estes elementos juntos, além de mostrarem diversas formas de pesquisa, também indicaram as relações acadêmicas entre os pesquisadores, seja

a nível de orientação de tese, grupos de trabalho, afinidades teóricas, temáticas ou institucionais.

Uma outra questão que também podemos detectar nos depoimentos, a nível pessoal, é o que se pensa da Antropologia Urbana atualmente, bem como saber se os antropólogos se definiam ou não como antropólogos urbanos nos anos 70, ou como disse Gilberto Velho²⁴⁵:

“É importante chamar a atenção para o fato de que hoje parte dos pesquisadores que trabalham na área não se definem como antropólogos urbanos, preferindo, seguindo Geertz, caracterizar seu trabalho como Antropologia na cidade e não da cidade” (:68)

Seguindo esta ordem, cito alguns depoimentos sobre esta questão de “identidade” dos antropólogos. Acho necessário trazer esta questão porque permite conhecer a flexibilidade no campo científico e de como os autores se definirem ou não como antropólogos urbanos. Foi por isso que, na introdução indiquei que o campo da Antropologia Urbana estava sendo utilizado na tese como era entendido nos anos 70, quando o termo era mais empregado. Atualmente o termo perdeu substância como definidor de um campo de estudos. Mas, vejamos três depoimentos, sobre ser ou não ser antropólogo urbano na atualidade.

*“... eu faço questão de não ser um especialista em sentido estrito ... eu não me considero um urbanólogo nesse sentido, mas me interessam temas que são sobretudo pesquisados em cidades ... eu não me considero o inventor da Antropologia Urbana no Brasil, embora algumas pessoas digam que sim ...”
(Entrevista Gilberto Velho)*

²⁴⁵ Velho, Gilberto. 1986. “Antropologia Urbana”. In: *Dicionário de Ciências Sociais*. Fundação Getulio Vargas. RJ: Editora da FGV. pp. 68, 69.

Em outro depoimento, o fato de trabalhar questões urbanas não define o antropólogo como um “urbanólogo”:

“... eu de fato não me considero um antropólogo que tenha feito Antropologia Urbana como opção, digamos de especialização, muito embora o meu trabalho tenha se voltado cada vez mais progressivamente a questões que dizem respeito ao contexto urbano ... eu não me considero uma pessoa que tenha uma formação em Antropologia Urbana especificamente ...” (Entrevista Antonio Arantes)

Embora existisse um interesse em pesquisa urbana, as diferentes trajetórias acadêmicas, como temos visto até agora, tiveram diversas influências teóricas, essa abertura é o que permite entender porque os antropólogos entrevistados não se definem propriamente como antropólogos urbanos:

“... a questão toda é que eu nunca fechei, sabe sim, em Antropologia Urbana, aí é que entra, eu acho, a particularidade da minha formação que eu valorizei, eu sempre tive uma abertura muito grande para tudo o que se estava fazendo na etnologia e então, eu acho que nunca me preocupei muito só com Antropologia Urbana, acho que até hoje eu sou assim, né ...” (Entrevista Ana Niemeyer)

Pode-se notar a negação dos antropólogos em se autodefinirem como especialistas de estudos urbanos. Na minha opinião, a causa de não se definirem como antropólogos urbanos em sentido estrito deve-se ao fato que, nas diversas trajetórias acadêmicas, existe uma abertura a diversas influências teóricas e temáticas, sem ficar fechado em um modelo teórico específico, como vemos por exemplo no depoimento de Gilberto Velho:

“... juntando Goffman e o Becker, eu procurei juntar essa literatura sobre o desvio, mais ligada a tradição da Escola de Chicago, interacionista com a tradição da Antropologia social mais britânica, com a teoria de acusações, originalmente mais ligada ao tema de bruxaria, Evans-Pritchard, Mary Douglas, eu acho que fui juntando as tradições ... fui me aprofundando não só na Escola de Chicago, mas na problemática interacionista, portanto cheguei ao Simmel. Eu

conhecia alguma coisa do Simmel, fui conhecendo mais e se tornou um dos autores mais importantes para mim ...” (Entrevista Gilberto Velho)

As trajetórias acadêmicas mostram essa abertura teórica que continua até hoje, que permite uma circulação de correntes de pensamento interagindo, tanto a nível pessoal quanto de campo científico. Na atualidade, a Antropologia tem diversas formas e temas de estudo, dificilmente se pode hoje fechar em campos específicos, mas naquela época dos anos 70, esses primeiros anos do interesse das pesquisas urbanas na cidade, definir a Antropologia Urbana era necessário para legitimar o campo frente a outras disciplinas. Hoje, quando a Antropologia na cidade está mais consolidada, o termo Antropologia Urbana perdeu seu conteúdo como categoria classificatória, mas não o conteúdo do campo de pesquisas urbanas. Escrevo isto para mostrar que categorias temáticas têm um tempo de vida e também perdem substância, mas não deslegitima um corpus de pesquisas e conceitos. Alguns antropólogos entrevistados falaram sobre isto, e permitiram ver como se pensa hoje sobre a Antropologia Urbana e outros campos de conhecimento, que serviam antes como mediadores, a meu ver, entre um corpo de pesquisas, temáticas e conceitos.

Vejamos:

“... na verdade a gente usa Antropologia Urbana, ficou o termo, mas ele não quer dizer Antropologia Urbana, tout cour, enquanto toma a cidade como recorte. É mais ou menos como etnologia indígena, aqui no Departamento (Departamento de Antropologia da USP), são rótulos, eles servem para recortar de alguma maneira tradicional. Mas não, ele (o termo Antropologia Urbana) não tem mais o conteúdo, realmente o que a gente faz é sociedade, por temas, e sociedade complexa também é discutível como se as sociedades indígenas fossem simples, claro não são simples, são tão complexas quanto. Então as sociedades contemporâneas, ninguém sabe muito bem como dizer, então ficou por comodidade o termo Antropologia Urbana. Uma das coisas que eu queria fazer no meu projeto temático, é justamente discutir isso, que é na verdade, o que quer dizer Antropologia Urbana, não quer dizer nada, é um rótulo vazio, já perdeu substância, mas continuou servindo para separar projetos, linhas de pesquisa, serviu, serve de uma maneira vamos dizer como classificadora, perdeu em termos de discriminação teórica ou de temática ...

mesmo etnologia indígena continua sendo um rótulo que não da conta, você pode trabalhar uma temática indígena, por exemplo você tem um recorte ... xamanismo urbano, xamãs urbanos ... como é que eu vou classificar isso. Esses recortes eles continuam rótulos, para efeitos de projetos de pesquisa, de organização de departamento, mas eles realmente não separam tematicamente mais, perdeu um pouco essa, que eram do começo. Porque no começo (anos 70s) servia para diferenciar da Sociologia, quando os sociólogos trabalham com os movimentos sociais urbanos ainda, com o recorte do grupo quando que produz uma organização política para reivindicar melhorias urbanas; o antropólogo vai fazer com esses atores um estudo do seu modo de vida. Então é Antropologia Urbana versus Sociologia Urbana, aí há uma diferença, depois a Sociologia Urbana resolveu fazer Antropologia Urbana também, então tem muito antropólogo-sociólogo que estuda o cotidiano da cultura. Então se borraram um pouco essas fronteiras, então não quer dizer mais, a Antropologia Urbana terminou sendo um mero rótulo ... aqui a gente conserva método de pesquisa, ha uma metodologia, ha um investimento dos clássicos da Antropologia, então mantêm-se na linha da Antropologia. Agora os recortes, e eu sempre digo para os alunos, que os recortes da Antropologia eles não são dados de antemão, eles tem que construir, tem que inventar, você tem a disposição de uma metodologia, uma acumulação clássica e teórica contemporânea, mas o teu recorte ele independe, pode ser qualquer coisa desde que eles façam as mediações necessárias ...” (Entrevista José Magnani)

Na narrativa de José Magnani fica muito claro o objetivo que tinha o termo Antropologia Urbana, mas como aclarei em parágrafos antes, se o termo perdeu substância teórica, isto não desmerece o corpus de pesquisa feita na cidade até agora. Os rótulos de etnologia, campesinato, etc., são classificadores, alguns persistem outros não. De igual forma, como vimos anteriormente, como as agências financiadoras como CNPq, classificam e definem os campos de conhecimento para serem avaliados. Alguns rótulos foram colocados trinta anos atrás quando definiam os campos de estudo e marcavam territórios. Uma outra maneira de classificar a pesquisa urbana, pode ser pensada mais como problemas de pesquisa que propriamente como campos científicos, como por exemplo a dialética entre campo-cidade ou local-global, como foi dito por Bela Bianco:

“... eu devo de começar dizendo que eu não gosto do recorte Antropologia Urbana, ou Antropologia rural, Antropologia não sei o que, que eu acho que é um recorte positivista, e que realmente não dá a noção da dialética que existe entre campo e cidade, o local, o nacional, o global, entende, quer dizer então, eu acho que é complicado, que faz parte talvez de uma fase da Antropologia que era muito positivista, mas que as pessoas continuavam usando, eu acho muito complicado ... agora eu não penso em Antropologia Urbana, então é complicado para mim pensar em obras de Antropologia Urbana no Brasil, porque a penso em problemas, mais do que em divisões disciplinares ... nesse tipo de desenvolvimento não cabe, quer dizer pensar em Antropologia rural ou Urbana é muito limitado, sou contra ...” (Entrevista Bela Bianco)

Naquela época dos anos 70 as divisões em campos disciplinares foram necessárias para criar uma diferença de trabalho de pesquisa e referencial teórico. Mesmo assim, acho que no processo de construção de um campo científico existem diversas formas de se constituir. A Antropologia continua a se desenvolver e refinar-se, e continuam a produzir-se mudanças no campo científico. Talvez a Antropologia Urbana como conceito classificador tenha perdido conteúdo, mas permitiu o início do campo nos anos 70 no Brasil.

4. Conclusão

O capítulo VI versou sobre a importância do trabalho de campo na procura do sujeito urbano nos anos 70, e sobre como a Antropologia com sua metodologia podia se aproximar de uma maneira mais fina dos sujeitos sociais. Também sobre o papel do antropólogo frente aos grupos e como sua pesquisa reflete uma realidade que não se pode dissociar das questões políticas. Aqui cobrou importância a constante ponte que as pesquisas urbanas fazem entre as questões micro-sociais e macro-sociais, aspecto que está presente nas pesquisas analisadas.

Apresentei cinco pesquisas que servem como exemplo dos diversos caminhos que a Antropologia Urbana estava trabalhando nos anos 70. Cada uma das pesquisas tinha uma abordagem diferente e objetos de estudo diversos, mostrando os temas inovadores que estavam sugerindo uma nova perspectiva de análise, e como a Antropologia tinha uma contribuição importante para as Ciências Sociais. Junto com isso se observou o crescimento das pesquisas na cidade através dos números de porcentagens das dissertações e teses, e como este aumento começa nos anos 70 e continua nas décadas posteriores, como uma forma de mostrar como se estava construindo o campo nesse momento. Também foram publicadas as primeiras teses como livros, o que foi um sinal de reconhecimento das pesquisas urbanas antropológicas.

Finalmente, fiz uma comparação entre as pesquisas de Rio de Janeiro e São Paulo, mostrando, através dos depoimentos, que existem diferenças em objetos de estudo e abordagens, mas que mesmo assim se apresenta um referencial teórico comum, com algumas ênfases em autores e obras. Do mesmo modo, mostro como o termo Antropologia Urbana perdeu conteúdo como categoria classificadora, o que entretanto não desmerece o corpo de pesquisas por ela produzido, sendo este descolorimento, esta preterição, resultante da flexibilidade do campo científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM PONTO DE VISTA

Na introdução, indiquei que existem diversas formas de analisar um campo científico, apenas escolhi uma delas. Minha preocupação foi construir um argumento através de um fio condutor ou eixo teórico no percorrer da tese. Utilizando um referencial teórico concreto e determinados dados, pretendi mostrar o meu ângulo de análise. A tese teve como problema de pesquisa, compreender como foram os anos iniciais da construção do campo da Antropologia Urbana no Brasil na década de 70, e como a Antropologia passou por um processo de transição ao aplicar a sua perspectiva metodológica ao estudo dos grupos urbanos.

No decorrer da tese fui construindo o argumento da minha versão de como foi o início do campo intelectual dentro de um contexto histórico social. O meu ponto de vista indica que o campo dos estudos urbanos no Brasil (Sociologia e Antropologia) teve como antecedente as pesquisas precursoras sobre a cidade feitas nos anos 40 até 60. Surge então, um campo heterogêneo de pesquisa urbana desde uma perspectiva antropológica, que só se consolida como campo científico quando se institucionaliza na década de 70 com os Programas de Pós-Graduação em Antropologia. Que foi o momento de crescimento da sua produção intelectual principalmente com dissertações e teses sobre os grupos urbanos.

A Antropologia se dedica ao estudo dos grupos urbanos nas grandes cidades, já não como pesquisa de pequenas cidades no interior, mas com as metrópoles. Passando por uma fase de transição na aplicação dos seus métodos a um novo objeto de estudo, aceitando o

desafio de estudar o meio urbano. Surgindo neste momento a Antropologia como uma perspectiva inovadora através do sua teoria antropológica e metodologia de trabalho de campo.

Para mostrar este argumento, a lógica de exposição da tese foi organizada em dois blocos: o primeiro, foi sobre teoria e metodologia (Capítulos I, II, III), e o segundo, o considero como histórico-sociológico (Capítulos IV, V, VI), ambos blocos representam o referencial teórico e sua aplicação aos dados. Neles tentei manter uma constante ponte entre o geral e o particular.

O primeiro bloco, tratou da construção do objeto através de diversos caminhos tanto teóricos quanto metodológicos, os autores principais que me estimularam a escolher determinado ponto de partida. De igual forma a localização do tema frente a um literatura sobre a trajetória da Antropologia Urbana no Brasil, justificando a sua relevância e incorporação. Nos aspectos metodológicos, ressaltai a utilização de dois tipos de material de coleta de dados, o documental e o oral. O documental, tratou da localização das fontes em bibliotecas sobre material que tratasse sobre o tema, e um corpo de pesquisas de etnografia urbana, feitas nos anos 70. O material oral foi através de entrevistas feitas pelo pesquisador, escolhendo uma amostra de um pequeno grupo de antropólogos considerados como representantes de uma geração.

Os depoimentos coletados mostraram uma série de dados que ajudaram a entender o campo científico, como a importância do trabalho de campo, a necessidade de pesquisar nas grandes cidades, a procura de um sujeito urbano e seu modo de vida, representações, manifestações culturais, etc. O intercruzamento das narrativas dos entrevistados mostrou,

diversas posições, pensamentos e opções tanto teóricas quanto metodológicas. Além disso, o seu ponto de vista em relação à Antropologia das populações urbanas que era praticada nesse momento dos anos 70. Uma maneira de conhecer o que chamei de memória geracional.

Desde uma perspectiva sociológica, através da Sociologia do conhecimento, definida por Mannheim como uma perspectiva que analisa o desenvolvimento do pensamento em um período histórico concreto. Pretendi localizar um campo científico em uma época de transformações sociais no Brasil. De igual forma, o uso de um referencial teórico de quatro categorias como: a) cidade, b) campo científico, c) geração e d) escola de pensamento me ajudaram a entender como a cidade é considerada como lugar de pesquisa. O campo científico constituído por um sistema de idéias, dividido em nível teórico e nível de pesquisa, e os representantes de uma geração sendo sujeitos reais e produtores de conhecimento, seriam os elementos para a construção de um campo intelectual nos seus inícios. O referencial teórico enriqueceu a interpretação e conhecimento do campo.

A escolha dos clássicos da teoria social que trataram a noção de cidade, foi importante para localizar o campo intelectual dentro de um contexto urbano. Na minha opinião, não se pode estudar o campo da Antropologia Urbana, sem entender o que é a cidade como realidade e como categoria sociológica. A escolha de cinco clássicos como K. Marx, F. Engels, É. Durkheim, G. Simmel, M. Weber e R. Park, foi com a finalidade de procurar pistas e entender à cidade, assim como, mostrar o alcance explicativo dos clássicos sobre esse tema. Os clássicos indicam caminhos e uma diversidade de perspectivas de como analisar à cidade, aspectos que permitem ver ângulos importantes para pesquisas urbanas.

Na questão aplicativa, a cidade seria o cenário, espaço e lugar de pesquisa do campo de estudos urbanos, de qualquer disciplina dedicada a ele. De igual forma, o conhecimento do ponto de vista dos clássicos, ajudou-me a entender as três escolas de pensamento que os tomam como pontos de partida. Sendo R. Park, a meu ver, que conseguiu combiná-los de uma maneira lógica, para sua proposta do estudo da cidade. A noção de cidade considerada como categoria sociológica, possui também uma característica abrangente. No entanto, foi considerada como o lugar ou espaço no qual se desenvolveram as pesquisas antropológicas urbanas. Na minha opinião, não se pode entender o campo científico sem relacioná-lo com a cidade. Analisar o campo da Antropologia Urbana, isolado da cidade, seria um erro teórico.

Além da categoria de cidade, o referencial teórico formado pelo campo científico, geração e escola de pensamento, foi considerado nesta pesquisa como instrumentos auxiliares de análise do campo disciplinar, não sendo o meu objetivo pôr em questão as quatro categorias analíticas. O que pretendi foi tomá-las como pontos de partida para uma interpretação, ficando evidente que as quatro categorias são abrangentes e amplas. Isto me permite dizer que, devem de ser utilizadas com certo cuidado metodológico, já que no meu caso, a minha amostra era mais particular que geral. O fato de minha amostra ser pequena, em comparação à abrangência das categorias, não invalida o seus alcances explicativos, isto é, tentei fazer uma ponte entre teoria e dados. No decorrer da tese as vezes parecia que as quatro noções desaparecem do texto, mas estão completamente imersas nele. O fato de adaptar as quatro categorias aos meus dados, me sugeriram caminhos e pistas.

Contudo, na adequação que fiz da noção de campo científico de Bourdieu aos meus dados, sugeri uma definição mais ajustável: o campo surge em um período histórico, e não

esta isolado de um contexto social, nem de outros campos disciplinares. Formado por representantes de uma geração, com trajetórias individuais que tem uma produção intelectual própria. Considerados como os produtores de conhecimento e construtores do campo intelectual. Existem dois níveis, um teórico e o outro de pesquisa. O nível teórico representado por um sistema de conhecimentos, categorias, pensamentos, problemas teóricos e esquemas explicativos. Com uma mobilidade e simultaneidade, que se articulam diferentes formas. O nível de pesquisa, estaria constituído pelo *corpus* de pesquisas das populações urbanas. Ou seja a produção intelectual feita em determinado período de tempo, lugar, objetos de estudo, e métodos de trabalho de campo. Com esta definição em mente interpretei os dados, e organizei o material na tese.

Do mesmo modo, a noção de geração, categoria bastante ampla, precisaria de uma amostra maior, para defini-la como uma geração real como diria Mannheim. Adaptei a geração aos meus dados, e trabalhei com o que chamei de “representantes de uma geração”, que seria uma noção menor que a unidade de geração, sendo uma noção que se adequou melhor a minha amostra. Mas esta adaptação, não invalida simplesmente a geração como categoria analítica geral. Tentei, ter o cuidado de trabalhar com uma categoria ampla e dados particulares.

A noção de escola de pensamento de Tiryakian, do mesmo modo que as anteriores, não foi aplicada mecanicamente, me ajudando a compreender três escolas de pensamento, como a Escola Sociológica de Chicago, Escola de Antropológica de Manchester e a Escola Marxista Francesa de Sociologia urbana que influenciaram o campo científico em diferentes momentos teóricos e históricos. A noção de Escola de pensamento, trabalha com

grupos pequenos de cientistas, trajetórias, líderes, uma corrente de pensamento dominante, que é compartilhado, discípulos, tomados como reprodutores da escola. A noção foi de grande ajuda no entendimento das Escolas dentro do campo científico e como elas influem nas interpretações das pesquisas.

O segundo bloco, que chamo de histórico-sociológico, consistiu no conjunto de elementos que a meu ver contribuíram na construção do campo científico, fortalecendo o meu argumento de como foram os primeiros anos do campo. O argumento baseia-se nos seguintes elementos:

Primeiramente, os estudos precursores da cidade que foram feitos nos anos 40-50, são um antecedente direto do campo de pesquisas urbanas, que resgatei para demonstrar sua importância, e para que fossem integrados à história da pesquisa urbana no Brasil. Ressaltando ainda mais o seu pioneirismo na procura do sujeito urbano na cidade. Estes anos foram o período em que a Escola Sociológica de Chicago teve influência nas pesquisas como demonstrei na análise de oito trabalhos (1938-1949), principalmente no uso do modelo de zonas concêntricas de E. Burgess. Os trabalhos de L. Hermann, O. Araújo, E. Willems, D. Pierson, F. Heller, O. Xidieh e O. Nogueira, fizeram uma pesquisa detalhada de vizinhança, bairros, radiais, habitações, operários e ruas, sendo que mereciam ser resgatados do esquecimento. Os oito trabalhos sobre a cidade de São Paulo, não os considero propriamente como estudos de Sociologia Urbana, mas como antecedentes, já que não existia uma agenda institucional de pesquisa. Foram tentativas de aproximação ao estudo da cidade e do sujeito social habitante dela, embora esforços isolados não

institucionalizados, a cidade não era ainda compreendida como objeto de estudo significativo.

A Escola de Chicago foi a primeira escola a exercer influência nestas pesquisas urbanas. De uma perspectiva ecológica em certos momentos, e em outros como uma Sociologia Urbana, combinando várias teorias e autores, principalmente europeus, influenciou trabalhos no Brasil, como os de relações raciais (negros, brancos e imigrantes), com as categorias de aculturação e assimilação, os estudos de comunidade que tiveram uma grande importância no Brasil e outros países do mundo, com uma preocupação nas migrações campo-cidade. Sendo Donald Pierson, o principal transmissor da Escola de Chicago em São Paulo formando duas gerações de pesquisadores como Oracy Nogueira e outros.

Posteriormente, no final dos anos 50 até finais dos 60, um interesse em pesquisar a industrialização e urbanização do Brasil, cobra importância na pesquisa urbana brasileira. O Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, impulsionou um projeto dessa natureza, sendo publicados alguns dos seus trabalhos. Neste contexto, Florestan Fernandes surge com o interesse de pesquisa na cidade de São Paulo, escrevendo uma série de artigos que mostram o seu interesse em uma pesquisa urbana desde várias perspectivas como a histórica e a sociológica.

O desenvolvimento teve o apoio e financiamento para pesquisa tanto nacional quanto internacional, ajudou no avanço dos estudos do urbanos. A fundação de várias instituições dedicadas ao planejamento urbano, geografia e demografia, colaboraram para esse crescimento. Entre os anos 50-60, surge um interesse pelo processo econômico de urbanização e industrialização no momento histórico e social da época, se fundam de

diversas instituições dedicados ao urbano. Embora a criação de uma Pós-Graduação de pesquisa urbana em várias universidades brasileiras, também colaborou para o desenvolvimento de vários campos científicos.

No que tange ao avanço teórico, o surgimento de uma Sociologia do desenvolvimento e dependência contribuíram para o esquema teórico da época. Todo este período em conjunto iria gestando uma pesquisa mais rigorosa e detalhada das questões urbanas. Que teve seu auge ou *boom* na década de 70, sendo a Antropologia uma perspectiva inovadora que conquistou um prestígio frente às Ciências Sociais. Neste mesmo período o marxismo cobra importância como uma perspectiva explicativa nos processos de desenvolvimento e urbanização.

Posso indicar que o contexto social define os temas de pesquisa, um deles seria a importância das metrópoles ou grande cidades e seu crescimento nos anos 60 e 70, tanto demograficamente quanto de urbanização. O aumento das migrações campo-cidade, marginalidade, favelização e pobreza, foi o contexto de uma geração de antropólogos em termos gerais. A construção do campo da Antropologia Urbana nos anos 70, deve-se à participação do que chamei de representantes de uma geração de antropólogos considerada heterogênea, mas com experiências individuais e coletivas compartilhadas, foram tomados como produtores de conhecimento e construtores do campo intelectual. Para conhecer o seu ponto de vista, foi indispensável a técnica de entrevista que serviu para obter os depoimentos de uma amostra de antropólogos sobre os primeiros anos do campo nos anos 70. Os depoimentos foram recorrentes em diversos aspectos, fiz então, intercruzamentos, contrapontos com o material documental e bibliográfico para encontrar novos caminhos. Os

antropólogos procuraram o sujeito urbano e seu modo de vida nas cidades, principalmente no Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas. Mergulharam em uma realidade fragmentada, recortada por relações de poder, e uma estrutura de classes sociais.

O Brasil era a referencia nacional, se tratava de repensa-lo, uma missão histórica, um interesse profissional e pessoal de conhecer o urbano. A valorização do trabalho de campo e observação participante como instrumentos de aproximação aos grupos urbanos ficou evidente com as primeiras pesquisas que foram feitas. A Antropologia convertia-se em uma perspectiva inovadora que mostraria ângulos diferentes do modo de vida dos sujeitos pertencentes a uma classe social. Ao mesmo tempo, os antropólogos discutiam o seu papel social e político frente aos grupos estudados, surgindo as suas posições como cientistas, cidadãos e atores em um período de ditadura.

No início do campo intelectual, foi produzido um corpo de pesquisas antropológicas pioneiras no meio urbano nos anos 70, permitindo que a Antropologia ganhasse prestígio e legitimidade. A maioria das pesquisas foram feitas como dissertações de mestrado e doutorado, que lamentavelmente nem todas foram publicadas, como demonstrei na análise de dados quantitativos de vários trabalhos. Sendo um dos motivos, do porque, me centrei na apresentação de cinco obras que foram publicadas e que tiveram um reconhecimento e que até hoje continuam sendo lidas. Foram produzidas na década de 70, completamente heterogêneas nos seus objetos de estudo, mas com a finalidade de conhecer o modo de vida dos habitantes das cidades, seja em camadas médias, classes populares o moradores da periferia.

O impulso destas pesquisas deve-se ao fato do apoio financeiro e da Pós-Graduação em Antropologia que permitiu uma institucionalização dos estudos urbanos no Brasil. Contudo, o crescimento da comunidade de antropólogos, também aumentou a circulação de professores e redes acadêmicas, e de maior intercâmbio de posições teóricas.

Do mesmo modo, não posso deixar de mencionar que existia uma hierarquia e legitimação de objetos de estudo. Enquanto a Sociologia e Ciência Política se dedicavam a temas mais globais, a Antropologia se preocupava com fazer uma ponte entre os temas particulares e gerais. A Antropologia passou por um “rito de passagem”, demonstrando da necessidade de pesquisar esse homem marginal como diria Park, no seu espaço social.

Desde um ponto de vista teórico, tratei na tese de dois problemas: a Antropologia na e da cidade e da Antropologia da sociedades complexas, discussões que os antropólogos brasileiros acompanharam, e adaptaram aos seus objetos de estudo. A Antropologia da cidade seria aquela perspectiva mais holística, que tomava a cidade como o foco de pesquisa, trabalhando os níveis de densidade, mobilidade social, migrações, ambiente físico, sistemas de estratificação e sistemas políticos. Enquanto a Antropologia na cidade se centraria nos modos de vida e organização social dos seus habitantes, como vida urbana, lazer, rituais, redes sociais, vizinhanças, famílias, bairros e sistemas de parentesco. Esta última tendência foi a mais desenvolvida no Brasil, a cidade não era o objeto de pesquisa, mas era o contexto o cenário no qual inseriam-se os grupos sociais e suas manifestações e representações culturais e sociais.

O outro problema teórico, a Antropologia das sociedades complexas, era a integração da Antropologia nos problemas da sociedade urbana em desenvolvimento e os efeitos que provocava nas instituições sociais, como família, parentesco, e relações sociais, principalmente na África com o chamada “destribalização”, do passo das sociedades tribais a urbanas, através das migrações. Momento em que surge a chamada Escola Antropológica de Manchester.

A Escola de Manchester teve bastante influência no campo científico principalmente na UNICAMP, apesar que era conhecida no Museu Nacional e na USP. Do mesmo modo, há diferença entre temáticas e abordagens teóricas. A característica principal da escola era o estudos das redes sociais ou *social networks*, análises situacional e estudos dos quase grupos. Uma outra perspectiva foi a marxista, presente desde a década anterior, influi nos estudos urbanos, tanto da Sociologia quanto da Antropologia. A presença da Escola Marxista Francesa de Sociologia Urbana reorienta a investigação urbana tomando o Estado e suas políticas de planejamento como objeto de estudo, assim como os movimentos sociais como atores políticos. Compreendia a cidade como um espaço de consumo coletivo, dentro de uma estrutura de conflito de classes, tomando os movimentos sociais como atores políticos, que foi um tema trabalhado no seus inícios pela Sociologia e Antropologia.

Outras duas questões que foram recorrentes consistem no que chamei de duas formas de pesquisa, que tratam de diferenças e semelhanças entre os grupos de antropólogos. No entanto, ambas se complementam já que no nível teórico compartilham um tronco comum de teoria antropológica e entre as diferenças estariam as ênfases em determinados objetos de estudo e categorias teóricas. As relações acadêmicas se mantêm

através de circulação de professores, congressos, bancas de tese etc. Outra questão corresponde ao termo classificador de Antropologia Urbana que era mais usado nos anos 70 para diferencia-se de outros campos. No entanto, na atualidade o termo perdeu substância, como rótulo, mas não desmerece o corpo de pesquisas urbanas.

As características do campo científico da Antropologia Urbana na década de 70, remete a um interesse da Antropologia pelo estudo dos sujeitos que habitam grandes cidades, e sua inserção social e formas de organização tanto social quanto cultural no meio urbano, seja camadas médias, classes populares, ou moradores da periferia das grandes cidades. Se diversificam os temas de pesquisa, intensifica-se a pesquisa de campo etnográfica, mantendo uma aproximação maior com os sujeitos sociais. Os trabalhos de etnografia urbana centram-se na análise da organização social, redes sociais e representações coletivas, se fazendo uma discussão teórica maior com o contexto social, levando a um pluralismo de referências teóricas e objetos de estudo.

O conjunto de elementos que indiquei, argumentam a minha versão da construção do campo científico na década de 70, em todo momento tentei manter uma interpretação compatível e congruente com o conjunto de dados ou evidências, obviamente ficaram aspectos que não foi possível explorar mais a fundo, já que uma pesquisa está cheia de aportes e ausências. Ainda há muitos caminhos a percorrer na pesquisa do campo da Antropologia Urbana no Brasil, como seriam as décadas de 80 e 90 para um futuro trabalho.

A análise mostrou que o referencial teórico que utilizei pode ser um possível caminho para interpretar um campo científico. Algumas idéias foram amadurecendo no

decorrer da tese, e são as que acompanharam o meu argumento principalmente a divisão do campo intelectual em um nível teórico e de pesquisa, que facilitou a leitura e compreensão do campo. Finalmente, o aporte da Antropologia Urbana produziu trabalhos sobre diversos aspectos da vida urbana, uma maneira de entender o sujeito urbano no seu espaço.

BIBLIOGRAFIA

Introdução: Porque pesquisar a antropologia urbana no Brasil?

Ianni, Octavio. 1999. "Cidade e modernidade". In: *Metrópole e globalização: conhecendo a cidade de São Paulo*. Maria A.A. de Sousa (et.alii) (orgs). SP:Editora CEDES. pp. 15-25.

Capítulo I: O percurso da pesquisa

Blay, Eva Alterman. 1971. "O estudo do meio urbano: a sociologia urbana entre outras ciências e disciplinas". *Cadernos CERU*. (4):189-203.

-----, 1974. "Tendências atuais na sociologia urbana no Brasil". *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. (15):61-77.

Bourdieu, Pierre. 1994. "O campo científico". In: *Pierre Bourdieu*. Renato Ortiz (org).SP:Editora Ática. pp. 122-155.

Clifford, James. 1996. "As fronteiras da antropologia". *Boletim da ABA*. (25):6-11. Entrevista concedida a José R. Gonçalves.

Darnton, Robert. 1986. *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Trad. Sória Coutinho. RJ:Graal.

Durham, Eunice. 1971. "Antropologia urbana". In: *Introdução ao estudo da antropologia no Brasil*. Encontro internacional de estudos brasileiros, I Seminário de estudos brasileiros (São Paulo, 13 a 25 de setembro), Egon Schaden (Coord). 2 Vols. pp. 68-80.

-----, e Ruth Cardoso. 1973. "A investigação antropológica em áreas urbanas". *Revista de cultura vozes*. Vol. LXVII(2):49-54.

-----, 1982. "Os problemas atuais da pesquisa antropológica no Brasil (Antropologia Social e cultural)". *Revista de Antropologia*. Vol. 25:159-170.

-----, 1986. "A pesquisa antropológica em populações urbanas: problemas e perspectivas". In: *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Ruth Cardoso (org.). RJ:Edit. Paz e Terra. pp. 17-34.

Hannerz, Ulf. 1986. *Exploración de la ciudad: hacia una antropologia urbana*. Trad. I. Vermont y P. villegas. México:Fondo de Cultura Económica.

- Kofes, Suely. 1994. "Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites" *Cadernos Pagu*. (3):117-141.
- Kuhn, Thomas. 1975. *A estrutura das revoluções científicas*. SP:Editora Perspectiva.
- Magnani, Jose Guilherme Cantor. 1992. "O campo da antropologia". *Cadernos de História de São Paulo*. (1):45-56.
- , 1996. "Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole". In: *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. SP:FAPESP/EDUSP. pp. 15-53.
- Mannheim, Karl. [1936]. 1993. *Ideologia y utopia: introducción a la sociología del conocimiento*. Trad. S. Echavarría. México: Fondo de Cultura Económica. Primera reimpressão
- , 1982. "O problema sociológico das gerações". In: *Mannheim*. Marialice Mencarini Foracchi (org.) São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais). pp. 67-95.
- Mendoza, Edgar. *Estado da arte da história da antropologia no Brasil (1943-2000)*. (inédito). 20 pp.
- Mills, Wright. 1972. *A imaginação sociológica*. Trad. D.W. Dutra. RJ:Zahar Editores. 3era. edição.
- Oliven, Ruben George. 1980a. "Por uma antropologia em cidades brasileiras". In: *O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. RJ:Campus LT. pp. 23-36.
- Oliven, Ruben. 1985. *Antropologia dos grupos urbanos*. Petrópolis:Edit. Vozes.
- Tiryakian, Edward A. 1979. "The significance of Schools in the Development of Sociology". In: *Contemporary Issues in Theory and Research: a Metasociological Perspective*. W. Snizek et.alii. (eds). London:Greenwood Press. pp. 211-233.
- Trujillo Ferrari, Alfonso. 1980. "A antropologia urbana no Brasil". In: *La antropologia americana en la actualidad: homenaje a Rafael Girard*. México:Editores Unidos Mexicanos. Tomo II:175-196.
- Valladares, Lícia. 1987. "La recherche urbaine au Bresil: bref apercu de son evolution" *Cahiers du Bresil Contemporaine*. (1). 51 pp.
- , 1988. "Urban Sociology in Brazil: A research Report". *International Journal of Urban and Regional Research*. Vol. 12 (2):285-302.
- , 1989. *La Recherche Urbaine Au Bresil: Um État de la Question*. Bordeaux, Orstom, Pratiques Urbaines. (77).

-----, e Magda Prates Coelho. 1995a. "Urban Research in Brazil and Venezuela: Towards na Agenda for the 1990s". *Urban Research in the Latin America Developing World*. Richard Stren (ed). Centre for Urban & Community Studies.

-----, e Magda Prates Coelho. 1995b. *Urban Research in Latin America: Towards a Research Agenda. Management of Social Tranformation –MOST–* (4). University of Toronto. Vol 3:45-142.

Velho, Gilberto. 1986. "Antropologia urbana". In: *Dicionário de Ciências Sociais*. Fundação Getulio Vargas. RJ:Editora da FGV. pp. 68, 69.

Capítulo II Entre fronteiras: uma sociologia do conhecimento

Afanásieva, A. 1979. "Proceso histórico y cambio de generaciones". In: *La sociedad y la sucesión de las generaciones*. L. Moskvichov (comp). Trad. J. Bayona. Moscou:Editoral Progreso. pp. 29-39.

Amsterdamska, Olga. 1985. "Institutions and School of Thought: The Neogrammarians". *American Journal of Sociology*. Vol. 91 (2):332-358.

Annan, Noel. 1978. "Our age: Reflections on three Generations in Inglnd". *Daedalus*. Vol. 107(4):81-109.

Arab-Ogly, E. *et.alii*. 1979. "Carácter contradictorio de la sucesión de las generaciones en la sociedad capitalista contemporânea y esencia social de la teoría del 'conflicto de las generaciones'". In: *La sociedad y la sucesión de las generaciones*. L. Moskvichov (comp). Trad. J. Bayona. Moscou:Editoral Progreso. pp. 76-120.

Arruda, Maria Arminda do Nascimento. 1995. "A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a 'escola paulista'". In: *História das Ciências Sociais no Brasil*. Sérgio Miceli (org). SP:FAPESP/IDESP. Vol 2:106-231.

Assoun, Paul-Laurent. 1991. *A escola de Frankfurt*. Trad. H. Cardoso. SP:Editora Ática.

Attias-Donfut, Claudine. 1988. "La notion de génération, usages sociaux et concept sociologie". *L'Homme et la Société*. No. 90 (4):36-40.

Auzias, Claire. 1994. "Les générations politiques". *L'Homme et la Société*. No. 111-112 (1-2:77-87).

Azema, Jean Pierre. 1989. "La clef générationnelle". *Vingtieme Siècle. Revue d'histoire*. (Numero Special) Les générations. pp. 3-10.

- Bénéton, Philippe. 1971. "La génération de 1912-1914: image, mythe et réalité". *Revue Française de Science Politique*. Vol. XXI(5):981-1008.
- Besnard, Philippe. 1979. "La formation de l'équipe de l'Anne sociologique". *Revue française de sociologie*. Vol. XX(1):7-331.
- Bourdieu, Pierre. 1994. "O campo científico". In: *Pierre Bourdieu*. Renato Ortiz (org). SP:Editora Ática. pp. 122-155.
- [1971] (1993). "Campo de poder, campo intelectual e habitus de classe". In: *A economia das trocas simbólicas*. Sergio Miceli (org). SP. Editora Perspectiva. 3era. edição. pp. 183-202.
- Burke, Peter. 1991. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. Trad. N. Odália. SP:Editora da UNESP.
- Cachon R. Lorenzo. 1975. "Cohorte". In: *Diccionario de Ciencias Sociales*. UNESCO. pp. 437-438.
- Capdenat, Constance. 1989. "Les enfants terribles de la nouvelle vague". *Vingtieme Siècle. Revue d'histoire*. (Numero Special) Les générations. pp. 45-51.
- Carlsson, Gosta e Katarina Karlsson. 1970. "Age, Cohorte and the Generation of Generations". *American Sociological Review*. Vol. 35(4):710-718.
- Castón Boyer. Pedro. 1996. "La sociología de Pierre Bourdieu". *REIS: Revista Española de Investigaciones Sociológicas*. (76):75-97.
- Corrêa, Mariza. 1998. *As ilusões da liberdade a escola de Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. FAPESP/USF.
- De Martini, Joseph. 1985. "Change Agents and Generational Relationship: A Reevaluation of Mannheim's Problem of Generations". *Social Forces*. Vol. 64 (1):1-16.
- Devriese, Marc. 1989. "Approche sociologique de la génération". *Vingtieme Siècle. Revue d'histoire*. (Numero Special) Les générations. pp.11-16.
- Dosse, François. 1992. *A história em migalhas: dos Annales à nova história*. Trad. D. Da Silva R. Campinas:Editora da UNICAMP.
- Faught, Jim. 1980. "Pressupositions of the Chicago School in the Work of Everett C. Hughes". *The American Sociologist*. Vol. 15(2):72-82.
- Fernández, A. Melchor. 1975. "Generación". In: *Diccionario de Ciencias Sociales*. UNESCO. pp. 940-942.

- Fields, A. Belden. 1994. "Aperçu du problème des generations: Mentré, Ortega et Mannheim". *L'Homme et la Société*. No. 111-112 (1-2):7-22.
- Foracchi, Marialice. 1972. "Da geração à revolução". In: *A juventude na sociedade moderna*. SP:Pioneira Editora. pp. 19-32.
- Gallissot, René. 1994. "Génération sans memoire". *L'Homme et la Société*. No. 111-112 (1-2):51-65.
- Girardet, Raoul. 1983. "Du concept de génération a la notion de contemporanéité". *Revue d'histoire moderne et contemporaine*. Tome XXX :257-270.
- Guimarães, Antonio Sérgio Alfredo. 1999. "Baianos e paulistas duas 'escolas' de relações raciais". *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*. Vol. 11(1):75-95.
- Harvey, Lee. 1987. "The Nature of 'Schools' in the sociology of Knowledge: The Case of the 'Chicago School'". *The Sociological Review*. Vol. 35(2):245-278.
- Jaide, Walter. 1968. "As ambigüidades do conceito de 'geração'". In: *Sociologia da juventude II: para uma sociologia diferencial*. (Sulamita de Brito, organização e introdução). RJ:Zahar Editores. pp. 15-27.
- Karady, Victor. 1979. "Stratégies de réussite et modes de faire-valoir de la sociologie chez les durkehiemiens". *Revue française de sociologie*. Vol. XX(1):49-82.
- Keller, Morton. 1978. "Reflections on politics and generations in America". *Daedalus*. Vol. 107(4):123-135.
- Kertzner, David. 1983. "Generations as a Sociological Problem". *Annual Review of Anthropology*. Vol. 9:125-149.
- Kriegel, Annie. 1978. "Generational difference: The History and Idea". *Daedalus*. Vol. 107(4):23-38.
- Kuhn, Thomas. 1975. *A estrutura das revoluções científicas*. SP:Editora Perspectiva.
- Kulichenko, L. 1979. "'Círculo cuadrado' o 'método de generación' de la visión histórica de José Ortega y Gasset". In: *La sociedad y la sucesión de las generaciones*. L. Moskvichov (comp). Trad. J. Bayona. Moscou:Editorial Progreso. pp. 57-75.
- Kuper, Adam. 1978. *Antropólogos e Antropologia*. Trad, A. cabral RJ:Livraria Francisco Alves Editora S.A.
- Lazo, Raimundo. 1973. *La teoría de las generaciones y su aplicación al estudio histórico de la literatura cubana*. México:Universidad Autónoma de México. Centro de Estudios Literários. Resumo do livro. Ana Lúcia LANNA. s.d. (xerox).

Mannheim, Karl. [1936]. 1993. *Ideologia y utopía: introducción a la sociología del conocimiento*. Trad. S. Echavarría. México: Fondo de Cultura Económica. Primera reimpresión.

----- . 1967. "O problema de uma sociologia do conhecimento". In: *Sociologia do conhecimento*. Antônio R. Bertelli, Moacir G. S. Palmeira, Otávio G. Velho (organização e introdução). RJ:Zahar Editores. pp. 13-80.

----- . 1982. "O problema sociológico das gerações". In: *Mannheim*. Marialice Mencarini Foracchi (org.) São Paulo:Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais). pp. 67-95.

Marías, Julián. [1949] (1967). *El método histórico de las generaciones*. Madrid:Editorial Revista de Occidente, S.A.

----- . 1961. "Dinámica de las generaciones". In: *La estructura social. Obras Completas*. Madrid:Revista de Occidente. Tomo VI:194-205.

----- . 1968. "Generations". In: *International Encyclopedia of the Social Sciences*. David L. Sills (ed). The Macmillan Company & The Free Press. pp. 88-92.

Mendoza, Edgar. *Da sociologia à antropologia: o resgate da noção de geração*. IFCH-UNICAMP. (inédito). 27 pp.

Merton, Robert. 1970. "Karl Mannheim e a sociologia do conhecimento". In: *Sociologia teoria e estrutura*. Trad. M. Maillat. SP:Editora Mestre Jou. pp. 587-607.

Moskivichov, L. 1979. "El problema de la sucesión de las generaciones y la lucha ideológica contemporánea". In: *La sociedad y la sucesión de las generaciones*. L. Moskivichov (comp). Trad. J. Bayona. Moscou:Editorial Progreso. pp. 9-28.

Nash, Laura. 1978. "Concepts of Existence: Greek origins of Generational Thought". *Daedalus*. Vol. 107(4):1-21.

Ortega y Gasset, José. [1923] (1956). "La idea de las generaciones". In: *El tema de nuestro tiempo: ni vitalismo ni racionalismo, el caso de las revoluciones, el sentido histórico de la teoría de Einstein*. Madrid:Revista de Occidente. pp. 3-11.

----- . 1958. "El método de las generaciones en historia". In: *Obras Completas*. Tomo V:43-67.

Ortiz, Renato. 1986. "A Escola de Frankfurt e a questão da cultura". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 1(1):43-65.

Percheron, Annick. 1982. "Préférences idéologiques et morale quotidienne d'une génération à l'autre". *Revue Française de Science Politique*. Vol. 32(2):185-209.

- Perivolaropoulou, Nia. 1994. "Temps socio-historiques et générations chez Karl Mannheim". *L'Homme et la Société*. No. 111-112 (1-2):7-22.
- Riley, Matilda W. 1978. "Aging, Social Change, and the Power of idea". *Daedalus*. Vol. 107(4): 39-52.
- Rintala, Marvin. 1968. "Political Generations". In: *International Encyclopedia of the Social Sciences*. David L. Sills (ed). The Macmillan Company & The Free Press. pp. 92-96.
- Ryder, Norman .B. 1968. "Cohort Analysis". In: *International Encyclopedia of the Social Sciences*. David L. Sills (ed). The Macmillan Company & The Free Press. pp. 546-550.
- , 1970. "The Cohort as a Concept in the Study of Social Change". In: *Social Demography*. Thomas R. Ford and Gordon F. de Jong (eds). Englewood Cliffs, N.J:Prentice-Hall. pp. 90-97.
- Sánchez de la Yncera, I. 1993. "La sociología ante el problema generacional: anotaciones al trabajo de Karl Mannheim". *REIS: Revista Española de investigaciones Sociológicas*. No. 62:142-192.
- Scale, Jessica. 1989. "Couple et génération: une histoire de haine et d'amour". *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*. (Numero Special) Les générations. pp.53-62.
- Schorske, Carl. 1978. "Generational Tension and Cultural Change: Reflection on the case of Vienna". *Daedalus*. Vol. 107(4):111-122.
- Schuman, Howard e Jacqueline Scott. 1989. "Generations and Collective Memories". *American Sociological Review*. Vol. 54(3):359-381.
- Schütz, Alfred. 1972. *Fenomenología del mundo social: introducción a la sociología comprensiva*. Buenos Aires:Editorial Paidós.
- Sirineli, Jean-François. 1989. "Génération et histoire politique". *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*. (Numero Special) Les générations. pp. 67-80.
- , 1996. "A geração". In: *Usos e abusos da história oral*. Marieta Ferreira e Janaína Amado (orgs.). RJ:Fundação Getúlio Vargas. pp. 131-137.
- Sjoberg, Gideon. 1976. "Teoria e pesquisa em Sociologia urbana". In: *Estudos de urbanização*. Trad. E. Ribeiro Costa. Philip Hauser e Leo Schnore (orgs). SP:Livraria Pioneira. pp. 145-174.
- Sorokin, Pitirim. 1928. *Contemporary Sociological Theories*. New York:Harper & Brothers.

Spitzer, Alan. 1973. "The Historical Problem of Generation". *The American Historical Review*. Vol. 78(5):1353-1385.

Tiryakian, Edward A. 1979. "The significance of Schools in the Development of Sociology". In: *Contemporary Issues in Theory and Research: a Metasociological Perspective*. W. Snizek et alii. (eds). London:Greenwood Press. pp. 211-233.

Werbner, Richard P. 1984. "The Manchester School in South-Central Africa". *Annual Review of Anthropology*. Vol. 13:157-185.

Wierling, Dorothee. 1993. "Three Generations of East German Women: Four Decades of GDR and After". *Oral History Review*. 21(2):19-30.

Winock, Michel. 1989. "Les générations intellectuelles". *Vingtieme Siècle. Revue d'histoire*. (Numero Special) Les générations. pp.17-38.

Zeitlin, Maurice. 1966. "Political Generations in the Cuban Working Class". *The American Journal of Sociology*. Vol. LXXI(5):493-508.

Capítulo III: A cidade e seu espaço na teoria social

Agramonte, Roberto. 1965. "Ciudad y política en la sociología de Max Weber". *Revista mexicana de sociologia*. Vol. XXVII(3):803-839.

Bettin, Gianfranco. 1982. *Los sociólogos de la ciudad*. Trad. Marlucci Galfetti. Barcelona:Edit. Gustavo Gili.

Durkheim, Émile. [1893]1984. *A Divisão do Trabalho Social*. Trad. E. Freitas e M. I. Mansinho. Lisboa:Editorial Presença. 2 Vols.

----- . [1895] 1982. *As regras do método sociológico*. Trad. M.I. Pereira de Queiroz. SP:Editora Nacional.

Engels, Friedrich. [1845] 1975. *A situação da classe trabalhadora em Inglaterra*. Trad. A. Torres. Porto:Edições Afrontamento.

Eufrásio, Mario.1988. *Teorias da estrutura e do crescimento das cidades: da concepção ecológica à socio-econômica-estudo de metodologia urbana*. Tese de Doutorado em Sociologia. FFLCH-USP.

Freund, Julien. 1975. "La ville selon max Weber". *Espaces et Sociétés*. (25):47-61.

Hobsbawn. Eric. 1975. "Introdução e Apresentação". In: *A situação da classe trabalhadora em Inglaterra*. Trad. A. Torres. Porto:Edições Afrontamento. pp. 3-15

- Ianni, Octavio. 1999. "Cidade e modernidade". In: *Metrópole e globalização: conhecendo a cidade de São Paulo*. Maria A.A. de Sousa (et.alii) (orgs). SP:Editora CEDES. pp. 15-25.
- Lefebvre, Henry. 1972. *O pensamento marxista e a cidade*. Trad. M.I. Furtado. Povoá de Varzin:Edit. Ulisséia.
- Marx, Karl e Friedrich Engels. [1846] 1993. *A ideologia alemã, (I-Fehuerbach)*. Trad. J.C. Bruni e M.A. Nogueira. SP:Vértice.
- , [1848] 1988. *Manifesto do partido comunista*. Trad. M.A. Nogueira e L. Kondera. Petrópolis:Edit. Vozes.
- , [1857-58] 1970. *Los fundamentos de la critica a la economia política*. Madrid:SPI.
- , [1867] 1980. *O Capital: critica da economia política*. Trad. R. Sant'Anna. RJ:Civilização Brasileira. 3 Vols. (Livro I: Vol.II seção XXII-XXII:752-827).
- Martindale, Don. [1958] 1966. "Prefatory Remarks: The Theory of the City". In: *The City by Max Weber*. New York:The Free Press. pp. 9-62.
- Mellor, J. R. 1984. *Sociologia Urbana*. Portugal:RES.
- Oliven, Ruben. 1980b. "A cidade como categoria sociológica". In: *Urbanização e mudanças social no Brasil*. Petrópolis:Edit. Vozes. pp. 13-29.
- Park, Robert. [1915] 1973. "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano". In: *O fenômeno urbano*. Otávio Velho (org). RJ:Zahar Editores. 2da edição. pp. 26-67.
- , e Ernest Burgess e Roderick McKenzie. [1925] 1967. *The City*. Chicago:University Chicago Press.
- Reiss, Albert. 1959. "Review of the City by Max Weber". *American Sociological Review*. Vol. 24(2):267-268.
- Rodrigues, José A. (org). 1978. *Émile Durkheim: Sociologia*. SP:Ática.
- Simmel, Georg, [1902] 1973. "A metrópole e vida mental". In: *O fenômeno urbano*. Otávio Velho (org). RJ:Zahar Editores. 2da edição. pp. 11-25.
- Spencer, Martin. 1977. "History and Sociology: an Analisis of Weber's the City". *Sociology*. Vol. 11:507-525.
- Velho, Otávio. (org). [1967] 1973. *O fenômeno urbano*. RJ:Zahar Editores. 2da edição.

Weber, Max. [1921] 1973. "Conceito e categorias da cidade". In: *O fenômeno urbano*. Otávio Velho (org). RJ:Zahar Editores. 2da edição. pp. 68-89. Também foi consultada a versão em espanhol em: *Economia y Sociedad: esbozo de una sociología comprensiva*. México:Fondo de Cultura Económica. 1974. 2 Vols.

Wirth, Louis. [1938] 1973. "O urbanismo como modo de vida". In: *O fenômeno urbano*. Otávio Velho (org). RJ:Zahar Editores. 2da edição. pp. 90-113.

Capítulo IV: Sociologia e pesquisas urbanas

Almeida, Maria Hermínia Tavares. 1987. "Castelos na areia: dilemas da institucionalização das Ciências Sociais no Rio de Janeiro (1930-1964). *BIB*. (24):41-60.

Araújo, Oscar E. 1940. "Enquistamentos étnicos". *Revista do Arquivo Municipal*. Vol LXV:227-246.

Azeredo, Roberto Paulo. 1986. *Antropólogos e pioneiros: a história da sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia*. Coleção Antropologia. SP-FFLCH-USP.

Azevedo, Fernando. 1955. "A antropologia e a sociologia no Brasil". In *As Ciências Sociais no Brasil*. SP: Edit. Melhoramentos, Vol. II:353-399.

Azevedo, Thales de. 1984. "Primeiros Mestres da antropologia nas Faculdades de Filosofia". *Anuário Antropológico* 82. RJ, Tempo Brasileiro, pp. 259-277.

Bacellar, Jeferson A. 1981. "Sociologia da socio-antropologia do negro da Bahia". *Anuário Antropológico* 79. Tempo Brasileiro. pp. 261-276.

Bastide, Roger. 1954. "État actuel et problèmes fondamentaux des chercheurs sur les populations urbaines du Bresil". In: *XXXI Anais do Congresso Internacional de Americanistas, São Paulo 23 a 28 de agosto de 1954*. Herbert Baldus (org). SP:Editora Anhembi. Vol 1:377-382.

Bastide, Roger e Florestan Fernandes. [1955] (1959). *Branco e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos de formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. SP:Companhia Editora Nacional. 2ª edição.

Bastos, Cristiana e Graça Índias Cordeiro. 1997. "Desafios e metamorfoses da antropologia contemporânea: entrevista com Gilberto Velho". *Etnográfica: Revista do Centro de Estudos de Antropologia Social*. Vol 1(2):321-327.

Becker, Howard S.1977. "Diálogos com Howard S. Becker". In: *Uma teoria da ação coletiva*. Trad. M. B. Nunes. RJ:Zahar. pp. 13-36.

- , 1990. "Uma entrevista com Howard S. Becker". *Estudos Históricos*. Vol. 3 (5):114-136.
- , 1996. "A Escola de Chicago". *Mana*. Vol. 2(2):177-188.
- Berlinck, Manoel T. 1975. "Crescimento urbano e pobreza". In: *Marginalidade social e relações de classes em São Paulo*. Petrópolis:Editora Vozes. pp.11-42.
- Blay, Eva Alterman. 1978. "Introdução: Crise urbana ou crise de reprodução do capital?". In: *A luta pelo espaço: textos de Sociologia Urbana*. Eva Alterman Blay (org). Petrópolis:Editora Vozes. pp. 9-17.
- Breslau, Daniel. 1988. "Robert Park et l'ecologie humaine". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. (74):55-63 e 1988. "L'Ecole de Chicago existe-t-elle?". (*ibid.*:64-65).
- Burgess, Ernest W. [1923] 1970. "O crescimento da cidade: introdução a um projeto de pesquisa". In: *Estudos de ecologia humana: leituras de Sociologia e Antropologia Social*. Donald Pierson (org). SP:Livraria Martins Editora. 2da. edição. Tomo I:353-368.
- Bulmer, Martin. 1984. *The Chicago School of Sociology: Institutionalization, Diversity and the Rise of Sociological Theory*. Chicago: University Chicago Press.
- Cardoso de Oliveira, Roberto. 1988. *Sobre pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro. Biblioteca Tempo Universitário Vol. 83.
- Cardoso Fernando Henrique. 1987. "A paixão pelo saber". In: *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. Maria Angela D'Incao (org). UNESP-Paz e Terra. pp. 23-30.
- Carvalho, Guido Ivan, 1975. *Ensino superior: organização e notas*. SP: Edit. Revista dos Tribunais, Vols. I, II, III. pp.123-148, 223-229.
- Castro Faria, Luiz de. 1984. "A Antropologia no Brasil: depoimento sem compromissos de um militante em recesso". *Anuário Antropológico* 82. RJ: Tempo Brasileiro pp. 228-250.
- , 1993. *Antropologia: espetáculo e excelência*. RJ:Editora Tempo Brasileiro.
- Cavalcanti, Maria Lúcia V.C. 1996. "Oracy Nogueira e a Antropologia no Brasil: o estudo do estigma e do preconceito racial". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. (31):5-28.
- , 1996. "Oracy Nogueira (1917-1996): uma biografia intelectual". *Ciência e Trópico*. Vol. 24 (1):179-188 (republicado em 1997. *Boletim da ABA*. (27):26-29.
- , 1999. "Preconceito de marca, etnografia e relações raciais". *Tempo Social*. Vol. 11(1):97-110.

- Castro, Marcos Luiz. 1994. *Entre o Japão e o Brasil: a construção da nacionalidade na trajetória de vida de Hiroshi Saito*. Dissertação de Mestrado. IFCH-UNICAMP.
- Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. 1959. "Projeto de pesquisa sobre os processos de industrialização e urbanização". *Educação e Ciências Sociais*. Vol. 5(11):113-118.
- Cole, Sally. 1994. "Introduction: Ruth Landes in Brazil: Writing, Race and Gender in 1930s, American Anthropology". In: *The City of Women*. Albuquerque:University of New Mexico Press. pp. VII-XXIV.
- Consorte, Josildeth Gomes. 1996. "Os estudos de comunidade no Brasil: uma viagem". In: *Humanismo e compromisso: ensaios sobre Octavio Ianni*. Maria Izabel Leme Faleiros e Regina Aída Crespo (org.). SP:Editora da UNESP. pp.51-68.
- Corrêa, Mariza. (Org.). 1987. *História da Antropologia no Brasil (1930-1960): testemunhos: Emílio Willems e Donald Pierson*. Campinas:Editora da UNICAMP/Edições Vértice. Vol. I.
- , 1988a. "Traficantes do excêntrico: os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 3(6):79-98.
- , 1988b. "A revolução dos normalistas". *Cadernos de Pesquisa* (66):13-24.
- , 1995. "A antropologia no Brasil (1960-1980)". In: *História das Ciências Sociais no Brasil*. Org. S. Miceli. SP:Sumaré/FAPESP. Vol. 2:25-106.
- , 1998. *As ilusões da liberdade a escola de Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. FAPESP/USF.
- Coser, Lewis. 1976. "Sociological Theory from the Chicago Dominance to 1965". *Annual Review of Anthropology*. Vol. 2:145-160.
- , 1980. "Tendências americanas". In: *História da análise sociológica*. Tom Bottomore e Robert Nisbet (orgs.). Trad. W. Dutra. RJ:Zahar Editores. Cap. 8:379-420.
- Costa Pinto, L. A. [1963]. 1980. "Sociologia, Antropologia e desenvolvimento". In: *Sociologia e desenvolvimento: temas e problemas de nosso tempo*. RJ:Civilização Brasileira. 8ava edição. pp. 75-92.
- Coulon, Alain. 1995. *A Escola de Chicago*. Trad. T. Bueno. Campinas, SP:Papirus Editora.
- Cunha, Mário Wagner Vieira. 1955. "Possibilidades de exercício de atividades docentes, de pesquisa e técnico profissional por antropólogos no Brasil". *Revista de Antropologia*. Vol. 3(2):105-114.

Davis, Horace. 1935. "O padrão de vida dos operários da cidade de São Paulo". *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. XII:113-166.

Durham, Eunice. 1982. "Os problemas atuais da pesquisa antropológica no Brasil (Antropologia Social e cultural)". *Revista de Antropologia*. Vol. 25:159-170.

El Far, Alessandra *et.alii*. 1998. "Entevista com Ruth Cardoso". *Cadernos de campo*. (7):149-166.

Eufrásio, Mário. 1999. *Estrutura urbana e ecologia humana: a Escola sociológica de Chicago (1915-1940)*. SP:Editora 34.

Faris, Robert E.L. 1970. *Chicago Sociology 1920-1932*. Chicago:University Chicago Press.

Fernandes, Florestan. 1961. "As trocinhas do bom retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura dos grupos infantis". In: *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. SP:Editora Anhambi.

-----, [1960]. 1974. *Mudanças sociais no Brasil: aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira*. SP:Difusão Européia do Livro. (edição revista).

-----, 1977. *A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis>Edit. Vozes.

Fontenelle, L. F. 1971. "A comunidade no Brasil: um estudo tentativo para sua configuração". *Revista de Ciências Sociais*. Vol. 2 (2):5-14.

Forjaz, Maria Cecília Spina. 1989. "Cientistas e militares no desenvolvimento do CNPq (1950-1985)". *BIB*. (28):71-99.

Freyre, Gilberto. [1936] (1977). *Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. RJ. Instituto Nacional do Livro. Tomo 1:capítulo II:30-66.

Gagliardi, José Mário. 1989. *O indígena e a República*. São Paulo:Editora HUCITEC-EDUSP.

Galvão, Eduardo. 1957. "Estudos sobre aculturação dos grupos indígenas". *Revista de antropologia*. Vol. 5(1):67-74.

Germani, Gino. 1973. *El concepto de marginalidad: significado, raíces históricas y cuestiones teóricas, con particular referencia a la marginalidad urbana*. Buenos Aires:Editora Visión.

Giddens, Anthony. 1984. *Sociologia: uma breve porém crítica introdução*. Trad. A. Oliva e L. A. Cerqueira. RJ:Zahar Editores. pp. 79 e 81.

Goitia, Fernando Chueca. 1982. *Breve história do urbanismo*. Lisboa:Editorial Presença.

Goldwasser, Maria Julia. 1974. "Estudos de comunidade: teoria e/ou método". *Revista de Ciências Sociais*. Vol. V(1):60-81.

Grafmeyer, Yves e Issac Joseph. "Présentation". In: *L'École de Chicago: Naissance de l'Écologie Urbain*. Paris:Champ Urbain-Aubier. pp. 5-52.

Guidi, M.LN. 1962. "Elementos de análise dos estudos de comunidade realizados e publicados de 1946-1960". *Revista de Educação e Ciências sociais*. Vol. 10(19):4-87.

Guimarães, Antônio Sérgio. 1995. "Racismo e anti-racismo no Brasil". *Novos Estudos Cebrap*. (43):26-44.

----- . 1996. "Cor, classes e status nos estudos de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia: 1940-1960". *Raça, ciência e sociedade*. Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos (orgs). RJ:Editora Fiocruz. pp. 143-157.

----- . 1999a. "Baianos e paulistas 'duas escolas' de relações raciais?". *Tempo Social*. 11(1):75-95

----- . 1999b. "Raça e os estudos de relações raciais no Brasil". *Novos Estudos Cebrap*. (54):147-156.

Hannerz, Ulf. 1986. *Exploración de la ciudad: hacia una antropología urbana*. Trad. I. Vermont e P. Villegas. México:Fondo de Cultura Económica.

Heller, Frederico. 1943. "História natural de uma rua suburbana". *Sociologia*. Vol V(3):199-216.

Hermann, Lucila. 1938. "Grupos sociais de Guaratinguetá". *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. XLIX:71-92.

----- . 1944. "Estudo do desenvolvimento de São Paulo através da análise de uma radial: a estrada do café (1935)". *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. XCIX:7-44.

Hutchinson, Bertram. 1960. *Mobilidade e trabalho: um estudo da cidade de São Paulo*. RJ:Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais.

Ianni, Octavio. 1961. "Estudo de comunidade e conhecimento científico". *Revista de Antropologia*. Vol. 9(1-2):109-119.

----- . [1971]. 1989. *Sociologia da Sociologia: o pensamento sociológico brasileiro*. SP:Editora Ática. 3eira, edição revista e aumentada.

Instituto Indigenista Interamericano. 1955. "Curso de perfeccionamiento en Antropologia Cultural". *Boletín Indigenista*. Vol. LXV(2):154-158.

Kemper, Robert V. 1970/71. "Bibliografia comentada sobre la antropología urbana en América Latina". *Boletín Bibliográfico de Antropología Americana*. (33-34):85-140.

Kofes, Suely. 1996. "As pedras e o arco: os estudos de comunidade e a atualidade de antigas questões". In: *Humanismo e compromisso: ensaios sobre Octavio Ianni*. Maria Izabel Leme Faleiros e Regina Aída Crespo (org.). SP: Editora da UNESP. pp. 41-49.

Kurtz, Lester R. 1984. *Evaluating Chicago Sociology: A Guide to the Literature with an Annotated Bibliography*. Chicago: University Chicago Press.

Landes, Ruth. [1947] 1967. *A cidade das Mulheres*. RJ: Civilização Brasileira.

Limongi, Fernando. 1987. *Revista Sociologia a E.L.S.P. e o desenvolvimento da Sociologia em São Paulo (dois estudos)*. Série História das Ciências Sociais. FFLCH-USP. (1).

-----, 1989. "A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo". In: *História das Ciências Sociais no Brasil*. Sergio Miceli (org.). SP: IDESP-Editora Vértice. Vol. 1:217-233.

Liedcke Filho, Ennio D. 1991. *Sociology and Society in Brazil and Argentina, 1945-1985*. Tese de PhD, Brown University.

Lindner, Rolf. 1996. *The Reportage of Urban Culture: Robert Park and the Chicago School*. Cambridge: Cambridge University Press.

Lowrie, Samuel H. 1938a. "Origem da população da cidade de São Paulo e diferenciação das classes sociais". *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. XLIII:195-212.

-----, 1938b. "Pesquisa de padrão de vida dos operários da limpeza pública da municipalidade de São Paulo". *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. LI:183-310.

Magnani, Jose Guilherme Cantor. 1992. "O campo da antropologia". *Cadernos de História de São Paulo*. (1):45-56. p. 48.

Mannheim, Karl. 1982. "O problema sociológico das gerações". In: *Mannheim*. Marialice Mencarini Foracchi (org.) São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais). pp. 67-95.

Maio, Marcos Chor. 1997. *A história do projeto UNESCO: estudos raciais e Ciências Sociais no Brasil*. Tese de Doutorado IUPERJ.

Martindale, Don. 1976. "American Sociology Before World War II". *Annual Review of Anthropology*. Vol. 2:121-143.

Massi, Fernanda Peixoto. 1989. "Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras (1930-1960)". In: *História das Ciências Sociais no Brasil*. Sérgio Miceli (org.). SP:IDESP-Editora Vértice. Vol. 1:410-459.

Miceli, Sérgio. 1995. "A Fundação Ford e os cientistas sociais no Brasil (1962-1992)". In: *História das Ciências Sociais no Brasil*. Org. S. Miceli. SP:Sumaré/FAPESP. Vol. 2:341-395.

Montero, Paula. 1995. "Tendências da pesquisa antropológica no Brasil". *O ensino da antropologia no Brasil*. ABA. pp.18-25.

Moreira, M. 1963. "Estudo sociodemográfico de comunidades". *Revista de Antropologia*. Vol. II (1-2):29-39.

Mowrer, Ernest. 1943. "El estudio ecológico de la ciudad". *Revista mexicana de sociologia*. Vol. V:19-25.

Nogueira, Oracy. 1949. "Distribuição residencial de operários de um estabelecimento industrial de São Paulo". *Sociologia*. Vol. XI (1):32-53.

-----, 1955. "Os estudos de comunidade no Brasil". *Revista de Antropologia*. Vol. 3:95-103.

-----, 1981. "A Sociologia no Brasil". In: *História das Ciências no Brasil*. Mário Guimarães Ferri e Shozo Motoyama. (Coords.). São Paulo: EDUSP-EPU-CNPq. Vol. 3:181-234.

-----, 1995. "Esboço de uma trajetória intelectual: depoimento". *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*. Vol. II(2):119-134.

Oliveira, Lúcia Lippi de. 1987. "Donald Pierson e a sociologia no Brasil". *BIB*. RJ: ANPOCS. pp. 35-48; e Nogueira, Oracy. 1970. "Donald Pierson e o desenvolvimento da Sociologia no Brasil". *Universitas*. (6/7):331-342).

-----, 1995. "As Ciências Sociais no Rio de Janeiro". In: *História das Ciências Sociais no Brasil*. Sérgio Miceli (org). SP:FAPESP/IDESP. Vol 2:233-307.

Oliven, Ruben George. 1980a. "Por uma antropologia em cidades brasileiras". In: *O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. RJ:Campus LT. pp. 23-36.

-----, 1980b. "Classe e cultura em cidades brasileiras". In: *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis:Editora Vozes. pp. 98-125.

-----, 1989a. "A antropologia e a cultura brasileira". *BIB*. (27):74-88.

Parisse, Lucien. 1969. "Bibliografia cronológica sobre a Favela do Rio de Janeiro, a partir de 1940". *América Latina*. (3):221-232.

Perlman, Janice. 1977. "A teoria da marginalidade e o ideal tipo". In: *O mito da marginalidade: favelas e políticas no Rio de Janeiro*. Trad. W.M. Portinho. RJ:Editora Paz e Terra. pp. 123-167.

Pearse, Andrew. 1958. "Notas sobre a organização social de uma favela do Rio de Janeiro". *Educação e Ciências Sociais*. Vol. 3 (7):9-32.

Peirano, Mariza. 1991. *The Anthropology of Anthropology: the Brazilian Case*. Tese de Doutorado, Harvard University, Cambridge Mass 1981. Republicada na *Serie Antropologia*. (110), Brasília:UnB-IH-DAN.

Pierson, Donald. 1939. "Recenseamento por quarteirões". *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. LXII:173-175.

-----, 1942. "Habitações de São Paulo: estudo comparativo." *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. LXXXI:199-238.

-----, 1943. "O estudo da cidade". *Sociologia*. Vol. V(4):305-315.

-----, 1945. *Teoria e pesquisa em Sociologia*. SP:Edições Melhoramentos. Vol. 30 da "Biblioteca de Educação"; a edição que consultei foi a 13 reimpressão de 1971, (a última edição do livro foi a 18 edição revista em 1981).

-----, 1947. "Ecologia humana". *Sociologia*. Vol. IX(2):153-163.

-----, 1948. "Exame crítico da ecologia humana". *Sociologia*. Vol. X(4): 227-241.

-----, (org.) [1948] 1970. *Estudos de ecologia humana: leituras de Sociologia e Antropologia Social*. Donald Pierson (org). SP:Livraria Martins Editóra. 2da. edição. Tomo I.

-----, [1942] (1971). *Branços e pretos na Bahia: estudo de contato racial*. SP:Companhia Editora Nacional. 2da. edição.

-----, 1971. "Apêndice D: Estudo de contato racial no Brasil: procedimentos de pesquisa". (*ibid.*) pp. 390-398

Quinn, James. [1940] 1970. "A hipótese de zonas de Burgess e seus críticos". In: *Estudos de ecologia humana: leituras de Sociologia e Antropologia social*. Donald Pierson (org). SP:Livraria Martins Editóra. 2da. edição. Tomo I:369-381.

Ramos, Arthur. (1971). "Introdução à primeira edição brasileira". In: *Branços e pretos na Bahia: estudo de contato racial*. SP:Companhia Editora Nacional. 2da. edição. pp. 67-70.

Reissman, Leonard. 1969. *The Urban Process: Cities in Industrial Societies*. NY:The Free Press.

- Rodrigues, Nina. [1932] (1982). *Os africanos no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 6ta. edição.
- Saito, Hiroshi. 1953. "O suicídio entre os imigrantes japoneses e seus descendentes no Estado de São Paulo". *Sociologia*. Vol. XV(2):109-130.
- , 1961. *O japonês no Brasil: estudo de mobilidade e fixação*. SP: Editora Sociologia e Política.
- Schaden, Egon. 1967. "Brasil 2". In: Reunión para la integración de la enseñanza con las investigaciones antropológicas. *Anuario Indigenista*. Vol. XXVII:53-60.
- , 1971a. "Introdução ao estudo da antropologia no Brasil". In: *Introdução ao estudo da antropologia no Brasil*. Encontro internacional de estudos brasileiros, I Seminário de estudos brasileiros (São Paulo, 13 a 25 de setembro), Egon Schaden (Coord). 2 Vols.
- , 1971b. "O estudo socioantropológico da aculturação dos alemães no Brasil". In: *Introdução ao estudo da antropologia no Brasil*. Encontro internacional de estudos brasileiros, I Seminário de estudos brasileiros (São Paulo, 13 a 25 de setembro), Egon Schaden (Coord). 2 Vols.
- Short, James. 1971. "Introduction". In: *The Social Fabric of the Metropolis: Contributions of the Chicago School of Urban Sociology*. Chicago: University Chicago Press. pp. xi-xlvi.
- Smith, Dennis. 1988. *The Chicago School: A liberal Critic of Capitalism*. New York: St. Martin's Press.
- Sorj, Bernardo. 1995. "Estratégias, crises e desafios das Ciências Sociais no Brasil". In: *História das Ciências Sociais no Brasil*. Sérgio Miceli (org). SP: FAPESP/IDESP. Vol 2:309-339.
- Souza, Rafael de Paula. 1937, "Contribuição à etnologia paulista". *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. XXXI:95-105.
- Tiryakian, Edward A. 1979. "The significance of Schools in the Development of Sociology". In: *Contemporary Issues in Theory and Research: a Metasociological Perspective*. W. Snizek et. alii. (eds). London: Greenwood Press. pp. 211-233.
- Urban Life: Special Issue*. 1983 *The Chicago School: The tradition and the legacy*. Vol. 11(4).
- Vaughan, Denton (comp). 1970. *Urbanization in Twentieth Century Latin America: A Working Bibliography*. Institute of Latin American Studies-Population Research Center: University of Texas at Austin.

Velho, Otavio. [1967] 1973. "Introdução". In: *O fenômeno urbano*. Otávio Velho (org). RJ:Zahar Editores. 2da edição. pp. 7-10.

Veloso, Mariza Motta Santos. 1992. *O tecido do tempo: a idéia de patrimônio cultural no Brasil 1920-1970*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília.

Vila Nova, Sebastião. 1995. *Sociologias & pós-Sociologias em Gilberto Freyre: algumas fontes e afinidades teóricas e metodológicas do seu pensamento*. Recife:Editora Massangana-Fundação Joaquim Nabuco.

-----, 1996. "O singular e o universal nos estudos de comunidade". In: *Humanismo e compromisso: ensaios sobre Octavio Ianni*. Maria Izabel Leme Faleiros e Regina Aída Crespo (org.). SP:Editora da UNESP. pp. 69-76.

-----, 1998. *Donald Pierson e a Escola de Chicago na Sociologia brasileira: entre humanistas e messiânicos*. Lisboa:Vega Universidade.

Wagley, Charles. 1954. "Estudos de comunidade no Brasil sob perspectiva nacional". *Sociologia*. Vol. 16 (2):3-22.

-----, 1955. "Brazilian Community Studies: A Methodological Evaluation". In: *Anais do XXXI Coongresso Internacional de Americanistas*. 23-28 de agosto de 1954. H. Baldus (org. e pub.). SP:Editora Anhembi. Vol I:257-382.

-----, e Thales de Azevedo. 1951. "Sobre métodos de campo no estudo de comunidades". *Revista do Museu Paulista*. (Nova série) Vol. V:227-237.

Wiley, Norbert. 1979. "The Rise and Fall of Dominating Theories in American Sociology". In: *Contemporary Issues in Theory and Research: a Metasociological Perspective*. W. Snizek et.alii. (eds). London:Greenwood Press. pp.47-79.

Willems, Emílio. 1941. "Contribuição para uma Sociologia da vizinhança". *Sociologia*. Vol. 3(1):29-43.

Willems, Emílio. 1946. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. SP:Companhia Editora Nacional.

Woortmann, Klaas. 1972. "A antropologia brasileira e os estudos de comunidade". *Universitas*. (11):103-140.

Xidieh, Osvaldo E. 1947. "Subúrbio". *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. CXIV:173-184.

Ziccardi, Alicia. 1989. "De la ecología urbana al poder local: (cinco décadas de estudios urbanos)". *Revista mexicana de sociologia*. Vol. LI (1):275-306.

Capítulo V A antropologia urbana no brasil: o nível teórico

Amiot, Michel. 1986. *Contre l'Etat, les sociologues: éléments pour une histoire de la sociologie urbaine en France (1900-1980)*. Paris: Editions de L'École de Hautes Études en Sciences Sociales.

Bettin, Gianfranco. 1982. *Los sociólogos de la ciudad*. Trad. Marlucci Galfetti. Barcelona: Edit. Gustavo Gili.

Bianco, Bela. 1987. "Introdução". In: *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. SP: Global Universitária. pp. 7-45.

Blanc, Maurice. 1987. "Commande publique et sociologie urbaine: a propos do livre: Contre l'Etat les sociologues". *Espaces et sociétés*. (48-49):89-97.

Bott, Elizabeth. [1957] 1976. *Familia e rede social: papeis, normas e relacionamentos externos em familias urbanas comuns*. Trad. M Guerreiro. RJ: Livraria Francisco Alves.

Cardoso, Ruth. 1986. "Introdução". In: *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Ruth Cardoso (org.). RJ: Edit. Paz e Terra. pp. 13-14.

Da Matta, Roberto. 1978. "O officio de etnólogo, ou como Ter 'Anthropological Blues'". In: *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Edson Oliveira Nunes (org.). RJ: Zahar Editores. pp. 23-35.

-----, 1979a. "A Antropologia brasileira em questão: carta aberta a Darcy Ribeiro". *Encontros com a civilização brasileira*. (15):81-92.

De la Peña, Guillermo. 1993. "Los estudios urbanos en la antropología social británica: 1940-1970". In: *Antropología y ciudad*. Margarita Estrada *et.alii*. (Coords). México: Ciesas-Universidad Autonoma Metropolitana. pp.21-29.

Durham, Eunice. 1984. "Cultura e ideologia". *Dados*. Vol 27 (1):71-89.

-----, 1986. "A pesquisa antropológica em populações urbanas: problemas e perspectivas". In: *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Ruth Cardoso (org.). RJ: Edit. Paz e Terra. pp. 17-34.

Eisenstadt, Samuel N. 1961. "Anthropological Studies of Complex Societies". *Current Anthropology*. Vol 2 (3):201-222.

El Far, Alessandra *et.alii*. 1998. "Entevista com Ruth Cardoso". *Cadernos de campo*. (7):149-166.

Engels, Friedrich. [1845] 1975. *A situação da classe trabalhadora em Inglaterra*. Trad. A. Torres. Porto:Edições Afrotamento.

Faria, Vilmar. 1976. O sistema urbano brasileiro: um resumo das características e tendências recentes". *Estudos CEBRAP*. (18):93-115.

-----, 1982. "Una tipologia empírica de las ciudades brasileñas (un análisis preliminar)". *Revista mexicana de sociología*. Vol. XLIV (1):53-79.

-----, 1983. "Desenvolvimento, urbanização e mudanças na estrutura do emprego: a experiência brasileira dos últimos trinta anos". In: *Sociedade e política no Brasil pós-64*. Bernardo Sorg e Maria H. Tavares de Almeida (orgs). SP:Editora brasiliense. pp.118-163.

-----, 1991. "Cinquenta anos de urbanização no Brasil: tendências e perspectivas". *Novos Estudos CEBRAP*. (29):98-119.

Forjaz, Maria Cecília Spina. 1989. "Cientistas e militares no desenvolvimento do CNPq (1950-1985). *BIB*. (28):71-99.

Foster, George e Robert V. Kemper. 1980. "A perspective on Anthropological Fieldwork in Cities". In: *Urban Places and Process: Readings in the Anthropology of Cities*. Irwin Press e M. Estelliesmith (orgs). NY:MacMillam Publishing Co. pp. 81-96.

Fox, Richard. 1977. *Urban Anthropology: Cities in Their Cultural Settings*. NJ:Printice-Hall

-----, 1980. "Rationale and Romance in Urban Anthropology". In: *Urban Places and Process: Readings in the Anthropology of Cities*. Irwin Press e M. Estelliesmith (orgs). NY:MacMillam Publishing Co. pp. 105-121.

Goldman, Marcio. 1995. "Antropologia contemporânea, sociedades complexas e outras questões". *Anuário Antropológico 93*. RJ:/Tempo Brasileiro. pp. 113-152.

Gutwirth, Jacques. 1982. "Jalons pour l'anthropologie urbaine". *L'Homme*. Tome XXII (4):5-23.

Habert, Nadine. 1996. *A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira*. SP:Editora Ática. 3era. edição.

Hannerz, Ulf. 1986. "Perspectiva desde el Copperbelt". In: *Exploración de la ciudad: hacia una antropología urbana*. Trad. I. Vermont e P. Villegas. México:Fondo de Cultura Económica. Cap. 4:139-189.

Jacobi, Pedro. 1987. "Movimentos sociais no Brasil: reflexão sobre a literatura nos anos 70 e 80". *BIB*. (23):18-34.

- Lanna, Marcos. 1987. *Troca e sociedade: interpretando alguns textos da antropologia inglesa*. Dissertação de Mestrado. IFCH-UNICAMP.
- , e Pedro R. B. Moraes. 1998. "Uma Antropologia da sociedade brasileira: entrevista com Roberto Da Matta". *Revista de Sociologia e Política*. (10/11):195-211.
- Laraia, Roque de Barros. 1982 "Antropologia". In: *Avaliação e perspectivas*. CNPq. (46):27-45.
- Lévi-Strauss, Claude. 1962. "A crise moderna da Antropologia". *Revista de Antropologia*. (10):19-26.
- Magnani, José. 1981. "Cultura popular: controvérsias e perspectivas". *BIB*. (12):23-39.
- , 1992. "O campo da Antropologia". *Cadernos de História de São Paulo*. (1):45-56, p. 50
- , 1996. "Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na metrópole". In: *Na metrópole: textos de Antropologia urbana*. SP:FAPESP/EDUSP. pp. 15-53.
- Mannheim, Karl. 1967. "O problema de uma sociologia do conhecimento". In: *Sociologia do conhecimento*. Antônio R. Bertelli, Moacir G. S. Palmeira, Otávio G. Velho (organização e introdução). RJ:Zahar Editores. pp. 13-80.
- , 1982. "O problema sociológico das gerações". In: *Mannheim*. Marialice Mencarini Foracchi (org.) São Paulo:Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais). pp. 67-95.
- Martins, Edilson. 1979. "Darcy Ribeiro: Antropologia ou a teoria do bombardeio de Berlim". *Encontros com a civilização brasileira*. (12):81-100.
- Melatti, Julio C. 1980. "Situação e problemática da antropologia no Brasil". *América Indígena*. Vol. XL(2):225-279.
- Meyer, David. 1979. "In and of the City: Review". *Comparative Urban Research*. Vol. VII(2):33-35.
- Mitchell, Clyde. [1966] (1980). "Orientaciones teóricas de los estudios urbanos en Africa". In: *Antropología social de las sociedades complejas*. Michael Banton (comp). Trad. Joaquina Aguilar. Madrid:Alianza Editorial. pp. 53-81.
- Montero, Paula. 1991. "Reflexões sobre uma Antropologia das sociedades complexas". *Revista de Antropologia*. (34):103-130.
- , 1993. "Questões para a etnografia numa sociedade mundial". *Novos Estudos CEBRAP*. (36):161-177.

- , 1995. "Tendências da pesquisa antropológica no Brasil". *O ensino da Antropologia no Brasil*. ABA. pp.18-25.
- Oliven, Ruben. 1989a. "A Antropologia e a cultura brasileira". *BIB*. (27):74-88.
- Ortner, Sherry. 1984. "Theory in Anthropology since Sixties". *Comparative Studies in Society and History*. Vol. 26 (1):126-166.
- Park, Robert. [1928] 1948. "Introdução: migração humana e o homem marginal". In: *O homem marginal: estudo de personalidade e conflito cultural*. Everett V. Stonequist. Trad. A. M. Gonçalves. SP:Livraria Martins Editora S.A. pp. 13-31.
- Pécaut, Daniel. 1990. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. Trad. M.J. Goldwasser. SP:Editora Ática.
- Peirano, Mariza. 1992. "Etnocentrismo às avessas: o conceito de 'sociedade complexa'". In: *Uma Antropologia no plural: três experiências contemporâneas*. Brasília: Editora da UnB.
- Press, Irwin e M. Estellie Smith. 1980. "Introduction". In: *Urban Places and Process: Readings in the Anthropology of Cities*. Irwin Press e M. Estellie Smith (orgs). NY:MacMillan Publishing Co. pp.1-15.
- Rémy, Jean. 1987. "Bilans et tendances de la sociologie urbaine de langue française depuis de 1945". *Espaces et sociétés*. (48-49):47-87.
- , e Liliane Voye. 1989. "Sociologie urbaine". In: *Sociologie Contemporaine*. Jean-Pierre Durand e Robert Weil (orgs). Paris:Vigot. pp. 333-352.
- Ribeiro, Darcy. 1979b. "Por uma Antropologia melhor e mais nossa". *Encontros com a civilização brasileira*. (15):93-96.
- Rolnik, Raquel. 1988. *O que é cidade*. SP:Editora Brasiliense. pp. 8-18
- Rubim, Christina de Rezende. 1996. *Antropólogos brasileiros e a antropologia no Brasil: a era da Pós-Graduação*. Tese de Doutorado. IFCH-UNICAMP.
- Sader, Eder e Maria Célia Paoli. 1986. "Sobre classes populares no pensamento sociológico brasileiro (notas de leitura sobre acontecimentos recentes)". In: *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Ruth Cardoso (org.). RJ:Edit. Paz e Terra. pp. 39-67.
- , 1988. *Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)*. SP:Editora Paz e Terra. 3ª Reimpressão.
- Southall, Aidan. 1973. "Introduction". In: *Urban Anthropology: Cross-Cultural Studies of Urbanization*. Aidan Southall (org). London:Oxford University Press. pp. 3-14.

Topel, Marta Francisca. 1996. *Uma tradição milenar, uma ciência moderna: a antropologia israelense, autores e leitores*. Tese de Doutorado. IFCH-UNICAMP.

Topalov, Christian. 1988. "Fazer história da pesquisa urbana: a experiência francesa desde 1965". *Espaço e debates*. (23):5-30.

USP. 1981. "Noticiário XII Reunião Brasileira de Antropologia". *Revista de Antropologia*. Vol 24:171-174.

Vários autores. 1977 "Anthropologie tous terrains". *Dialectique*. (21).

Velho, Gilberto e Luiz Machado. 1977. "Organização social do meio urbano". *Anuário Antropológico* 76. RJ:Tempo Brasileiro. pp. 71-82.

-----, 1978. "Observando o familiar". In: *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Edson Oliveira Nunes (org). RJ:Zahar Editores. pp. 36-46.

-----, 1980. "O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia". In: *O desafio da cidade: novas perspectivas da Antropologia brasileira*. RJ:Editora Campus. pp. 13-21.

Werbner, Richard P. 1984. "The Manchester School in South-Central Africa". *Annual Review of Anthropology*. Vol 13:157-185.

Capítulo VI Cidade, etnografia e vida urbana: o nível de pesquisa

Castells, Manuel. 1972. *Problemas de investigación en Sociologia Urbana*. México:siglo XXI. pp.3-71.

Collins, Randall. 1981. "On the Microfoundations of Macrosociology". *American Journal of Sociology*. Vol. 86(5):984-1014.

Da Matta, Roberto. 1973. "O carnaval como rito de passagem". In: *Ensaio de antropologia estrutural: o carnaval como um rito de passagem*. Petrópolis: Editora Vozes. pp. 19-66.

-----, 1979. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. RJ:Editora Guanabara.

Durham, Eunice. 1973. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. SP:Editorial Perspectiva.

9473000

1. x 240 / 24700000

-----, 1986. "A pesquisa antropológica em populações urbanas: problemas e perspectivas". In: *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Ruth Cardoso (org.). RJ:Edit. Paz e Terra. pp. 17-34.

El Far, Alessandra *et.alii*. 1998. "Entevista com Ruth Cardoso". *Cadernos de campo*. (7):149-166.

Fry, Peter. 1979. "Dissertações de Mestrado de Antropologia defendidas na Universidade de Campinas: período 1976-1978". *Revista de Antropologia*. Vol. 22:173-174.

Glass, Ruth. 1966. "Sociologia urbana". In: *Sociedad, problemas y métodos de estudio*. A.T. Welford (*et.alii*). Trad. José Toro. Barcelona: Ediciones Martínez roca. pp. 470-494.

Giddens, Anthony. 1989. *A constituição da sociedade*. SP:Martins fontes.

Goldman, Marcio. 1995. "Antropologia contemporânea, sociedades complexas e outras questões". *Anuário Antropológico 93*. RJ:/Tempo Brasileiro. pp. 113-152.

Goldwasser, Maria Julia. 1975. *O palacio do Samba: estudo antropológico da escola de samba, Estação primeira de Mangueira*. RJ:Zahar Editores.

IFCH. 1994. *Relação de teses, formandos, publicações e acervos: 25 anos*. Campinas:Grafica do IFCH.

Leeds, Anthony e Elizabeth Leeds. 1978. *A sociologia do Brasil urbano*. Trad. M.L. V. De castro. RJ:Zahar Editores.

Leopoldi, José Sávio. 1978. *Escolas de Samba, ritual e sociedade*. Petrópolis:Editora Vozes.

Magnani, José. 1984. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. SP:Editora Brasiliense.

Montero, Paula. 1991. "Reflexões sobre uma Antropologia das sociedades complexas". *Revista de Antropologia*. (34):103-130.

Oniki, Kasuko. 1981. "Teses e dissertações de antropologia defendidas na Universidade de São Paulo (em ordem cronológica), período 1978/1981". *Revista de Antropologia*. Vol. 24:153-155.

Rubim, Christina de Rezende. 1996. *Antropólogos brasileiros e a antropologia no Brasil: a era da Pós-Graduação*. Tese de Doutorado. IFCH-UNICAMP.

Trujillo Ferrari, Alfonso. 1980. "A antropologia urbana no Brasil". In: *La antropologia americana en la actualidad: homenaje a Rafael Girard*. México:Editores Unidos Mexicanos. Tomo II:175-196.

Valladares, Lícia do Prado (et.alii). 1991. *1001 teses sobre o Brasil urbano: catálogo bibliográfico (1940-1989)*. RJ:IUPERJ-ANPUR.

-----, e Maria J. G. Sant'Anna. 1992. *O Rio de Janeiro em teses: catálogo bibliográfico (1960-1990)*. CEP:Rio e URBANDATA (IUPERJ).

Velho, Gilberto. 1973. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. RJ:Zahar Editores.

----- (org). 1974. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. RJ:Zahar Editores.

-----, 1979. "Dissertações de Mestrado de Antropologia defendidas no Museu Nacional (UFRJ): período 1970-1977". *Revista de Antropologia*. Vol. 22:165-169.

-----, 1980. "O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia". In: *O desafio da cidade: novas perspectivas da Antropologia brasileira*. RJ:Editora Campus. pp. 13-21.

-----, 1986. "Antropologia urbana". In: *Dicionário de Ciências Sociais*. Fundação Getulio Vargas. RJ:Editora da FGV. pp. 68, 69.

Velho, Yvonne Maggie Alves. 1977. *Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito*. RJ:Zahar Editores.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE